

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

EDIMARA MARIA FERREIRA

**PAISAGEM UNIVERSITÁRIA E A REPRESENTAÇÃO  
SOCIAL DO NEGRO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA: CAMINHOS PERCORRIDOS DE 1980 A 2015**

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2017

EDIMARA MARIA FERREIRA

**PAISAGEM UNIVERSITÁRIA E A REPRESENTAÇÃO  
SOCIAL DO NEGRO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA: CAMINHOS PERCORRIDOS DE 1980 A 2015**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

F383p  
2017  
Ferreira, Edimara Maria, 1983-  
Paisagem universitária e a representação social do negro na  
Universidade Federal de Viçosa : caminhos percorridos de 1980  
a 2015 / Edimara Maria Ferreira. – Viçosa, MG, 2017.  
xix, 305f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.179-186.

1. Negros. 2. Representações sociais. 3. Paisagens.  
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História.  
Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e  
Cidadania. II. Título.

CDD 22 ed. 305.89

EDIMARA MARIA FERREIRA

**PAISAGEM UNIVERSITÁRIA E A REPRESENTAÇÃO  
SOCIAL DO NEGRO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA: CAMINHOS PERCORRIDOS DE 1980 A 2015**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

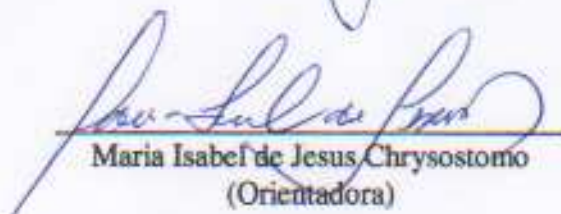
APROVADA: 22 de agosto de 2017.



Wagner Barbosa Batella



Luiz Gustavo Santos Cota



Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
(Orientadora)

**Porque a alma e os sonhos ninguém aprisiona. Eles vivem livres para alçar voo e conhecerem novas paisagens. Aos que sonharam e lutaram, aos que ainda lutam e sonham e àqueles que ainda o farão, humildemente dedico este trabalho!!!**

**Edimara Ferreira**

## AGRADECIMENTOS

Gratidão maior a Deus que me sustentou durante esses meses e me guiou até este momento, porque de Ti vem minha fé e toda graça. “Porque d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.”

À Mãe Santíssima por sua poderosa intercessão e por ter me coberto com seu manto sagrado. Por seu colo materno e por ter colhido cada uma de minhas lágrimas e depositado no coração de Jesus.

À minha família por toda compreensão e apoio a mim dispensado. Sei que os últimos meses foram difíceis, mas saber que poderia contar com vocês em toda e qualquer circunstância me deu ânimo e forças para continuar, mesmo quando acreditava não ser mais possível.

Aos meus pais, Maria José e Hélcio Daniel, pelo amor, incentivo e apoio incondicional: vocês foram meus primeiros mestres e com vocês aprendi que só através dos estudos poderia modificar nossa realidade. Esta, como toda e qualquer conquista, sempre dedicarei a vocês!

À Universidade Federal de Viçosa e aos Departamentos de História e Geografia, pela oportunidade de realizar o curso e por todo apoio e infraestrutura disponibilizados. Agradecimento especial à Patrícia dos Santos Bernardo pelas conversas, partilhas e, principalmente, pela presteza e jovialidade no atendimento às solicitações, via DGE.

À Reitoria, à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, à Diretoria de Comunicação Institucional e à Diretoria de Tecnologia da Informação, setores da UFV que abraçaram o desafio de realização do Censo Racial e não mediram esforços para que este se concretizasse.

Aos professores pelos ensinamentos e partilhas, bem como, pela paciência e dedicação durante a realização das aulas e atividades presenciais.

À professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo pela orientação, amizade e contribuição intelectual, assim como, pelo incentivo e apoio durante toda essa trajetória.

Aos membros da banca de qualificação, professores Adécio de Sousa Cruz e Wagner Barbosa Batella, pelas correções e sugestões as quais contribuíram grandemente para o enriquecimento do trabalho final.

Aos membros da banca de defesa, professores Luiz Gustavo Santos Cota e Wagner Barbosa Batella, por aceitarem compor a banca de avaliação e pelos apontamentos finais e valorosa colaboração na lapidação final desta dissertação.

Aos colegas do DNS pelo apoio, pela compreensão e por terem suportado meus questionamentos.

A todos os meus amigos, em especial a Gabriela Marques, Márcio Barbosa e Eliana de Souza, por terem me encorajado a participar do processo seletivo.

Aos anjos que Deus colocou na minha vida: Tatiani, Thaís e Sabrina. Vocês fizeram esta caminhada menos árdua e mais divertida. Agradecimento especial a você Tati que foi mais que amiga, foi confidente, conselheira, psicóloga e “coorientadora”.

Aos atores desta pesquisa, os estudantes e servidores negros da UFV, muito obrigada pelo tempo a mim dispensado. Este estudo não seria possível sem a valiosa contribuição de vocês.

Aos bolsistas do projeto “Censo Racial na UFV” pela contribuição na coleta e pelas partilhas e momentos de descontração durante as reuniões presenciais do projeto.

Aos colegas do curso pelo companheirismo, pelas partilhas e alegria durante as aulas presenciais e trabalhos de campo.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho: obrigada por toda ajuda, compreensão, orações e conselhos.

## MEU SONHO NÃO FAZ SILÊNCIO

José Carlos Limeira

Meu sonho jamais faz silêncio / E a ninguém caberá calá-lo  
Trago-o como herança que me mantém desperto  
Como esta cor não traduzida em versos  
Pois se fariam necessários muitos e tantos versos...

Meu sonho jamais faz silêncio / É um grito velho que me conta as lendas  
De onde fisga tantas lembranças

E com ele invado chats, pages, sites / Na intimidade de corpos em dança  
Perpetuando o gosto pelo correto / Meu sonho é pura herança  
Rastro / Dos que plantaram, lutaram, construíram  
O que não usufruo / Areia que moldada em vaso  
Onde não nos cabe culpas / É lúcido ao sol dos trópicos, charqueado ao frio  
É como um fio

Grita alto e bom som / Que o seio do amanhã nos pertence  
Carregamos toda pressa

Meu sonho não faz silêncio / E não é apenas promessa

Planta em mim mesmo, na alma / Palmares, Palmares, Palmares  
Pelo que de belo, pelo que de farto / Muitos Palmares

Carrega como o vento escritos / Versos de Jônatas, Oliveira, Colina, Semog e Cuti  
Alimenta e nutre / Lembrando que esta cor me mantém desperto  
E não tenho sustos

E que nem tentem que faça silêncio / Pois voltaria gritando em um texto de Solynca  
ás que completa a trinca / Torna-se um canto de Ella, Graça, Guiguio, Lecy  
Gente negra, gente negra / Jamelão, mangueira  
Brilho da mais brilhante estrela / Nunca se estanca, bravo se retraduz em sina

Só não lhe cabem / Crianças arrancadas da escola  
Pela fome que rasga gargantas / E nos promete vê-las  
Alimentadas todas, cultas / Meu sonho é uma negra criança  
Que luta

Ergue Quilombos, aqui, ali / Em cada mente, em cada face  
Impávidos como Palmares, impávidos Ilês / Em todos os lugares

Meu sonho não faz silêncio / Porque feito de lida  
Teimoso como esta cor / Para sempre será desperto e certo  
Mais que vivo, é a própria vida.

# SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>viii</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>xii</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	<b>xiii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>xviii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>xix</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>PARTE I</b>	
<b>CAPÍTULO I - ENTRE LUTAS E CONQUISTAS: O MOVIMENTO NEGRO E AS POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL</b> .....	<b>12</b>
1.1. Movimento Negro no Brasil .....	14
1.1.1. Movimento Negro Unificado (MNU) .....	20
1.2. Políticas públicas de inclusão racial .....	26
1.2.1. Políticas para a promoção da igualdade racial na educação.....	31
1.2.2. Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012 .....	34
1.2.3. Lei n.º 12.990, de 09 de junho de 2014.....	37
<b>CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO SUPERIOR: A SUB- REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NESTE ESPAÇO</b> .....	<b>47</b>
2.1. A educação superior enquanto um espaço social e hierárquico.....	51
2.2. Universidade Federal de Viçosa: apresentação e histórico.....	55
2.3. Formas de representação social do negro .....	58
2.4. Classificação racial na UFV: a autodeclaração dos cadastrados .....	61
2.4.1. (In) visibilidade numérica dos servidores .....	65
2.4.2. (In) visibilidade numérica dos estudantes .....	76
<b>CAPÍTULO III - PAISAGEM SOCIAL: O VISÍVEL E O INVISÍVEL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA</b> .....	<b>105</b>
3.1. Classificação racial com base na heteroclassificação .....	110
3.2. Vestígios simbólicos e iconográficos do negro na Universidade Federal de Viçosa ..	114
3.2.1. Edifício Francisco São José .....	118
3.2.2. Capoeira Alternativa .....	120

3.2.3. Medalha José Valentino da Cruz (Candinho) .....	122
3.2.4. O Bloco - Maracatu .....	125
3.2.5. NEAB Viçosa - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros .....	127
3.2.6. Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira.....	130
3.2.7. Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi.....	132
3.2.8. Projetos de pesquisa e atividades de extensão voltados para a temática étnico-racial .....	134

## **PARTE II**

### **CAPÍTULO IV - (RE)ATIVANDO O CENTRO DE REFERÊNCIA E PESQUISA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA? ..149**

4.1. Propósito inicial para criação de um Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira na UFV .....	151
4.2. Diagnóstico de utilização do Centro de Referência da UFV .....	153
4.3. Proposta de intervenção para ressignificar o Centro de Referência .....	156

### **CAPÍTULO V - CAMPANHA DE AUTODECLARAÇÃO RACIAL: O CENSO ÉTNICO-RACIAL DA UFV .....**

5.1. Percurso realizado .....	162
5.2. Intervenções em andamento e próximos passos .....	165

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**

### **FONTES .....**

### **ENTREVISTAS .....**

### **SITES.....**

### **BIBLIOGRAFIA CITADA .....**

### **APÊNDICES .....**

### **ANEXOS .....**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Algumas das associações e/ou entidades do Movimento Negro brasileiro, criadas entre 1891 e 1978. ....	13
Quadro 2: Principais jornais da imprensa negra paulista, do período de 1915 a 1963.....	17
Quadro 3: Categorias raciais nos Censos Demográficos - Brasil - 1972/2010. ....	64
Quadro 5: Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Agrárias com os respectivos cursos de graduação.....	97
Quadro 6: Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde com os respectivos cursos de graduação.....	97
Quadro 7: Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes com os respectivos cursos de graduação.....	98
Quadro 8: Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas com os respectivos cursos de graduação.....	98
Gráfico 1: Distribuição de gênero por faixa etária dos servidores da instituição – 1980 a 2015. ....	65
Gráfico 2: Estado civil dos servidores da UFV – 1980 a 2015. ....	66
Gráfico 3: Naturalidade e autodeclaração dos servidores que declararam e dos que não declararam a classificação racial – 1980 a 2015.....	66
Gráfico 4: Classificação racial dos servidores da UFV.....	69
Gráfico 5: Naturalidade e autodeclaração dos servidores que possuem a informação racial e dos servidores autodeclarados negros.....	70
Gráfico 6: Grau de instrução dos servidores da instituição. ....	73
Gráfico 7: Nível de classificação de cargos dos servidores da instituição. ....	74
Gráfico 8: Nível de classificação de cargos dos servidores da instituição por cor/raça.....	75
Gráfico 9: Grau de instrução dos servidores da instituição por cor/raça.....	75
Gráfico 10: Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV - 2000 a 2015. ....	78
Gráfico 11: Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV - 2012 a 2015. ....	79
Gráfico 12: Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV por ano de ingresso - 2012 a 2015. ....	79
Gráfico 13: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de graduação da UFV por ano de ingresso - 2011 a 2015. ....	80
Gráfico 14: Naturalidade dos estudantes de graduação da UFV - 2012 a 2015.....	80
Gráfico 15: Naturalidade dos estudantes de graduação da UFV autodeclarados negros - 2012 a 2015. ....	81

Gráfico 16: Percentual de atividades de extensão registradas no RAEX.....	135
Gráfico 17: Centros de Ciência que realizaram atividades extensionistas relacionadas à questão racial.....	135
Gráfico 18: Heteroclassificação racial dos servidores que realizaram atividades extensionistas relacionadas à temática étnico-racial.....	137
Gráfico 19: Centros de Ciência que desenvolveram projetos de pesquisas relacionados à questão racial.....	139
Gráfico 20: Heteroclassificação racial dos docentes envolvidos com os projetos de pesquisas étnico-raciais.....	140
Figura 1: Funcionários da ESAV com Bello Lisboa (Década de 1920).....	56
Figura 2: Mapa com a lotação dos servidores da UFV autodeclarados negros por departamentos/setores.....	72
Figura 3: Evolução do percentual de estudantes de graduação brancos e negros da UFV por Centro de Ciências - 2011 a 2015.....	82
Figura 4: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Agronomia e Cooperativismo do CCA/UFV - 2011 a 2015. ....	82
Figura 5: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Florestal e Zootecnia do CCA/UFV - 2011 a 2015.....	83
Figura 6: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Agronegócio e Engenharia Agrícola e Ambiental do CCA/UFV - 2011 a 2015.....	83
Figura 7: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Nutrição e Ciências Biológicas do CCB/UFV - 2011 a 2015. ....	84
Figura 8: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Bioquímica e Licenciatura em Ciências Biológicas do CCB/UFV - 2011 a 2015. ....	85
Figura 9: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Educação Física e Enfermagem CCB/UFV - 2011 a 2015. ....	85
Figura 10: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Medicina e Medicina Veterinária do CCB/UFV - 2011 a 2015.....	86
Figura 11: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Química e Engenharia Química do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	87
Figura 12: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia de Alimentos e Ciência da Computação do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	87
Figura 13: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Mecânica do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	88
Figura 14: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Ambiental e Engenharia de Produção do CCE/UFV - 2011 a 2015. ....	88

Figura 15: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Química e Física do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	89
Figura 16: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Civil e Licenciatura em Física do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	89
Figura 17: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Química do CCE/UFV - 2011 a 2015.....	90
Figura 18: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Agrimensura e Cartografia, Ciência e Tecnologia de Laticínios e Matemática do CCE/UFV - 2011 a 2015. ....	91
Figura 19: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Administração e Direito do CCH/UFV - 2011 a 2015. ....	92
Figura 20: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de História e Letras do CCH/UFV - 2011 a 2015.....	92
Figura 21: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Ciências Sociais do CCH/UFV - 2011 a 2015.....	93
Figura 22: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas do CCH/UFV - 2011 a 2015.....	94
Figura 23: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Secretariado Executivo Trilíngue e Geografia do CCH/UFV - 2011 a 2015.....	94
Figura 24: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Economia Doméstica, Educação Infantil e Dança do CCH/UFV - 2011 a 2015. ....	95
Figura 25: Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e Pedagogia do CCH/UFV - 2011 a 2015. ....	96
Figura 26: Mapa de distribuição dos estudantes da UFV autodeclarados brancos e negros por departamento e curso de graduação – 2011 a 2015.....	99
Figura 27: Mapa com os pontos de referência dos vestígios simbólicos e/ou iconográficos do negro na Universidade Federal de Viçosa. ....	116
Figura 28: Prédio da Editora UFV e da Gráfica Universitária e, à entrada, a placa com o nome do edifício.....	118
Figura 29: Francisco São José. ....	119
Figura 30: Banner do grupo Capoeira Alternativa/UFV. ....	121
Figura 31: José Valentino da Cruz. ....	122
Figura 32: José Valentino da Cruz, com sua esposa Maria Engracia de Paula, recebendo uma placa de prata em homenagem pelo dia do trabalhador em 1º de Maio de 1974. ....	124
Figura 33: Medalha José Valentino da Cruz (Candinho). ....	124
Figura 34: Integrantes do grupo de Maracatu - O Bloco.....	126
Figura 35: Estudantes da UFV que participaram do 3º ENUNE na UFBA. ....	128

Figura 36: Logotipo do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira.....	130
Figura 37: Inauguração da Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi.....	133
Figura 38: Mapas da UFV com destaque para os departamentos que realizaram atividades extensionistas e atuaram em projetos de pesquisa relacionados à temática racial. ....	142
Figura 39: Vista frontal da casa que abriga o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira.....	155
Figura 40: Vista lateral da casa que abriga o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira.....	155
Figura 41: <i>Homepage</i> do Censo Racial. ....	164

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização da amostra - Questionário.....	7
Tabela 2: Caracterização da amostra – Entrevistas. ....	8
Tabela 3: Ano de admissão dos servidores da UFV por categoria de autoclassificação – 1980 a 2015. ....	68
Tabela 4: Departamentos ou setores da UFV com maior percentual de autodeclarações. ....	71
Tabela 5: Departamentos ou setores da instituição com maior percentual de autodeclarados negros. ....	71
Tabela 6: Perfil dos estudantes de graduação da UFV – 2000 a 2015. ....	77
Tabela 7: Ano de admissão dos estudantes de graduação da UFV por categoria de autoclassificação - 2000 a 2015.....	77
Tabela 8: Departamentos da UFV que realizaram atividades de extensão relacionadas à temática racial.....	136
Tabela 9: Atividades de extensão de caráter étnico-raciais registradas por ano no RAEX....	138
Tabela 10: Departamentos da UFV que atuaram em projetos de pesquisa relacionados à temática racial.....	139
Tabela 11: Projetos de pesquisas de caráter étnico-racial registrados por ano no SisPPG. ...	141

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAE	Atividade Acadêmica de Extensão Externa e/ou Interna
ACGZ	Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi
ACN	Associação Cultural Negra
ADC	Ação Declaratória de Constitucionalidade
AIN	Auditoria Interna
ANPIR	Ano Nacional de Promoção da Igualdade Racial
ASAV	Associação dos Servidores Administrativos da UFV
BA	Bahia
BBT	Biblioteca Central
BH	Belo Horizonte
CACD	Curso de Admissão à Carreira Diplomática
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCB	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCE	Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CCH	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CD	Cargo de Direção
CEAD	Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância
CECAN	Centro de Cultura e Arte Negra
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CERNE	Centro de Referência da Cultura Negra
CMV	Câmara Municipal de Viçosa
CNPIR	Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
COESF	Comissão de Espaço Físico
COL	Colégio de Aplicação COLUNI
CONSU	Conselho Universitário
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CTV	Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa
CUR	Cursos
DAD	Departamento de Administração e Contabilidade

DAH	Departamento de Artes e Humanidades
DAS	Direção e Assessoramento Superior
DAU	Departamento de Arquitetura e Urbanismo
DBB	Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular
DBG	Departamento de Biologia Geral
DCI	Diretoria de Comunicação Institucional
DCM	Departamento de Comunicação Social
DCS	Departamento de Ciências Sociais
DEA	Departamento de Engenharia Agrícola
DEC	Departamento de Engenharia Civil
DED	Departamento de Economia Doméstica
DEE	Departamento de Economia
DEF	Departamento de Engenharia Florestal
DEL	Departamento de Engenharia Elétrica
DEM	Departamento de Medicina e Enfermagem
DEP	Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica
DEQ	Departamento de Química
DER	Departamento de Economia Rural
DES	Departamento de Educação Física
DEX	Divisão de Extensão da PEC
DFT	Departamento de Fitotecnia
DGE	Departamento de Geografia
DHI	Departamento de História
DLA	Departamento de Letras
DMA	Departamento de Matemática
DNS	Departamento de Nutrição e Saúde
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
DPD	Departamento de Direito
DPE	Departamento de Educação
DPF	Departamento de Física
DPI	Departamento de Informática
DPS	Departamento de Solos
DRI	Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais
DTA	Departamento de Tecnologia de Alimentos

DTI	Diretoria de Tecnologia da Informação
DVT	Departamento de Veterinária
DZO	Departamento de Zootecnia
EBH	Escritório de Representação de BH
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENUNE	Encontro de Negros, Negras e Cotistas da União Nacional dos Estudantes
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
EUA	Estados Unidos da América
EVE	Eventos
FG	Função Gratificada
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FNB	Frente Negra Brasileira
FOPPIR	Fórum pela Promoção da Igualdade Racial
FPIR	Fórum de Promoção da Igualdade Racial
FRATEVI	Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa
GTDEO	Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Trabalho e na Ocupação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHP	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
IPAE	Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação
IPCN	Instituto de Pesquisa das Culturas Negras
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPLAM	Instituto de Planejamento do Município de Viçosa/MG
IRBr	Instituto Rio Branco
IUN	Imprensa Universitária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LICENA	Licenciatura em Educação do Campo
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
MinC	Ministério da Cultura
MJ	Ministério da Justiça

MNU	Movimento Negro Unificado
MNUCDR	Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial
MPOG	Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
MUCDR	Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PAD	Pró-Reitoria de Administração
PCERP	Pesquisa das Características Étnico-raciais da População
PEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PGP	Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas
PL	Projeto de Lei
PLC	Projeto de Lei da Câmara
PLS	Projeto de Lei do Senado
PNAA	Programa Nacional de Ações Afirmativas
PNDH I	Programa Nacional de Direitos Humanos
PNPIR	Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial
PRE	Pró-Reitoria de Ensino
PRG	Programa de Extensão
PRJ	Projeto de Extensão
PRS	Prestação de Serviço
PROEXT	Programa de Extensão Universitária
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RAEX	Registro de Atividades de Extensão
RES	Diretoria de Registro Escolar
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
RTR	Reitoria
SDH	Secretaria de Direitos Humanos
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SisPPG	Sistema de Pesquisa e Pós-Graduação
SISU	Sistema de Seleção Unificado

SOC	Secretaria de Órgãos Colegiados
SP	São Paulo
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres
STF	Supremo Tribunal Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEN	Teatro Experimental do Negro
UCHC	União Cultural dos Homens de Cor
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UHC	União dos Homens de Cor
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

## RESUMO

FERREIRA, Edimara Maria, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2017. **Paisagem universitária e a representação social do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015.** Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

Este estudo teve por objetivo principal entender os espaços de exclusão/inclusão do negro na Universidade Federal de Viçosa (UFV), isto é, analisar os locais de (in)visibilidade da população negra desde a década de 1980 até 2015, traçando um parâmetro de comparação dos dados encontrados com a vigência das políticas afirmativas. Partiu-se da premissa que a implementação de ações afirmativas contribuiu para o aumento da representatividade negra no quadro funcional e estudantil da UFV, apesar desta representação ainda ser frágil em determinados cargos e cursos. Nesse aspecto, o espaço temporal delimitado se justifica, dado que foi a partir da década de 1980 que iniciou, no cenário nacional, a discussão sobre a implementação de ações afirmativas para negros e o final o ano de 2015 a fim de analisarmos os primeiros anos de vigência da Lei n.º 12.711/2012 que instituiu as cotas para ingresso nas instituições de ensino federais e o primeiro ano da Lei n.º 12.990/2014, que reserva vagas para negros nos cargos e empregos públicos no âmbito da Administração Federal. A pesquisa possui enfoque quali-quantitativo e se caracteriza como um estudo descritivo, cujos métodos utilizados foram pesquisa de campo, complementados pela pesquisa documental e entrevista. A partir de um extenso levantamento de dados e informações em diferentes fontes cadastrais da Universidade Federal de Viçosa, entrevistas e pesquisa de campo em diversos órgãos, percebeu-se certa desigualdade racial na ocupação das vagas de determinados cargos e cursos da instituição. Esperamos que os resultados encontrados concorram para a valorização da história dos negros na instituição através da reativação do Centro de Referência e na utilização dos dados da Campanha de Autodeclaração Racial da UFV para a construção de políticas inclusivas na instituição, contribuindo assim para a diminuição do preconceito.

## ABSTRACT

FERREIRA, Edimara Maria, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2017. **University landscape and the social representation of black people in the Federal University of Viçosa: paths traveled from 1980 to 2015.** Adviser: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

This study primarily aimed to understand the spaces of exclusion/inclusion of black people at the Federal University of Viçosa (UFV), that is, to analyze the places of (in) visibility of the black population from the 1980s to 2015, delineating a parameter of data comparison found with the validity of affirmative policies. The basic idea was that the implementation of affirmative actions contributed to the increase of the black representativeness in the UFV's functional and student staff, even though this representation is still fragile in certain positions and courses. In this aspect, the time frame delimited is justified on the ground that it was in the 1980s that the discussion about the implementation of affirmative actions for blacks began in the national scenario and the end the year of 2015, in order to analyze the first years of validity of the Law No. 12.711/2012, which instituted quotas for admission to Federal educational institutions and the first year of the Law No. 12,990 / 2014, which reserves spots for black individuals in public positions and jobs within the scope of the Federal Administration. This research was developed under a qualitative-quantitative approach and is characterized as a descriptive study. The method used was field research, complemented by documentary research and interviews. From an extensive survey of data and information in various sources from the Federal University of Viçosa, interviews and field research in various organs, a certain racial inequality in the occupation of vacancies of certain positions and courses of the institution was noticed. The results found contribute to the valorization of the history of the black individuals in the institution through the reactivation of the Reference Center and in the use of data from the UFV Racial Self-Declaration Campaign for the construction of inclusive policies in the institution, contributing, then, to the reduction of prejudice.

# INTRODUÇÃO

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

**Cora Coralina**

As políticas que emergem do governo federal brasileiro, especificamente, as de inclusão racial, são fruto de reivindicações por parte das instituições e movimentos criados em prol da causa negra, pois, romper a barreira do preconceito e da intolerância faz parte das históricas conquistas do povo negro no Brasil, um país multicultural, pluriétnico, porém desigual.

Em outras palavras, apesar das grandes variações étnicas, persiste no país a prática da discriminação social e racial, tendo como resultado desigualdades de oportunidades que se manifestam nos diversos espaços que constituem a sociedade brasileira, seja no acesso à educação, seja no mercado de trabalho. Diante disso, a inclusão social, efetivada por meio de políticas públicas, torna-se relevante para viabilizar a inserção dos indivíduos aos meios sociais e garantir a equidade de acesso a direitos básicos a todas as culturas.

A promulgação da Lei n.º 10.639/2003<sup>1</sup>, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas; da Lei n.º 12.711/2012<sup>2</sup>, que estabeleceu a reserva de vagas nas instituições de ensino federais; e da Lei n.º 12.990/2014<sup>3</sup>, que instituiu a reserva de vagas para os negros em empregos e concursos públicos foram respostas governamentais às demandas dos movimentos sociais que lutam pela erradicação do racismo e inserção do negro nos diversos setores da sociedade. A adoção dessas medidas tem contribuído para a valorização da população negra e para o aumento do número de brasileiros e brasileiras que se autodeclararam pardos e pretos.

Considerando a trajetória de luta do Movimento Negro e, mais recentemente, a institucionalização de uma de suas importantes demandas, qual seja, a reserva de vaga nas universidades públicas, o espaço temporal escolhido para a realização de nossa pesquisa contemplou a discussão sobre a implementação de ações afirmativas para negros, conforme

---

<sup>1</sup> BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como conteúdo obrigatório nos currículos escolares. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/\\_lei-principal.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/_lei-principal.htm)>. Acesso em: 13 mai. 2015.

<sup>2</sup> BRASIL. **Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)>. Acesso em 13 mai. 2015.

<sup>3</sup> BRASIL. **Lei n.º 12.990, de 09 de junho de 2014**. Dispõe sobre a reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm)>. Acesso em 15 jun. 2015.

apontado no Capítulo I, iniciada nos anos de 1980 no âmbito deste Movimento e que ascendeu à esfera do governo federal. O recorte final é o ano de 2015 uma vez que o nosso objetivo foi analisar os principais resultados dos primeiros anos de vigência da Lei n.º 12.711/2012 e do primeiro ano da Lei n.º 12.990/2014, tendo em vista o caráter recente dessas leis o que pode possibilitar que ainda ocorram transformações estruturais.

A escolha da Universidade Federal de Viçosa, para realização da pesquisa, deveu-se ao fato de ter sido estudante de graduação desta instituição e por ser servidora da mesma. Além disso, principalmente, porque além da função de produtora de conhecimento, acredito que uma universidade deve ser também espaço de discussão de assuntos relacionados à realidade na qual está inserida, notadamente sobre as questões de raça, que hoje se constitui em um dos desafios para a integração da comunidade universitária. Não obstante, é possível perceber a sub-representação das ditas “minorias sociais” ou grupos “racializados”, especificamente os negros, em diversos espaços e, particularmente, nessa instituição.

Embora a temática racial esteja em ampla discussão no Brasil, poucos são os trabalhos que buscam abordar a questão da representatividade de negros nas instituições de ensino superior, seja enquanto estudantes ou enquanto servidores. A grande maioria das pesquisas abordam as repercussões da adoção da política de cotas raciais e sociais para a educação superior e a Lei n.º 10.639/2003, com exceção de alguns, como o de Teixeira<sup>4</sup> que, embora indiretamente, analisa a representação dos negros<sup>5</sup> em uma universidade pública do Rio de Janeiro (RJ).

Neste trabalho, apesar do objetivo principal ter sido determinar quais eram as estratégias individuais desta população para alcançar ascensão social, a autora conseguiu mapear e quantificar um maior número de estudantes negros nos cursos de Enfermagem, Matemática, Arquivologia, Ciências Sociais, Pedagogia e Serviço Social. Para a autora, tal fato pode estar relacionado ao menor prestígio social e nível de concorrência nos vestibulares destes cursos. No caso da carreira docente, os cursos com maior percentual de professores negros foram o de Enfermagem e Serviço Social.

---

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Moema De Poli. **Negros na universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. p. 240-241.

<sup>5</sup> É importante ressaltar que a autora utilizou determinações diversas a fim de contemplar o maior número de alunos e professores não brancos possíveis. Neste sentido, na tabulação de dados, a mesma utiliza as categorias negros, mulatos, pardos e brancos, sendo que o que denominamos como negros neste parágrafo é o somatório das categorias negros, mulatos e pardos, utilizadas pela autora.

Outrossim, Praxedes et al.<sup>6</sup>, em pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), verificaram a baixa representatividade de negros e negras em cargos de docência em ambientes acadêmicos. Ainda na UFMG, Gonzaga<sup>7</sup> evidenciou uma “invisibilidade ativamente produzida” entre estes sujeitos e mais gravemente entre os autodeclarados negros. Discutindo também esse aspecto de ausência negra nas universidades, Braga<sup>8</sup>, em estudo realizado sobre o servidor negro da Universidade Federal de Viçosa (UFV), relata a necessidade de garantir a inserção do negro no espaço universitário, pois sua pesquisa revelou que 67% dos servidores da instituição se enquadravam na categoria cor branca e apenas 21% na cor negra.

Percebe-se, assim, que para entender a questão racial no Brasil e combater não só as desigualdades raciais, mas também o preconceito, faz-se necessário a realização de mais estudos raciais nos diversos setores da sociedade como, por exemplo, nas instituições educacionais que são as responsáveis, entre outros aspectos, pela formação do cidadão brasileiro.

Diante disso, o presente estudo, cuja proposta é entender a representatividade dos negros em uma instituição de ensino superior federal, teve por objetivo discorrer sobre as mudanças ocorridas no cenário da educação superior no Brasil, especificamente na Universidade Federal de Viçosa, no período de 1980 a 2015, momento no qual se assiste a democratização do ensino superior e vislumbre da possibilidade de maior participação de estudantes e servidores negros neste espaço, devido principalmente às políticas de ações afirmativas.

Ressalta-se que quando se trata de políticas públicas inclusivas, o sistema de cotas raciais para ingresso na educação superior, utilizado pela primeira vez no Brasil em 2003<sup>9</sup> e regularizado pela Lei n.º 12.711/2012, é um dos fatores mais discutidos. Certamente, é uma

---

<sup>6</sup> PRAXEDES, Vanda Lúcia; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; SOUZA, Anderson Xavier de; GONZAGA, Yone Maria. (Org.). **Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. *Apud*: GONZAGA, Yone Maria. **Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativo em educação na UFMG: Relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida**. 2011. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 176. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8RWRAU>>. Acesso em: 26 set. 2015.

<sup>7</sup> GONZAGA, Yone Maria. **Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativo em educação na UFMG: Relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida**. 2011. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 22. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8RWRAU>>. Acesso em: 26 set. 2015.

<sup>8</sup> BRAGA, Tuwile Jorge Kin. **A territorialidade do servidor negro da Universidade Federal de Viçosa**. 2014. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. p. 45.

<sup>9</sup> No tocante a isso, ressalta-se que, a partir de 2003, as universidades estaduais do Rio de Janeiro - Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - foram as primeiras instituições a implementarem políticas de cotas. No mesmo ano, a Universidade de Brasília (UnB) aprovou a reserva de 20% das vagas para negros que passou a vigorar a partir do vestibular de 2004.

temática instigante e marcada por muitas polêmicas, por isso, faz-se necessário analisar a efetividade e teor dessa política, identificando qual é a representatividade efetiva dos negros nos espaços universitários, seja enquanto estudantes, técnico-administrativos ou docentes.

Portanto, discutir a representação do negro nos diversos espaços sociais oferece possibilidade para a reflexão sobre as medidas necessárias para a implementação de políticas inclusivas nos diversos espaços, contribuindo para a modificação da realidade social e econômica dessa população no país.

Urge ressaltar, ainda, que para a aplicabilidade e compreensão da adoção de ações afirmativas para os negros, faz-se necessário romper com o ideológico conceito de democracia racial, ainda defendido por muitos no país, e utilizado pela primeira vez, em 1933, ainda que indiretamente, por Gilberto Freyre.

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabocla, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social do Brasil.<sup>10</sup>

Tal abordagem difundiu a ideia de que, devido à grande miscigenação da população, a segregação, o preconceito e a discriminação racial na sociedade brasileira foram amenizados devido a tal aspecto. Contudo, apesar de alguns garantirem que vivemos em uma democracia racial, os negros têm que lutar para garantir acesso a seus direitos enquanto cidadãos. Ademais, percebe-se que o espaço do negro socialmente ainda é limitado, discriminado e marginalizado, pois os estereótipos associados a estes, muita vezes, relacionam apenas a criminalidade, samba, pagode, religião (candomblé), faxineiras, serventes, dentre outros. Ou seja, ainda hoje, os negros enfrentam alguns desafios para alcançarem respeito e reconhecimento na sociedade.

Aliás, quais são efetivamente os espaços de discussão, não só da temática racial, mas de outros temas relativos à inclusão/discriminação social, étnica, sexual etc., existentes na UFV? Por isso, o esforço desta pesquisa se justifica, também, pelos benefícios que este estudo pode propiciar à instituição, uma vez que os resultados revelam um conjunto de informações relevantes sobre a representação dos negros na UFV e analisa a efetividade das políticas de

---

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 33.

ações afirmativas implantadas na instituição, apontando, inclusive, a perspectiva de estudos sobre outras temáticas afins.

Convém sublinhar que tal pesquisa foi uma resposta às angústias pessoais e acadêmicas, fruto de tripla caminhada: como negra, como ex-aluna de graduação e aluna de pós-graduação e como servidora da Universidade Federal de Viçosa. Ressalta-se, entretanto, que os fatores que levaram ao interesse por este tema também foram fundamentados na relevância acadêmica, profissional e social do mesmo.

Ressalto, ademais, que ao participar de uma pesquisa científica<sup>11</sup>, em nível de graduação, tive a oportunidade de experienciar um novo “olhar” sobre a presença do negro na UFV. A experiência enquanto entrevistada me permitiu notar o quanto a questão racial ainda precisa ser discutida nos espaços universitários e da necessidade de garantir a inserção de negros e negras nestes espaços. Além disso, pelos dados apresentados nesta pesquisa, percebeu-se que a Universidade Federal de Viçosa, apesar das políticas de inclusão, ainda não é efetivamente um espaço de inclusão.

À vista disso, as questões postas foram: qual é a população negra na Universidade Federal de Viçosa? Será que existem invisibilidades deste grupo na mesma? Em quais cargos/setores/cursos estes estão presentes (significativamente ou não)? Quais os objetos/espaços/ocasiões de representação/valorização desta população na instituição? Será que a adoção de políticas públicas afirmativas aumentou a representabilidade deste grupo dentro da instituição?

Para responder a estes questionamentos fez-se necessário quantificar os indivíduos pertencentes a este grupo social dentro da instituição, com a consciência de que essa noção de pertencimento perpassa a noção de características fenotípicas (traços característicos dos negros), identidade (de aceitar-se como parte desse grupo), mas também diz respeito às relações que o grupo (negros) possui com o espaço (Universidade Federal de Viçosa).

Neste contexto, para investigar a presença negra na Universidade Federal de Viçosa, buscamos saber se estes sujeitos se reconhecem como pertencentes a este grupo social e quais são as relações dos mesmos com este espaço. Assim que, para entender as relações deste grupo com a instituição, foi preciso estudar como esta iniciou, isto é, como aconteceu o acesso do mesmo à UFV, ou seja, para obter estes dados foi necessário resgatar a memória deste grupo através de relatos orais, sem desconsiderar a seletividade desta memória e, inclusive, os mecanismos de esquecimento utilizados pelos membros do grupo.

---

<sup>11</sup> Intitulada “A territorialidade do servidor negro da Universidade Federal de Viçosa” e realizada por T. J. K. Braga.

Ressaltamos ainda que, há alguns anos atrás, discutir a questão racial no Brasil era uma situação incômoda, muitas vezes, ainda o é, sendo que muitas ações e políticas foram utilizadas no sentido de “apagar” o período escravocrata e a presença negra da história do país. Inúmeros exemplos podem ser citados, desde a política de branqueamento adotada após a abolição até a ideologia da democracia racial.

Apesar desta realidade estar mudando, tendo em vista que cada vez mais instituições e programas de pós-graduação têm se dedicado às pesquisas a respeito da temática racial, durante a pesquisa de campo, devido a estes “atos de esquecimento”, nos deparamos com situações que dificultaram o andamento da pesquisa, tais como, a ausência de dados raciais nos cadastros oficiais da instituição e empecilhos no momento da realização das entrevistas. Esses problemas demonstram o quanto discutir a questão racial nas instituições ainda gera muito incômodos, revelando que os problemas de preconceito ainda estão presentes nesses ambientes.

À vista disso, para diagnosticar e analisar a presença negra nas paisagens da UFV, além de quantificar o número de indivíduos pertencentes a este grupo social, nos empenhamos também em recuperar as marcas deste grupo nos vários espaços da instituição, como salas, laboratórios, estátuas, quadros e demais instrumentos. Em contrapartida, buscamos averiguar quantas destas marcas são efetivamente simbólicas para este grupo, isto é, compreender até que ponto os membros do grupo se identificam com estes objetos/monumentos e (re) conhecem os processos sociais dos quais estes foram resultantes. E, finalmente, resgatamos o projeto de criação do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira<sup>12</sup> e tentamos diagnosticar quais os usos do mesmo, tendo por objetivo sua (re) ativação e/ou (res) significação.

Nesta perspectiva, a pesquisa possui enfoque quali-quantitativo e se caracteriza como um estudo descritivo, cujos métodos utilizados foram pesquisa de campo, complementados pela pesquisa documental como meio de investigação, tendo por população os servidores (docentes e técnico-administrativos) e estudantes negros da Universidade Federal de Viçosa.

As análises realizadas se fundamentaram na utilização das seguintes fontes primárias: registros de admissão de estudantes e servidores da instituição, matérias publicadas no Jornal da UFV e no Jornal Folha da Mata, aplicação de questionário e realização de entrevistas.

---

<sup>12</sup> O Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira é um espaço criado na instituição, em 2009, com o objetivo de alocar os projetos de extensão da UFV relacionados à temática étnico-racial e também para arquivar a memória social do negro da microrregião.

É importante destacar que, tendo em vista a ausência de informações raciais dos servidores nos bancos de dados da instituição, utilizamos o questionário para a pré-seleção das pessoas a serem entrevistadas. Para tanto, entre os meses de janeiro e maio de 2017, encaminhamos o questionário *online*, via e-mail, para todos os servidores ativos da instituição, obtendo 249 respostas, sendo a amostra caracterizada conforme apresentado na Tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização da amostra - Questionário.

Sexo	Feminino	59,8% (149)
	Masculino	40,2% (100)
Faixa etária	18 a 30 anos	19,3% (48)
	31 a 43 anos	45,8% (114)
	44 a 56 anos	26,9% (67)
	57 a 69 anos	8,0% (20)
Classificação racial	Branca	60,6% (151)
	Parda	26,5% (66)
	Preta	12,4% (31)
	Amarelo	0,4% (1)
Estado civil	Casado	54,6% (136)
	Solteiro	30,1% (75)
	União estável	9,6% (24)
	Separado/Desquitado/Divorciado	5,6% (14)
Quantidade de filhos	Não tem	44,2% (110)
	Um	20,0% (50)
	Dois	28,5% (71)
	Três	5,2% (13)
	Acima de quatro	2,0% (5)
Escolaridade	Ensino Médio	1,6% (4)
	Graduação	29,3% (73)
	Mestrado	25,3% (63)
	Doutorado	34,9% (87)
	Outra	8,8% (22)

**Fonte:** Questionários (Apêndice B). Elaborada pela autora.

Além disso, também buscamos verificar, através do questionário, qual lugar os negros ocupam na cidade de Viçosa, isto é, em quais bairros da cidade residem e se em imóveis próprios ou não, com o objetivo de analisar seu perfil socioespacial. Cabe ressaltar que, dentre aqueles que responderam ao questionário e se autodeclararam pardos, fizemos uma pré-seleção, por meio da análise de traços fenotípicos através das fotografias encontradas nos sites dos departamentos/setores, currículo Lattes ou sites diversos, a fim de determinar quais destes se enquadrariam na categoria negros (somatório de pretos e pardos). Essa validação da

autoclassificação foi utilizada a fim de evitar que servidores brancos fossem quantificados como pardos, posto ser este o grupo limítrofe entre as categorias preta e branca, sob o qual incide o maior número de declarações equivocadas e/ou fraudes ao sistema de cotas.

Dos 3.861 servidores ativos da UFV, considerando os três *campi* (Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba), 249 responderam ao questionário *online*, dos quais selecionamos, dentre os 97 autodeclarados pretos ou pardos, 23 pessoas a serem entrevistadas e duas que, apesar de não terem respondido ao questionário, foram entrevistadas, sendo uma por indicação de um dos entrevistados e outra que solicitou sua participação nesta etapa da pesquisa.

A população entrevistada se caracteriza por ser de maioria feminina (52%), 36% com faixa etária entre 31 e 43 anos e, quanto à classificação racial, 56% se autodeclararam pretos e 44% como pardos, conforme caracterização da amostra (Tabela 2).

**Tabela 2:** Caracterização da amostra – Entrevistas.

Sexo	Feminino	52% (13)
	Masculino	48% (12)
Faixa etária	18 a 30 anos	8% (2)
	31 a 43 anos	36% (9)
	44 a 56 anos	32% (8)
	57 a 69 anos	16% (4)
	Não identificável	8% (2)
Classificação racial	Parda (%)	44% (11)
	Preta (%)	56% (14)
Cargo/Função	Administrador	4% (1)
	Arquivista	4% (1)
	Assistente de Som	4% (1)
	Assistente em Administração	16% (4)
	Auxiliar em Administração	8% (2)
	Auxiliar Operacional	4% (1)
	Docente (%)	20% (5)
	Economista Doméstico	4% (1)
	Engenheiro Eletricista	4% (1)
	Pedagoga	4% (1)
	Porteiro	8% (2)
	Técnico de Laboratório	4% (1)
	Técnico de Tecnologia da Informação	4% (1)
	Técnico em Estradas	4% (1)
	Tecnólogo em Cooperativismo	4% (1)
Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais	4% (1)	
Tempo de UFV	02 a 09 anos	40% (10)
	10 a 19 anos	20% (05)
	Acima de 20 anos	40% (10)

**Fonte:** Questionários (Apêndice B) e entrevistas (Apêndice C). Elaborada pela autora.

Cabe ressaltar que as entrevistas, realizadas em junho de 2017, foram empregadas para determinar as principais contribuições dos entrevistados à instituição, seu posicionamento a respeito das políticas afirmativas, bem como, levantar quais os espaços, dentro da instituição, de valorização desta população e a relevância destes para os mesmos. Enquanto que com a observação sistemática buscamos analisar os vários espaços da instituição a fim de reconhecer/recuperar traços da população pesquisada.

Com base no exposto, tendo por suporte as fontes utilizadas e para facilitar a compreensão dos elementos apresentados, dividiu-se o trabalho em duas partes. Na **Parte I**, composta de três capítulos, realizamos a análise teórico-metodológica e a discussão crítica das referências utilizadas e das informações encontradas nas fontes primárias, além daquelas fornecidas pelos instrumentos de coleta de dados (questionário e entrevista).

Assim sendo, no primeiro capítulo, que tem por título “Entre lutas e conquistas: o Movimento Negro e as políticas de igualdade racial”, apresentamos um histórico sobre o Movimento Negro no contexto brasileiro e mineiro a fim de situarmos como se iniciou e desenvolveu a discussão a respeito das políticas de inclusão racial, tendo por eixo principal o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978. Além disso, realizamos uma síntese sobre as principais conquistas deste movimento no campo das políticas públicas, com ênfase nas políticas de cotas para ingresso nas instituições públicas e nos cargos e empregos da Administração Pública Federal.

No segundo capítulo, intitulado “Representação social e educação superior: a sub-representação do negro neste espaço”, realizamos algumas considerações sobre o surgimento da universidade no Brasil e dos motivos pelos quais a educação superior se tornou um espaço hierarquizado e segregado. Posteriormente, discutimos a teoria da representação social a fim de analisarmos como os negros se encontram representados na Universidade Federal de Viçosa e como estes se autorrepresentam do ponto de vista étnico-racial. Para tanto, apresentamos um relato sobre a criação da UFV, bem como, os dados da autoidentificação racial dos servidores e estudantes da instituição, disponibilizados pela Pró-reitora de Gestão de Pessoas (PGP) e pela Diretoria de Registro Escolar (RES), respectivamente.

No terceiro capítulo, com o título de “Paisagem social: o visível e o invisível na Universidade Federal de Viçosa”, apresentamos e analisamos as marcas simbólicas e/ou iconográficas do negro na instituição, sejam em manifestações culturais, nomes dos edifícios, dentre outros, e o reconhecimento ou não destas marcas pelo grupo e dos processos sociais que as constituíram, bem como, os dados da heteroatribuição racial dos servidores envolvidos

com as atividades de pesquisa e extensão relacionadas à temática racial, uma vez que consideramos estas ações como expressão da presença negra na UFV.

A **Parte II** deste trabalho foi composta por dois capítulos, nos quais discorremos sobre a atividade prática desenvolvida durante a pesquisa e o produto resultante desta. Nesta premissa, no quarto capítulo, intitulado “(Re) ativando o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de Viçosa?”, resgatamos o projeto de criação do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira da UFV, diagnosticamos qual tem sido sua utilização e apresentamos uma proposta de intervenção a fim de ressignificar este espaço para usufruto da comunidade universitária e viçosense. Enquanto que no quinto capítulo, com o título de “Campanha de autodeclaração racial: o Censo Étnico-racial da UFV”, descrevemos o itinerário realizado para tornar o projeto “Censo Racial da UFV” uma realidade, assim como, os passos que ainda faltam para que estes dados estejam disponíveis.

Por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho, compostas pelas inferências às quais foi possível chegar através dos dados apresentados, as dificuldades encontradas no percurso desta pesquisa, bem como, as questões às quais não foi possível responder ou que surgiram durante o trabalho e que poderão ser objeto de futuras pesquisas.

# **PARTE I**

# CAPÍTULO I

## ENTRE LUTAS E CONQUISTAS: O MOVIMENTO NEGRO E AS POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL

Encontrei minhas origens / Em velhos arquivos / Livros  
Encontrei / Em malditos objetos / Troncos e grilhetas  
Encontrei minhas origens / No leste / No mar em imundos tumbeiros  
Encontrei / Em doces palavras / Cantos / Em furiosos tambores / Ritos  
Encontrei minhas origens / Na cor de minha pele / Nos lanhos de minha alma  
Em mim / Em minha gente escura / Em meus heróis altivos  
Encontrei / Encontrei-as enfim / Me encontrei.  
**Oliveira Silveira**

Com a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 e início da República em 1889, o governo brasileiro, apoiado pelas antigas elites agrárias do país e no intuito de constituir uma identidade nacional, criou mecanismos institucionais por meio de políticas de apoio e incentivos a fim de atrair imigrantes europeus para trabalharem como assalariados, ou seja, substituir a mão de obra negra pela europeia com a intenção de promover o branqueamento da população brasileira e conseqüente supremacia branca.

Devido a essa política, os negros recém-libertos foram excluídos dos mercados de trabalho capitalista, cabendo a estes ocupações e atividades mal remuneradas, o que gerou como conseqüência a dificuldade de acesso à moradia, educação, saúde pública, dentre outros direitos civis. Essa realidade é analisada em um trabalho clássico, elaborado entre os anos de 1963 e 1964, por Fernandes<sup>13</sup>, que relata que a sociedade não se preocupou em integrar socialmente e economicamente os negros e seus descendentes, o que responderia naquele contexto por seu processo de inferiorização e exclusão territorial.

Esse aspecto também é abordado por Costa<sup>14</sup> que assinala que, após a abolição da escravidão, o ex-escravo foi deixado a sua própria sorte e, sem condições para concorrer ao mercado de trabalho e defrontando-se com os entraves da inaptidão e discriminações, continuou marginalizado.

Realizada no plano político-parlamentar pelas categorias dominantes, mais interessadas em libertar a sociedade do ônus da escravidão, do que em resolver o problema do negro, a Abolição significou apenas uma etapa jurídica na emancipação do escravo que, a partir de então, foi abandonado à sua própria sorte e se viu obrigado a conquistar por si sua emancipação real.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.p. 29.

<sup>14</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 513-514.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 513.

Entretanto, o negro não permaneceu passivo às péssimas condições de vida que lhes eram impostas, mas se manifestaram de diversas formas através de instituições que foram criadas, a exemplo das apresentadas no Quadro 1, com o objetivo de criar mecanismos para sua inserção nos diversos setores da sociedade, o que culminou com a organização dos movimentos em prol da igualdade racial no Brasil.

<b>Primeira fase do Movimento Negro (1889-1937)</b>		
Sociedade Progresso da Raça Africana	1891	Pelotas/RS
Clube 28 de Setembro	1897	São Paulo
Clube 13 de Maio dos Homens Pretos	1902	São Paulo
Sociedade Propugnadora 13 de maio	1906	São Paulo
Centro Cultural Henrique Dias	1908	São Paulo
Socorros Mútuos Princesa do Sul	1908	Pelotas/RS
Sociedade União Cívica dos Homens de Cor	1915	São Paulo
Associação Protetora dos Brasileiros Pretos	1917	São Paulo
Centro da Federação dos Homens de Cor	---	Rio de Janeiro
Centro Cívico Cruz e Souza	1918	Lages/SC
Sociedade Brinco das Princesas	1925	São Paulo
Centro Cívico Palmares	1926	São Paulo
Frente Negra Brasileira (FNB)	1931	São Paulo
Clube Negro de Cultura Social	1932	São Paulo
Frente Negra Socialista	1932	São Paulo
Sociedade Flor do Abacate	---	Rio de Janeiro
Legião Negra	1934	Uberlândia/MG
Sociedade Henrique Dias	1937	Salvador
<b>Ditadura “Varguista” (1937-1945)</b>		
União dos Homens de Cor (UHC)	1943	Porto Alegre
Grêmio Literário Cruz e Souza	1943	Minas Gerais
Teatro Experimental do Negro (TEN)	1944	Rio de Janeiro
Comitê Democrático Afro-Brasileiro	1944	Rio de Janeiro
<b>Segunda fase do Movimento Negro (1945-1964)</b>		
Associação do Negro Brasileiro	1945	São Paulo
Associação José do Patrocínio	1951	Minas Gerais
Frente Negra Trabalhista	1954	São Paulo
Associação Cultural do Negro	1954	São Paulo
União Cultural dos Homens de Cor (UCHC)	1962	Rio de Janeiro
Fundação da União Catarinense dos Homens de Cor	1962	Blumenau
<b>Ditadura Militar (1964-1985) / Terceira fase do Movimento Negro (1978-2000)</b>		
Grupo Palmares	1971	São Paulo
Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN)	1972	Porto Alegre
Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN)	1976	Rio de Janeiro
Movimento Negro Unificado (MNU)	1978	São Paulo

**Quadro 1:** Algumas das associações e/ou entidades do Movimento Negro brasileiro, criadas entre 1891 e 1978. **Fonte:** DOMINGUES, Petrônio (2007)<sup>16</sup>. Elaborado pela autora.

<sup>16</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, Universidade Federal Fluminense, v. 23, p. 100-122, 2007, *passim*.

No presente capítulo, apresentamos um histórico das mobilizações raciais (negra) no Brasil desde o período colonial até a constituição do que se designa na atualidade como Movimento Negro Contemporâneo. O eixo principal de discussão foi o Movimento Negro Unificado (MNU) que despontou no cenário brasileiro em 1978 e a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida cuja primeira edição foi em novembro de 1995, durante as comemorações do tricentenário da morte do líder e quilombola Zumbi dos Palmares.

Além disso, tendo em vista o papel exercido pelo Movimento Negro na luta contra o preconceito e contra o racismo e para garantir a participação do negro nos diversos setores da sociedade, apresentamos as principais conquistas do movimento no campo das políticas públicas de igualdade racial.

## 1.1. Movimento Negro no Brasil

Entende-se por movimento negro o conjunto de movimentos sociais de afrodescendentes que se organizam com o intuito de solucionar os diferentes problemas relacionados ao preconceito e às discriminações raciais e garantir a inclusão do negro nos diversos setores e serviços dos quais foi marginalizado, tais como sistema político e educacional, mercado de trabalho, dentre outros. Nesta perspectiva, os movimentos sociais podem ser caracterizados como “um grupo mais ou menos organizado, sob uma liderança determinada ou não; possuindo um programa, objetivos ou plano comum; baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia; visando um fim específico ou uma mudança social”<sup>17</sup>.

Ante tal definição é importante frisar que, tendo em vista a pluralidade de entidades, articulações e manifestações, diversos autores, a exemplo de Santos<sup>18</sup> e Amorim<sup>19</sup>, optaram por utilizar o termo Movimentos Negros. Contudo, Gonzalez<sup>20</sup> defende a utilização do termo no singular, pois, segundo a autora, apesar da multiplicidade de entidades e campos de

---

<sup>17</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987. p. 13.

<sup>18</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007. p. 67. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1973/1/Tese%20Sales%20versao%20final%203.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2016.

<sup>19</sup> AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU representa Zumbi (1970-2015): cultura histórica, movimento negro e ensino de história**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2011. p. 11 *et seq.* Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011\\_mest\\_alessandro\\_amorim.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_alessandro_amorim.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2016.

<sup>20</sup> GONZALEZ, Lélia. **O movimento negro na última década**. In: HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. (Org.). **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 18-20.

atuação, estes “movimentos” são caracterizados por sua especificidade, qual seja, o “ser negro”, o que justificaria a utilização do termo no singular. Pereira<sup>21</sup>, em sua tese de doutoramento, também legitima a utilização da expressão no singular para delimitar o seu objeto de estudo, a saber, o Movimento Negro Contemporâneo, e porque assim o fazem os líderes e ativistas desse movimento social. Baseando-se nas justificações apresentadas, também adotamos a expressão Movimento Negro.

A respeito do Movimento Negro, Domingues<sup>22</sup> relata que, “... se se consideram como movimento negro todos os movimentos que organizem em qualquer tempo e aspecto sob qualquer rubrica descendentes de africanos no Brasil...”, este pode englobar todas as formas de manifestações políticas de mobilização racial, bem como, as manifestações culturais (irmandades negras, terreiros de candomblé, capoeira ou escolas de samba).

Tomando por base esta definição, podemos inferir que os primórdios do movimento negro brasileiro foram ainda no período colonial quando os escravos, insatisfeitos com a opressão a que eram submetidos, organizaram diversas formas de resistências como revoltas, fugas, abortos, constituição de quilombos e bandoleirismo.

A este respeito, Munanga e Gomes<sup>23</sup> nomeiam estas manifestações como resistência negra. Convém destacar que Cardoso e Siqueira<sup>24</sup> identificam o quilombo como a maior manifestação de resistência negra deste período. E que estes consistiam em locais isolados, onde os escravos foragidos buscavam abrigo e constituíam novas relações sociais pautadas no direito e na luta pela liberdade. Já o bandoleirismo consistia em ataques a povoados, vilas ou viajantes organizados pelos escravos fugidos, em grupo ou isoladamente.

Dentre os quilombos existentes em Minas Gerais, destacaram-se o Quilombo dos Garimpeiros, o do Ambrósio, o do Sapucaí, o do Paraibuna, o de Inficionado, o de Pitangui, o de Jabuticatubas, o de Misericórdia e o de Campo Grande. Entre os quilombos mineiros, o mais importante é o de Campo Grande, por sua duração e população de 20 mil aquilombados. O Quilombo de Campo Grande tinha uma organização parecida com a de Palmares. Ele surgiu das ruínas do Quilombo de Ambrósio, fortalecido após a destruição deste último.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. **“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2010. p. 81-82. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=177886](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=177886)>. Acesso em: 25 jul. 2016.

<sup>22</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 102.

<sup>23</sup> MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender. São Paulo: Global, 2006. p. 69.

<sup>24</sup> CARDOSO, Marcos Antônio; SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Zumbi dos Palmares**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 11.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 12-13.

Ainda que a proclamação da República tenha ocorrido por interesses da elite abolicionista, Pereira<sup>26</sup> relata que as fugas e revoltas dos escravos foram de grande importância para o enfraquecimento do regime escravista no país. Contudo, com a abolição da escravidão e início do processo de modernização e industrialização, a mão de obra do negro, agora liberto, foi refutada pelo ideal de branqueamento da população brasileira, portanto, sua situação política, social e econômica persistiu como condicionante de miséria e exclusão social, restando a este grupo criar mecanismos de resistência pós-abolição.

O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou – após a Abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, *cantos* na Bahia, grupos religiosos como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo de umbanda, mais recentemente.<sup>27</sup>

Neste contexto, considerando o período pós-abolição, Domingues<sup>28</sup> divide o movimento negro organizado em três fases: primeira fase (1889-1937), segunda fase (1945-1964) e terceira fase (1978-2000). Pereira<sup>29</sup> também caracteriza o movimento negro pós-abolição em três grandes momentos, que o autor chama de impulsos: o primeiro a partir da década de 20, sendo o ápice o surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB); o segundo, na década de 40, com foco de atuação em São Paulo e no Rio de Janeiro; e o terceiro impulso, com início na década de 70 e o auge nos anos finais da década de 80.

A primeira fase ocorreu na Primeira República, de acordo com Domingues<sup>30</sup>, no período de 1889 a 1937, quando após a abolição da escravatura, diante do quadro de marginalização psicológica, política, social, econômica e cultural, os recém-libertos se organizaram e criaram inúmeras associações assistenciais, recreativas e/ou culturais de mobilização racial negra no Brasil. Para o autor, esta fase também é caracterizada pelo surgimento da imprensa negra: periódicos publicados por negros com o objetivo de discutir a questão racial e o “preconceito de cor”. No Quadro 2 apresentamos os principais jornais da imprensa negra criados entre os anos de 1915 e 1963.

---

<sup>26</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 28.

<sup>27</sup> MOURA, Clóvis. **Organizações negras**. In: SINGER, Paul; BRANDT, Vinícius Caldeira. (Org.). **São Paulo: O povo em movimento**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. p. 143. Grifo do autor.

<sup>28</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 102-111.

<sup>29</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. *Op. cit.*, p. 25-26.

<sup>30</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 103-104.

Periódico	Ano de criação	Periódico	Ano de criação
O Menelik	1915	Auriverde	1928
A Rua	1916	Chibata	1932
O Alfinete	1918	A voz da Raça	1933
O Bandeirante	1918	Tribuna Negra	1935
A Liberdade	1919	A Alvorada	1936
A Sentinella	1920	Alvorada	1945
Getulino	1923	Revista Senzala	1946
Elite	1924	O Novo Horizonte	1954
O Clarim d'Alvorada	1924	Hífen	1960
Progresso	1928	Correio D'Ébano	1963

**Quadro 2:** Principais jornais da imprensa negra paulista, do período de 1915 a 1963.

**Fonte:** FERRARA, Miriam Nicolau (1985)<sup>31</sup>. Elaborado pela autora.

Para Pereira<sup>32</sup>, o momento mais marcante, desta fase, foi o surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931, instituição que teve o propósito de reunir todos os grupos negros e que contou com milhares de membros. Este órgão tinha sede-principal em São Paulo e filiais em diversos estados, inclusive Minas Gerais. Com o objetivo de unir política e socialmente a “Gente de Cor Nacional” para reconhecimento de seus direitos históricos e lutar pelos direitos sociais e políticos, a Frente Negra foi transformada em partido político, em 1936. Contudo, Fernandes<sup>33</sup> relata que com o golpe militar de 1937, a nova Constituição suspendeu todos os direitos políticos de organizações civis e partidos, e, conseqüentemente a FNB foi extinta e transformada em União Negra Brasileira.

Conquanto, nos anos finais de vigência da ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945), aparecem algumas formas de resistência do Movimento Negro. Quanto a isso, Pereira<sup>34</sup> destaca, por exemplo, a fundação do Comitê Democrático Afro-brasileiro, em 1945, cujo objetivo era intervir na nova Assembleia Constituinte. Já Munanga e Gomes<sup>35</sup> ressaltam o surgimento, em 1944, do Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado, fundado e dirigido por Abdias do Nascimento, antigo membro da FNB, o qual visava à liberdade cultural do negro e para isso, além das peças teatrais, também oferecia cursos de alfabetização.

Destacamos, ainda, deste período, a fundação, em 1943, da União dos Homens de Cor (UHC) ou como comumente era denominada UAGACÊ, na cidade de Porto Alegre/RS.

<sup>31</sup> FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). Estudo monográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n.º 10, p. 197-207, março/agosto 1985, *passim*.

<sup>32</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. *Op. cit.*, p. 32-34.

<sup>33</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. v. 2. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 71.

<sup>34</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. *Op. cit.*, p. 37.

<sup>35</sup> MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Op. cit.*, p. 121-122.

Segundo Silva<sup>36</sup>, a UHC tinha por função garantir a inserção da gente de cor nos diversos setores da sociedade por meio do aumento de seu nível intelectual e econômico.

A segunda fase do Movimento Negro, de 1945 a 1964, período da Segunda República, apesar de não possuir a mesma repercussão da fase anterior, teve alguns momentos marcantes dos quais Domingues<sup>37</sup> cita a expansão da UHC que, na segunda metade da década de 1940, inaugurou filiais em diversos estados brasileiros, a exemplo de Minas Gerais; a fundação da Associação Cultural Negra (ACN), em 1954; amplificação e fortalecimento das atividades do TEN que, embora criado com propósitos culturais, passou a defender os direitos sociais e civis dos negros. Este também oferecia diversos cursos, dentre os quais o de alfabetização, além de reivindicar a formulação de leis antidiscriminatórias.

Ainda neste período foram realizados uma série de congressos, como a I e II Convenção Nacional do Negro (1945 e 1946), a Conferência Nacional do Negro (1949) e o I Congresso do Negro Brasileiro (1950), cujo objetivo era discutir a criação de políticas sociais efetivas e especificamente voltadas para a população negra.

Com o golpe militar de 1964 e instauração da ditadura, o movimento negro organizado passou por um período de estagnação, devido à repressão dos governos militares a todas as manifestações de caráter racial. Neste contexto foi amplamente utilizado, nas propagandas oficiais do governo, o mito da democracia racial e a ideia de que no Brasil havia uma “harmonia racial”.

Entretanto, Francisco<sup>38</sup> salienta que, mesmo na fase mais repressiva da Ditadura Militar (1969 a 1973), o movimento negro teve uma manifestação significativa em torno da identidade cultural promovida pelo “Black Soul”<sup>39</sup> entre 1969 a 1979.

Conforme Domingues<sup>40</sup>, as lutas dos movimentos sociais ressurgiram no final da década de 1970 com o aparecimento de diversos movimentos sociais e de classes em prol da igualdade, como, por exemplo, os estudantis e de gênero. Neste contexto e inspirado pelas

---

<sup>36</sup> SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 25, n.º 2, p. 215-235, 2003. p. 225.

<sup>37</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 109-110.

<sup>38</sup> FRANCISCO, Dalmir. **Movimento negro, cidadania e estado**. In: POMPERMAYER, Malori José. (Org.). **Movimentos sociais em Minas Gerais: emergência e perspectivas**. Série Coletâneas. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 211.

<sup>39</sup> Foi um movimento musical criado nos Estados Unidos, caracterizado por um sentimento de pertencimento à cultura negra, ou seja, de reafirmação da identidade negra. No Brasil, o movimento chegou no final da década de 1960 e se manifestou na forma de bailes *blacks*, iniciados no Rio de Janeiro.

<sup>40</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 103.

mobilizações raciais nos Estados Unidos e na África, renasce e inicia-se a terceira fase do movimento negro organizado que, segundo o autor<sup>41</sup>, compreendeu o período de 1978 a 2000.

Cabe ressaltar que, nos anos de 1970, em seu reaparecimento, o Movimento Negro Contemporâneo buscou inspiração e referências nas primeiras formas de resistência negra, ressignificando sua atuação, baseando-se na construção/resgate da identidade afro-brasileira. Nesta premissa, Ferreira<sup>42</sup> aponta que nesse período houve a disseminação do termo “negritude” no Brasil, por influência dos movimentos de libertação da África, ou seja, a utilização e difusão da palavra estiveram mais ligadas à vertente africana, através de Léopold Sédar Senghor. Ferreira<sup>43</sup> relata, ainda, que em alguns momentos houve a substituição deste termo por negrícia ou negridade. Assim que, entende-se por negritude, como bem nota Pereira, ao sentimento de “autovalorização, da busca da sua história, dos seus próprios referenciais simbólicos e estéticos”<sup>44</sup>.

Importante destacar que, de acordo com Domingues<sup>45</sup>, o conceito de negritude ou o movimento da negritude foi idealizado nos Estados Unidos (EUA), ou seja, fora da África, sendo, posteriormente, estruturado e consolidado na França. Neste sentido, o autor ressalta que na concepção do movimento da negritude na Europa se destacam três pessoas: Aimé Césaire<sup>46</sup> (Martinica), criador do termo; Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal).

Com respeito ao ressurgimento do Movimento Negro, Francisco<sup>47</sup> ressalta que também foi uma retomada do caráter político deste Movimento, pois as manifestações recreativas e socioculturais continuaram a ocorrer, ainda que esparsamente, no período da Ditadura Militar.

Cardoso<sup>48</sup>, por sua vez, assinala ainda que o Movimento Negro Contemporâneo é resultado das diversas lutas e manifestações do passado, desde a constituição dos quilombos até os diversos grupos e entidades negras que surgiram no período pós-abolição. Para o autor,

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>42</sup> FERREIRA, Ligia F. “Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **Via Atlântica**, n.º 9, p. 163-183, jun/2006. p. 173-174.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 165-166.

<sup>44</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. *Op. cit.*, p. 46.

<sup>45</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, 24-25-26: p. 193-210, 2002/2003/2004/2005. p. 194-196.

<sup>46</sup> O termo “negritude” foi cunhado em oposição à palavra “nègre” que em francês significa negro, porém com um significado pejorativo.

<sup>47</sup> FRANCISCO, Dalmir. *Op. cit.*, p. 211.

<sup>48</sup> CARDOSO, Marcos Antônio. **O movimento negro em Belo Horizonte: 1978 - 1998**. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001, *passim*. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000210.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

a partir da década de 1970, ocorre a emergência do “movimento negro atual”, tendo por referência o histórico de lutas e resistência negra dos quilombos.

Deste modo, todas as manifestações e organizações dos períodos anteriores contribuíram para o surgimento, em 1978, daquele que é considerado o destaque maior desta fase e a cúspide do Movimento Negro Contemporâneo: o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), posteriormente renomeado a Movimento Negro Unificado (MNU), que nasceu com o propósito de contestar o mito da democracia racial até então apregoadado durante o período militar, além de pleitear a “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” e a inclusão da história da África e dos negros do Brasil nos currículos escolares.

### **1.1.1. Movimento Negro Unificado (MNU)**

A criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) resultou, conforme assinala Domingues<sup>49</sup>, de uma reunião realizada em São Paulo, no dia 18 de junho de 1978, da qual participaram diversas entidades negras. Gonzalez<sup>50</sup> acrescenta que o MUCDR resultou de uma carta convocatória para um ato público contra a discriminação que seria realizado no dia 07 de julho do ano de 1978, cuja motivação foi a tortura e o assassinato de um negro por parte das forças policiais e a proibição da entrada de quatro atletas mirins negros no Clube de Regatas do Tietê. A autora<sup>51</sup> assinala ainda que na assembleia para planejamento, organização e estruturação da entidade, em 23 de julho, tendo em vista a amplitude do movimento, decidiu-se por renomeá-lo a Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), com a adição do termo *negro* ao nome do movimento. E, posteriormente, simplificou-o a Movimento Negro Unificado (MNU).

O advento do MNU coincidiu e sofreu influências dos movimentos negros dos Estados Unidos e da África. Os movimentos americanos reivindicavam a aceitação dos direitos civis dos negros e a implementação de políticas afirmativas para esta população, enquanto que os africanos lutavam pela independência dos países africanos e contra o regime de *apartheid* implantado na África do Sul.

O movimento negro contemporâneo ressurgiu a partir de meados da década de 70, nos finais de um período acentadamente autoritário da vida política brasileira. Como o dos movimentos sociais que afloram na mesma época, seu discurso é radical e contestador. O renascimento do movimento tem sido associado à formação de um

---

<sup>49</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 113.

<sup>50</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. cit.*, p. 43-44.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 51.

segmento ascendente e educado da população negra que, por motivos raciais, sentiu bloqueado o seu projeto de mobilidade social. A isso deve ser acrescentado o impacto nesse grupo de novas configurações no cenário internacional, que funcionaram como fonte de inspiração ideológica: a campanha pelos direitos civis e o movimento do poder negro nos Estados Unidos e as lutas de libertação nacional das colônias portuguesas na África<sup>52</sup>.

Nesta premissa radicalista e contestadora, o MNU em sua Carta de Princípios definiu como negro “todo aquele que possui **na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça**”<sup>53</sup> e movimento negro como toda luta política, econômica, social e cultural em favor do povo negro e de seus direitos. Importante ressaltar que desde o princípio, o Movimento Social Negro caracterizou-se pela busca por igualdade de oportunidade nos diversos campos e, principalmente, no educacional. No caso do MNU, esta perspectiva de intervenção no âmbito educacional, aparece com clareza no Programa de Ação de 1982 e na Carta de Princípios, onde propõe a revisão/inclusão da representação do negro nos livros didáticos.

RESOLVEMOS juntar nossas forças e lutar por: defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais através da conquista de: maiores oportunidades de emprego; melhor assistência à saúde, à **educação** e à habitação; **reavaliação do papel do negro na História do Brasil**; valorização da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção; extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que somos submetidos; liberdade de organização e de expressão do povo negro.<sup>54</sup>

Cabe ressaltar que essa prerrogativa de inserir e valorizar o papel do negro na história do Brasil antecede o surgimento do MNU, posto que, em 1971, surgiu o Grupo Palmares que, conforme acrescenta Pereira<sup>55</sup>, foi uma das primeiras organizações do Movimento Negro Contemporâneo a reivindicar a reavaliação do papel do negro na história do Brasil e propor a substituição do dia 13 de maio (dia da abolição) pelo dia 20 de novembro (provável dia da morte de Zumbi dos Palmares) como data comemorativa. Ainda segundo o autor<sup>56</sup>, o dia 20 de novembro foi definido como “Dia Nacional da Consciência Negra” em 04 de novembro de 1978, durante a 2ª Assembleia Nacional do MNU. Como assinala Gonzalez:

Graças ao empenho do MNU, ampliando e aprofundando a proposta do Grupo Palmares, o 20 de novembro transformou-se num ato político de afirmação da história do povo negro, justamente naquilo em que ele demonstrou sua capacidade

---

<sup>52</sup> HASENBALG, Carlos A. **Comentários “Raça, cultura e classe na integração das sociedades”**. Rio de Janeiro, Dados, revista de ciências sociais. v. 27, n.º 3, p. 148-149, 1984. *Apud*: GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n.º 18, p. 133-154, abril de 2011. p. 135.

<sup>53</sup> Carta de princípios *apud* GONZALEZ, Lélia. *Op. cit.*, p. 65. Grifos nossos.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 65-66. Grifo nosso.

<sup>55</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. *Op. cit.*, p. 99.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 101.

de organização e de proposta de uma sociedade alternativa; na verdade, Palmares foi o autêntico berço da nacionalidade brasileira, ao se constituir como efetiva democracia racial e Zumbi, o símbolo vivo da luta contra todas as formas de exploração.<sup>57</sup>

É importante salientar que, apesar das diversas pautas apresentadas pelo Movimento Negro no sentido de promover a igualdade racial, nosso foco de discussão será a demanda por acesso a uma educação de qualidade, reivindicação recorrente nos pleitos desse movimento em diferentes momentos.

A nível estadual, o Movimento Negro Unificado foi implantado oficialmente em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte (BH), em 1979. Gonzalez<sup>58</sup> assinala que, após a participação de um grupo de militantes na II Semana de Estudos Afro-brasileiros do Instituto de História e Arte de Minas Gerais, em Belo Horizonte, ficou a cargo de um casal negro a criação e organização do MNU nesta cidade. Por outro lado, Cardoso<sup>59</sup> complementa que a organização do Movimento foi incumbência dos advogados Lucimar Brasil e Maria Lúcia de Oliveira, sob a interposição de Lélia Gonzalez.

Pompermayer<sup>60</sup> acrescenta que o ressurgimento do Movimento Negro a partir da década de 1970 foi fundamentado nas primeiras formas de movimento negro, baseadas na identidade cultural e social das associações sócio-recreativas de outrora. Além disso, para o autor, o movimento negro mineiro possuiu formas diversas de organizações ideológicas que, muitas vezes, tornam-se contraditórias. Essa pluralidade seria uma possível tentativa de fazer com as manifestações socioculturais alcançassem êxito no campo político.

[...] o que estamos denominando de Movimento social negro de Belo Horizonte é este conjunto heterogêneo de grupos, entidades e organizações sociais, políticas, culturais, religiosas e recreativas da comunidade negra, constituído por associações da sociedade civil, instituições religiosas organizadas em comunidades-terreiros de candomblé e umbanda, irmandades religiosas de devoção a Nossa Senhora do Rosário, instituições culturais e recreativas como as escolas de samba, grupos de capoeira, grupos de dança afro-brasileira; fóruns de mulheres negras; grupos de consciência negra, grupos de combate ao racismo vinculados aos partidos políticos e aos sindicatos; cuja união e unidade é permanente reafirmada na luta política contra o racismo e na valorização do patrimônio cultural da população negra brasileira.<sup>61</sup>

A respeito do Movimento Negro de BH, Cardoso<sup>62</sup> afirma que, a partir dos anos 70, o MNU passou a ser a força impulsora do movimento social negro belo-horizontino,

---

<sup>57</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. cit.*, p. 57.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>59</sup> CARDOSO, Marcos Antônio. *Op. cit.*, p. 158.

<sup>60</sup> POMPERMAYER, Malori José. (Org.). **Movimentos sociais em Minas Gerais: emergência e perspectivas.** Série Coletâneas. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 15.

<sup>61</sup> CARDOSO, Marcos Antônio. *Op. cit.*, p. 140.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 159.

constituindo-se o marco na mudança de atuação dos grupos e entidades negras desta cidade. Estas instituições, que inicialmente possuíam apenas um caráter social e/ou recreativo, passaram, a partir do advento do MNU em BH, a desenvolver uma atuação mais politizada.

Contraditoriamente, Francisco<sup>63</sup> relata que, ainda que o MNU tenha sido criado com o propósito de unificar e representar todos os negros, abrangendo um grande contingente afro-brasileiro, em Belo Horizonte o movimento não conquistou a filiação de nenhuma entidade negra organizada, seja de caráter religioso, social ou cultural.

Apesar disso, é possível perceber que o Movimento Social Negro de BH, fortalecido e influenciado pelo MNU, alcançou algumas importantes conquistas em prol da igualdade racial. A este respeito, Barbosa<sup>64</sup> cita a promulgação da Lei Orgânica do município de Belo Horizonte de 1990<sup>65</sup>, que versa sobre a população afro-brasileira (Artigos 182 e 183) e especificamente no parágrafo único do artigo 182, medida VI, a respeito da inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira nos conteúdos programáticos da rede de ensino municipal. Esta inclusão que sempre foi pauta de reivindicação do MNU, no caso do município mineiro, foi precursora da Lei n.º 10.639/2003 e relaciona-se com a construção/valorização da identidade afro-brasileira.

Portanto, é possível perceber que, paralelamente à luta por acesso aos diversos bens sociais, o Movimento Negro busca ainda, reafirmar a identidade e memória negra. Sobre este aspecto, é necessário analisar as considerações de Pollak<sup>66</sup> que relata que a memória é campo de disputa política e que, uma vez que esta é construída individual e socialmente, ela correlaciona-se com o sentimento de identidade sendo, portanto, constituinte da identidade social.

*[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si... A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com*

---

<sup>63</sup> FRANCISCO, Dalmir. *Op. cit.*, p. 216.

<sup>64</sup> BARBOSA, Pedro. **O Movimento Negro Mineiro e a esfera pública: desafios e perspectivas para um Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial**. 2014. 274 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Letras, Araraquara, 2014. p. 173. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/115708>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

<sup>65</sup> BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal de. **Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 1990. Disponível em: <<http://www.cmbh.mg.gov.br/leis/legislacao/lei-organica>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

<sup>66</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.º 10, p. 200 - 212. Rio de Janeiro: 1992. p. 204. Grifos do autor.

outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas [...] <sup>67</sup>

Neste contexto, a identidade social pode ser entendida como o resultado das interações sociais dos diversos grupos que compõem a sociedade e, portanto, está em constante processo de construção, transformação, ressignificação e disputa.

Corroborando com esta noção de identidade construída, Castells<sup>68</sup> relata que tal processo ocorre com base em dados diversos fornecidos pela história, pela geografia, pela memória coletiva etc., os quais são “... processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como, em sua visão de tempo/espaço”<sup>69</sup>.

Ainda, segundo o autor, o conteúdo simbólico de determinada identidade e seu significado para os atores sociais, que com ela se identificam ou que dela são excluídos, são determinados por quem construiu esta identidade coletiva e pelos motivos desta construção. Portanto, a construção social da identidade ocorre em um campo de disputa marcado por relações de poder, o que resulta em três tipos de construções identitárias: legitimadora, de resistência e de projetos<sup>70</sup>.

O movimento negro, em seus primórdios, pode ser caracterizado pela construção da identidade de resistência, ou seja, pela luta coletiva a fim de resistir às opressões e exclusões políticas, econômicas, culturais e sociais sofridas pelos negros. Enquanto que, o Movimento Negro Contemporâneo, ainda que, provavelmente, devido à multiplicidade de associações, possa ser caracterizado pela presença destas três identidades, sendo a mais evidente a identidade de projetos que visa à construção de “uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade, e ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”<sup>71</sup>. O que pode ser exemplificado por um dos primeiros pressupostos do Movimento Negro Unificado: a ressignificação do termo negro e definição de movimento negro, conforme destacado anteriormente.

Assim, o Movimento Negro Contemporâneo no Brasil surgiu em oposição à identidade nacional preconizada que, primeiramente, almejava o branqueamento da população brasileira e, posteriormente, passou a defender o fenômeno da mestiçagem como prova de que

---

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>68</sup> CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 23-25.

<sup>69</sup> *Idem*.

<sup>70</sup> Para Castells (1999, p. 24-26), a identidade legitimadora forma a comunidade civil, a identidade de resistência dá origem a comunidades e a identidade de projetos gera sujeitos.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 24.

o país vivia em uma “verdadeira” democracia racial. Este Movimento, portanto, não só denunciava o racismo e a discriminação aos quais a população negra era submetida, mas também às condições desiguais que imperavam no país desde a abolição da escravatura com o intuito de garantir a inserção do negro nos diversos setores da sociedade.

Domingues<sup>72</sup> e Gonzalez<sup>73</sup> consideram que, na década de 1970, o MNU foi uma grande conquista para o negro brasileiro no que diz respeito às lutas por igualdade racial. Isto, indubitavelmente, é confirmado por Pereira<sup>74</sup> que relata que tanto militantes quanto pesquisadores reputam este como sendo o marco principal do surgimento do Movimento Negro Contemporâneo.

Em contrapartida, Rodrigues<sup>75</sup> ressalta que os ideais sociais e políticos do movimento negro foram ressignificados com a emergência do MNU e, neste sentido, algumas mudanças ocorreram na esfera político-educacional resultado das reivindicações dos novos ativistas do Movimento Negro.

Destarte, Pereira<sup>76</sup> salienta que o Movimento Negro Contemporâneo, desde seu surgimento, cresceu tanto em termo quantitativo quanto qualitativo, o que possibilitou conquistas significativas, dentre as quais a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, que trata da inclusão nos currículos escolares da história da África e dos afro-brasileiros. Outra grande conquista do Movimento Negro Contemporâneo foi a maior visibilidade às suas demandas específicas, o que trouxe ganhos significativos, como a sanção das Leis n.ºs 12.711/2012 e 12.990/2014 que versam sobre a reserva de vagas para ingresso nas instituições de ensino federais de nível médio e nível superior e para ingresso nos cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da Administração Pública Federal.

Diante do exposto, podemos perceber que, conforme relata Rodrigues<sup>77</sup>, as lutas e embates do Movimento Negro Contemporâneo contribuíram significativamente para admissão por parte do Estado Brasileiro da desigualdade racial existente no país, resultado do racismo e da discriminação, bem como, para o avanço das discussões a respeito da implementação de políticas públicas voltadas para a população afro-brasileira.

---

<sup>72</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Op. cit.*, p. 114.

<sup>73</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. cit.*, p. 64.

<sup>74</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. *Op. cit.*, p. 98.

<sup>75</sup> RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Movimento negro no cenário brasileiro: embates e contribuições à política educacional nas décadas de 1980-1990**. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. p. 42-44. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1499>>. Acesso em: 11 set. 2016.

<sup>76</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. *Op. cit.*, p. 242.

<sup>77</sup> RODRIGUES, Tatiane Cosentino. *Op. cit.*, p. 76.

## 1.2. Políticas públicas de inclusão racial

A primeira legislação brasileira, relacionada à temática racial, data de 1946, e diz respeito à Constituição Federal<sup>78</sup> que indiretamente tratava da discriminação, uma vez que o texto legal previa a igualdade de todos perante a lei e a proibição de propagandas preconceituosas de cunho racial ou de classes.

Entretanto, somente em 1951 foi criada a primeira lei antidiscriminatória do país, a Lei n.º 1.390, de 03 de julho de 1951 ou Lei Afonso Arinos, de autoria do deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco, que considerava os atos de discriminação como contravenção penal. A respeito da Lei Afonso Arinos, Fullin<sup>79</sup> alega que a mesma foi resultado de um episódio de grande repercussão nacional e internacional, ocorrido em 1950, quando Katherine Dunham, famosa bailarina norte-americana, teve negada sua hospedagem em um hotel de São Paulo pelo fato de ser negra.

Destaca-se que a promulgação da Lei Afonso Arinos representou um grande avanço legal no sentido de reconhecimento da existência do racismo, mesmo que, no sentido penal, sua contribuição tenha sido pouco efetiva para o enfrentamento do preconceito, uma vez que a maioria dos atos discriminatórios não eram penalizados ou sequer julgados. Neste sentido, esta lei não foi recebida com grandes expectativas pelo Movimento Negro e, segundo Oliveira<sup>80</sup>, inclusive em 1980, a comunidade negra de São Paulo realizou um ato simbólico de enterro desta lei, demonstrando assim que, embora representasse à época o reconhecimento por parte do governo da existência do racismo, para os militantes, esta lei não constituía um instrumento legal com eficácia operacional.

Na década de 1960, em plena vigência do regime militar, a questão racial no país pouco foi discutida, uma vez que se apregoava a inexistência de desigualdade e discriminação raciais no país e, conforme relata documento<sup>81</sup> do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), inclusive o quesito cor foi retirado do Censo Demográfico de 1970, mesmo que, curiosamente, neste período tenham sido assinados três acordos internacionais relativos à

---

<sup>78</sup> Parágrafo 1º e 5º do artigo 141 da Constituição de 1946.

<sup>79</sup> FULLIN, Carmen Silvia. Direito e racismo: observações sobre o alcance da legislação penal antidiscriminatória no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, v. 6, p. 21-35, 2000. p. 21.

<sup>80</sup> OLIVEIRA, Eduardo de. **A cólera dos generosos - Retrato do negro para o negro**. São Paulo: Sonda, 1988. *Apud*: OLIVEIRA, Sidney de Paula. **O Estatuto da Igualdade Racial**. Coleção Consciência em Debate. Coordenação de Vera Lúcia Benedito. São Paulo: Selo Negro, 2013. p. 30.

<sup>81</sup> INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada. Políticas sociais: acompanhamento e análise. IPEA. **Vinte anos da Constituição Federal**. 2. ed. v. 3, n.º 17, 2009. p. 264. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5795&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5795&Itemid=9)>. Acesso em: 22 set. 2016.

questão racial: a Convenção 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) concernente à Discriminação em Matéria de Emprego e Profissão (1968); a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino (1968); e a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação (1969), através do Decreto n.º 65.810, de 08 de dezembro de 1969. Em outras palavras, de forma paradoxal, o governo não só reconheceu a existência do racismo no país, como se comprometeu a desenvolver estratégias para combatê-lo.

Somente a partir da década de 1970, com o ressurgimento do Movimento Negro, é que o tema volta a ser debatido no âmbito nacional. Assim, com a redemocratização do país, uma nova Constituição foi promulgada e, de acordo com o relatório<sup>82</sup> do IPEA, esta prevê o racismo como crime inafiançável e imprescritível, legitima o direito de propriedade definitiva de suas terras aos descendentes quilombolas e reconhece a diversidade cultural e patrimonial do Brasil<sup>83</sup>. É importante ressaltar que estas conquistas foram mérito do Movimento Negro que, segundo Fullin<sup>84</sup>, desde 1945, demanda do Estado uma legislação antidiscriminatória específica. Além disso, como bem nota Pereira<sup>85</sup>, essas conquistas resultam das pressões advindas das diversas mobilizações organizadas, pelo Movimento em todo território nacional, relativas ao centenário da abolição que propalavam que, apesar de liberto, o negro continuava cativo, devido às péssimas condições econômicas, sociais, políticas culturais a que era submetido.

Em 1989 publicou-se a Lei Caò<sup>86</sup>, cujo objetivo foi modificar a antiga Lei Afonso Arinos, em cuja redação trouxe a definição dos crimes resultantes de cor ou raça, bem como, as penalidades resultantes destes.

A promulgação da Lei Caò atesta a ineficácia jurídica da Lei Afonso Arinos, dado que somente 38 anos após a promulgação da primeira lei antidiscriminatória do país é que foram especificados quais os atos criminalizados e suas penalidades. Salienta-se que a Lei Caò teve uma importância jurídica muito grande, uma vez que passou a considerar as práticas de racismos como crime e não apenas contravenção penal, como no texto anterior.

---

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 268.

<sup>83</sup> Parágrafo XLII do artigo 5º, artigo 68, parágrafos I ao V do artigo 215 e parágrafo I do artigo 216 da Constituição Federal de 1988.

<sup>84</sup> FULLIN, Carmen Silvia. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>85</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. *Op. cit.*, p. 222-227.

<sup>86</sup> BRASIL. **Lei n.º 7.716, de 05 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, 1989, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/\\_lei-principal.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/_lei-principal.htm)>. Acesso em: 20 set. 2016.

Cabe salientar ainda que, em 13 de maio de 1997, a Lei Caò foi alterada pela Lei Paim<sup>87</sup> e passou a contemplar, além das categorias raça e cor, os termos etnia, religião e procedência nacional.

A partir de 1995, os debates sobre políticas públicas raciais passam a receber inúmeras propostas, sobretudo resultado da mobilização e organização da Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida que ocorreu em 20 de novembro de 1995, dia em que se comemorava o tricentenário da morte de Zumbi, na cidade de Brasília. A manifestação, que teve como objetivo denunciar o racismo, a discriminação racial e a inexistência de políticas públicas raciais, reuniu cerca de 30 mil pessoas.

Como resultado deste Ato, podemos citar a visibilidade que o Movimento Negro alcançou a partir deste momento, bem como, a criação de uma agenda política para redução das desigualdades raciais. Pereira<sup>88</sup> relata que, no mesmo dia da manifestação, o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso recebeu uma delegação nacional do movimento que lhe entregou um documento da marcha contendo denúncias e reivindicações do movimento negro nas áreas da saúde, educação, mercado de trabalho, cultura e comunicação, dentre outros. O autor afirma, ainda, que, dentre o programa de ações propostas no documento, no plano educacional, estava a solicitação de implementação de ações afirmativas para ingresso nos cursos profissionalizantes e superiores técnicos e de graduação.

Cabe enfatizar que, novamente, a demanda por acesso à educação é reivindicada pelo Movimento Negro, desta vez na forma de ações afirmativas, o que nos faz pressupor que este bem público não estava acessível a esta população.

Pereira<sup>89</sup> cita, também, que em resposta a esta mobilização foi instituído, ainda no dia 20 de novembro de 1995, o Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da População Negra<sup>90</sup>. Vinculado ao Ministério da Justiça (MJ), tal Grupo teve o objetivo de propor medidas de combate à discriminação racial.

---

<sup>87</sup> BRASIL. **Lei n.º 9.459, de 13 de maio de 1997**. Altera os arts. 1º e 20 da Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9459.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

<sup>88</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. *Op. cit.*, p. 25-26.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>90</sup> BRASIL. **Decreto de 20 de novembro de 1995**. Institui Grupo de Trabalho Interministerial, com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da População Negra, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/dnn/Anterior%20a%202000/1995/Dnn3531.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1995/Dnn3531.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

Ainda na década de 1990 outras iniciativas foram tomadas, das quais podemos citar a criação, em 1996, do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH I)<sup>91</sup>, que se comprometia a incluir o quesito cor nos bancos de dados, sistemas de informação e registro da população dos governos, a proposta de alteração dos conteúdos dos livros didáticos, dentre outros; a criação do Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Trabalho e na Ocupação (GTDEO)<sup>92</sup> pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), também em 1996; e o Programa Brasil Gênero e Raça, em 1998, que, conforme Ferreira e Santos<sup>93</sup>, visava à eliminação da discriminação no trabalho através da criação de Núcleos de Promoção da Igualdade de Oportunidades de Combate à Discriminação.

É oportuno destacar que a inclusão do quesito cor/raça nos bancos de dados e sistemas de registro e informação do governo federal, apesar de prevista no PNDH I de 1996, somente foi efetivada no ano de 2013, por meio do Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012, como veremos no Capítulo II.

Destacamos ainda que o ano de 1998 foi marcado também pela primeira tentativa de implementação de políticas afirmativas raciais no Brasil, no âmbito cultural, por meio do Projeto de Lei (PL) n.º 4.370, de 07 de abril de 1998, que estabelecia cotas para negros nos meios midiáticos, na proporção de 25% de afrodescendentes “entre os atores e figurantes dos programas de televisão - extensiva aos elencos de peças de teatro - e de 40% nas peças publicitárias apresentadas nas tevês e nos cinemas”<sup>94</sup>. Apesar da Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias, da Câmara dos Deputados Federais, aprovar o projeto de lei, em 24 de abril de 2002, o mesmo foi arquivado, em 31 de janeiro de 2003, devido ao término da legislatura.

Faz-se necessário ressaltar que, no âmbito educacional, em 1999, foram apresentados três PL's<sup>95</sup> (n.ºs 1.447/1999, 1.643/1999 e 2.069/1999), os quais contemplavam políticas de

---

<sup>91</sup> BRASIL. **Decreto n.º 1.904, de 13 de maio de 1996**. Institui o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d1904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1904.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

<sup>92</sup> BRASIL. **Decreto de 20 de março de 1996**. Cria, no âmbito do Ministério do Trabalho, o Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação - GTEDEO, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn3903.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn3903.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

<sup>93</sup> FERREIRA, Maria Cecília de Moura; SANTOS, Maria Helena Gomes dos. **Programa Brasil, Gênero e Raça: Superando a discriminação no trabalho**. In: INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA. **Boletim de Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise**, n.º 13. Brasília: IPEA, Junho 2000. p. 22. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/mt\\_013f.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/mt_013f.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2016.

<sup>94</sup> BRASIL. **Projeto de Lei n.º 4.370, 1998**. Dispõe sobre a representação racial e étnica nos filmes e peças publicitárias veiculadas pelas emissoras de televisão. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=17FEBDCDD1BA3287806528988B6D5C73.node1?codteor=1128857&filename=Avulso+-PL+4370/1998](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=17FEBDCDD1BA3287806528988B6D5C73.node1?codteor=1128857&filename=Avulso+-PL+4370/1998)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

<sup>95</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. Consultar: <<http://www2.camara.leg.br/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

ações afirmativas para ingresso em instituições públicas de nível superior para egressos de rede pública de ensino.

Todavia, conforme Jaccoud<sup>96</sup>, foi somente em 2001, com a realização da III Conferência Mundial contra Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Durban - África do Sul, que houve um avanço do diálogo sobre a questão racial e, conseqüentemente, o comprometimento do governo federal de elaborar políticas públicas referentes ao tema. Desde então, tal instância tem avançado em estudos e pesquisas sobre desigualdades raciais no Brasil, desenvolvidas por diversos órgãos institucionais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o IPEA e o Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE), que possibilitaram o desenvolvimento de uma série de ações com vistas à promoção da igualdade racial e conseqüente eliminação da discriminação e do racismo.

Neste sentido, em 2002, conforme relata Silva e Silva<sup>97</sup>, foi instituído o Programa Nacional de Ações Afirmativas (PNAA), através do Decreto n.º 4.228/2002. A coordenação do PNAA ficou a cargo da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, sendo um dos seus objetivos o desenvolvimento de mecanismos que garantam a ocupação de cargos comissionados por afrodescendentes, mulheres e pessoas portadoras de deficiência. Entretanto, apesar da instituição do PNAA representar um avanço significativo nas discussões sobre a adoção de políticas de ações afirmativas, percebe-se que sua aplicação na prática foi ineficiente, uma vez que, de acordo com Osório<sup>98</sup>, a grande maioria dos 23 ministérios analisados não aplicavam qualquer tipo de ações afirmativas e alguns sequer possuíam conhecimento deste decreto.

Nosso objetivo com a exposição de todos estes instrumentos institucionais e/ou jurídicos criados em diferentes momentos políticos foi demonstrar que a maior demanda do Movimento Negro foi a luta pela promoção da igualdade racial no acesso a serviços públicos,

---

<sup>96</sup> JACCOUD, Luciana. (Org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial : uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: IPEA, 2009. p. 34. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro\\_aconstrucao\\_igualdade\\_racial20anos.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_aconstrucao_igualdade_racial20anos.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2016.

<sup>97</sup> SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. **Reserva de vagas para negros em concursos públicos: uma análise a partir do Projeto de Lei 6.738/2013**. Nota Técnica n.º 17. Brasília: IPEA, 2014. p. 10. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140211\\_notatecnicadisoc17.pdf.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140211_notatecnicadisoc17.pdf.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2016.

<sup>98</sup> OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **Desigualdades raciais e de gênero no serviço público civil**. Programa de Fortalecimento Institucional para a Igualdade de Gênero e Raça, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego (GRPE). Cadernos GRPE, n.º 2. Brasília: OIT - Secretaria Internacional do Trabalho, 2006. p. 41. Disponível em: <[http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/discrimination/pub/grpe\\_caderno\\_2\\_229.pdf](http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/discrimination/pub/grpe_caderno_2_229.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2015.

principalmente a uma educação de qualidade, o que garantiria a ascensão social dos negros. Contudo, apesar das estratégias públicas apresentadas não terem cumprido o propósito institucional para o qual foram criadas, estas propiciaram um cenário profícuo para que avanços significativos fossem alcançados pelo Movimento Negro no campo educacional. Neste sentido, no tópico subsequente apresentamos algumas das conquistas deste movimento no campo educacional.

### **1.2.1. Políticas para a promoção da igualdade racial na educação**

No âmbito educacional, a primeira grande conquista do Movimento Negro Contemporâneo foi a promulgação, em 09 de janeiro de 2003, da Lei n.º 10.639/2003 que alterou a Lei n.º 9.394/1996 e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do estudo da História da África e Cultura Afro-Brasileira.

Neste contexto situamos que, até o ano de 2003, a presença negra no Brasil e as contribuições dos negros para a cultura do país eram tratadas nos livros didáticos simplesmente a partir da perspectiva da escravidão, como se a presença negra no país se limitasse ao período escravocrata. Ou seja, o antigo currículo escolar privilegiava um ponto de vista que valorizava os padrões culturais europeus e excluía da história da formação do Brasil as contribuições da população negra.

Somente com a promulgação da Lei n.º 10.639/2003 que esta realidade começou a ser modificada com a inclusão de temas como “[...] o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”<sup>99</sup>.

Ainda no ano de 2003, o Movimento Negro celebrou um novo triunfo: a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 21 de maio de 2003, através da Medida Provisória n.º 111, que posteriormente foi convertida na Lei n.º 10.678, de 23 de maio do mesmo ano. A SEPPIR possuía *status* de ministério e tinha por função o acompanhamento e coordenação das políticas de promoção da igualdade racial e dos diversos programas de cooperação e convênios nacionais e internacionais firmados pelo governo, a fim de assegurar o cumprimento destes. Ou seja, o intuito foi concentrar em um só órgão todas as ações relacionadas à questão racial. Assim, com a instalação da SEPPIR, a

---

<sup>99</sup> BRASIL. Lei n.º 10.639 de 09 de janeiro de 2003. *Op. cit.*, artigo 26-A - 1º parágrafo.

discussão sobre a implantação de ações afirmativas nas universidades federais ganhou novo ânimo.

Infelizmente, em 02 de outubro de 2015, a SEPPIR juntamente com duas outras secretarias, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Direitos Humanos (SDH) transformaram-se em Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Neste sentido, a secretaria que já possuía *status* de ministério e discutia exclusivamente as questões relativas à promoção da igualdade racial, a partir deste momento dividirá suas atribuições com duas outras grandes demandas.

A Lei n.º 10.678/2003 também criou o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR), que foi regulamentado pelo Decreto n.º 4.885 de 20 de novembro de 2003 e alterado pelo Decreto n.º 6.509 de 16 de julho de 2008, órgão de caráter consultivo vinculado à SEPPIR com função de propor políticas públicas de promoção de igualdade racial para a população brasileira, especificamente para os negros e outros grupos étnicos e raciais. Ainda no âmbito da SEPPIR, em 20 de novembro de 2003, instituiu-se a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), através do Decreto n.º 4.886, com o objetivo de reduzir as desigualdades raciais, principalmente da população negra, por meio de ações de curto, médio e longo prazo.

Além disso, o governo federal instituiu o ano de 2005 como Ano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (ANPIR), através do Decreto de 30 de dezembro de 2004, durante o qual foram realizadas diversas ações no intuito de fortalecer e implementar os debates e ações de combate às desigualdades raciais. Também em 2005 foi criado o Programa Universidade para Todos (PROUNI), através da Medida Provisória n.º 213/2004 e regulamentado pela Lei n.º 11.096 de 13 de janeiro de 2005, que estabelecia ações afirmativas, relativas ao ensino superior, para estudantes negros em universidades privadas.

Subsequentemente, em 20 de julho de 2010, ocorreu a promulgação do Estatuto da Igualdade Racial<sup>100</sup>. Cabe ressaltar que o primeiro Projeto de Lei a este respeito, o PL n.º 3.198/2000, foi apresentado em 07 de junho de 2000, pelo então deputado Paulo Paim, autor também do PL n.º 4.370/1998<sup>101</sup>. A posteriori, no ano de 2003, tendo em vista o não êxito do PL n.º 3.198/2000, Paulo Paim, na qualidade de senador, apresentou o Projeto de Lei do Senado (PLS) n.º 213 que sofreu inúmeras modificações antes de ser aprovado e encaminhado

---

<sup>100</sup> BRASIL. **Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2016.

<sup>101</sup> Vide página 16 do presente capítulo.

pelo Senado Federal à Câmara dos Deputados, onde foi renumerado a PL n.º 6.264/2005 e, somente em 2010, originou a Lei n.º 12.288/2010.

O Estatuto tem por intuito a garantia de igualdade de oportunidades, combate a todas as formas de discriminação étnico-racial e defesa dos direitos fundamentais mediante a implementação de políticas públicas voltadas para as áreas da saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, lazer e etc. É interessante notar que o texto da PL deixa claro que este foi resultado das demandas do Movimento Negro: “As ideias até aqui introduzidas são fruto da construção feita em grande parte pelo **movimento negro**”<sup>102</sup>. Entretanto, a principal reivindicação do movimento, no caso cotas raciais nas instituições federais, o Estatuto não contemplou, ainda que os Projetos de Leis n.º 3.198/2000 e n.º 213/2003 trouxessem esse assunto em seus textos originais.

Também no ano 2000, o referido deputado apresentou à Câmara o PL n.º 3.435/2000, que trata da reserva de no mínimo 30% e máximo de 70% de vagas para negros em partidos e coligações para cargos elegíveis, a fim de garantir-lhes participação política nos Poderes Executivo ou Legislativo. O presente PL foi apensado ao PL n.º 3.198/2000 e, posteriormente, ambos foram apensados ao PL n.º 6.912/2002 que institui ações afirmativas para os afrodescendentes.

Outro marco foi a instalação, em 25 de maio de 2011, na cidade de Redenção – Ceará, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) vinculada ao Ministério da Educação (MEC) e criada por meio da Lei n.º 12.289, de 20 de julho de 2010. A UNILAB tem por objetivo realizar a integração entre o Brasil e os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), principalmente os países africanos, através do oferecimento de cursos de nível superior e de atividades de pesquisa e extensão, propiciando o desenvolvimento destas regiões, o intercâmbio educacional, científico e cultural entre as mesmas<sup>103</sup>.

Nosso intuito com o detalhamento da trajetória de conquistas do Movimento Negro na luta pela igualdade racial, principalmente no âmbito educacional, é mostrar que, a partir da promulgação da Lei n.º 10.639/2003 e da criação da SEPPPIR, uma série de medidas foram tomadas as quais contribuíram para que as discussões sobre a promoção da igualdade racial avançasse na esfera política. E, nesta perspectiva, o ápice da trajetória do Movimento Negro

---

<sup>102</sup> BRASIL. **Projeto de Lei n.º 3.198, de 2000**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial, em defesa dos que sofrem preconceito ou discriminação em função de sua etnia, raça e/ou cor, e dá outras providências. p. 12. Grifo nosso. Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD16JUN2000.pdf#page=113>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

<sup>103</sup> UNIVERSIDADE da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. UNILAB [Página da internet]. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/institucional-2/>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

foi a promulgação das leis de cotas, conforme explicitado a seguir, reivindicação esta que sempre esteve presente nas demandas deste Movimento.

Cabe destacar o longo caminho percorrido pelo Movimento Negro para que a implementação de ações afirmativas para esta população se concretizasse: foram 29 anos, de lutas, mobilizações e discussões políticas, desde a apresentação do primeiro PL até a promulgação da Lei n.º 12.711/2012, sendo que os dois primeiros PL's a este respeito foram apresentados por integrantes da militância negra.

### **1.2.2. Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012**

A garantia de acesso à educação formal foi a principal bandeira do Movimento Negro, especificamente do Contemporâneo, e, como já apresentado anteriormente, essa discussão ampliou-se na década de 1990 após a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida.

Em âmbito político, oficialmente, a demanda por cotas raciais na educação teve início em 1983 quando, o então deputado federal, Abdias do Nascimento apresentou o PL n.º 1.332/1983 que, dentre diversas medidas, propunha a concessão de 40% das bolsas de estudos a estudantes negros, além de 40% (distribuídos igualmente entre homens e mulheres) das vagas na administração pública e privada. O PL foi arquivado em 1989, na Câmara dos Deputados, onde tramitava desde 1983.

Durante a fase de tramitação deste PL foi elaborada uma nova Constituição e, conforme Pereira<sup>104</sup>, o Movimento Negro promoveu neste período uma série de congressos, seminários e discussões, como, por exemplo, a Convenção Nacional do Negro em 1986, a fim de apresentar propostas concretas sobre a temática racial a serem contempladas pela nova Constituição. Entretanto, apesar destas manifestações e mobilizações do Movimento Negro a fim de que suas pautas e reivindicações fossem integradas ao atual texto constitucional, isto não se concretizou.

Assim que, em fevereiro de 1995, a então senadora Benedita da Silva apresentou ao Congresso Nacional o PLS n.º 14 de 1995 que instituía a reserva de 10% de vagas da graduação e da pós-graduação para negros e indígenas em instituições de ensino superior municipais, estaduais, federais, privadas e públicas. Este PL foi arquivado em 1999 devido ao final da legislatura.

---

<sup>104</sup> PEREIRA, Amilcar Araujo. *Op. cit.*, p. 222.

Contudo, a questão racial ganhou novo ânimo e retornou à agenda governamental após a Marcha Zumbi dos Palmares que solicitou, por meio de documento entregue ao presidente da república pela Comitativa Nacional da Marcha, inúmeras reivindicações, inclusive a implementação de ações afirmativas para ingresso no ensino superior.

Por conseguinte, em 1999, a deputada Nice Lobão apresentou o PL n.º 73/1999 que estipulava a reserva de 50% das vagas em instituições federais e estaduais de educação superior a estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas. Apesar de tal projeto não tratar especificamente de cotas raciais, pois sua matéria versava sobre nova forma alternativa de seleção para ingresso no ensino superior, este constituiu o PL que originou a Lei n.º 12.711/2012.

Posteriormente, apresentou-se o PLS n.º 650, de 30 de novembro de 1999, de autoria do senador José Sarney. Tal PLS previa a reserva de vagas para candidatos negros aos cargos e empregos públicos, à educação superior e ao Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). O projeto foi aprovado pelo Senado e enviado à Câmara dos Deputados, onde originou o PL n.º 6.912/2002, que estabelece políticas afirmativas para a população afro-brasileira, na proporção de 20% nas vagas e cargos públicos e nos cursos de nível superior de instituições públicas e privadas, e encontra-se ainda em tramitação neste parlamento.

Em 05 de março de 2002, o deputado Pompeo de Mattos, apresentou à Câmara dos Deputados o PL n.º 6.214 que determinava cota mínima de 20% para negros e indígenas nas universidades públicas federais e estaduais. Este PL foi apensado ao PL n.º 3.198/2000 que versa sobre a criação do Estatuto da Igualdade Racial.

Faz-se necessário destacar que, no âmbito estadual, o Rio de Janeiro foi pioneiro na implementação de cotas, pois aprovou, em 2000, a Lei Estadual n.º 3.524 que reservava 50% das vagas nas universidades estaduais para alunos das redes públicas e, no ano seguinte, a Lei Estadual n.º 3.708/2001<sup>105</sup> que reservava 40% das vagas da lei anterior a autodeclarados pretos e pardos.

No âmbito nacional, esta questão ganhou novo impulso somente em 20 de maio de 2004, quando o então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, enviou ao Congresso Nacional o PL n.º 3.627/2004 que previa a reserva de vagas nas instituições públicas de nível superior para os estudantes de escolas públicas, especialmente para negros e indígenas.

---

<sup>105</sup> Estas leis foram revogadas pela Lei Estadual n.º 4.151/2003, que estabelece a reserva de vagas para estudantes de escola pública, negros e índios em instituições públicas estaduais de ensino superior.

A bem da verdade, em nível federal, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira instituição a adotar o sistema de cotas raciais, baseado em fenótipos, no vestibular de 2004, antes mesmo do término da tramitação do PL n.º 3.627/2004 no Congresso Nacional. E, segundo Santos<sup>106</sup>, trinta e três universidades públicas<sup>107</sup>, entre federais e estaduais, autorizaram a implementação do sistema de cotas. Ou seja, antes que a Lei de Cotas fosse promulgada, várias instituições já utilizavam ações afirmativas em seus processos seletivos.

Em junho de 2004, o PL n.º 3.627/2004 foi apensado ao PL n.º 79/1999, sendo que a Comissão de Direitos Humanos e Minorias e a Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania foram favoráveis a esta nova redação. Estes PL's tramitaram em conjunto até 20 de novembro de 2008, quando foram desapensados, sendo o PL n.º 3.627/2004, arquivado em 18 de fevereiro de 2009. Assim que, somente em 20 de novembro de 2008 a discussão das cotas raciais e socioeconômicas avança com a aprovação do PL n.º 79/1999, o qual é encaminhado ao Senado Federal, onde tramitou como Projeto de Lei da Câmara (PLC) n.º 180/2008<sup>108</sup>.

A nova redação deste PL tratava da reserva de 50% das vagas em instituições estaduais e federais de nível superior e em escolas federais de nível técnico para alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas, sendo que 50% destas vagas seriam reservadas para estudantes oriundos de famílias com renda de até 1,5 salários mínimos per capita e também para estudantes negros e indígenas proporcionalmente à presença destes grupos na população de cada ente federado, segundo Censo do IBGE.

Em 08 de agosto de 2012, após diversas emendas, o PLC é aprovado pelo Senado Federal e encaminhado para sanção, a qual originou a Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012, que versa sobre o ingresso nas instituições federais de nível superior e ensino técnico de nível médio ou, como comumente é mais conhecida, a lei de cotas para ingresso nas instituições de ensino públicas federais.

É importante ressaltar que, apesar do arquivamento do PL n.º 3.627/2004, este projeto de lei foi muito importante para impulsionar a discussão, tanto das cotas como das questões raciais, nos diversos espaços seja acadêmico, político, sociedade civil, etc. E, após a aprovação da Lei n.º 12.711/2012, o sistema de cotas raciais para ingresso na educação

---

<sup>106</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. *Op. cit.*, p. 30.

<sup>107</sup> Dados de fevereiro de 2007.

<sup>108</sup> O PLC 180/08 é resultado do apensamento, pela Câmara dos Deputados, de 11 projetos a respeito de cotas sociais e raciais em instituições federais de ensino superior e técnico, a saber: PL's n.º 1.447/1999, 1.643/1999, 2.069/1999, 373/2003, 615/2003, 1.313/2003, 2.934/2004, 14/2007, 1.330/2007, 1.736/2007 e 3.913/2008. Além do PL n.º 3.627/2004, como já explicitado. Todos estes projetos contribuíram para a redação final encaminhada para apreciação do Senado (PL 73-C/1999). Posteriormente, os PL's n.ºs 373/2003, 615/2003, 3.627/2004, 14/2007, 1.330/2007 e 1.736/2007 foram desapensados do PL n.º 73/1999.

superior passou a ser a temática mais discutida e estudada no campo das políticas públicas inclusivas.

Também se faz necessário destacar um ponto primordial na aprovação desta lei: a reserva de vagas é por processo seletivo e não por curso de graduação. Portanto, acredita-se que o percentual de entrada em cursos de menor demanda seja muito maior do que em cursos tidos como de maior prestígio, como é o caso dos cursos de Medicina e Direito, como bem nota Balduino<sup>109</sup>.

### 1.2.3. Lei n.º 12.990, de 09 junho de 2014

Dois anos após a promulgação da lei de cotas para ingresso nas instituições federais de nível técnico e superior, em 09 de junho de 2014, foi sancionada a Lei n.º 12.990/2014 que institui a reserva aos negros de 20% das vagas oferecidas em concursos e empregos públicos no âmbito da Administração Pública direta e indireta do Poder Executivo Federal.

Segundo Godoy<sup>110</sup>, a adoção do sistema de cotas raciais iniciou como uma experiência do governo federal que, em 2011<sup>111</sup>, adotou o sistema de reserva de 10% das vagas na primeira etapa do concurso para a carreira diplomática a autodeclarados afrodescendentes.

Contudo, Rezende<sup>112</sup> relata que, em nível estadual e municipal, a discussão a respeito das políticas de ações afirmativas havia conquistado avanço significativo com a promulgação de leis de cotas nas cidades de Jundiaí/SP, Cubatão/SP, Piracicaba/SP, Bebedouro/SP, Uberlândia/MG, Porto Alegre/RS e no estado do Paraná. Silva e Silva<sup>113</sup> complementam que, desde 2002, quatro estados e 43 municípios<sup>114</sup>, a exemplo dos estados do Paraná e do Mato Grosso do Sul promulgaram legislações específicas para reserva de vagas para negros em diversos campos da Administração Pública, desde estágios a cargos comissionados.

---

<sup>109</sup> BALDUINO, Gustavo. **Cotas Socioeconômicas sim, Étnicas não**. p. 01-05. Brasília, 25 mai. 2004. p. 01. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8262097-Cotas-socioeconomicas-sim-etnicas-nao.html>>. Acesso em: 1º ago. 2016.

<sup>110</sup> GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. O tema das quotas para afrodescendentes em concursos públicos. **Revista da AJURIS** – Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, v. 40, n.º 132, Dezembro 2013. p. 24.

<sup>111</sup> BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Portaria n.º 762, de 28 de dezembro de 2010**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 dez. 2010. Seção 1, p. 194. Disponível em <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=194&data=30/12/2010>>. Acesso em: 07 set. 2016.

<sup>112</sup> REZENDE, Vanessa Elkhoury. **Ação afirmativa e concurso público: reserva de cotas para os afro-brasileiros**. Site Funcional do Procurador de Justiça Aroldo José de Lima. Artigos. p. 1-20. Campo Grande, [entre 1998 e 2007]. p. 16-17. Disponível em: <<http://www.projustica.com.br/viewcontent.php?m=mainlist&cod=114>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

<sup>113</sup> SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. *Op. cit.*, p. 11.

<sup>114</sup> Em nível estadual, o Paraná foi o primeiro estado a adotar o sistema de cotas em concursos públicos através da Lei n.º 14.274/2003. Posteriormente foi seguido pelo estado do Mato Grosso do Sul por meio da Lei n.º 3.594/2008 e três anos depois pelo estado do Rio de Janeiro através do Decreto n.º 43.007/2011.

Vale ressaltar ainda que, como destacado por Osório<sup>115</sup>, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o MJ e o Ministério da Cultura (MinC) também anteciparam a Lei de cotas e criaram ações afirmativas para ingresso na Administração Pública, por meio do Programa Nacional de Ações Afirmativas (PNAA). De modo igual, Silva e Silva<sup>116</sup> destacam que o Ministério das Relações Exteriores (MRE) instituiu, desde 2011, o Programa de Ação Afirmativa do Instituto Rio Branco (IRBr) que oferece Bolsa-Prêmio, a candidatos afrodescendentes, para o Curso de Admissão à Carreira Diplomática (CACD). Além do MDA e do IRBr, Silva<sup>117</sup> acrescenta que a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e o Supremo Tribunal Federal (STF) também implantaram ações afirmativas para negros em suas seleções para contratação de serviços terceirizados.

E, é neste cenário profícuo que, em 27 de março de 2013, o tema ganhou nova visibilidade com a apresentação ao Congresso Nacional do PL n.º 5.246/2013<sup>118</sup>, que trata das regras para a equidade de gênero e raça, de condições igualitárias de trabalho, oportunidade e remuneração no serviço público, uma vez que o artigo quarto deste PL determinava a adoção de políticas que garantissem, dentre outras, a correção de diferenças e permitissem igualdade de acesso a empregos e cargos a homens e mulheres, independente de raça, etnia, etc.

Posteriormente, em 07 de novembro de 2013, o Poder Executivo Federal apresentou ao Congresso Nacional, em caráter de urgência constitucional<sup>119</sup>, o PL n.º 6.738/2013<sup>120</sup>, que originou a Lei n.º 12.990/2014, cujo principal objetivo foi a erradicação do racismo e inserção do negro nos diversos setores da sociedade. Segundo texto do PL n.º 6.738-D, de 2013, persiste a disparidade nos indicadores sociais entre brancos e negros e, a este respeito, Silva e Silva<sup>121</sup> apresentam dados sobre a desigualdade entre estes dois grupos no campo educacional e complementam que esta disparidade reflete em outros campos sociais, a exemplo do mundo do trabalho.

---

<sup>115</sup> OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **Desigualdades raciais e de gênero no serviço público civil**. *Op. cit.*, p. 35.

<sup>116</sup> SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>117</sup> SILVA, Luiz Fernando Martins da. **Ação afirmativa e cotas para afrodescendentes: algumas considerações sociojurídicas**. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Org.). **Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 71.

<sup>118</sup> De autoria da então deputada Iriny Lopes, a proposição foi retirada de tramitação por solicitação da mesma.

<sup>119</sup> Previsto no artigo 64 da Constituição Federal de 1988, a solicitação de urgência para apreciação de Projetos de Lei de iniciativa do Governo Federal tem por finalidade acelerar a tramitação do processo e evitar protelações por parte do Congresso. A Câmara dos Deputados tem 45 dias para apreciar a matéria e encaminhá-la ao Senado Federal que também terá 45 dias para a apreciação. Em caso de emendas do Senado, o projeto deverá ser reenviado à Câmara no prazo máximo de 10 dias.

<sup>120</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. Consultar: <<http://www2.camara.leg.br/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

<sup>121</sup> SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. *Op. cit.*, p. 04.

Ainda segundo o PL n.º 6.738/2013, esta discrepância também se repete na composição racial dos servidores da Administração Pública Federal, quando se compara a população negra do país com a que compõe a administração federal:

A análise de dados demonstra que, embora a população negra represente 50,74% da população total, no Poder Executivo Federal, a representação cai para 30%, considerando-se que 82% dos 519.369 servidores possuem a informação de raça/cor registrada no Sistema. Tem-se, assim, evidência de que, ainda que os concursos públicos constituam método de seleção isonômico, meritocrático e transparente, sua mera utilização não tem sido suficiente para garantir um tratamento isonômico entre as raças, falhando em fomentar o resgate de dívida histórica que o Brasil mantém com a população negra.<sup>122</sup>

Corroborando com esta assertiva, a então ministra da SEPPIR, Nilma Lino Gomes, em entrevista concedida à Revista da Petrobras, em fevereiro de 2015, ratifica que...

... as cotas nos concursos públicos representam a possibilidade de corrigirmos desigualdades históricas e fazer com que a composição do serviço público corresponda ao perfil da sociedade brasileira. Com as cotas será possível ampliar a visibilidade das pessoas negras em posições de direção e de poder, o que certamente produzirá efeitos extremamente positivos no enfrentamento ao racismo e na promoção da igualdade racial.<sup>123</sup>

A declaração acima é fundamentada pelos dados do IPEA<sup>124</sup> que atestam que apesar do número de negros no serviço público ser alto, esse quantitativo está longe de representar igualdade de acesso, principalmente nas melhores funções e, conseqüentemente, nos cargos de maiores níveis salariais.

E, é neste ponto, que a lei de cotas para ingresso no ensino superior difere completamente desta para acesso ao serviço público, pois enquanto a primeira não reserva vagas por curso de graduação, a segunda sim, reserva vagas por cargo do Poder Executivo Federal. Ou seja, são criadas oportunidades reais de ingresso nas carreiras em qualquer nível hierárquico, desde que o candidato atenda aos requisitos básicos do edital.

---

<sup>122</sup> BRASIL. **Projeto de Lei n.º 6.738-D, de 2013**. Reserva aos negros vinte por cento das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. p. 4. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=74C22F19BD9C86417A7D64B341BCC59B.proposicoesWeb1?codteor=1238967&filename=A+vulso+-PL+6738/2013](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=74C22F19BD9C86417A7D64B341BCC59B.proposicoesWeb1?codteor=1238967&filename=A+vulso+-PL+6738/2013)>. Acesso em: 13 mar. 2016.

<sup>123</sup> GOMES, Nilma Lino. **Entrevista**. Fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.portaldainigualdade.gov.br/portal-antigo/arquivos/revistadapetrobras>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

<sup>124</sup> Para informações detalhadas, consultar SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. **Reserva de vagas para negros em concursos públicos: uma análise a partir do Projeto de Lei 6.738/2013**. Nota Técnica n.º 17. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140211\\_notatecnicadisoc17.pdf.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140211_notatecnicadisoc17.pdf.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2016.

Todavia, apesar da Lei n.º 12.990/2014 representar uma grande conquista, esta ainda apresenta algumas limitações, sendo a principal delas a não previsão de reserva de vagas em cargos comissionados, ainda que as desigualdades raciais também existam nestes, como bem notam Estanislau, Gomor e Naime<sup>125</sup>, que apontam a sub-representação dos negros na hierarquia superior do governo federal, uma vez que 55% dos ocupantes de cargo de Direção e Assessoramento Superior (DAS), nível 1, se autodeclararam como brancas, sendo que esta porcentagem aumenta conforme aumenta o nível, até atingir 77% para o nível mais alto, o de DAS 6. Já para os autodeclarados pardos o número reduz de 24% da população que ocupa o cargo de DAS 1 para 8% dos DAS 6.

\*\*\*

Longe de serem conquistas equânimes, a promulgação das leis de cotas (Lei n.º 12.711/2012 e Lei n.º 12.990/2014) e, inclusive, do Estatuto da Igualdade Racial (Lei Ordinária n.º 12.288/2010) dividiu opiniões de intelectuais, acadêmicos, ativistas dos movimentos sociais, dentre outros. Segundo Jaccoud<sup>126</sup>, para os favoráveis, o principal argumento era o reconhecimento de que o preconceito e a discriminação racial são condicionantes das desigualdades sociais existentes no país e que o problema racial no Brasil é mais do que simplesmente uma questão econômica, e sim resultante das condições desiguais de acesso aos diversos serviços decorrentes do racismo cultivado ao longo da história desta sociedade. Portanto, o discurso destes é construído sobre o conceito de igualdade racial.

Enquanto que, conforme a autora, os desfavoráveis ao paradigma da igualdade racial, sustentam sua posição sobre o discurso da democracia racial, mesmo que seja um mito, pois, para estes, o fato do país ser constituído por uma maioria mestiça contribui para a redução/eliminação dos efeitos do racismo, bem como, para a total integração dos diversos grupos raciais na sociedade. Para estes, ainda, a possibilidade de ascensão socioeconômica é muito menor para os segmentos da sociedade vulneráveis economicamente do que para aqueles que pertencem à determinada categoria racial, portanto, seriam necessárias políticas voltadas para a eliminação da pobreza e não voltadas para questões raciais.

Essa discordância de opiniões também é encontrada na UFV, haja vista que 76% dos entrevistados são a favor, 12% são contrários à adoção de políticas de cotas raciais e 12% têm

---

<sup>125</sup> ESTANISLAU, Bárbara; GOMOR, Eduardo; NAIME, Jéssica. **A inserção dos negros no serviço público federal e as perspectivas de transformação a partir da Lei de Cotas**. In: FREIRE, Alessandro; PALOTTI, Pedro. (Org.). **Servidores públicos federais: novos olhares e perspectivas**. Brasília: Enap, 2015. p. 123. Disponível em: <<http://www.enap.gov.br/documents/52930/707328/Livro+caderno42.pdf/a0b6bca9-a63c-45b7-917c-ebelc27c7b5a>>. Acesso em: 22 set. 2016.

<sup>126</sup> JACCOUD, Luciana. (Org.). *Op. cit.*, p. 62-63.

algumas ressalvas, mas são favoráveis. As justificativas utilizadas por aqueles que são favoráveis é a necessidade de garantir igualdade de acesso e, principalmente, por conta da dívida histórica que o país tem para com os negros devido ao seu passado escravista, conforme depoimento de E02.

Eu, embora nunca tenha sido beneficiado, eu sou totalmente favorável, um pouco porque eu já militei nisso, eu trabalhei no pré-vestibular comunitário com recorte racial e ajudei a mobilizar um fórum de juventude negra no Espírito Santo. Mas, o ponto principal, assim, do fato de eu ser favorável, sobretudo no mercado de trabalho e na universidade, é por conta de atingir uma equidade, né, que é necessária pra um país que teve três séculos e meio de escravatura e a maior do mundo, mais de 100 anos com ela na ilegalidade. Então, essa reparação pra chegar não numa igualdade, mas minimamente numa equidade, ela é necessária. E, acredito que isso vá mexer na construção do imaginário das crianças, quando enxergar num par dele, da comunidade, da cidade, frequentando certos cargos e certas empresas e certas instituições, esse imaginário pode ser alargado pra além do que é posto hoje, que é o tráfico, a criminalidade e outras coisas.<sup>127</sup>

Enquanto que os que são contrários à adoção de cotas sustentam sua posição sobre a necessidade de investimentos na educação pública, como apontado na entrevista de E17: “[...] Mas eu acho que deveria investir mais nessa igualdade já desde a formação escolar, igualitária pra todos, né? O mesmo nível de educação”<sup>128</sup>. Essa opinião é reforçada por E06 que relata que em sua trajetória sempre se classificou nos primeiros lugares nos concursos que concorreu e isso sem necessidade de cotas. No entanto, este discurso é desconstruído em seu depoimento quando é afirmado que “[...] eu sempre me dava muito bem, mas isso por conta de um fato da história, da minha história: eu estudei nos melhores colégios que tinha em Recife, tá, públicos, todos público. [...]”<sup>129</sup>.

Convém salientar que a educação pública não possui a mesma qualidade de outrora e, além disso, o investimento em educação seria a solução ideal, contudo essa é uma medida cujo resultado é de longo prazo. Neste sentido, até que atinja a qualidade necessária para que o nível de concorrência se iguale, a discrepância entre brancos e negros continuará grande.

Os que são favoráveis, mas com algumas ressalvas utilizam como principal argumento, além da premissa de que é preciso melhorar a educação, a necessidade de que as cotas tenham um recorte socioeconômico e não racial, como apontado por E09 e E22.

[...] Mas o sistema de cota ele é, eu acho que ele é duvidoso porque foi uma forma de camuflar um pouco, no meu modo de pensar, o investimento no ensino médio.

<sup>127</sup> ELS. **Entrevista 02**. [07 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (09 min. e 56 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>128</sup> GLS. **Entrevista 17**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (05 min. e 52 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>129</sup> AAS. **Entrevista 06**. [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (51 min. e 24 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

Por exemplo, porque hoje as melhores escolas selecionam, às vezes deixam essas pessoas de fora. Então a única opção é a escola pública e as vezes a escola publica ela deixa a desejar, as vezes não oferece o conteúdo todo, as vezes tem que correr com o conteúdo por causa de greve, por falta de professor, que isso acontece muito na rede pública, rede estadual e municipal. Mas eu acho que, pode sim ter esse sistema, mas eu acho que tem que ir junto com o investimento na educação. Porque o sistema de cota não pode ser a única forma de conseguir, de facilitar o acesso do negro ou do pobre ou do índio ou do indígena a... O acesso a universidade. Pode até ter sim o sistema de cota, trazendo até beneficiar, mas primeiramente eu sou a favor do investimento no ensino médio pra haver uma concorrência de igual pra igual.<sup>130</sup>

Eu ainda sou mais favorável às cotas que são de classe, né? De faixa econômica, do que racial, mas eu já mudei muito meu ponto de vista em relação à necessidade que existe, porque, independe da classe econômica, a gente sofre muito preconceito. Então, alguma coisa tem que haver, mas eu te confesso que eu não tenho a leitura correta do sistema, do quê que é o sistema de cotas. Pra mim, ela só não é suficiente, do jeito que é, do jeito que foi lá nos Estados Unidos, do jeito que tá sendo aqui no Brasil, num é o suficiente. Eu gosto muito do que é a universidade hoje, em termo de abertura, de número de pessoas que tem acesso à universidade, mas isso é uma visão geral, num é uma visão só pelo aspecto do negro. É pelo aspecto de todas as minorias que tem um pouco mais... Teve, né, um pouco mais de acesso, mas é como eu disse, a gente ainda tá patinando ainda, ainda tá bastante capenga isso aí.<sup>131</sup>

Curiosamente, estes depoimentos demonstram o desconhecimento das pessoas a respeito do sistema de cotas para ingresso nas instituições de ensinos federais, tendo em vista que, de certa forma, esta lei apresenta um recorte socioeconômico, pois a reserva de vagas é feita primeiro para os alunos de escolas públicas e, somente após, ocorre a reserva considerando o recorte racial.

Essa perspectiva compartilha com a análise de Godoy<sup>132</sup> que afirma que, uma vez que os negros são uma das parcelas da sociedade que possui maior vulnerabilidade econômica, as cotas raciais acabam por tornar-se uma forma de cota social.

Há, ainda, aqueles que são favoráveis às cotas quando aplicadas ao ensino superior, mas não quando aplicadas aos concursos públicos. A este respeito, Lima<sup>133</sup> alega que, ainda que as cotas para ingresso no ensino superior sejam constitucionais, o sistema de cotas para ingresso em cargos e empregos públicos é claramente inconstitucional. Para o autor<sup>134</sup>, existem diversas razões para a inconstitucionalidade da reserva de vagas quando aplicadas aos concursos públicos, como, por exemplo, a criação de cotas raciais sem considerar o perfil

---

<sup>130</sup> CLF. **Entrevista 09**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (08 min. e 23 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>131</sup> MRP. **Entrevista 22**. [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (15 min. e 45 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>132</sup> GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. *Op. cit.*, p. 24.

<sup>133</sup> LIMA, Edilson Vitorelli Diniz. O equívoco brasileiro: cotas raciais em concursos públicos. **RDA – Revista de Direito Administrativo**, Rio de Janeiro, v. 271, p. 281-315, jan./abr. 2016. p. 281.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 295-310.

socioeconômico do candidato e a possibilidade de redução da qualidade do serviço público prestado.

Contudo, Silva e Silva<sup>135</sup> refutam estes argumentos ao assinalar que, embora a forma de ingresso nos cargos públicos pressupõe critérios de neutralidade, os processos educacionais são diferenciados, ou seja, os autores partem da premissa de que a condição socioeconômica da população negra não lhe possibilita o tempo necessário de estudo para se preparar para estes concursos, bem como, o acesso a melhores escolas de nível fundamental e médio e a cursos preparatórios, o que lhes permitiria concorrer em igualdade de condições com os demais candidatos.

Além disso, ainda segundo Silva e Silva<sup>136</sup>, a adoção do sistema de cotas não fere o princípio da meritocracia, uma vez que todos os candidatos, tanto os da reserva de vagas quanto os de ampla concorrência, precisam alcançar a pontuação mínima de classificação. Neste sentido, utilizamos este mesmo argumento para contestar a possibilidade de redução da qualidade do serviço público prestado. Ademais, conforme a Lei n.º 8.112/1990<sup>137</sup>, os servidores públicos federais devem cumprir trinta e seis meses de estágio probatório no qual, dentre outras coisas, é avaliada a aptidão e capacidade para desempenho da função.

Cabe ressaltar, ainda, que inicialmente mesmo o sistema de cotas para ingresso no ensino superior foi considerado como inconstitucional. Sobre isto, Munanga e Gomes<sup>138</sup> destacam que, após o vestibular de 2003 da UERJ, foram impetrados 263 mandados de segurança, sendo que Santos<sup>139</sup> relata que a situação de ilegalidade somente foi solucionada, em abril de 2012, quando o STF decidiu pela constitucionalidade da reserva de vagas para ingresso nas instituições públicas de nível técnico e superior.

É importante salientar que o STF concluiu, em 08 de junho de 2017, o julgamento da Ação Declaratória de Constitucionalidade (ADC) 41<sup>140</sup>, aprovando, por unanimidade, a constitucionalidade do sistema de cotas para ingresso nos cargos e empregos público da Administração Pública Federal direta e indireta.

---

<sup>135</sup> SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. *Op. cit.*, p. 05.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>137</sup> BRASIL. **Lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8112cons.htm)>. Acesso em: 09 set. 2016.

<sup>138</sup> MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Op. cit.*, p. 27.

<sup>139</sup> SANTOS, Adilson Pereira dos. Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro: dos ecos de Durban à Lei das Cotas. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 12, n.º 2, p. 289-317, jul./dez. 2012. p. 296.

<sup>140</sup> BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Declaratória de Constitucionalidade n.º 41/DF – Distrito Federal. Relator: Ministro Roberto Barroso. **Acompanhamento Processual**, 08 junho 2017. Disponível em: <<http://stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?numero=41&classe=ADC&origem=AP&recurso=0&tipoJulgamento=M>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

Entretanto, o maior argumento, dos que são contrários à adoção de políticas de ações afirmativas raciais, continua sendo a impossibilidade de definir claramente a quem estas são destinadas. No tocante a isto, Lima<sup>141</sup> relata que, embora a concepção de raça *humana* não exista biologicamente, historicamente esta foi determinante de exclusões, discriminações e desigualdades sociais, contudo, ao contrário dos EUA, no Brasil não teve segregação racial o que possibilitou a formação de uma nação multicultural e miscigenada. Tal processo dificultou a classificação racial e, conseqüentemente, a aplicação da política de cotas. Todavia, apesar da segregação racial brasileira não ocorrer como um sistema institucionalizado, esta separação acontece de um modo estrutural.

Neste sentido, para Lima<sup>142</sup>, a adoção de critérios fenotípicos é ineficiente pelos motivos apresentados acima, além do fato de nenhuma legislação racial brasileira especificar quais os fenótipos seriam utilizados para determinar se uma pessoa é negra ou não. Ademais, o autor afirma que a adoção do critério genotípico na classificação racial brasileira é igualmente ineficaz e contraditória, uma vez que o preconceito racial brasileiro é baseado em características físicas.

Quanto a isso, Rezende<sup>143</sup> corrobora que, para fins de aplicação de políticas compensatórias, é difícil definir quem é negro no Brasil, restando para isso duas possibilidades: a regularização e definição das raças existentes no país ou a autoidentificação, sendo que no Brasil, optou-se pela adoção da última. Contudo, Heringer<sup>144</sup> relata que este mito de não saber quem é negro, aos poucos foi se desfazendo. A este respeito, Santos<sup>145</sup> reforça este entendimento, uma vez que, nas pesquisas domiciliares do IBGE, os brasileiros não apresentam qualquer dificuldade em autoidentificar-se, utilizando as cinco categorias raciais do Instituto. Portanto, para o autor, não há qualquer dificuldade em reconhecer quem é negro no Brasil, sendo o maior problema brasileiro o não reconhecimento da existência e da prática do racismo e da discriminação.

Durante a realização de uma das entrevistas nas entrevistas percebemos que 16% dos entrevistados apresentaram, no entanto, dificuldade no momento de se autotransclassificar, pois para estes o termo negro é sinônimo da categoria preta. Neste sentido, eles se

---

<sup>141</sup> LIMA, Edilson Vitorelli Diniz. *Op. cit.*, p. 287-288.

<sup>142</sup> *Idem.*

<sup>143</sup> REZENDE, Vanessa Elkhoury. *Op. cit.*, p. 9.

<sup>144</sup> HERINGER, Rosana. Ação afirmativa, estratégias pós-Durban. **Observatório da Cidadania**, p. 55-61, 2002. p. 55. Disponível em: <[http://www.socialwatch.org/sites/default/files/pdf/en/panorbrasileirob2002\\_bra.pdf](http://www.socialwatch.org/sites/default/files/pdf/en/panorbrasileirob2002_bra.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2016.

<sup>145</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. **Ação afirmativa e mérito individual**. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Org.). **Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 86.

autoclassificaram com negros, apesar deste termo ser utilizado para designar o somatório de pretos e pardos. Além disso, o entrevistado E05 nos questionou sobre a categoria parda, pois segundo ele...

[...] eu nunca entendi essa classificação, qu'eu num sei se pardo é cor, né? E meus documentos todos estão como pardo, entendeu? Se não tivesse nos meus documentos como pardo, eu colocaria negro, entendeu? Então, eu preferia que fosse afrodescendente que é mais genérico, entendeu? Então, ela abrangeria um público muito maior, porque meu pai é negro, minha mãe é branca, então eu poderia me encaixar, né, como afrodescendente, entendeu?<sup>146</sup>

Portanto, a despeito dos avanços, percebe-se que a utilização das categorias de cor/raça do IBGE ainda gera certa confusão. Entretanto, também entendemos que a utilização do termo afrodescendente, como sugerido por E05, seria um problema, uma vez que tal termo significa pessoa de origem ou descendência negra ou africana e, possivelmente, em termo genético, todo brasileiro se enquadraria nessa definição.

Outro argumento utilizado pelos críticos ao sistema de cotas é que a adoção deste constituiria uma forma de discriminação reversa, isto é, o preterimento de determinado grupo social em relação a outros, tendo em vista as condições de *igualdade* entre estes grupos e mediante a aplicação de políticas públicas. A este respeito, Santos e Lobato<sup>147</sup> relatam que a igualdade de oportunidades pressupõe tratamento diferenciado, tendo em vista que estas injustiças e desigualdades são historicamente cumulativas e que tratar de maneira igual a desiguais acarretaria o agravamento dessas desigualdades.

De mais a mais, Rezende<sup>148</sup> afirma que, segundo a legislação brasileira, o Poder Judiciário deve realizar o acompanhamento destas leis de caráter compensatório através de critérios de proporcionalidade e razoabilidade a fim de garantir sua constitucionalidade, sendo um destes critérios a reserva parcial de vagas e a adoção temporária destas leis. Ou seja, a fim de que não ocorra a discriminação reversa é realizada a reserva de uma porcentagem mínima de vagas e por um período determinado, que no caso das Leis n.º 12.711/2012 e n.º 12.990/2014 é de 10 (dez) anos<sup>149</sup> a contar de suas promulgações, no fim do qual devem ser realizadas avaliações para determinar a necessidade ou não de continuar com a utilização destas políticas, isto é, se o objetivo das mesmas foi alcançado.

---

<sup>146</sup> AJCM. **Entrevista 05**. [08 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (20 min. e 19 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>147</sup> SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Org.). **Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 09.

<sup>148</sup> REZENDE, Vanessa Elkhoury. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>149</sup> Cabe destacar que, em relação à Lei n.º 12.711/2012, decorridos os 10 (dez) anos será realizada uma revisão do programa de acesso às instituições de educação superior.

Diante do exposto, faz-se necessário analisar a representatividade dos negros na Administração Pública Federal e na educação superior a fim de não só quantificá-los nestes espaços, mas oferecer dados ao governo federal capazes de subsidiar a aplicabilidade e efetividade das políticas públicas implementadas. Neste sentido, no próximo capítulo foi realizada uma apresentação sobre o contexto de criação das universidades públicas brasileiras e de como o sistema educacional adotado no país promoveu, conscientemente ou não, uma evidente segregação racial neste ambiente. Além disso, a fim de evidenciarmos esta situação, foram apresentados os dados oficiais de autoclassificação racial dos servidores e dos estudantes da Universidade Federal de Viçosa, disponibilizados pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP) e pela Diretoria de Registro Escolar (RES).

## CAPÍTULO II

# REPRESENTAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO SUPERIOR: A SUB-REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NESTE ESPAÇO

Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, incasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Lélia Gonzalez<sup>150</sup>

A epígrafe que abre este capítulo nos remete à ideia de que existe uma clara segregação racial do espaço e que, normalmente, o lugar que o negro tem ocupado corresponde a espaços estigmatizados, marginalizados e estereotipados. E mesmo, ao alcançarem mobilidade social, esta divisão do espaço continua. Tal perspectiva é analisada por Figueiredo<sup>151</sup> que relata como os negros pertencentes à classe média, por possuírem condição econômica melhor, sentem-se constrangidos e deslocados em determinadas ocasiões e situações. Em outras palavras, no imaginário social existe, ainda que de forma dissimulada, qual o lugar que o negro deve ocupar na sociedade.

Faz-se importante ressaltar que mesmo no período da escravidão e do pós-abolição houve essa segregação espacial com o surgimento de vários territórios negros, como demonstrado por Rolnik<sup>152</sup> que cita exemplos de alguns desses territórios, a saber: a senzala enquanto espaço e rede de solidariedade e autopreservação; o pátio da senzala, transformado em terreiro, onde eram realizados ritos e celebrações; os quilombos, mercados e irmandades religiosas. A autora aponta, ainda, que foi através da configuração dos pátios da senzala como terreiros para as celebrações, que este se tornou componente essencial no ordenamento dos territórios negros nas cidades, na forma de terreiros de candomblé, de samba, etc.

Entretanto, com a abolição da escravatura houve uma reconfiguração do espaço rural e urbano que ocasionou a desterritorialização do negro, ou seja, os negros deixaram de ocupar

---

<sup>150</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>151</sup> FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos Pagu**, n.º 23, p.199-228. Campinas: jul/dez. 2004. p. 201.

<sup>152</sup> ROLNIK, Raquel. Territórios Negros: Etnicidade e Cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, n.º 17, [n/p], 1989. Disponível em <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territe3b3rios-negros.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

os territórios outrora ocupados enquanto escravos e também perderam seu valor enquanto mão de obra livre, sendo este fenômeno intensificado pela política de imigração e branqueamento da população brasileira que contribuiu para o surgimento de novas territorialidades.

Por conseguinte, os negros, agora na condição de livres, passaram a ocupar espaços subalternos e marginalizados, ainda que muitos destes novos territórios possam ser considerados como constituição de novas resistências, a exemplo dos terreiros de candomblé e umbanda, os clubes, favelas, escolas de sambas etc. Em outras palavras, é o fenômeno da desterritorialização (destituídos de seu território, enquanto escravizados) e da (re)territorialização (constituição de novos territórios, enquanto libertos), como bem nota Haesbaert:

Desterritorialização, se é possível utilizar a concepção de uma forma coerente, nunca “total” ou desvinculada dos processos de (re)territorialização, deve ser aplicada a fenômenos de efetiva instabilidade ou fragilização territorial, principalmente entre grupos socialmente mais excluídos e/ou profundamente segregados e, como tal, de fato impossibilitados de construir e exercer efetivo controle de seus territórios, seja no sentido de dominação político-econômica, seja no sentido de apropriação simbólico-cultural.<sup>153</sup>

A partir da década de 1920, conforme apresentado no Capítulo I, este contexto de exclusão/desterritorialização social começa a ser modificado devido à mobilização de diversas organizações e associações negras que se estruturaram com o intuito de garantir a inserção do negro na sociedade brasileira, sendo, sua principal demanda, o direito à educação formal. Essa foi a principal bandeira da Frente Negra Brasileira que, segundo Santos<sup>154</sup>, além de cursos de alfabetização e educação de adultos, oferecia ensino fundamental (as quatro séries que compunham o ensino primário), aulas de língua estrangeira, música e cursos preparatórios para ingresso em outros níveis educacionais.

Assim que, o fato das organizações negras ofertarem, por conta própria, cursos educacionais demonstra, conforme veremos no tópico seguinte, que esse bem público não estava disponível para a “população de cor” e, os efeitos nocivos dessa inacessibilidade podem ser sentidos ainda hoje. Isso foi comprovado pelos dados do IPEA, conforme

---

<sup>153</sup> HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 312.

<sup>154</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 69.

apresentado por Silva<sup>155</sup>, em que se registram diferenças raciais no acesso a serviços públicos, a exemplo da educação, e ao mercado de trabalho.

Esse mesmo panorama de exclusão marcou e ainda marca as instituições de ensino superior brasileiras, onde, em seus primórdios, foi possível perceber uma presença maciça de uma elite branca, sendo, atualmente, essa exclusão caracterizada pela ausência ou sub-representação de negros e negras em cargos e cursos ditos de maiores prestígios. Acrescenta-se a essa análise o ponto de vista de Haesbaert de que:

[...] toda exclusão social, é também, em algum nível, exclusão socioespacial e, por extensão, exclusão territorial - isto é, em outras palavras, “desterritorialização”. Desterritorialização, aqui, é vista em seu sentido “forte”, ou aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como *exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membro de uma sociedade*.<sup>156</sup>

Portanto, compreendendo que a lógica de divisão social engendrou o nascimento de espaços segregados, qual seja, uma nova territorialização da desigualdade, surgiram territórios negros que entendemos como espaços sociais, construídos na coletividade, pelos negros. E, tendo como espaço a Universidade Federal de Viçosa, partindo da premissa que na instituição também houve este fenômeno da segregação/exclusão racial, buscamos mapear quais são os territórios negros dentro deste espaço.

Ainda sob essa lógica da segregação, cabe destacar que as respostas ao questionário nos permitiram presumir, ainda, os lugares periféricos ocupados pelos negros na cidade de Viçosa, dado que dos 52 servidores negros<sup>157</sup>, 50% residem em bairros considerados periféricos, tais como São Sebastião, Santo Antônio, Bom Jesus, São José do Triunfo, Fátima, Nova Era, Santa Clara e São José. Salienta-se que 05 servidores, 02 pertencentes ao nível médio e 03 docentes, residem em periferias com alta valorização imobiliária, que são os bairros João Braz, Liberdade e Silvestre. Além disso, deste total de servidores que residem em bairros periféricos, 50% residem em imóveis próprios, cedidos ou financiados e, destes, 73% são servidores ocupantes de cargos de nível fundamental ou médio.

---

<sup>155</sup> SILVA, Tatiana Dias. **Panorama social da população negra**. In: SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira. (Org.). **Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes**. Brasília: IPEA, 2013, *passim*. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_igualdade\\_racialbrasil01.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_igualdade_racialbrasil01.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2016.

<sup>156</sup> HAESBAERT, Rogério. *Op. cit.*, p. 315. Grifos do autor.

<sup>157</sup> Obtivemos um total de 97 servidores autodeclarados negros. Deste total, hetero classificamos 20 servidores como brancos, 52 como pretos ou pardos e 25 que não foi possível hetero identificar, pois não conseguimos encontrar fotografias dos mesmos nos sites pesquisados.

Ao passo que no que toca aos espaços ocupados por estes sujeitos dentro da UFV, é interessante salientar que, mesmo entre os entrevistados, existe esse pressuposto de quais espaços os negros ocupam ou não na instituição, como demonstrado na entrevista de E19 e E20:

Eu fico imaginando que deve ser nesses setores... Num sei, eu tenho medo de ser... Né? De tá partindo de algum preconceito. Mas, aonde que eu vejo mais? Foi muito engraçado isso: um dia desse eu tava indo pra Ponte Nova, aí no caminho tinha um pasto, cheio de gente trabalhando no pasto, eu olhei eram todos negros. Aí eu ainda falei com meu marido, olha aqui 'P[REDACTED]', isso não pode ser coincidência. Todos os trabalhadores que tão aqui agora no... Cuidando dos animais que são negros! Como assim?' Então aqui também, querendo ou não, onde que eu já vi muito negro: eu já vi no refeitório, parques e jardins, onde que eles ficam mais visíveis, né? Fora isso eu já vi no prédio principal, tô lembrando do Lauro lá, tinha uma outra menina que já aposentou. Ó, por exemplo, na minha Pró-Reitoria, que é a Pró-Reitoria de Extensão, tô lembrando aqui, deve ser o Mário que é contínuo, o Simeão que é contínuo... Aí também cê num sabe como é que a pessoa se vê, né? Mas, tô falando da minha percepção. Então, assim... Não, então eu vou reduzir, na Divisão de Extensão, negro... Eu, talvez seja só eu. E o... Num sei se a V[REDACTED] aquela da ASAV se percebe como negra, mas talvez seja só eu. E aí na... Tô pensando assim, da PEC naqueles lugares que eu circulo mais, além de mim, os outros dois negros, que eu conheço, são os dois contínuos. Eu acho que é a dificuldade, mesmo, desse acesso à formação, né? É... Eu acho que é isso, assim, do lugar na pirâmide social que eles tão, que tipo de acesso eles conseguem fazer. Acho que a minha história, ela é um pouco diferente porque assim eu sou de família muito pobre, mas minha mãe era professora primária e isso, querendo ou não, me colocou num outro lugar, né? Eu tinha restrição financeira, orçamentária, mas eu tinha acesso a muita coisa, né, pela profissão da minha mãe. Então, eu acho que isso faz a diferença.<sup>158</sup>

Assim, eu nunca parei pra pensar muito em relação aos departamentos em si, mas eu vejo que a área administrativa é, sobretudo, quando você vai ascendendo em termos de hierarquia, isso vai diminuindo. Então, quando eu falo da Divisão de Parques e Jardins concentrar mais é como se eu tivesse pensando numa escala de importância social, assim, né? Entre aspas. Então, cê pega as pessoas que cuidam de jardins, que limpam a universidade e você pega quem administra a universidade, sobretudo nos cargos mais altos, cê num tem é... Basta ver uma foto de reunião de pró-reitores que cê num vai ver. Então, assim, quando a gente faz uma radiografia em termos de hierarquia, aí você vê que nos departamentos ou lá nas Pró-Reitorias você vai ter fatalmente menos. E quando você tem, também, são auxiliares, são assistentes, dificilmente cê vai ter alguém na chefia, assim. É, cê num vai ter, então... Eu num conseguiria dizer um departamento em si, mas eu acho que mais em termos de hierarquia, mesmo. Novamente, assim, é só transportar o que a gente vive fora da universidade, assim. A universidade não é um universo a parte da sociedade, então, aqui a gente também tem uma representação do que a gente tem fora daqui, em termos sociais, assim. Cê passa das 4 pilastras, cê vai fazer uma radiografia quem é que varre as ruas, quem é lixeiro, quem tá nos serviços essenciais e você pega os cargos de administração da prefeitura ou as lojas. Quem são os empresários, quem são os maçons, quem são essa gente? Num são pessoas negras, assim. Então, isso é muito claro. E às vezes as pessoas fala 'ah, mas tem Fulano'. 'Tá que ótimo que cê consegue enxergar uma pessoa', mas isso num é um, sabe, num é uma realidade isso aí. Até em número de professores, mesmo, eu fico pensando assim, a gente tem pouquíssimos professores negros, assim. É, talvez hoje a gente tenha um pouco mais de alunos e alunas, mas professores e professoras, não, sabe? Talvez essas políticas que a gente tem visto transformem, um pouco essa realidade, assim. Mas também

---

<sup>158</sup> ISG. **Entrevista 19**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (19 min. e 13 seg.).

num acho que vai ser nada demais que a gente num teve nenhuma mudança, assim, estrutural, sabe? A gente teve algumas políticas que favoreceram, corrigiram algumas coisas, mas nada de mais, assim.<sup>159</sup>

A fala de E19 e E20 demonstra que tanto na universidade quanto na sociedade, de modo geral, os espaços ocupados pelos negros continuam sendo estereotipados e/ou subalternizados, no que podemos chamar de uma discriminação socioespacial. Esses depoimentos nos remetem ao fato de que, salvo algumas exceções, essa realidade de segregação e exclusão social e de sub-representação em espaços privilegiados também é vivenciada pelos negros pertencentes ao quadro funcional e estudantil da Universidade Federal de Viçosa e que, inclusive, suas repercussões extrapolam a comunidade acadêmica e refletem na sociedade civil.

Há que se destacar que, se considerarmos o contexto de surgimento e evolução das universidades brasileiras, existe uma hipótese para o fato de estas serem espaços sociais e hierarquicamente excludentes, o que discutiremos no tópico a seguir.

## **2.1. A educação superior enquanto um espaço social e hierárquico**

Com o advento das políticas de cotas raciais passou a se propagar pela sociedade, e no interior da comunidade universitária, o argumento de que as ações afirmativas deveriam ter sido propostas considerando os aspectos sociais e não raciais. Em outras palavras, o postulado de que a disparidade de acesso à educação superior é resultado das discrepâncias econômicas entre classes sociais.

Para desconstruir esta narrativa, demonstramos a seguir como a história da educação do negro no Brasil contradiz esses argumentos. Convém ressaltar que nosso enfoque visa problematizar os mecanismos históricos utilizados para limitar o acesso do negro à educação formal e as formas como essa restrição produziu efeitos em sua inserção no ensino superior e, também, no mercado de trabalho.

Segundo Schwarcz<sup>160</sup>, a história institucional brasileira é recente e iniciou-se com a vinda da coroa portuguesa para o Brasil, uma vez que, antes disso, o ensino na colônia caracterizava-se como rudimentar e era ministrado pelos jesuítas.

---

<sup>159</sup> FJPN. **Entrevista 20**. [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (24 min. e 52 seg.).

<sup>160</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 31-32.

De acordo com Mendonça<sup>161</sup>, os colégios jesuítas ministravam o curso de artes e o de teologia, sendo que este sistema de ensino encerrou-se com sua expulsão, em 1759. Silva e Araújo<sup>162</sup>, por sua vez, assinalam que a educação jesuíta destinava-se à “domesticação” dos indígenas e que a educação no sistema escravocrata era realizada através de aulas avulsas, sendo que isso só se modificou com a chegada da coroa portuguesa.

A educação no sistema escravocrata, diferentemente da primeira [jesuíta], é caracterizada pela substituição dos cursos seriados por aulas avulsas, ministradas por professores improvisados. Esta situação mantém-se até 1808, quando a Coroa Portuguesa instala-se no Brasil e as disciplinas avulsas são transformadas em cursos “menores” e “maiores”, primário-secundário e superior, respectivamente.<sup>163</sup>

Segundo Martins<sup>164</sup>, ainda em 1808 foram criados os primeiros cursos médicos-cirúrgicos, em Salvador e no Rio de Janeiro, respectivamente, e a Academia da Guarda Marinha, também no Rio de Janeiro que se destinava a formar oficiais. O autor ressalta que estas faculdades visavam à garantia de prestígio social e acesso a um limitado mercado de trabalho, portanto, a criação de universidades não era do interesse das classes sociais privilegiadas.

No decorrer do século XIX, sem um sistema de educação no Brasil, orientadores e professores eram pagos por particulares para preparar os filhos da elite em suas próprias casas para estudarem em universidades europeias ou nas escolas superiores criadas por D. João VI no início do século. Cursos superiores de Medicina, Direito, Engenharia e de Academias Militares são instalados no Brasil com a vinda da Coroa Portuguesa e a elevação da colônia à condição de Reino Unido junto a Portugal, para atender às elites brancas escravocratas.<sup>165</sup>

Deste período, antes de qualquer coisa, há que destacar que, de acordo com Silva e Araújo<sup>166</sup>, os escravos eram proibidos de frequentarem a educação formal, uma vez que esta se destinava aos cidadãos brasileiros, sendo que, pela Constituição Federal de 1824, os

---

<sup>161</sup> MENDONÇA, Tânia Regina Broeitt. **Brasil: o ensino superior às primeiras universidades (Colônia–Império–Primeira República)**. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel/PR: UNOESTE, [n/p], 13 a 15 de outubro de 2005. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/poster/educacao/pedu07.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

<sup>162</sup> SILVA, Geraldo da Silva; ARAÚJO, Márcia. **Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas**. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. p. 67-68. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia\\_educacao\\_negro.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2015.

<sup>163</sup> *Idem*.

<sup>164</sup> MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 17, suppl. 3, p. 04-06. São Paulo: 2002. p. 04.

<sup>165</sup> CARDOSO, Nádia Maria. **Instituto Steve Biko: juventude negra mobilizando-se por políticas de afirmação dos negros no ensino superior**. 2005. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010. p. 43. Disponível em: <[http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2006/nadia\\_maria\\_cardoso.pdf](http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2006/nadia_maria_cardoso.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

<sup>166</sup> SILVA, Geraldo da Silva; ARAÚJO, Márcia. *Op. cit.*, p. 68.

escravos não eram considerados brasileiros. Os autores citam, ainda, o Decreto n.º 1.331A, de 17 de fevereiro de 1854, que estabelecia que as crianças escravas não poderiam ser matriculadas nas escolas públicas do país e não previa a instrução de adultos.

Convém ressaltar, como bem nota Schwarcz, que foi no interior destas instituições que se desenvolveram as teorias raciais excludentes com o intuito de “[...] justificar, por meio da raça, hierarquias sociais consolidadas”<sup>167</sup>. Salienta-se que, como apontado por Silva e Araújo<sup>168</sup>, estes cursos visavam à formação da elite dominante, uma vez que possuíam tarifas altíssimas. Em outras palavras, mesmo que escravos e libertos nascidos em solo brasileiro pudessem frequentar estas faculdades, estes não possuíam capital para custear estes cursos.

Santos<sup>169</sup>, por seu turno, afirma que o fim do sistema escravista não garantiu a inserção, igualitária, do negro na sociedade, sendo, portanto, as desigualdades raciais e sociais, o principal eixo de lutas dos grupos organizados. De modo igual, Carvalho<sup>170</sup> complementa que não houve investimentos, por parte do estado brasileiro, na qualificação dos ex-escravos e, ao contrário, a preocupação nesse contexto era branquear a população brasileira através do incentivo e suporte à imigração europeia.

Portanto, sob a égide desse processo de branqueamento é que surgiram as primeiras universidades brasileiras. De acordo com Mendonça<sup>171</sup>, de 1909 a 1927 foram criadas cinco universidades, três que tiveram curta duração e duas bem sucedidas que perduram até hoje, a saber: Universidade de Manaus (1909 a 1920), Universidade de São Paulo (1911 a 1917), Universidade do Paraná (1912 a 1915), Universidade do Rio de Janeiro (1920) e a Universidade de Minas Gerais (1927), em Belo Horizonte.

Martins<sup>172</sup> relata que, em 1931, o governo de Getúlio Vargas promoveu uma reforma educacional que autorizou e regulamentou o funcionamento das universidades, entretanto, tal reforma além de não garantir o ensino superior público gratuito, pois permitia a cobrança de anuidades pelas instituições, também permitiu o funcionamento de escolas isoladas e instituições privadas. De acordo com Durham<sup>173</sup>, de 1930 a 1945, o sistema universitário brasileiro cresceu muito lentamente, sendo criadas apenas três universidades, todas públicas,

---

<sup>167</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*, p. 315.

<sup>168</sup> SILVA, Geraldo da Silva; ARAÚJO, Márcia. *Op. cit.*, *loc. cit.*

<sup>169</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>170</sup> CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Attar, 2011. p. 19.

<sup>171</sup> MENDONÇA, Tânia Regina Broeitt. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>172</sup> MARTINS, Antonio Carlos Pereira. *Op. cit.*, p. 05.

<sup>173</sup> DURHAM, Eunice Ribeiro. **Educação superior, pública e privada**. In: BROOCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon. (Org.). **Os desafios da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005. p. 199-200. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/Sumario.html>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

sendo que na Segunda República (1945-1964) este ritmo lento de expansão continuou e na década de 1960 houve a formação de uma rede de universidades federais e a criação da primeira universidade católica, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A autora relata que, a partir de 1945, a demanda pela democratização do acesso à universidade e, também, por uma nova gestão universitária foram as principais reivindicações dos movimentos estudantis e militantes intelectuais. A este respeito, Martins afirma que:

O período de 1945 a 1968 assistiu à luta do movimento estudantil e de jovens professores na defesa do ensino público, do modelo de universidade em oposição às escolas isoladas e na reivindicação da eliminação do setor privado por absorção pública. Estava em pauta a discussão sobre a reforma de todo o sistema de ensino, mas em especial a da universidade. As principais críticas ao modelo universitário eram: a instituição da cátedra, a compartimentalização devida ao compromisso com as escolas profissionais da reforma de 1931 (que resistiam à adequação e mantinham a autonomia), e o **caráter elitista da universidade**. O catedrático vitalício, com poderes de nomeação ou demissão de auxiliares, era tido como empecilho à organização de uma carreira universitária e passou a simbolizar a rigidez e o anacronismo. **O elitismo se refletia no atendimento de parcela mínima da população, sobretudo dos estratos mais privilegiados.**<sup>174</sup>

De 1964 a 1980, conforme Durham<sup>175</sup>, com o Golpe Militar houve uma forte repressão aos movimentos estudantis e grande controle na gestão universitária, ainda que, em 1968, a reforma universitária promovida pelo governo militar tenha atendido algumas das reivindicações desses movimentos. Ainda segundo a autora, a partir da década 1970, durante o chamado milagre econômico, houve uma maior demanda pelo ensino superior resultado do enriquecimento da classe média, bem como, maiores investimentos na educação por parte do governo federal.

É neste contexto que, de acordo com Cardoso<sup>176</sup>, o Movimento Negro passa a denunciar o mito da democracia racial como fundamento das desigualdades no acesso à educação e no desempenho escolar. Portanto, o acesso à educação, especificamente, ao ensino superior, passou a ser a bandeira deste Movimento a partir da década de 1970, conforme anteriormente apresentado no Capítulo I.

Diante desta conjuntura, percebe-se que a história da universidade enquanto um espaço social e hierarquicamente segregado relaciona-se às circunstâncias sociais e políticas que marcaram a sua criação e expansão. A sub-representação do negro neste espaço e, principalmente, nos cursos e cargos de maiores prestígios pode estar relacionada à interdição histórica do seu acesso à educação formal de qualidade, processo como visto vinculado às

---

<sup>174</sup> MARTINS, Antonio Carlos Pereira. *Op. cit., loc. cit.* Grifos nossos.

<sup>175</sup> DURHAM, Eunice Ribeiro. *Op. cit.*, p. 201-208.

<sup>176</sup> CARDOSO, Nádya Maria. *Op. cit.*, p. 44.

teorias raciais do século XIX e que, de certa maneira, se reproduziriam ao longo da história das instituições.

Por fim, após este panorama do contexto de criação da universidade brasileira, apresentamos a seguir um relato da gênese da Universidade Federal de Viçosa, foco deste estudo, com o intuito de demonstrarmos que o processo de exclusão do negro na instituição não foi diferente.

## 2.2. Universidade Federal de Viçosa: apresentação e histórico

A Universidade Federal de Viçosa situa-se na Zona da Mata Mineira, na cidade de Viçosa/MG, que segundo o Censo 2010 do IBGE possui 72.220 habitantes, dos quais 37.924 são negros (agrupando as categorias preta e parda).

Cabe destacar que, segundo Paniago<sup>177</sup>, a colonização da região deu-se, devido ao esgotamento das jazidas de ouro nas zonas auríferas (Ouro Preto, Mariana e Piranga) que resultaram na vinda de bandeirantes, à princípio em busca de novas minas e, posteriormente, de melhores terras para a agricultura.

Nesta mesma perspectiva, Valverde<sup>178</sup> relata que a cafeicultura exerceu um papel primordial no povoamento desta região, possibilitando o surgimento de fazendas, povoados e vilas, sendo que Costa<sup>179</sup> aponta que, de acordo com a Lista Nominativa de Habitantes de 1831, o povoado era habitado por uma maioria parda e crioula, que correspondiam a 62% da população, dos quais 30% eram escravizados, em outras palavras, desde seus primórdios a cidade era habitada por uma maioria negra.

É oportuno frisar que, por situar-se em uma região que teve grande aporte de escravos, a cidade continua composta por uma população predominantemente negra e este estudo teve por intuito verificar se esta realidade se reflete na composição dos estudantes e servidores da Universidade Federal de Viçosa, isto é, se tal grupo está representado, de modo significativo ou não, na UFV. Sublinha-se que a instituição foi criada, como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), pelo então presidente de Minas Gerais, Arthur da Silva

---

<sup>177</sup> PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: Editora UFV, Imprensa Universitária, 1990. p. 51.

<sup>178</sup> VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, nº 1, p. 3-79. Rio de Janeiro: 1958. p. 27. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1958\\_v20\\_n1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1958_v20_n1.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

<sup>179</sup> COSTA, Fernando Antônio Alves da. Riqueza e escravidão em uma localidade da Zona da Mata Mineira - Santa Rita do Turvo 1850/59. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**, v. 8, no 15, p. 30-50. Juiz de Fora: jul/dez. 2013. p. 32. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Artigo-para-Heera-Rev.-da-UFJF\\_-IIpara-pdf.pdf](http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Artigo-para-Heera-Rev.-da-UFJF_-IIpara-pdf.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Bernardes, por meio do Decreto n.o 6.053, de 30 de março de 1922, sendo que sua inauguração data de 28 de agosto de 1926.

Um fato relevante é que a instituição foi inaugurada 38 anos após a abolição da escravatura e, tendo em vista que a atividade econômica predominante na região era a cafeicultura e que aqui existiram ex-escravos e descendentes destes, podemos inferir que, possivelmente, estes trabalharam na construção de grande parte dos edifícios que compuseram a antiga ESAV.

Convém ressaltar que não foi possível comprovar essa assertiva através de documentos escritos, uma vez que à época a informação racial não era coletada. Entretanto, através da análise das fotografias deste período, a exemplo da Figura 1, utilizando as características fenotípicas dos servidores, seria possível atestar esta hipótese. Todavia, este não é foco do nosso trabalho.



**Figura 1:** Funcionários da ESAV com Bello Lisboa (Década de 1920).

**Fonte:** Arquivo Central e Histórico da UFV.

Há que se destacar que, segundo Paniago<sup>180</sup>, a ESAV foi constituída com o intuito de formar indivíduos críticos para atuação e melhoria do setor agrícola do estado. Para tanto,

---

<sup>180</sup> PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Op. cit.*, p. 147 e 151.

privilegiou-se o conceito de aprender fazendo, isto é, o ensino na prática. Assim, outra hipótese que podemos levantar, principalmente a partir dos anos de 1960, quando se iniciou a política de modernização do campo (Revolução Verde), é que a instituição tornou-se um espaço estratégico para o desenvolvimento da agricultura, sendo implementadas políticas que se destinavam a receber grandes produtores agrícolas e seus filhos.

Uma evidência disso foi a promulgação da Lei n.º 5.465/1968<sup>181</sup>, apelidada de “Lei do boi”, que determinava a reserva de vagas nas escolas de ensino médio agrícolas e escolas superiores de Agricultura e Veterinária públicas para agricultores e filhos de agricultores, independente de possuírem ou não terras, sendo 50% das vagas para os que residissem na zona rural e 30% para os que residissem na cidade.

A este respeito Magalhães<sup>182</sup> ressalta que, ao que tudo indica, no caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a partir da segunda metade da década de 1970, a referida lei foi uma estratégia para garantir privilégios de determinados grupos relacionados à agropecuária e para manutenção desses privilégios pela classe agrária dominante.

No tocante à ESAV, Magalhães<sup>183</sup> relata que, devido à notória expansão e reconhecimento alcançado pela mesma, esta foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), por meio da Lei n.º 272, de 13 de novembro de 1948, sendo que sua instalação oficial na cidade de Viçosa se deu pelo Decreto n.º 3.211, de 25 de maio de 1950. O autor afirma, ainda, que a UREMG alcançou um extraordinário crescimento em todas as áreas.

Em 08 de maio de 1969, a UREMG foi federalizada pelo governo federal e, sob a forma de Fundação, tornou-se Universidade Federal de Viçosa. Registre-se que, conforme Magalhães<sup>184</sup>, a federalização da UREMG ocorreu em duas etapas: a primeira, através da Lei n.º 1.254, de 04 de dezembro de 1950, que tratava do sistema federal de ensino superior e incluiu a instituição no rol de estabelecimentos mantidos pelo governo federal e, a segunda, por meio do Decreto n.º 64.825, de 15 de julho de 1969.

---

<sup>181</sup> BRASIL. **Lei n.º 5.465, de 03 de julho de 1968**. Dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L5465.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5465.htm)>. Acesso em: 03 out. 2016.

<sup>182</sup> MAGALHÃES, Wallace Lucas. **A “Lei do boi” como estratégia da burguesia rural: o caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1968-1985)**. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. p. 162-162-163. Disponível em: <<http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/pphr/files/2015/05/Wallace-Lucas-Magalh%C3%A3es-Disserta%C3%A7%C3%A3o.compressed.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2016.

<sup>183</sup> MAGALHÃES, Edson Potsch. **Fatos Históricos**. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa: Editora UFV, 2006. p. 96.

<sup>184</sup> MAGALHÃES, Edson Potsch. *Op. cit.*, p. 105-111.

Vale destacar que segundo o autor, a primeira etapa da federalização surpreendeu aos dirigentes da UREMG, pois a instituição não foi previamente consultada a este respeito, além do pouco tempo desde sua criação enquanto órgão estadual (apenas 2 anos), e, uma vez que se pretendia que a UREMG se expandisse e se consolidasse como uma grande universidade estadual. Neste sentido, a proposta de federalização foi estudada por uma comissão formada para este fim e votada em reunião, realizada em 14 de janeiro de 1952, na qual estiveram presentes 26 professores da ESAV, sendo a proposta recusada e, mediante a promulgação da Lei n.º 2.470, de 28 de abril de 1955, a instituição continuou a ser estadual, mas recebendo subsídios federais. A segunda etapa do processo de federalização ocorreu por interesse da própria instituição, em vista da grande expansão da universidade e da falta de recursos do estado para mantê-la, ocasionando inclusive em atrasos nos pagamentos dos servidores.

Ressaltamos que a prevista expansão da instituição, planejada desde sua estadualização, em 1948, se concretizou, posto que desde sua federalização até o ano de 2015, a UFV, apresentou um crescimento significativo, logrando reconhecimento nacional e internacional, com a criação de 27 cursos de graduação, 48 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado ou doutorado, e a construção de diversos edifícios.

Conquanto, o que nos interessa aqui é a expansão que ocorreu na UFV - *Campus Viçosa* a partir de 1980, década em que, concomitantemente, inicia-se a nível nacional, a disseminação das discussões a respeito da temática racial, da sub-representação do negro nos diversos setores da sociedade e da necessidade de garantir a inserção do mesmo no espaço universitário. Nesta senda e com o objetivo de evidenciarmos esta ausência e/ou sub-representação, apresentamos nos tópicos subsequentes os dados relativos à autotransclassificação racial dos servidores e estudantes da Universidade Federal de Viçosa.

### **2.3. Formas de representação social do negro**

Segundo Halbwachs<sup>185</sup>, a memória coletiva diz respeito às nossas lembranças enquanto sujeitos de determinado grupo social, isto é, relaciona-se com nosso convívio social e as construções cognitivas resultante desta convivência. Para o autor,

[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso porque jamais estamos sós... (a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas). Em outras

---

<sup>185</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 41-43.

palavras, existe uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior [...]<sup>186</sup>

A representação, portanto, é resultado de nossa convivência enquanto grupo/comunidade. Isto implica em que a representação sempre está vinculada a algo ou alguém e, em nossa conjuntura, diz respeito à posição que determinado grupo (os negros) ocupa na sociedade, isto é, na Universidade Federal de Viçosa.

Jodelet<sup>187</sup> complementa que a representação social diz respeito ao conhecimento de sentido comum, ou seja, o saber específico e não científico, que são manifestados através de processos resultantes das relações sociais, sendo, portanto, considerado uma forma de pensamento social.

Así pues, la representación social nos sitúa en el punto donde se intersectan lo psicológico y lo social. Antes que nada concierne a la manera cómo nosotros, sujetos sociales, aprehendemos los acontecimientos de la vida diaria, las características de nuestro medio ambiente, las informaciones que en él circulan, a las personas de nuestro entorno próximo o lejano. En pocas palabras, el conocimiento <<espontáneo>>, <<ingenuo>> que tanto interesa en la actualidad a las ciencias sociales, ese que habitualmente se denomina *conocimiento de sentido común*, o bien *pensamiento natural*, por oposición al pensamiento científico. Este conocimiento se constituye a partir de nuestras experiencias, pero también de las informaciones, conocimientos, y modelos de pensamiento que recibimos y transmitimos a través de la tradición, la educación y la comunicación social. De este modo, este conocimiento es, en muchos aspectos, un *conocimiento socialmente elaborado y compartido*.<sup>188</sup>

A esse respeito, segundo Moscovici<sup>189</sup>, a representação social se relaciona aos intercâmbios simbólicos desenvolvidos continuamente em nossos relacionamentos interpessoais e espaços sociais e à forma como estes influem sobre nossa cultura, ou seja, sobre a construção de nosso conhecimento compartilhado. Como coloca o autor:

... a Representação Social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes da imaginação.<sup>190</sup>

A representação social busca, portanto, descobrir como o convívio social influencia na formação de conceitos, na construção de conhecimento e na padronização de comportamentos. No campo das relações étnico-raciais, o que normalmente ocorre, é a elevação de um grupo em detrimento de outro, o que resulta em teorias sociais estereotipadas

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 30 e 61.

<sup>187</sup> JODELET, Denise. **La representación social: fenómenos, concepto y teoría**. In: MOSCOVICI, Serge. (Org.). **Psicología Social**. p. 469--494. Barcelona: Paídos, 1985. p. 473. Disponível em: <<https://sociopsicologia.files.wordpress.com/2010/05/rsociales-djodelet.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

<sup>188</sup> *Idem*. Grifos da autora.

<sup>189</sup> MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 25-26.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 28.

e excludentes. Para mais, nos espaços acadêmicos ainda é perceptível a ausência ou invisibilidade destes sujeitos em alguns cargos e cursos.

Segundo Jodelet, a construção de representações sociais é um fenômeno que ocorre naturalmente em diversas ocasiões, pois “[...] Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais ou espaciais”<sup>191</sup>. Além disso, Jodelet<sup>192</sup> sublinha que a comunicação é essencial para as representações, pois é dela que todo conteúdo representativo é transmitido, além de ser por meio dela que as representações são criadas e propagadas.

Entretanto, convém destacar que, geralmente, os discursos, imagens e documentos produzidos em determinado espaço legitimam e perpetuam as representações sociais construídas pelos grupos socialmente hegemônicos, representações estas que, na maioria das vezes, invisibilizam outros grupos.

Deste modo, entender quais os referenciais e dinâmicas envolvidas na construção de representações sociais pertinentes às relações étnico-raciais pode relacionar-se à análise das diversas formas como o negro está presente ou ausente em determinados espaços, assim como, quais discursos e imagens são vinculados a estes sujeitos ou qual percepção que estes atores têm a este respeito. Em outras palavras, quais práticas sociais eliminam, legitimam e/ou reproduzem discriminações e/ou hierarquizações sociais.

[...] as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos diversos (alguns, às vezes, estudados de modo isolado): informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob uma aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade.<sup>193</sup>

Por conseguinte, apreende-se a representação social como uma ferramenta para a construção da identidade, uma vez que é através dos processos simbólicos de construção/reconstrução de significações sociais semelhantes ou dissímeis que os indivíduos estabelecem relações de pertencimento a determinado grupo.

A representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito. Esta atividade pode remeter a processos cognitivos — o sujeito é então considerado de um ponto de vista epistêmico — assim como a mecanismos intrapsíquicos (projeções fantasmáticas, investimentos pulsionais,

---

<sup>191</sup> JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-18.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 21.

**identitários**, motivações etc.) — o sujeito é considerado de um ponto de vista psicológico. Mas a particularidade do estudo das representações sociais **é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais, do sujeito**. [...] Por outro lado, ela também pode relacionar-se à atividade mental de um grupo ou de uma coletividade, ou considerar essa atividade como o efeito de processos ideológicos que atravessam os indivíduos.<sup>194</sup>

Portanto, podemos concluir que, enquanto construção social, as representações podem ser (re)construídas e/ou (res)significadas continuamente, pois como bem nota Moscovici, “[...] as categorias e sentidos através dos quais nós ‘escolhemos’ conferir uma característica às pessoas, ou propriedades aos objetos, modificam-se”<sup>195</sup>. E, é nesta premissa, que buscamos analisar a representação social do negro na UFV a fim de evidenciarmos qual(is) a(s) imagem(ns) representativa(s), desta população, está(ão) sendo produzida(s) e/ou reproduzida(s) e, se necessário e possível, desmitificá-la(s) com novas construções.

Diante do exposto, buscamos investigar como se dá a representação social do negro na Universidade Federal de Viçosa, identificando, portanto, o número de indivíduos pertencentes a este grupo dentro da instituição, nos diversos cargos e cursos, qual a posição social destes sujeitos, assim como, as marcas de sua presença e as práticas de representação social que os constituem, em outras palavras, que imagem ou ideia os negros fazem de si mesmos na UFV e que espaços ocupam.

## 2.4. Classificação racial na UFV: a autodeclaração dos cadastrados

Em relação à classificação racial, Osorio<sup>196</sup> menciona que existem três métodos de identificação: a autoclassificação ou autoidentificação, a heteroclassificação ou heteroidentificação que será objeto do Capítulo III e a análise genética. A autoidentificação diz respeito à informação de pertença racial dada pelo próprio indivíduo e, a este respeito, Queiroz<sup>197</sup> afirma que, no Brasil, ocorre o embranquecimento do sujeito à medida que se aumenta o *status* social, ou seja, este tende a se autoclassificar o mais perto possível da categoria branca quanto maior o poder aquisitivo e o grau de instrução.

---

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 27. Grifos nossos.

<sup>195</sup> MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015. p. 212.

<sup>196</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada**. In: PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. (Org.). **Características étnico-raciais da população: classificações e identidade**. Estudos e análises - Informação demográfica e socioeconômicas, Rio de Janeiro: IBGE, [n/p], 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=263405>>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>197</sup> QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Quem são os negros? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências**. 2001. p. 01-21. p. 15. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/quem-sao-os-negros-classificacao-racial-no-brasil-aproximacoes-e-divergencias>>. Acesso em: 26 out. 2016.

Em contrapartida, a análise genética, como o próprio nome diz, baseia-se na classificação racial advinda da quantidade de genes o que, na perspectiva de Osorio<sup>198</sup>, é controverso, pois não considera que a raça é uma construção social e que o racismo baseia-se em características visíveis, como cor da pele e tipo de cabelo. No tocante a isso, o autor cita a pesquisa realizada por Glycerio<sup>199</sup> na qual demonstra que Luiz Antônio Feliciano Marcondes, o cantor Neguinho da Beija-Flor, sendo claramente negro, apresentou mais de 67% de genes europeus. Osorio<sup>200</sup> complementa ainda que estes resultados comprovam que a raça é um conceito construído socialmente e que independe do conteúdo genético, mas diz respeito às características fenotípicas. Apesar disso, Kabengele Munanga afirma o quanto é difícil definir quem é negro no Brasil, tanto em relação às quais critérios utilizar para esta definição como no sentido identitário, pois...

[...] num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras... Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana [...]. No contexto atual, no Brasil a questão é problemática, porque, quando se colocam em foco políticas de ações afirmativas – cotas, por exemplo –, o conceito de negro torna-se complexo. Entra em jogo também o conceito de afrodescendente, forjado pelos próprios negros na busca da unidade com os mestiços. Com os estudos da genética, por meio da biologia molecular, mostrando que muitos brasileiros aparentemente brancos trazem marcadores genéticos africanos, cada um pode se dizer um afrodescendente. Trata-se de uma decisão política.<sup>201</sup>

E, inclusive, na plenária de aprovação do PL n.º 6.738/2013, que originou a Lei n.º 12.990/2014, que institui a reserva de vagas em cargos e empregos federais no âmbito da Administração Pública, este questionamento foi levantado: como definir quem é negro em uma sociedade miscigenada como a brasileira?

As cotas não podem incluir critérios raciais ou étnicos devido ao alto grau de miscigenação da sociedade brasileira, que impossibilita distinguir quem é negro ou branco no país. Se o critério para a utilização de cotas fosse um exame de DNA, o

---

<sup>198</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada**. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>199</sup> GLYCERIO, Carolina. **Neguinho da Beija-Flor tem mais gene europeu**. São Paulo: BBC Brasil, 29 mai. 2007. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070424\\_dna\\_neguinho\\_cg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070424_dna_neguinho_cg.shtml)>. Acesso em: 26 out. 2016.

<sup>200</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada**. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>201</sup> MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil [Entrevista]. **Estudos Avançados**, v. 18, n.º 50, p. 51-56. São Paulo: jan/abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

resultado seria de que 87% da população têm mais de 10% de ancestralidade genômica africana.<sup>202</sup>

Entretanto, Osório<sup>203</sup> reitera que na prática da discriminação, não é o material genético que importa, mas a aparência física, isto é, o chamado preconceito de marca ou, como era conhecido anteriormente no país, preconceito de cor.

Em todo caso, a partir de 2012, com a promulgação da Lei de cotas<sup>204</sup> para ingresso nas instituições federais e o reconhecimento da autodeclaração como método para identificação dos cotistas, este debate se expandiu, polemizou, ultrapassou a esfera institucional e atingiu a sociedade civil. Os questionamentos, além da metodologia utilizada para a classificação racial, englobam também as categorias utilizadas para esta classificação. Convém ressaltar que, tal qual a lei de cotas para ingresso nas instituições federais, a Lei n.º 12.990/2014, em seu artigo segundo, prevê a utilização do método da autoclassificação para reconhecimento dos cotistas.

Assim que, quanto às categorias utilizadas na classificação racial do IBGE, a principal objeção, segundo Osório<sup>205</sup>, é a de que esses níveis não contemplam a quantidade de termos empregados pelos brasileiros na definição de sua identidade racial. Não obstante, o autor afirma que em pesquisas sobre classificação racial baseadas em perguntas abertas, em geral, algumas categorias do IBGE são utilizadas espontaneamente pelos entrevistados, o que validaria a utilização dessas nas pesquisas fechadas.

Cabe destacar que, desde a realização do primeiro Censo, o IBGE<sup>206</sup> utilizou categorias diversas na classificação racial da população brasileira. Conforme quadro a seguir, em 1872 o Instituto utilizou somente as categorias branca, preta, parda e cabocla; em 1890, branca, preta, mestiça e cabocla; em 1940, branca, preta e amarela, sendo as demais respostas classificadas como de cor parda; de 1950 a 1980, somente as categorias branca, preta, parda e amarela; e, a partir de 1991, além das categorias citadas anteriormente, incluiu-se a indígena e a classificação passou a ser denominada cor ou raça.

---

<sup>202</sup> BRASIL. **Projeto de Lei n.º 6.738-D, de 2013.** *Op. cit.*, p. 44.

<sup>203</sup> OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada.** *Op. cit.*, [n/p].

<sup>204</sup> O artigo terceiro da Lei n.º 12.711/2012 prevê que as vagas serão ocupadas, por curso e turno, por **autodeclarados** pretos, pardos e indígenas, no mínimo igual, à proporção da presença destes no estado em que esteja instalada a instituição, de acordo com o último Censo do IBGE.

<sup>205</sup> OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada.** *Op. cit.*, [n/p].

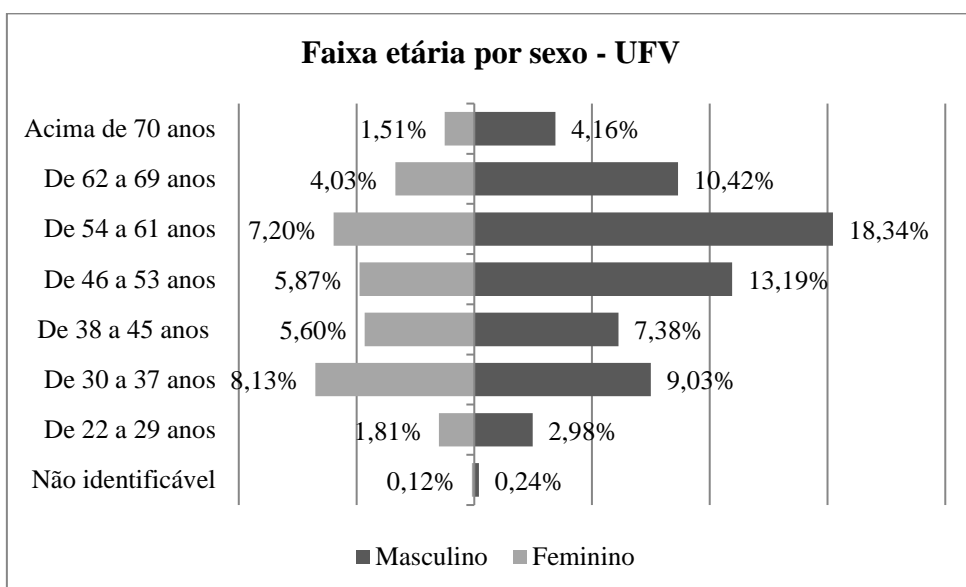
<sup>206</sup> INSTITUTO Brasileiro de Geografia. IBGE. **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça - 2008.** p. 14-15. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249891>>. Acesso em: 14 abr. 2016.



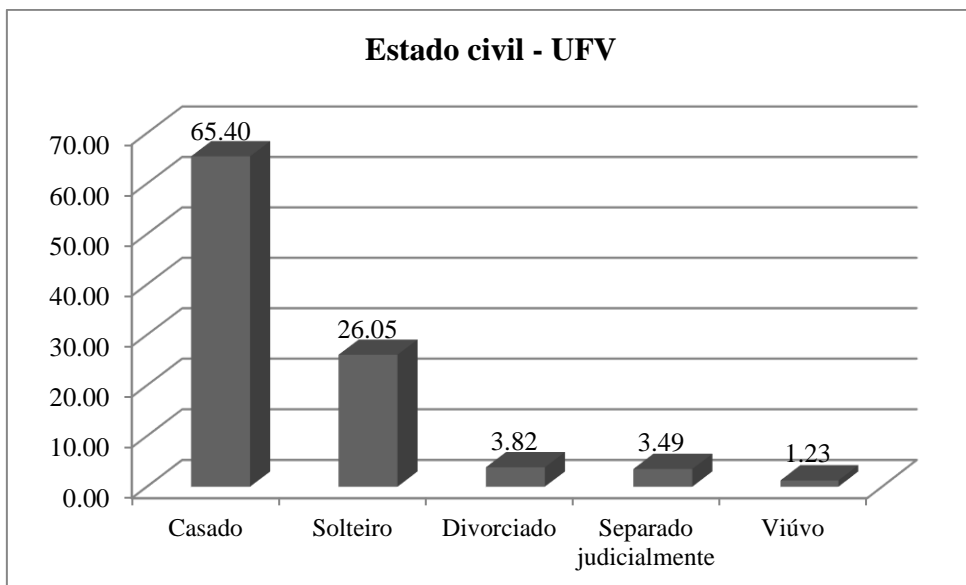
### 2.4.1. (In) visibilidade numérica dos servidores

Os dados apresentados a seguir foram disponibilizados, pelo Serviço de Movimentação e Registro da Pró-Reitoria de Gestão Pessoas, no dia 11 de março de 2016, a partir dos quais levantamos o perfil dos servidores da UFV e sua composição racial.

Com relação ao perfil dos servidores da instituição, com base nos Gráficos 1 e 2, respectivamente, verifica-se que a população é majoritariamente masculina (65,74%), a faixa etária da grande maioria situa-se entre 46 e 69 anos (59,05%) e verifica-se, na variável estado civil, maior percentual de casados (65,40%). Além disso, conforme o Gráfico 3, a maior parte dos servidores (69,74%), são naturais de outras cidades da microrregião de Viçosa, outros estados ou países.

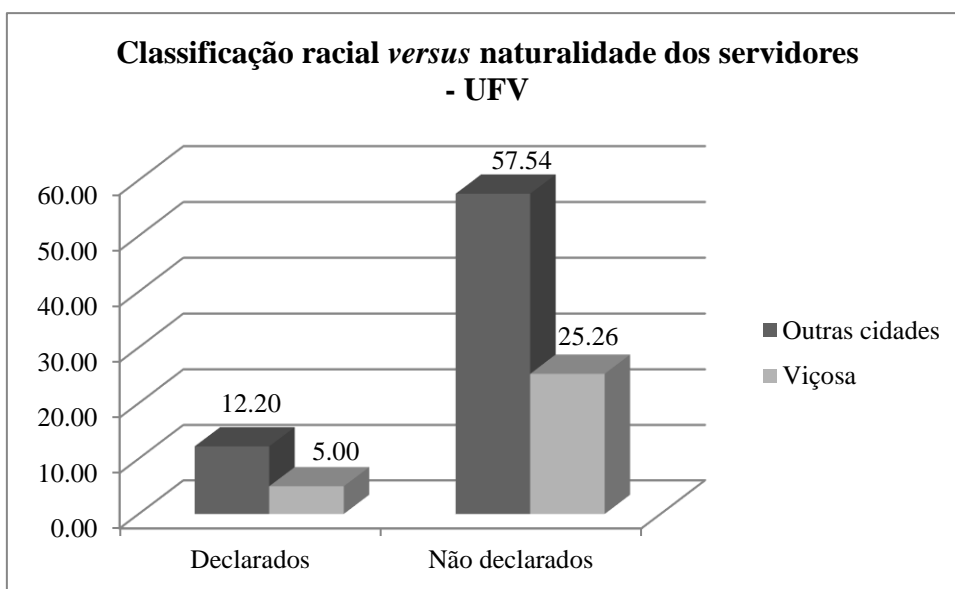


**Gráfico 1:** Distribuição de gênero por faixa etária dos servidores da instituição – 1980 a 2015.  
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.



**Gráfico 2:** Estado civil dos servidores da UFV – 1980 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.



**Gráfico 3:** Naturalidade e autodeclaração dos servidores que declararam e dos que não declararam a classificação racial – 1980 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

No que concerne ao perfil racial dos servidores desta instituição, o primeiro fator a chamar nossa atenção foi a quantidade de servidores que não informaram sua classificação racial: dos 3.321 servidores, mais de 82%, isto é 2.750 servidores, como apresentado no Gráfico 3, não possuem a informação racial em seus cadastros.

É oportuno destacar que este alto percentual de subnotificações pode ser um indicativo tanto de incômodo da instituição em relação a essa temática, falta de interesse ou iniciativa dos gestores públicos da UFV no sentido de oportunizar meios para a coleta destes dados

quanto desconhecimento por parte dos servidores da importância destas informações para a discussão e a proposição de políticas públicas inclusivas.

Salienta-se que, como apontado por Silva<sup>209</sup>, para se pensar políticas públicas e, inclusive, para seu efetivo monitoramento é importante que os gestores públicos tenham acesso a informações de qualidade. Entretanto, a maior limitação encontrada é que, quando disponíveis, os relatórios administrativos do pessoal da Administração Pública Federal não contêm o quesito cor/raça, seja por ausência deste campo nos cadastros federais, dificuldade no processo de coleta, altas taxas de subnotificações ou desinteresse dos próprios gestores.

Há que ressaltar, também, a respeito da data de admissão dos servidores que se autodeclararam: mais de 83% foram admitidos no serviço público após o ano de 2012, como indicado na Tabela 3. Ou seja, o ingresso no serviço público foi após o quesito cor/raça se tornar um campo obrigatório nos registros do governo federal. Essa medida foi divulgada por meio do Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012<sup>210</sup>, cujo objetivo foi auxiliar os órgãos públicos no monitoramento e avaliação da Lei n.º 12.288/2010, a qual instituiu o Estatuto da Igualdade Racial e prevê uma série de ações de promoção da igualdade racial.

Todavia, a grande maioria das instituições federais não tomaram medidas efetivas para disponibilizarem estes dados institucionais e, infelizmente por falta de fiscalização por parte do Poder Legislativo, não foram previstas ações que garantissem o cumprimento das exigências tanto do Aviso Circular quanto do Estatuto da Igualdade Racial.

---

<sup>209</sup> SILVA, Tatiana Dias. **Cor e raça nos quadros da Administração Pública**. In: ANAIS DO XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Sessão temática 4. p. 1-13. 2016. p. 3. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2262/2217>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

<sup>210</sup> Assinado pelas ministras Gleisi Hoffmann (Casa Civil), Luiza Bairros (Igualdade Racial), e Miriam Belchior (Planejamento).

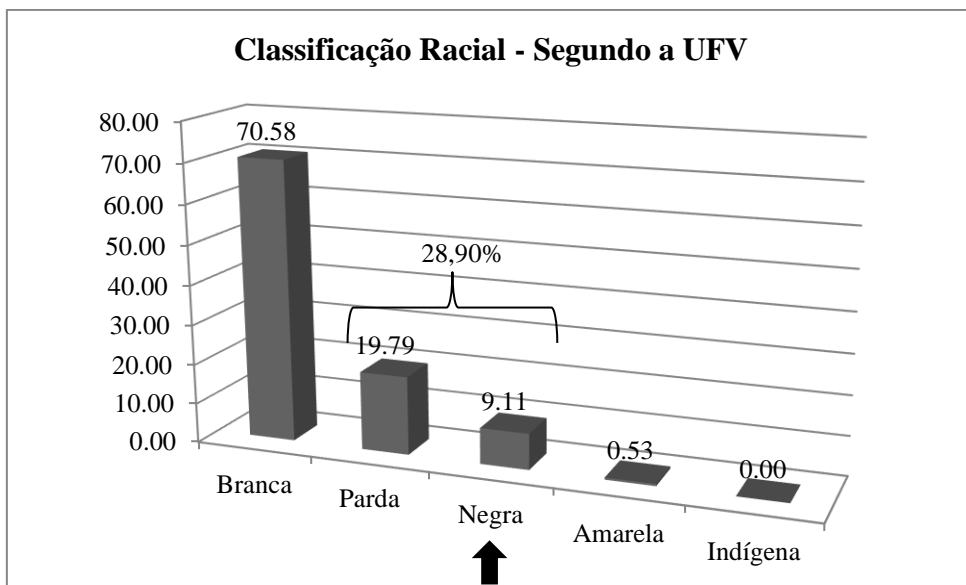
**Tabela 3:** Ano de admissão dos servidores da UFV por categoria de autoclassificação – 1980 a 2015.

Ano de Admissão	Raça/Cor						Percentual de Informados
	Branco	Pretos	Pardos	Amarelos	Não Informados	Total de Informados	
1980-1982	9	1	1	0	441	11	1,93
1983-1985	2	1	0	0	203	3	0,53
1986-1988	12	5	3	0	345	20	3,50
1989-1991	5	1	2	1	205	9	1,58
1992-1994	9	2	5	0	447	16	2,80
1995-1997	3	1	1	0	126	5	0,88
1998-2000	1	0	0	2	45	3	0,53
2001-2003	4	0	0	0	103	4	0,70
2004-2006	2	0	0	0	148	2	0,35
2007-2009	10	1	0	0	167	11	1,93
2010-2012	8	1	2	0	403	11	1,93
2013-2015	338	39	99	0	117	476	83,36
	<b>403</b>	<b>52</b>	<b>113</b>	<b>3</b>	<b>2750</b>	<b>571</b>	

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborada pela autora.

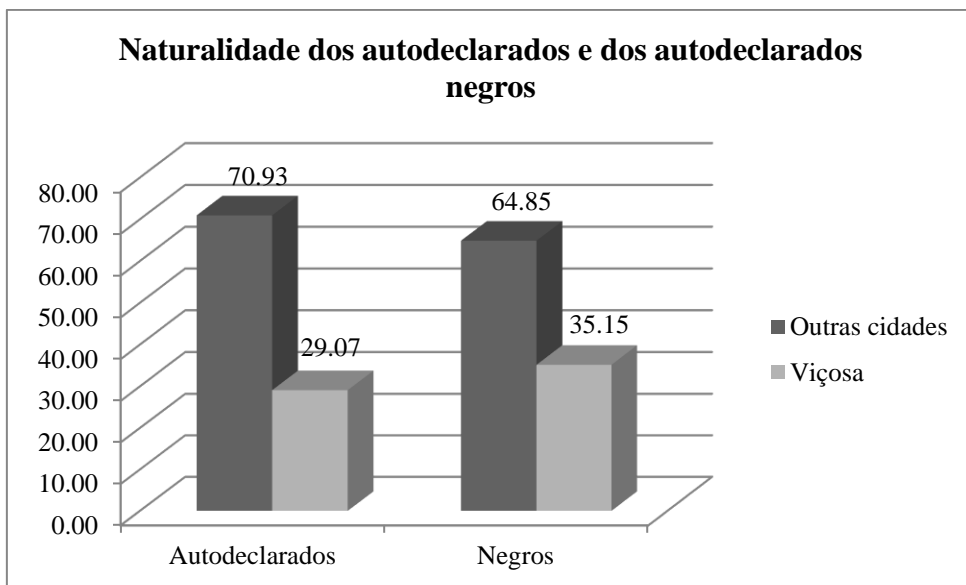
No caso da UFV, em uma conversa informal, soubemos que houve uma tentativa por parte da instituição de coletar estes dados. Entretanto, o preenchimento deste campo foi condicionado à questão salarial e, como era possível escolher a opção “prefiro não informar”, a maioria dos servidores marcou esta opção a fim de receberem seus salários. E, neste sentido, é possível encontrar a informação racial de alguns poucos servidores que foram admitidos anteriormente a este período. Isto ocorre porque para os servidores admitidos a partir do ano de 2013, esta declaração é obrigatória durante o preenchimento dos dados cadastrais junto ao Serviço de Movimentação e Registro da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, enquanto que para os servidores admitidos anteriormente, essa informação somente se torna obrigatória, no momento de realizar alguma atualização em seu cadastro funcional.

Neste sentido, considerando somente a população declarada (571 servidores), percebe-se que a população negra corresponde a 28,9% deste contingente, ou seja, de acordo com o Gráfico 4, aparentemente, a instituição é composta por uma maioria branca. Cabe destacar novamente que a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP) não utiliza todas as categorias raciais do IBGE, sendo a categoria preta do Instituto renomeada a negra nos cadastros da instituição.



**Gráfico 4:** Classificação racial dos servidores da UFV.  
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

Em relação à naturalidade da população declarada (571 servidores), ao que tudo indica, a população viçosense não se encontra devidamente representada dentro da instituição, apenas 29,07% dos servidores, que possuem a informação racial, são de naturalidade viçosense, sendo que, entre os declarados negros, este valor é um pouco maior (35,15% dos servidores, autodeclarados negros, são de naturalidade viçosense), como indicado no Gráfico 5. Ou seja, apesar da cidade possuir uma população composta por uma maioria negra (52,5% da população, conforme o Censo 2010 do IBGE), este grupo não se encontra devidamente representado dentro da UFV, já que a maioria dos servidores da instituição vem de outras cidades da região, inclusive de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, e outros países, como Argentina e Bolívia.



**Gráfico 5:** Naturalidade e autodeclaração dos servidores que possuem a informação racial e dos servidores autodeclarados negros.

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

Cabe destacar que, como apresentado na Tabela 4<sup>211</sup>, os servidores autodeclarados se encontram lotados em diferentes departamentos/setores da instituição, sendo os departamentos relacionados a seguir os que possuem maior número de autodeclarações: Pró-Reitoria de Administração (PAD), Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD), Biblioteca Central (BBT), Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI), Auditoria Interna (AIN), Divisão de Extensão da PEC (DEX), Departamento de Educação (DPE), Centro de Ciências Biológicas e de Saúde (CCB), Departamento de Medicina e Enfermagem (DEM) e Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP).

<sup>211</sup> A relação completa de departamentos/setores da UFV de lotação dos servidores autodeclarados, com o respectivo percentual de autodeclarados negros, se encontra disponível no Apêndice N, sendo que estão relacionados apenas os setores da instituição que tiveram ao menos uma autodeclaração, totalizando 1987 servidores. Salienta-se que 19 setores/departamentos da instituição, com total de 94 servidores, não tiveram nenhuma autodeclaração.

**Tabela 4:** Departamentos ou setores da UFV com maior percentual de autodeclarações.

Departamento ou Setor de Lotação	Cor/Raça						Percentual de Declarados
	Branços	Pretos	Pardos	Amarelos	Total de declarados	Total de não declarados	
PAD	12	2	6	0	20	16	55,6
CEAD	5	1	1	0	7	7	50,0
BBT	11	4	9	0	24	30	44,4
DTI	27	1	5	0	33	42	44,0
AIN	1	1	0	0	2	3	40,0
DEX	2	0	0	0	2	3	40,0
DPE	14	1	5	1	21	32	39,6
CCB	5	1	2	0	8	14	36,4
DEM	37	1	5	0	43	83	34,1
PGP	15	1	2	0	18	38	32,1

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborada pela autora.

Ao passo que na Figura 2 estão relacionados os departamentos ou setores da UFV de lotação dos servidores autodeclarados negros, sendo que os setores/departamentos que concentram maiores percentuais são o Escritório de Representação de BH (EBH), a Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRI), a BBT, a Pró-Reitoria de Ensino (PRE), a PAD, o Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa (CTV), a AIN e a CEAD, conforme exposto na Tabela 5.

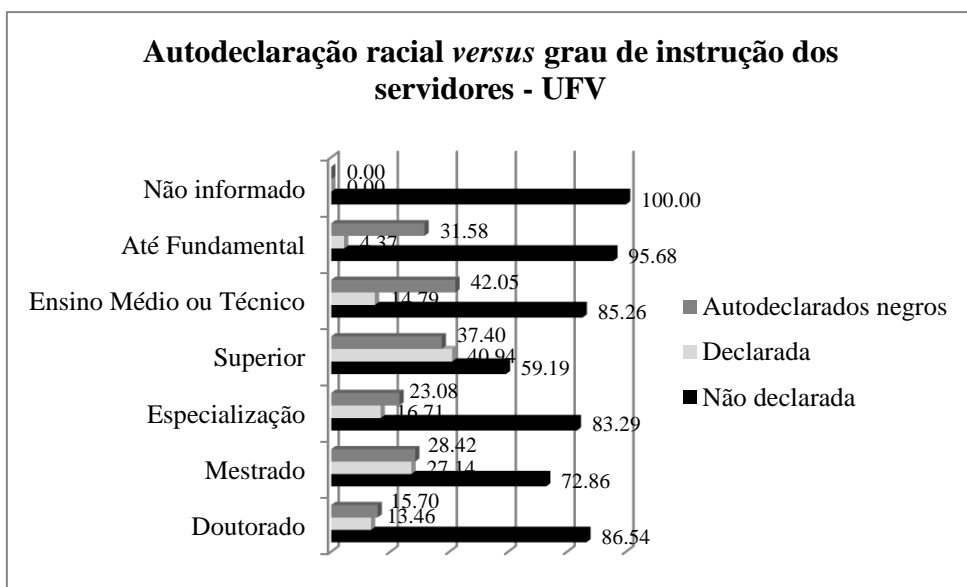
**Tabela 5:** Departamentos ou setores da instituição com maior percentual de autodeclarados negros.

Departamento ou Setor de Lotação	Cor/Raça						Percentual de Negros
	Branços	Pretos	Pardos	Amarelos	Total de declarados	Total de não declarados	
EBH	0	0	1	0	1	3	25,0
DRI	0	0	1	0	1	3	25,0
BBT	11	4	9	0	24	30	24,1
PRE	2	2	5	0	9	22	22,6
PAD	12	2	6	0	20	16	22,2
CTV	1	2	1	0	4	10	21,4
AIN	1	1	0	0	2	3	20,0
CEAD	5	1	1	0	7	7	14,3

**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborada pela autora.

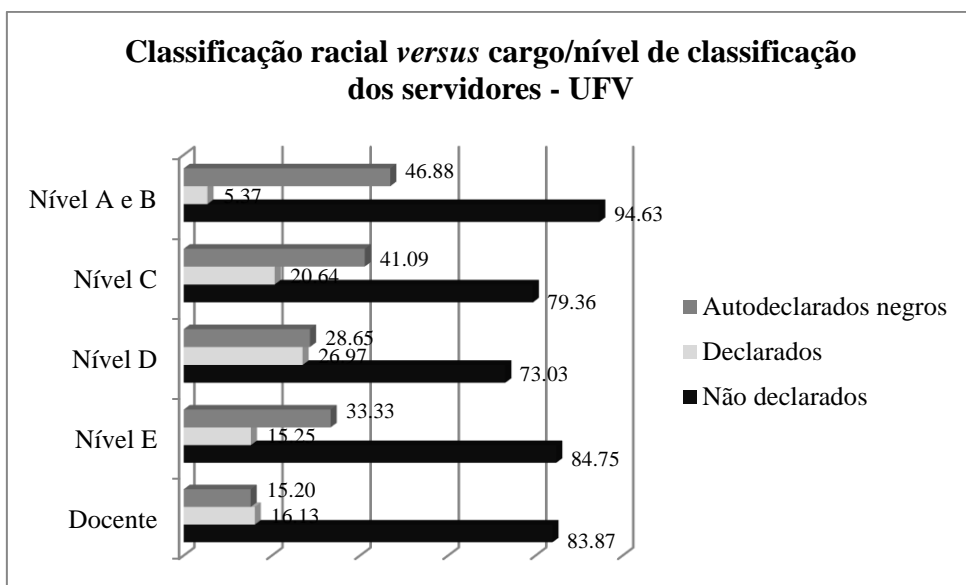


No tocante ao grau de instrução dos servidores, conforme indicado no Gráfico 6, nos surpreendeu o fato de 86,54%, 72,86%, 83,29% e 59,19% dos que optaram por não informar sua cor/raça terem doutorado, mestrado, especialização ou ensino superior, respectivamente, como grau de instrução máximo. Já em relação aos servidores autodeclarados, 13,46%, 27,14%, 16,71% e 40,94% possuem ensino superior, especialização, mestrado ou doutorado, respectivamente. Enquanto que entre os autodeclarados negros, 15,70%, 28,42%, 23,08% e 37,40% possuem estes mesmos níveis de instrução, de acordo com a ordem indicada.



**Gráfico 6:** Grau de instrução dos servidores da instituição.  
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

Quanto ao cargo ou nível de classificação dos servidores, também nos surpreendeu que 83,87% e 84,75%, dos que optaram por não informar sua cor/raça, serem professores e ocuparem cargos que exigem nível superior (Nível E), nessa ordem, conforme Gráfico 7. Enquanto que, entre os declarados, 16,13% pertencem à categoria docente e 15,25% ocupam cargos de nível E e, entre os autodeclarados negros, 15,20% e 33,33% possuem estes mesmo cargo e nível, segundo a ordem indicada.

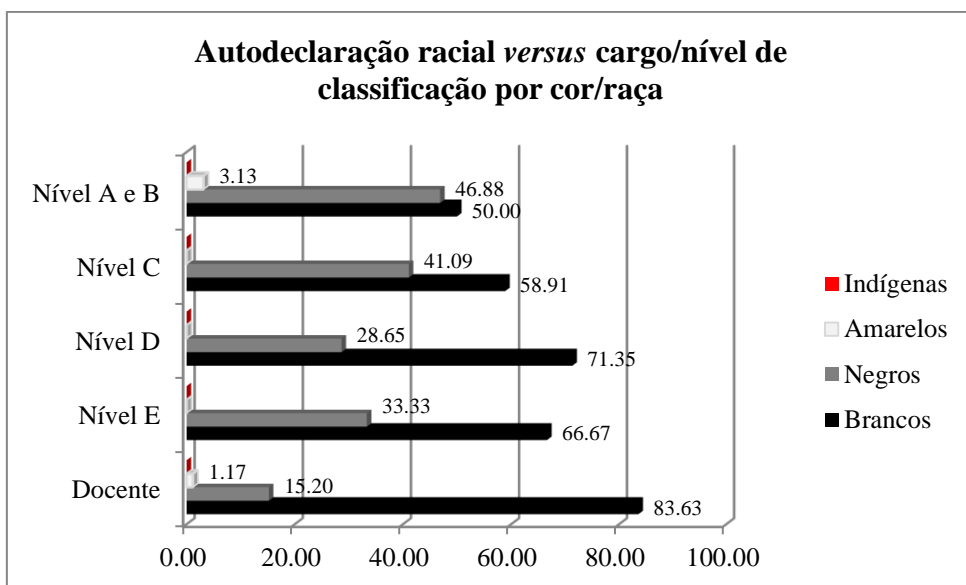


**Gráfico 7:** Nível de classificação de cargos dos servidores da instituição.

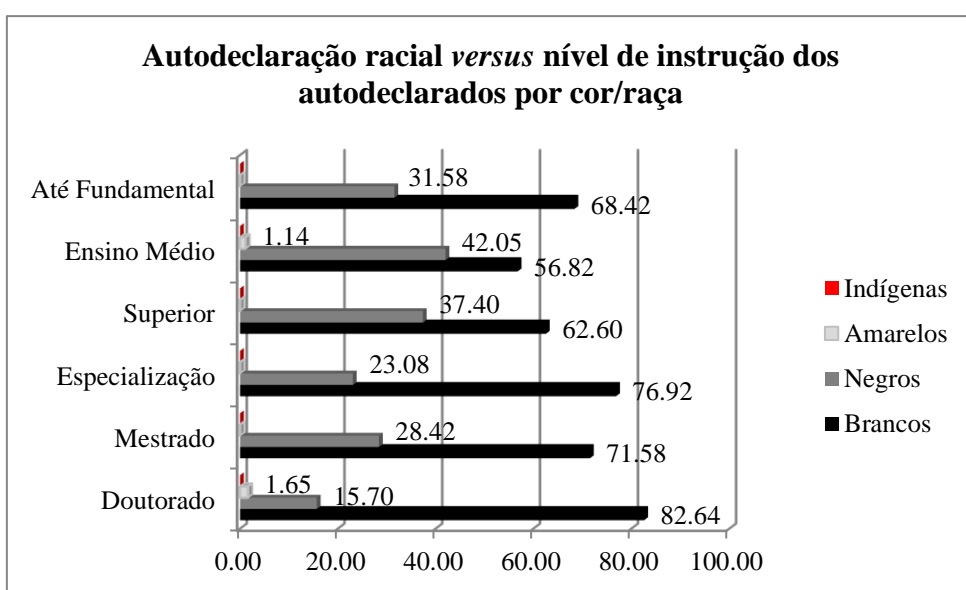
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

Inclusive, em conversa informal, um funcionário do Serviço de Movimentação e Registro revelou que a categoria docente foi a que mais apresentou problemas na obtenção desta informação. Contudo, este seria o grupo de servidores que esperávamos que entendessem que esta medida é de suma importância para auxiliar o governo federal na avaliação da efetividade das políticas públicas implementadas, bem como, uma ferramenta na elaboração de novas ações. Além disso, tendo em vistas que as ações afirmativas (Lei n.º 12.990/2014) foram adotadas com prazo de vigência (10 anos), é necessário que o governo tenha acesso às informações raciais dos servidores a fim de monitorar o perfil racial da Administração Pública Federal.

E, finalmente, quando analisamos separadamente cada nível de classificação e de instrução, percebemos que o número de autodeclarados brancos tende a aumentar quanto maior o grau de instrução e o de negros, conseqüentemente, a diminuir, como indicado nos Gráficos 8 e 9. Convém sublinhar que no cargo de docência esta discrepância chega a ser máxima: são mais de 83% de brancos e pouco mais de 15% de negros.



**Gráfico 8:** Nível de classificação de cargos dos servidores da instituição por cor/raça.  
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.



**Gráfico 9:** Grau de instrução dos servidores da instituição por cor/raça.  
**Fonte:** Registro de dados da PGP. Elaborado pela autora.

A exceção à regra são os níveis A, B e C, onde os dados de autodeclaração racial entre negros e brancos são um pouco parecidos, e, talvez, uma justificativa para isso seja o fato de que os graus de escolaridade exigidos para estes níveis serem similares: a grande maioria dos cargos de nível A, B e C exigia ou exigem ensino fundamental incompleto ou completo.

Cabe destacar que esse baixo percentual de negros nos cargos de docência pode estar relacionado ao número de negros a cursarem cursos de graduação e pós-graduação, o que também justificaria a baixa representatividade negra nos cargos de chefia e direção, pois,

segundo E18, essa representação pouco significativa “[...] inicialmente deve-se ao fato de ter muito poucos professores negros, né? Agora, o fato de ter poucos professores negros, deve-se ao fato de você ter uma diferença socioeconômica muito grande de pretos e brancos, né? Então, daí surge toda essa problemática.”<sup>212</sup>.

Assim, observa-se que para a maioria dos servidores da UFV, no momento de sua admissão na instituição, o quesito cor/raça não era obrigatório nos cadastros funcionais e, a partir do momento que esta condição se modificou, a questão passou a ser campo de conflitos e questionamentos.

Com respeito aos estudantes, conforme apresentado no tópico a seguir, apesar da inexistência de informações entre os anos de 1980 a 1999 e dos cadastros de 2000 a 2010 estarem incompletos, os dados atuais (2011 a 2015) apontam para a equivalência entre os percentuais de brancos e negros a ocuparem o quadro estudantil da UFV.

#### **2.4.2. (In) visibilidade numérica dos estudantes**

Os dados apresentados a seguir foram disponibilizados, pela Diretoria de Registro Escolar, nos dias 13 e 16 de janeiro de 2017, a partir dos quais levantamos o perfil dos estudantes da instituição e sua composição racial. Cabe ressaltar que somente foram apresentados registros dos estudantes que possuíam a informação racial em seus cadastros, portanto, apesar de contarmos com o contingente total de estudantes que se matricularam na UFV, entre os anos de 2000 a 2015, não tivemos acesso aos dados socioeconômicos de todos. Neste sentido, as análises foram realizadas com informações somente desses anos e, segundo, o servidor do RES, os dados relativos aos anos de 2000 a 2010 dizem respeito a estudantes que reingressaram na instituição a partir de 2011, quando iniciou a coleta da informação étnica.

No que concerne ao perfil dos estudantes da UFV, com base na Tabela 6, verificou-se que, considerando somente os estudantes dos cursos de graduação, a população é composta por uma pequena maioria feminina (51,30%), sendo que a faixa etária de ingresso situa-se entre 17 e 23 anos (85,71%). Já em relação à naturalidade constatou-se que a maioria dos estudantes de graduação (79,84%), é natural de outras cidades da microrregião de Viçosa, outros estados ou países.

---

<sup>212</sup> FBJ. **Entrevista 18**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (04 min. e 33 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

**Tabela 6:** Perfil dos estudantes de graduação da UFV – 2000 a 2015.

Sexo	Feminino	51,30% (10.752)
	Masculino	48,70% (10.208)
Faixa etária de ingresso	17 a 23 anos	85,71% (17.965)
	24 a 30 anos	10,89% (2.282)
	31 a 37 anos	2,10% (440)
	38 a 44 anos	0,68% (143)
	45 a 51 anos	0,44% (92)
	52 a 58 anos	0,13% (28)
	Acima de 59 anos	0,04% (8)
	Não identificável	0,01% (2)
Naturalidade	Viçosa (%)	20,16% (4.226)
	Outras cidades e/ou países (%)	79,84% (16.734)

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

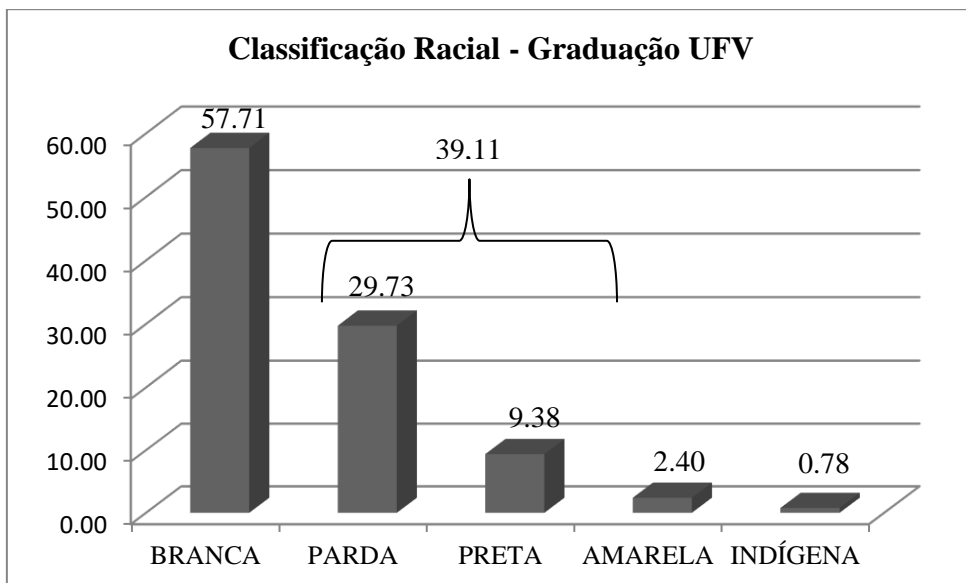
Já em relação à classificação racial dos estudantes de graduação da instituição, percebeu-se que, assim como no caso dos servidores da UFV, existe uma ausência de informação racial até o ano de 2007 e, entre 2008 e 2010, estes dados estão incompletos, posto que foi a partir de 2011 que estes dados passaram a ser coletados, conforme apresentado na Tabela 7.

**Tabela 7:** Ano de admissão dos estudantes de graduação da UFV por categoria de autoclassificação - 2000 a 2015.

Ano de Admissão	Raça/Cor – GRADUAÇÃO						Total de Informados	Percentual de Negros
	Brancos	Pretos	Pardos	Amarelos	Indígena			
2000	10	1	3	2	1	17	23,53	
2001	20	1	8	2	0	31	29,03	
2002	27	3	14	0	0	44	38,64	
2003	26	3	16	1	1	47	40,43	
2004	39	6	27	0	0	72	45,83	
2005	97	15	34	2	2	150	32,67	
2006	229	26	101	13	6	375	33,87	
2007	535	69	190	22	11	827	31,32	
2008	1085	128	395	57	17	1682	31,09	
2009	1336	154	552	60	23	2125	33,22	
2010	1435	198	606	64	14	2317	34,70	
2011	1599	245	775	68	15	2702	37,75	
2012	1496	205	710	51	11	2473	37,00	
2013	1516	311	953	63	18	2861	44,18	
2014	1369	291	928	50	21	2659	45,84	
2015	1201	301	875	40	23	2440	48,20	
	<b>12020</b>	<b>1957</b>	<b>6187</b>	<b>495</b>	<b>163</b>	<b>20822</b>		

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

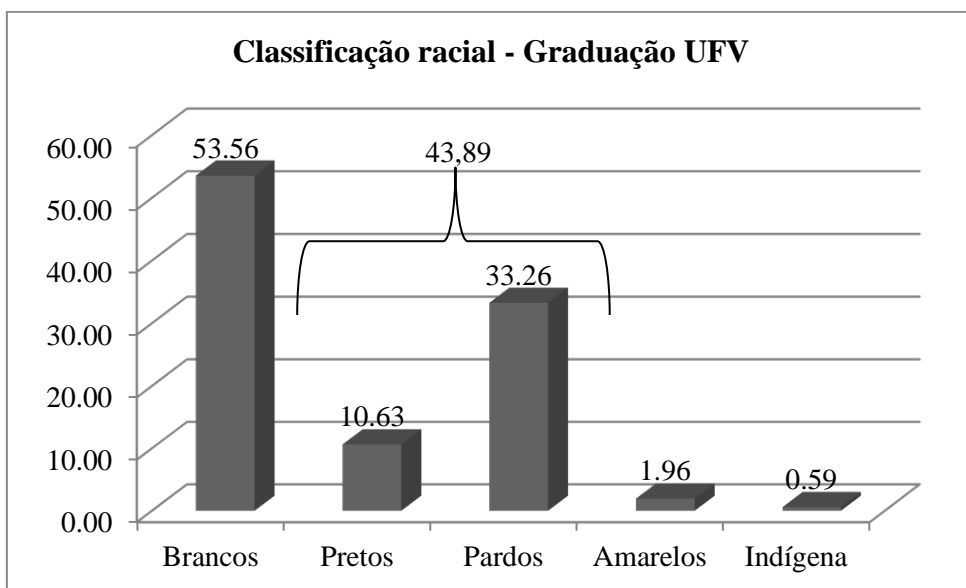
Diante do exposto, considerando apenas os dados disponibilizados, constatou-se que, entre os estudantes de graduação, a população negra corresponde a 39,11%, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 10.



**Gráfico 10:** Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV - 2000 a 2015.  
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.

Convém realizar duas ressalvas a este respeito: a primeira é que o RES, ao contrário da PGP, utiliza as cinco categorias raciais adotadas pelo IBGE e a segunda é que a maioria destes estudantes não faz parte do quadro estudantil da instituição, pois já colaram grau, tendo em vista que a maioria dos cursos de graduação possuem prazo mínimo de conclusão entre 4 e 5 anos.

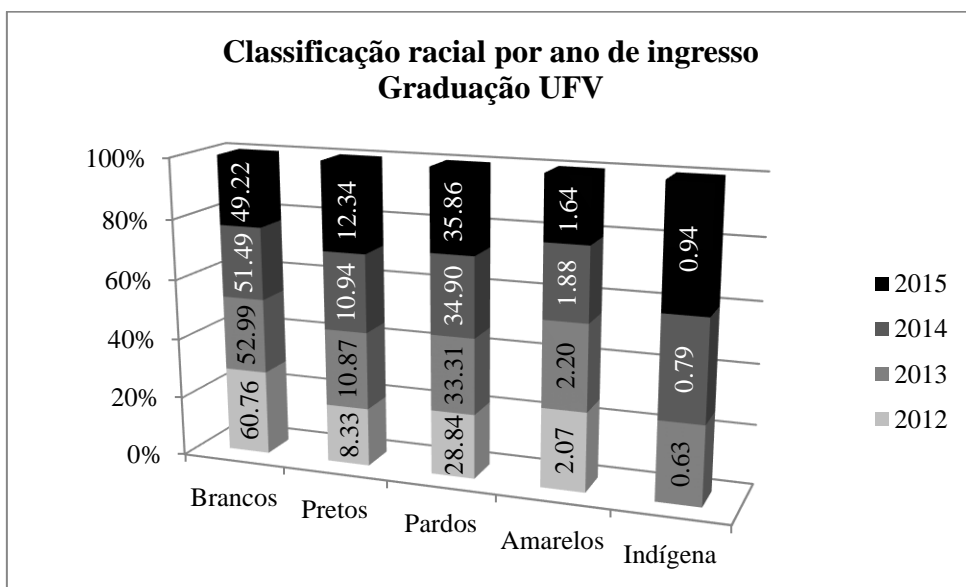
Isto posto, a fim de demonstrar o perfil racial dos alunos de graduação da instituição, apresentamos a seguir os dados de autoclassificação dos estudantes que ingressaram na UFV entre os anos de 2012 a 2015 e, conforme o Gráfico 11, constatou-se que 53,56% dos graduandos se autodeclararam brancos e 43,89% como negros.



**Gráfico 11:** Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV - 2012 a 2015.

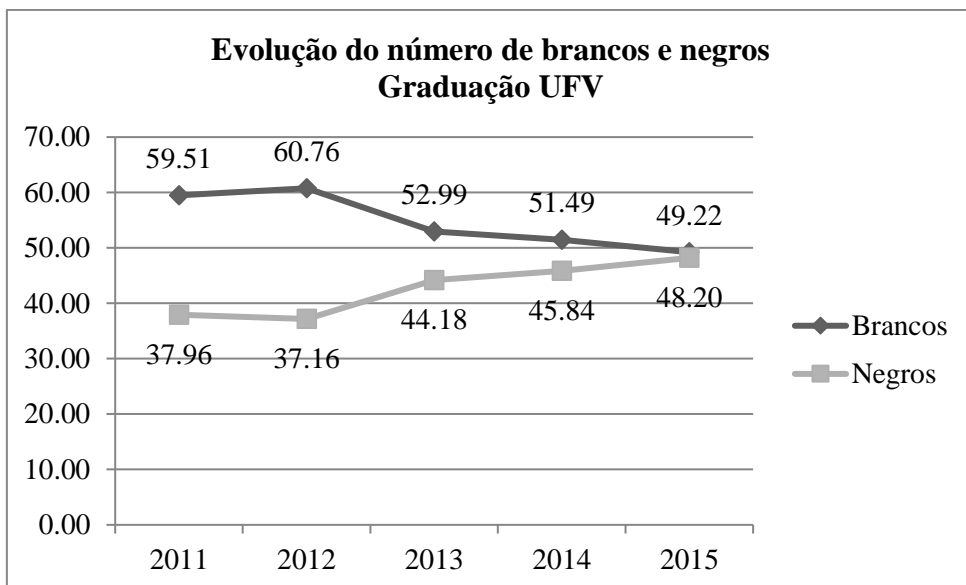
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.

Pode-se concluir que, apesar de não possuímos todos os dados dos anos anteriores, a adoção de ações afirmativas tem contribuído para equiparar o número de brancos e negros no quadro estudantil da UFV, como apresentado nos Gráficos 12 e 13.



**Gráfico 12:** Classificação racial dos estudantes de graduação da UFV por ano de ingresso - 2012 a 2015.

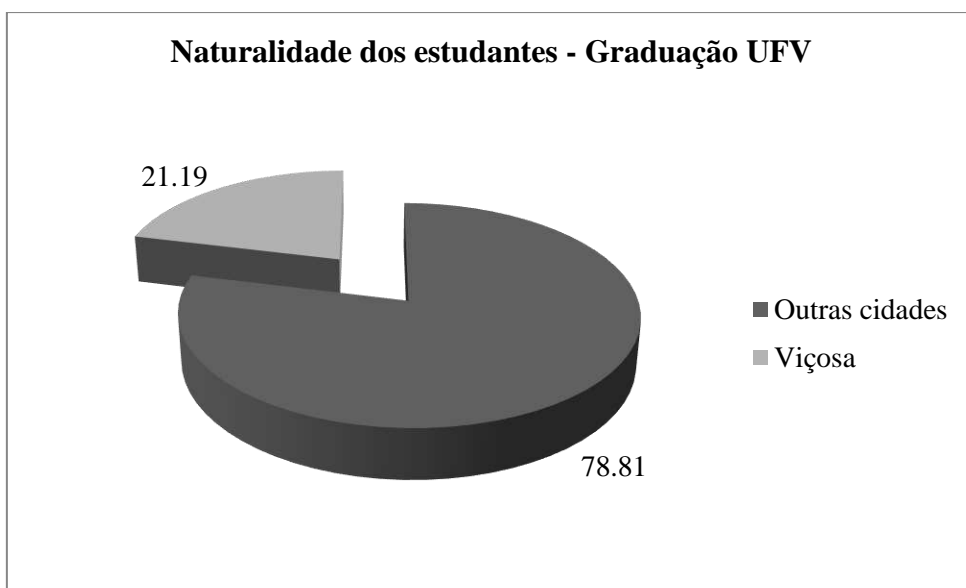
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.



**Gráfico 13:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de graduação da UFV por ano de ingresso - 2011 a 2015.

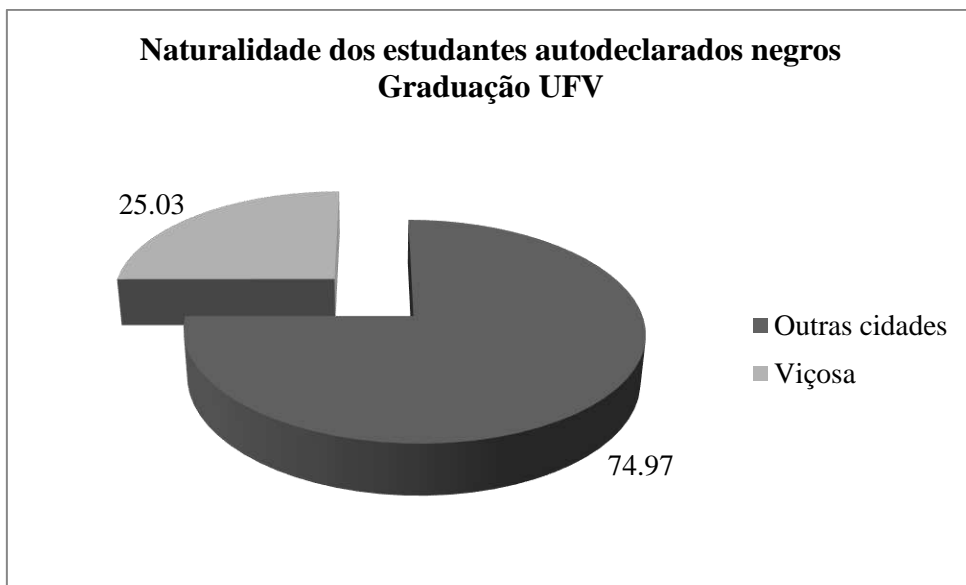
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.

No que concerne à naturalidade destes estudantes, percebeu-se que, tanto no perfil geral quanto entre os autodeclarados negros, os alunos oriundos de Viçosa representam 21,19% e 25,03%, como indicado nos Gráficos 14 e 15, respectivamente. Em outras palavras, assim como no caso dos servidores, os cidadãos viçosenses se encontram pouco representados na instituição, inclusive pela etnia (negra) que corresponde a mais da metade da população da cidade.



**Gráfico 14:** Naturalidade dos estudantes de graduação da UFV - 2012 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.



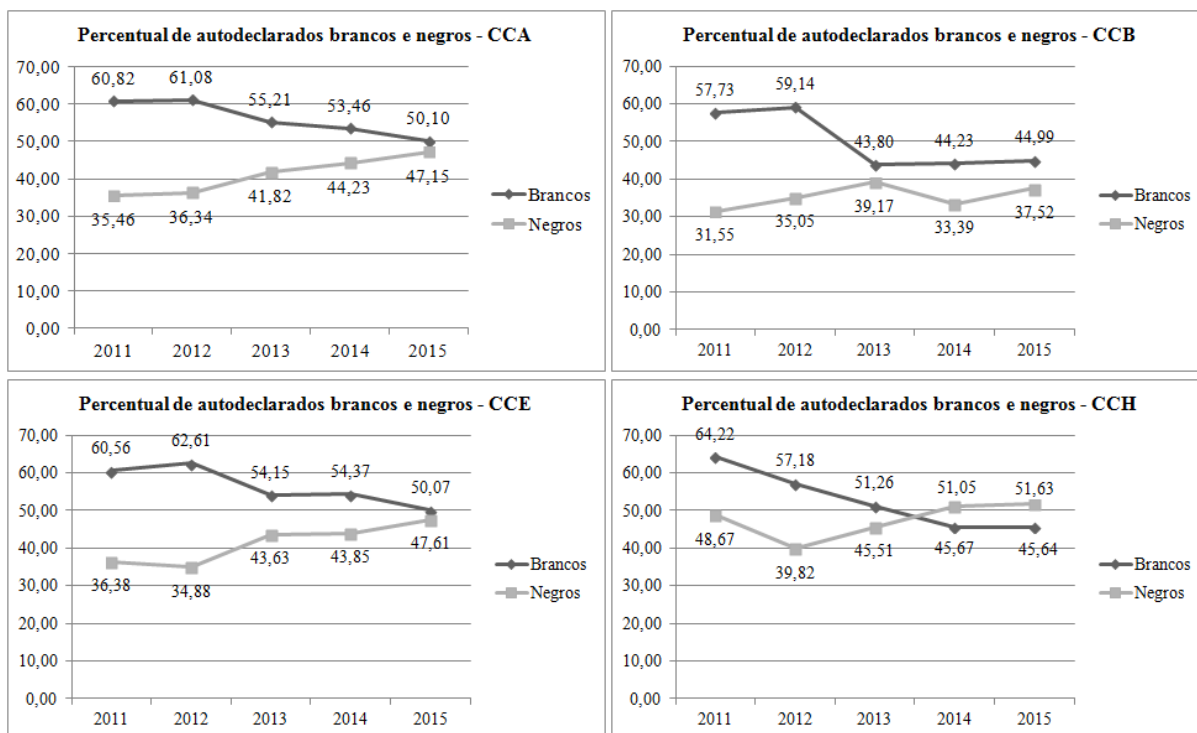
**Gráfico 15:** Naturalidade dos estudantes de graduação da UFV autodeclarados negros - 2012 a 2015.  
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborado pela autora.

Por fim, quando analisamos a parte cada curso de graduação, verificamos uma clara discrepância racial na ocupação das vagas de acordo com os Centros de Ciências aos quais cada curso é vinculado, conforme exposto na Figura 3.

Assim, percebe-se que, de modo geral, a adoção de políticas afirmativas contribuiu para o aumento do número de negros no Centro de Ciências Agrárias (CCA) e no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE), apesar de observadas variações no percentual de negros e brancos nos 5 anos analisados. Ou seja, estes Centros caminham para uma equidade entre brancos e negros.

Enquanto que, no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB) não houve certa paridade entre os percentuais de brancos e negros, em quaisquer dos anos analisados, sendo que este foi o Centro que, em 2014 e 2015, apresentou os menores percentuais de negros após a promulgação da lei de cotas: 33,39% e 37,52%, respectivamente.

Em contrapartida, o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) apresentou maior percentual de estudantes negros, nos 5 anos analisados, quando comparado aos demais Centros, sendo o único em que o percentual de estudantes negros ultrapassou o de brancos, em determinado período: em 2014 foram 51,05% de negros e 45,67% de brancos e, em 2015, 51,63% de negros e 45,64% de brancos.

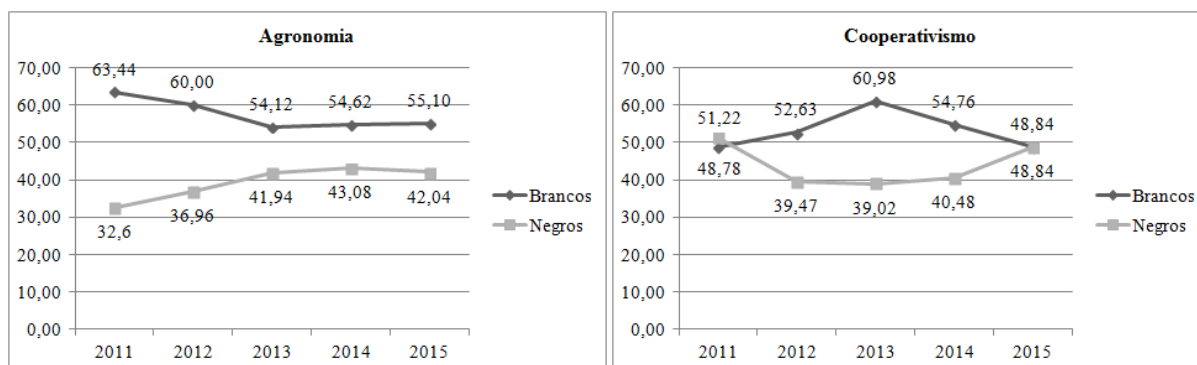


**Figura 3:** Evolução do percentual de estudantes de graduação brancos e negros da UFV por Centro de Ciências - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Com relação ao percentual de negros *versus* brancos em cada curso do CCA, ressaltase que 06 cursos de graduação estão vinculados a este Centro, a saber: Agronomia, Cooperativismo, Engenharia Florestal, Zootecnia, Agronegócio e Engenharia Agrícola e Ambiental.

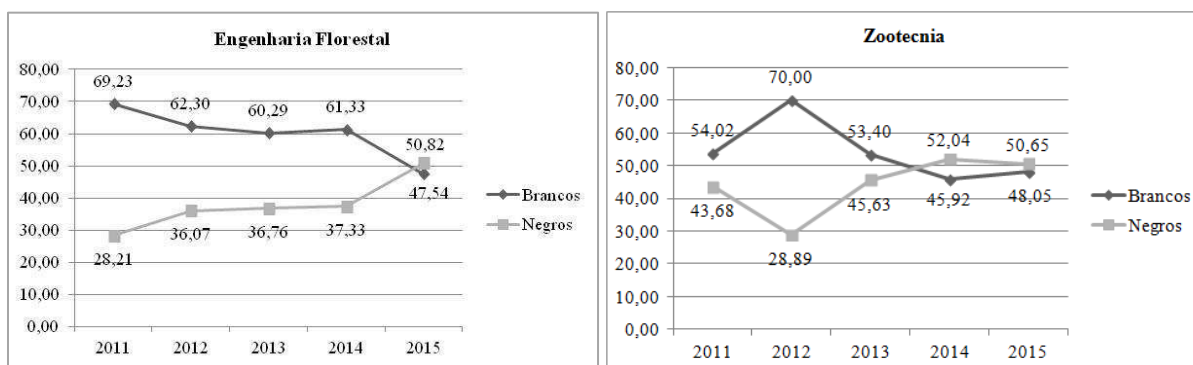
No curso de Agronomia, que possui grande tradição na instituição e maior número de entrada anual, o percentual de brancos foi superior ao de negros nos 5 anos analisados. Em contraste, no curso de Cooperativismo, em 2011, o número de negros foi ligeiramente superior ao de brancos, entre 2012 e 2014 registrou-se um maior percentual de brancos e, em 2015, o percentual de negros e brancos se igualou.



**Figura 4:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Agronomia e Cooperativismo do CCA/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

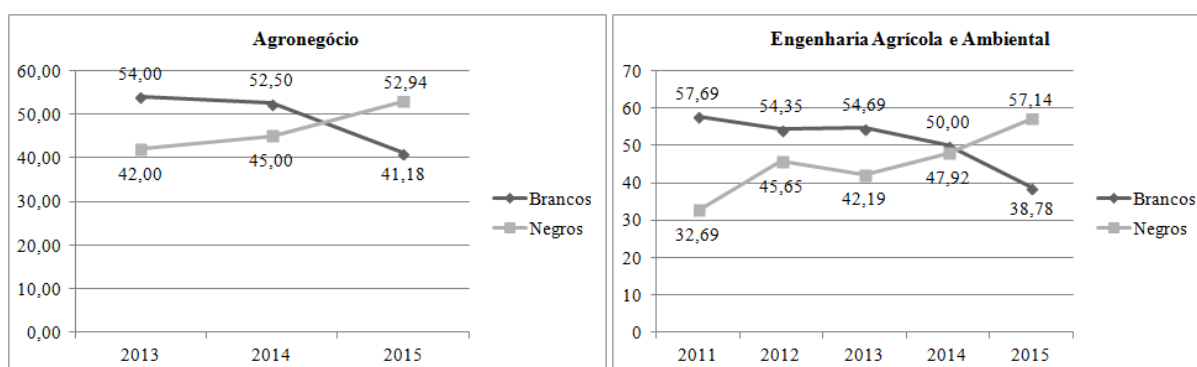
Na Engenharia Florestal, o percentual de brancos foi superior ao de negros até 2015, ano em que o percentual de negros superou o de brancos, por uma pequena diferença: foram 50,82% de negros e 47,54% de brancos. Ao passo que no curso de Zootecnia o percentual de brancos foi superior até o ano de 2013 e, em 2014 e 2015, o percentual de negros superou, ainda que por uma pequena margem, o de brancos.



**Figura 5:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Florestal e Zootecnia do CCA/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Na graduação em Agronegócio, que teve a primeira turma de ingressos em 2013, o percentual de brancos foi superior ao de negros tanto em seu primeiro ano como em 2014 e, em 2015, o percentual de negros superou o de brancos: foram 52,94% de negros e 41,18% de brancos. O mesmo ocorrendo no curso de Engenharia Agrícola e Ambiental, onde o percentual de brancos foi superior ao de negros nos 4 primeiros anos analisados e, em 2015, o percentual de negros superou o de brancos: foram 57,14% de negros e 38,78% de brancos.



**Figura 6:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Agronegócio e Engenharia Agrícola e Ambiental do CCA/UFV - 2011 a 2015.

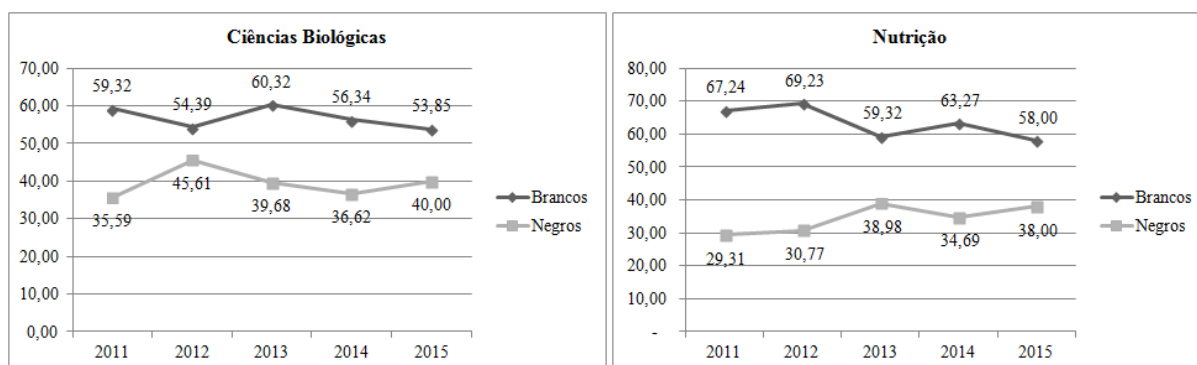
**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Cabe destacar que, em dois cursos do CCA, o percentual de negros superou o de brancos em 2015: foram 52,94% de negros e 41,18% de brancos no curso de Agronegócio e 57,14% de negros e 38,78% de brancos no curso de Engenharia Agrícola e Ambiental. A

exceção foi a Agronomia onde a diferença percentual entre negros e brancos foi de 13,06% em 2015: 55,10% de brancos e 42,04% de negros, sendo este o único curso deste Centro no qual não houve certa paridade entre o percentual dessas duas categorias, em qualquer dos anos analisados.

Com respeito ao CCB, 08 cursos compõem este Centro: Ciências Biológicas, Nutrição, Bioquímica, Licenciatura em Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Medicina e Medicina Veterinária, sendo que se verificou a presença de maior percentual de estudantes brancos nas graduações em Bioquímica, Ciências Biológicas, Licenciatura em Ciências Biológicas e Nutrição, nos 5 anos analisados.

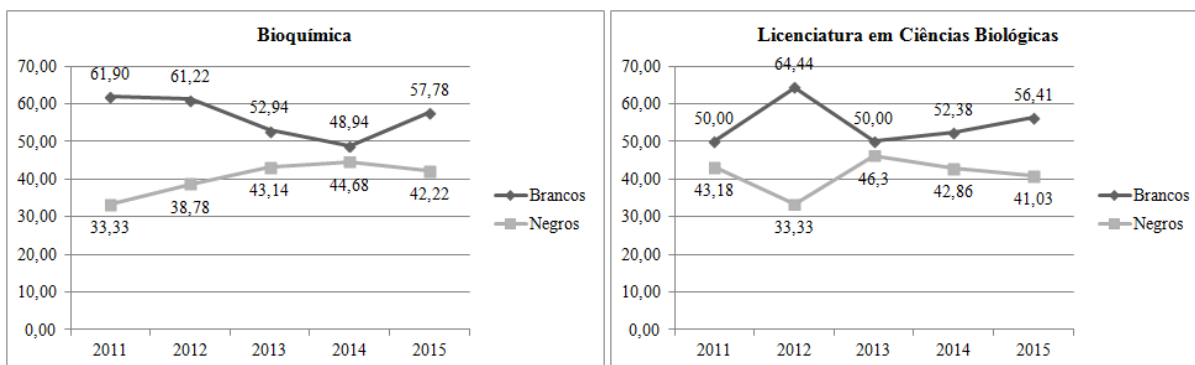
No curso de Ciências Biológicas houve aumento de 10,02% no quantitativo negro em 2012, decréscimos de 5,93% e 3,06% em 2013 e 2014, nessa ordem, e aumento de 3,38% em 2015. Enquanto que na graduação em Nutrição houve crescimento de 1,46% e 8,21%, respectivamente, em 2012 e 2013, com queda de 4,29% em 2014 e aumento de 3,31% em 2015, sendo que a porcentagem de negros, em nenhum momento, ultrapassou a marca de 40%.



**Figura 7:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Ciências Biológicas e Nutrição do CCB/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

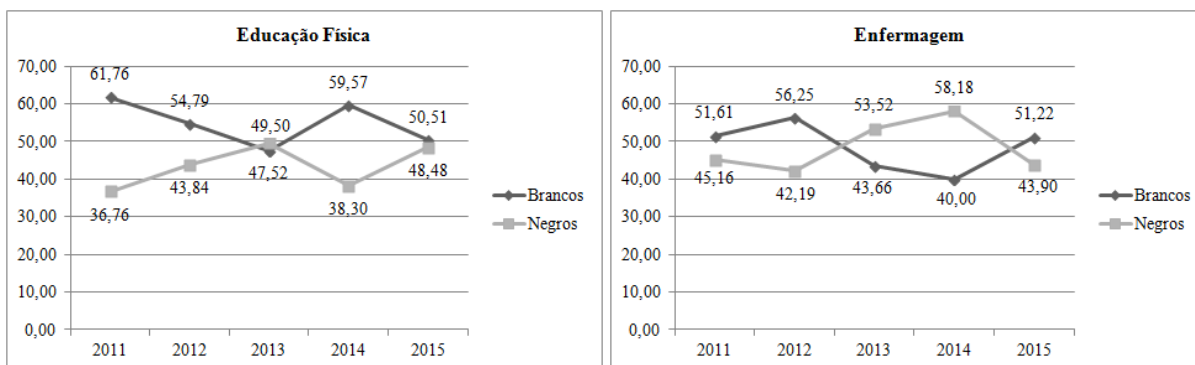
No curso de Bioquímica observou-se que a porcentagem de estudantes negros aumentou em 5,45%, 4,36% e 1,54%, nessa ordem, de 2012 a 2014, reduzindo em 2,46% no ano de 2015. Ao passo que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas apresentou redução de 9,85% no percentual de negros em 2012, com aumento de 12,97% em 2013 e decréscimo de 3,44% e 1,83% em 2014 e 2015, de acordo com a ordem indicada.



**Figura 8:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Bioquímica e Licenciatura em Ciências Biológicas do CCB/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

No curso de Educação Física observou-se um aumento gradativo no quantitativo de discentes negros até 2013, ano que apresentou maior percentual desse grupo (49,50%), sendo que, em 2014, houve uma queda acentuada em mais de 11% e, em 2015, registrou-se acréscimo de mais de 10% desse valor, apesar do número de brancos superar o de negros em 2,03%, isto é, com uma pequena diferença percentual. Enquanto que no curso de Enfermagem, em 2011 e 2012, a maioria dos discentes se autodeclararam brancos, sendo que em 2012 houve redução de 2,97% no percentual de negros, em 2013 e 2014 houve predomínio de negros e, em 2015, percebeu-se uma redução de 14,28% no percentual de negros e registrou-se maior quantitativo de discentes brancos.

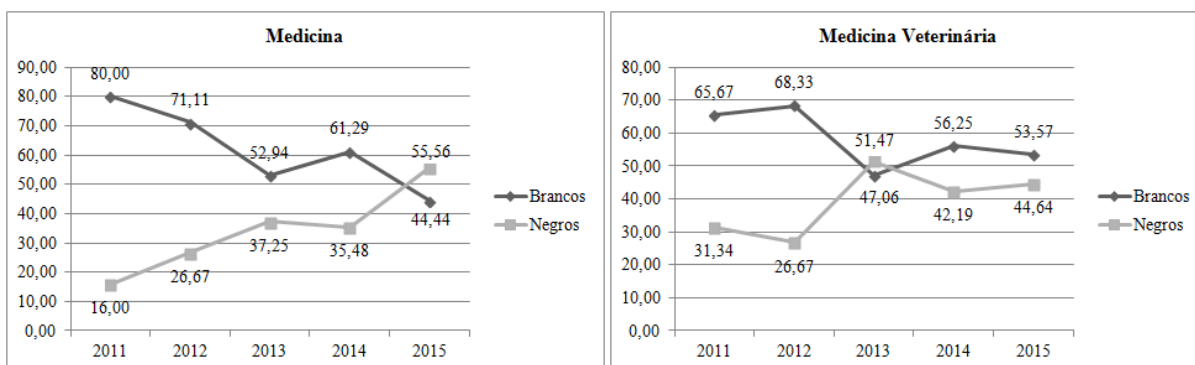


**Figura 9:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Educação Física e Enfermagem do CCB/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Em relação ao curso de Medicina, este apresentou prevalência de alunos brancos até o ano de 2014, apesar de que houve um aumento gradativo no número de negros entre os anos de 2011 e 2013, quando o percentual se manteve constante até 2014 e, em 2015, apresentou um aumento de mais de 20% no contingente negro, superando em 11,12% o de brancos: foram 55,56% de alunos negros e 44,44% de brancos. No curso de Medicina Veterinária ocorreu o inverso: de 2011 para 2012 houve prevalência de discentes brancos e redução de

4,67% no número de negros, no ano de 2013 apresentou um aumento significativo de 20,39% no percentual de negros (único ano em que o percentual de negros superou o de brancos) e, em 2014 e 2015, o percentual de brancos foi superior ao de negros, com redução de 4,87% em 2014 e ligeiro acréscimo de 2,45% no ano de 2015.

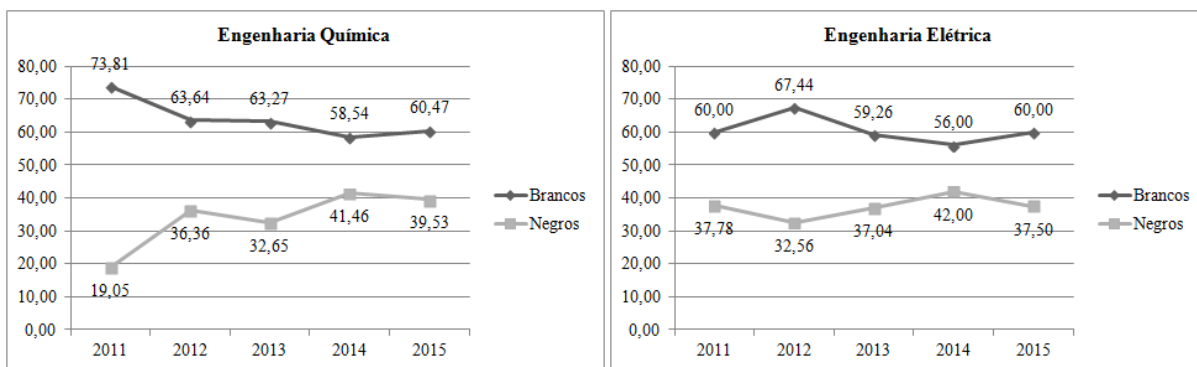


**Figura 10:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Medicina e Medicina Veterinária do CCB/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Quanto ao CCE, 17 cursos estão vinculados a este Centro, quais sejam: Engenharia Química, Engenharia Elétrica, Engenharia de Alimentos, Ciência da Computação, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Mecânica, Engenharia Ambiental, Engenharia de Produção, Química, Física, Engenharia Civil, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Química, Engenharia de Agrimensura e Cartografia, Ciência e Tecnologia de Laticínios e Matemática (Bacharelado e Licenciatura).

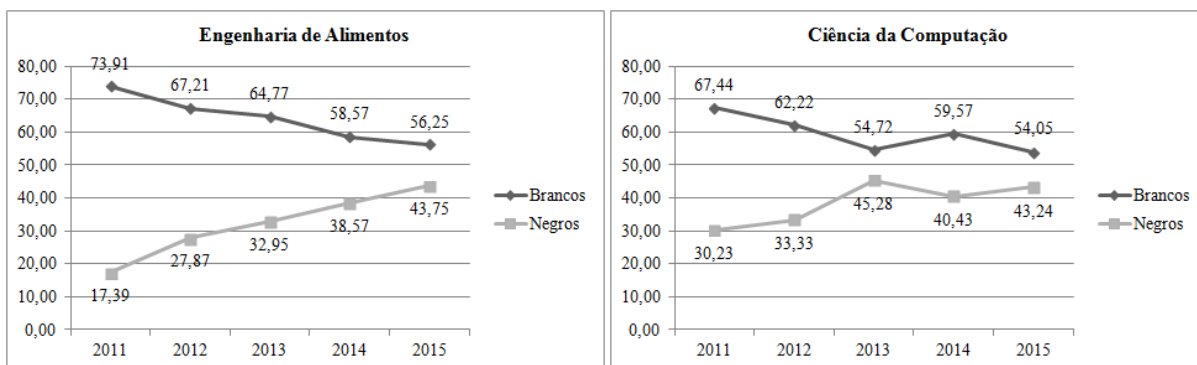
Nos cursos de Engenharia Química e Engenharia Elétrica, o percentual de brancos foi superior ao de negros nos 5 anos analisados. Cumpre destacar que na Engenharia Química houve aumento do percentual de graduandos negros em 2012, ligeira queda desse percentual em 2013, aumento de 8,81% em 2014 e outro pequeno decréscimo em 2015. Enquanto que, em relação ao percentual de alunos negros na Engenharia Elétrica, observou-se redução de 5,22% em 2012, acréscimo de 4,48% e 4,96% em 2013 e 2014, respectivamente e declínio de 4,50% em 2015.



**Figura 11:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Química e Engenharia Elétrica do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

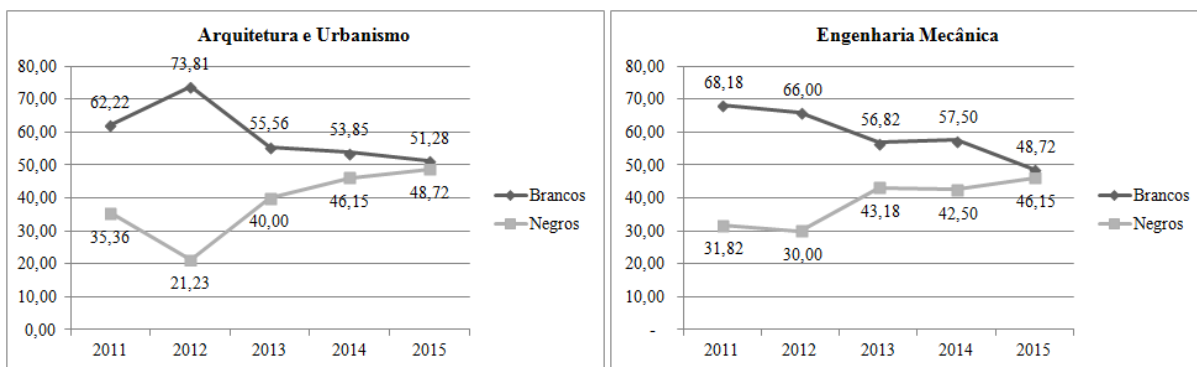
De modo similar, na Engenharia de Alimentos e na Ciência da Computação, o quantitativo de discentes autodeclarados brancos também superou o de negros nos 5 anos analisados. Cabe ressaltar que o curso de Alimentos claramente caminha para que haja certa equidade entre esses percentuais, com aumento constante no percentual de negros e, conseqüente, decréscimo no de brancos. Em contrapartida, no curso de Computação observou-se aumento no percentual de negros até o ano de 2013, redução de 5,37% e aumento de 2,81% nesse percentual em 2014 e 2015, respectivamente.



**Figura 12:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia de Alimentos e Ciência da Computação do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

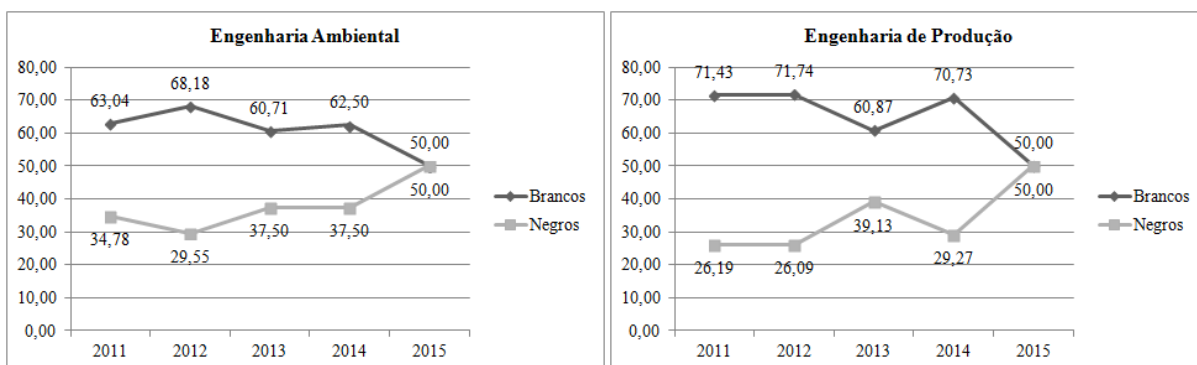
Nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Mecânica, o percentual de brancos foi superior ao de negros nos 5 anos analisados. Salienta-se que o curso de Arquitetura e Urbanismos apresentou redução de 14,13% no percentual de negro de 2011 para 2012 e aumento de 18,77%, 6,15% e 2,57% nesse percentual em 2013, 2014 e 2015, na devida ordem. Já no curso de Engenharia Mecânica houve um pequeno decréscimo no percentual de negros de 2011 para 2012, aumento de 13,18% em 2013, ligeira redução em 2014 e novo acréscimo em 2015, sendo que, neste último ano, registrou-se a menor diferença percentual entre negros e brancos: 2,57 %.



**Figura 13:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Mecânica do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Nos cursos de Engenharia Ambiental e Engenharia de Produção, o percentual de brancos foi superior ao de negros até 2015, ano em que estes percentuais se igualaram nos dois cursos. Destaca-se que, quanto ao percentual de negros na Engenharia Ambiental, houve decréscimo de 5,23% nesse percentual de 2011 para 2012, aumento de 7,95% em 2013, sendo que, em 2014, tal percentual se manteve constante e, em 2015 ocorreu aumento de 12,50% no quantitativo negro. Ao passo que na Engenharia de Produção, observou-se ligeiro decréscimo no percentual de negros de 2011 para 2012, percentual este que apresentou aumento de 13,04% em 2013, redução de 9,86% em 2014 e acréscimo de 20,73% em 2015.

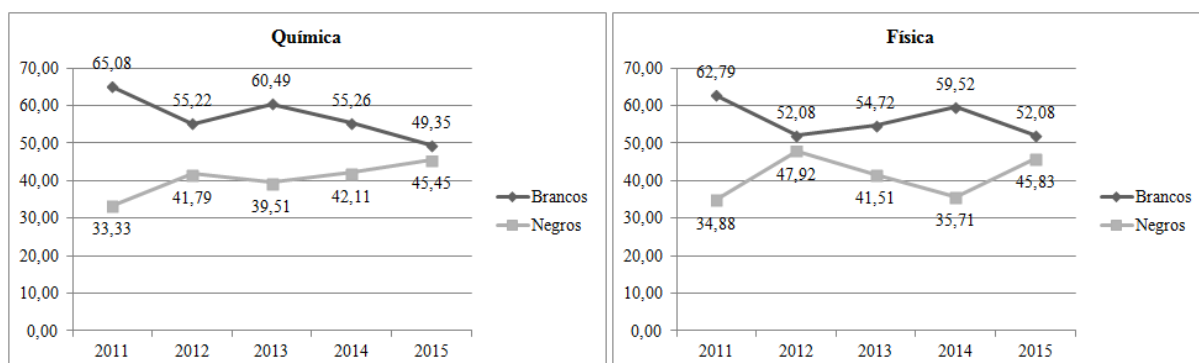


**Figura 14:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Ambiental e Engenharia de Produção do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Quanto aos cursos de Química e Física, o percentual de brancos foi superior ao de negros nos 5 anos analisados, contudo, como observado na Figura 15, os dois cursos caminham para equiparar esses percentuais. Na Química observou-se aumento de 8,46% no quantitativo negro de 2011 para 2012, redução de 2,28% desse percentual em 2013 e aumento de 2,60% e 3,34% em 2014 e 2015, respectivamente. Enquanto que na Física ocorreu acréscimo de 13,04% no percentual de discentes negros de 2011 para 2012, decréscimo de

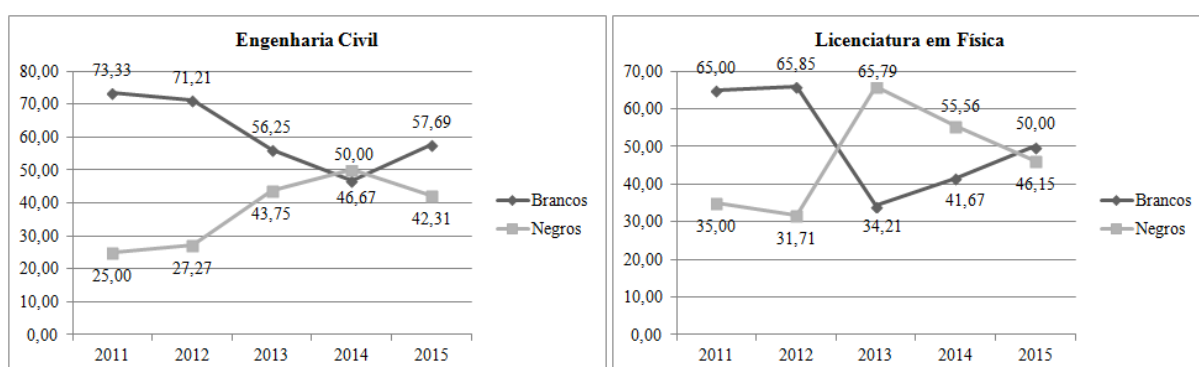
6,41% e 5,80% nesse percentual em 2013 e 2014, nessa ordem, e novo aumento de 10,12% em 2015.



**Figura 15:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Química e Física do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

No curso de Engenharia Civil percebeu-se maior percentual de brancos até o ano de 2013, sendo que em 2014 o percentual de negros superou o de brancos em 3,33% e, em 2015, novamente ocorreu prevalência de autodeclarados brancos. Em relação ao percentual de alunos negros desse curso, houve acréscimo de 2,27%, 16,48% e 6,25% em 2012, 2013 e 2014, nessa ordem, com redução de 7,69% em 2015. Já no curso de Licenciatura em Física, o percentual de brancos foi maior em 2011 e 2012, o de negros foi superior em 2013 e 2014 e, em 2015, registrou-se ligeira prevalência de autodeclarados brancos. Quanto ao percentual de negros desse curso, houve redução de 3,29% em 2012, aumento de 34,08% em 2013 e decréscimo de 10,23% e 9,41% em 2014 e 2015, respectivamente.

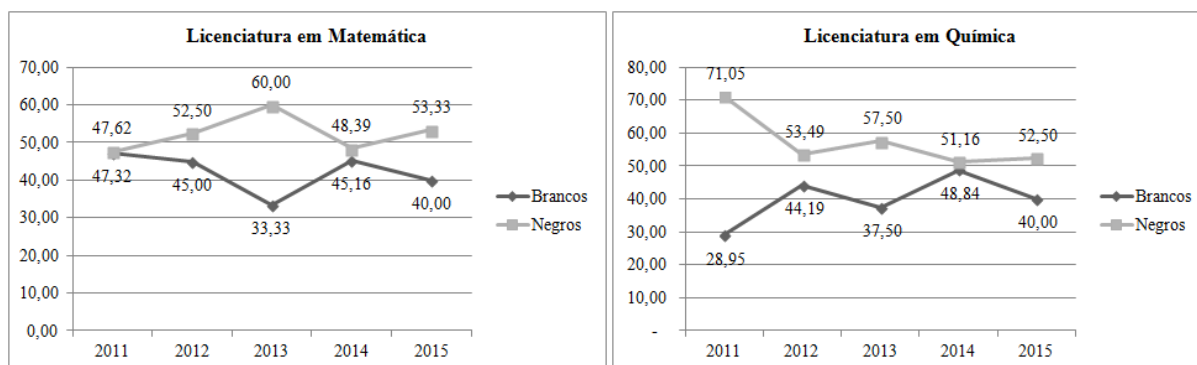


**Figura 16:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia Civil e Licenciatura em Física do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Nos cursos de Licenciaturas em Matemática e em Química, o percentual de negros foi maior que o de brancos nos 5 anos analisados, sendo que na Licenciatura em Matemática observou-se aumento do quantitativo negro entre 2011 a 2013, em 2014 houve redução de

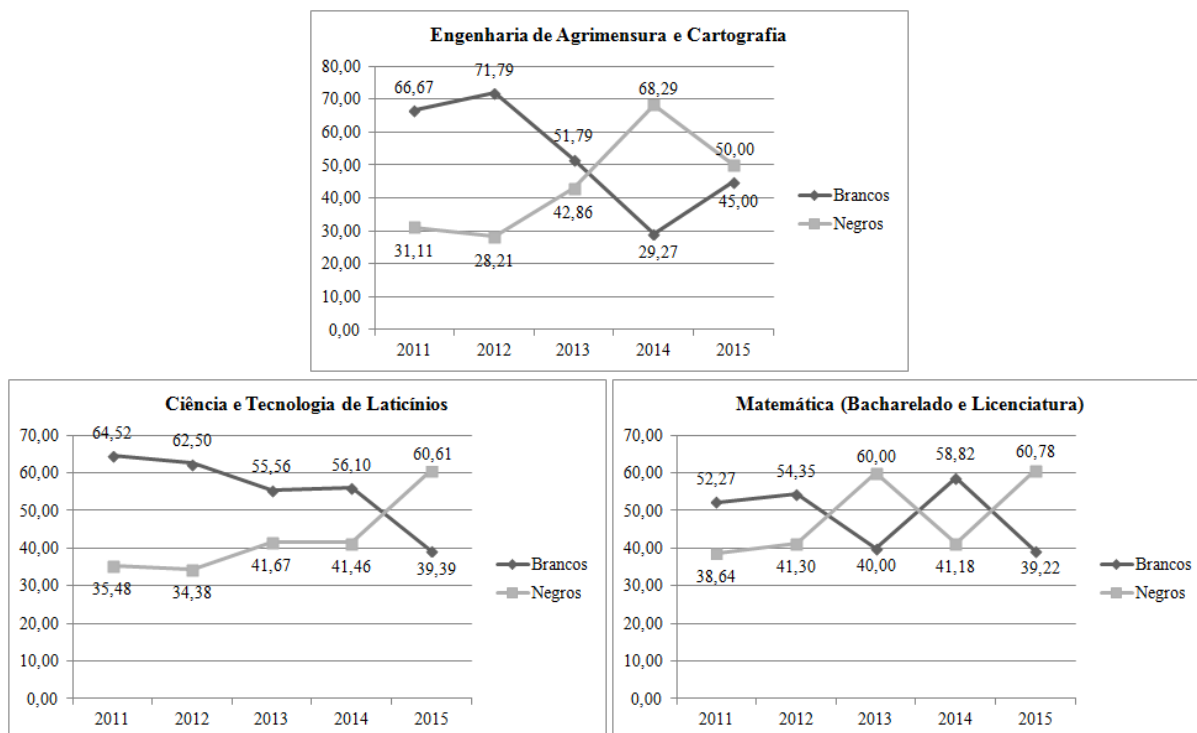
11,61% e, em 2015, aumento de 4,94% nesse percentual. Na Licenciatura em Química, por sua vez, no que se refere ao número de graduandos negro, ocorreu redução de 17,56% de 2011 para 2012, acréscimo de 4,01% em 2013, redução de 6,34% em 2014 e um pequeno aumento de 1,34% em 2015.



**Figura 17:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Química do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Na Engenharia de Agrimensura e Cartografia, o percentual de brancos foi maior em 2011, 2012 e 2013, o de negros foi superior 2014 e 2015, sendo que neste último ano registrou-se a menor diferença percentual entre brancos e negros: 5%. Já o curso de Ciência e Tecnologia de Laticínios apresentou um alto percentual de brancos até o ano de 2014 e, em 2015, houve um quantitativo elevado de negros: 60,61%. Em contraste, no curso de Matemática observou-se alternância entre brancos e negros: em 2011, 2012 e 2014 houve maior número de brancos (52,27%, 54,35% e 58,82%, na devida ordem), ao passo que em 2013 e 2015 se verificou maior presença de negros (60,00% e 60,78%).



**Figura 18:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Engenharia de Agrimensura e Cartografia, Ciência e Tecnologia de Laticínios e Matemática do CCE/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

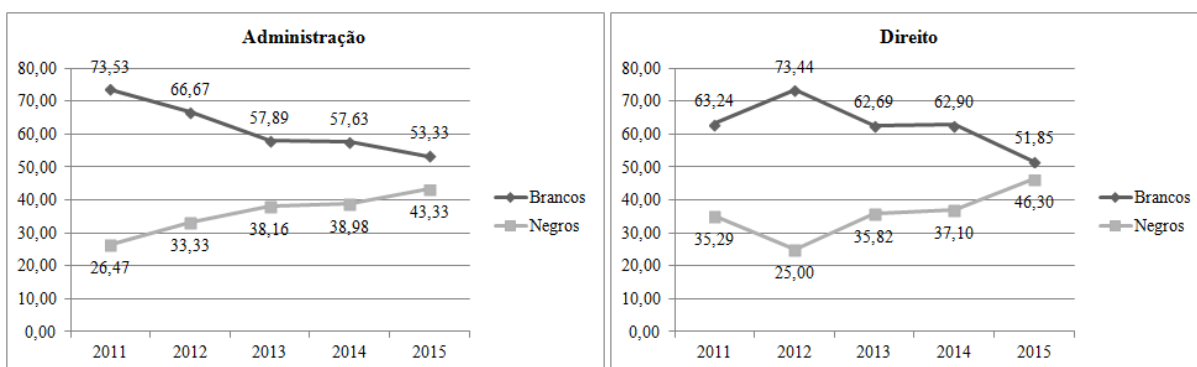
No tocante ao CCH, em 2015, 15 cursos faziam parte deste Centro, a saber: Administração, Direito, História, Letras, Comunicação Social/Jornalismo, Ciências Sociais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Secretariado Executivo Trilíngue, Geografia, Economia Doméstica, Educação Infantil, Dança, Licenciatura em Educação do Campo (LICENA) e Pedagogia. Cabe destacar que, conforme a ata n.º 520/2016<sup>213</sup> do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), foi aprovada em 17 de junho de 2016, a criação do curso de graduação em Serviço Social vinculado ao CCH e com início das atividades previstas para 2017, sendo que o referido curso não foi objeto de análise, uma vez que sua criação extrapola o espaço temporal delimitado. Salienta-se, ainda, que a extinção do curso de Economia Doméstica foi aprovada em 20 de setembro de 2016, como exposto na ata n.º 524/2016<sup>214</sup> do CEPE.

No curso de Administração, apesar de observado aumento do quantitativo de negros com conseqüente decréscimo no de brancos, o percentual de brancos foi superior em todos os anos analisados, contudo este curso caminha para equiparar os percentuais de negros e

<sup>213</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 520**, realizada no dia 17 de junho de 2016. p. 1-8. p. 6. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/05-ATA-CEPE-520-17.06.16.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>214</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 524**, realizada no dia 20 de setembro de 2016. p. 1-2. p. 1-2. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/09-ATA-CEPE-524-20.09.16.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

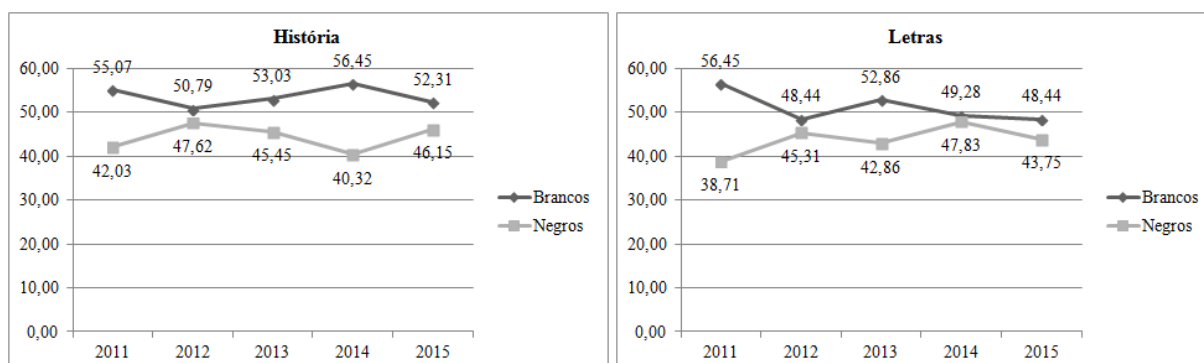
brancos. Ao passo que no curso de Direito, onde o quantitativo branco foi superior ao de negros nos 5 anos analisados, o percentual de negros apresentou redução de 10,29% de 2011 para 2012 e aumento de 10,82%, 1,28% e 9,20% em 2013, 2014 e 2015, respectivamente. Ressalta-se que, em relação ao quantitativo negro, a Administração apresentou aumento de 6,86%, 4,83%, 0,82% e 4,35% em 2012, 2013, 2014 e 2015, na ordem indicada.



**Figura 19:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Administração e Direito do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

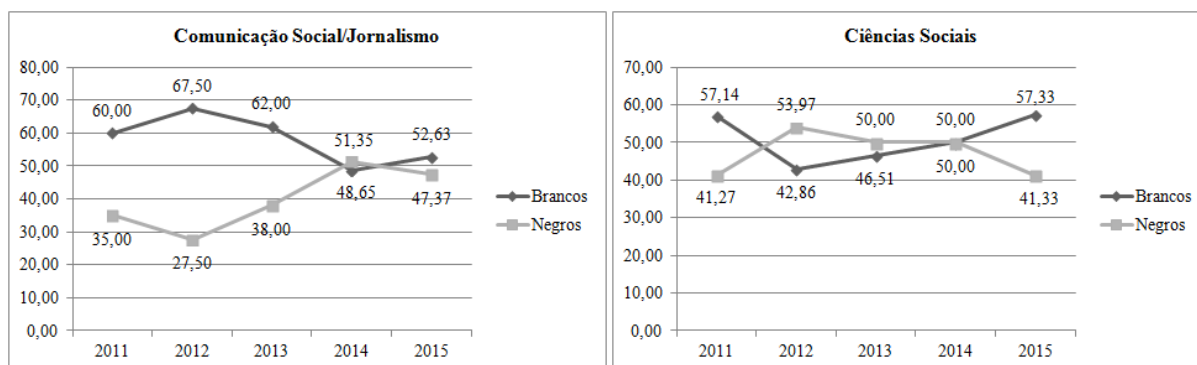
De modo similar, os cursos de História e Letras apresentaram menor presença de estudantes negros em todos os anos analisados, sendo que na História houve aumento de 5,59% no percentual de negros em 2012, redução de 2,17% e 5,13% nesse percentual em 2013 e 2014, respectivamente, e aumento de 5,83% em 2015. Enquanto que, em relação ao quantitativo de alunos negros, a Letras apresentou aumento de 6,60% em 2012, decréscimo de 2,45% em 2013, acréscimo de 4,97% em 2014 e, em 2015, um declínio de 4,08%. É importante frisar que, em 2015, os cursos de História e Letras apresentaram a diferença de 6,16% e 4,69%, nessa ordem, entre o percentual de brancos e negros.



**Figura 20:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de História e Letras do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

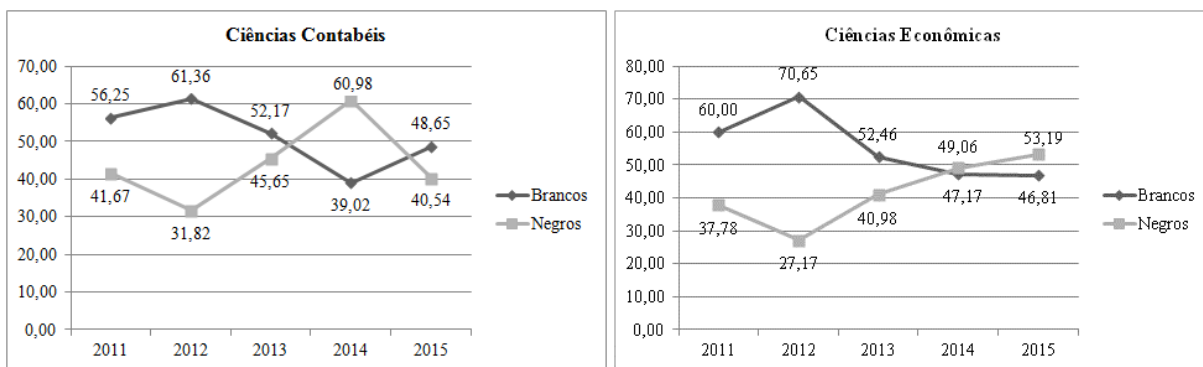
No que toca ao curso de Comunicação Social/Jornalismo observou-se predomínio de discentes brancos entre os anos de 2011 e 2013, maior percentual de negros em 2014 e, em 2015, maior quantitativo de brancos. Salienta-se que, com relação ao percentual de negros nesse curso, houve decréscimo de 7,50% em 2012, aumento de 10,50% e 10,65% em 2013 e 2014, respectivamente, e redução de 1,98% em 2015. Quanto ao curso de Ciências Sociais, constatou-se maior percentual de brancos em 2011, em 2012 e 2013, o percentual de negros foi superior, em 2014 houve equivalência entre negros e brancos e, em 2015, o percentual de brancos superou o de negros. No que se refere ao quantitativo de discentes negros em tal curso, registrou-se aumento 12,70% em 2012, redução de 3,97% em 2013, em 2014, o quantitativo negro permaneceu constante e, em 2015, apresentou decréscimo de 8,67%, sendo que, nesse último ano, o percentual de brancos superou o de negros em 16,00%.



**Figura 21:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Ciências Sociais do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

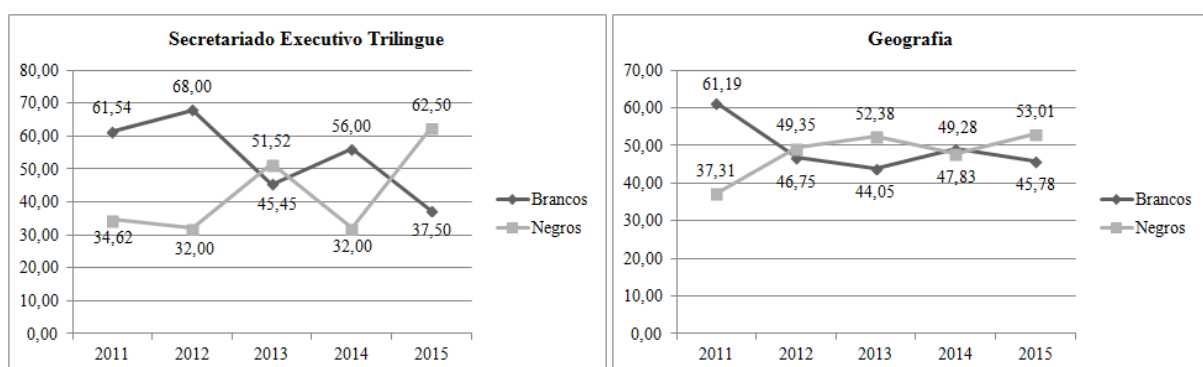
No que se refere ao curso de Ciências Contábeis, de 2011 para 2012, observou-se decréscimo de 9,85% no percentual de negros com predomínio de discentes brancos em 2011, 2012 e 2013, sendo que, em 2013 e 2014, houve aumento de 13,83% e 15,33%, nessa ordem, no quantitativo negro e, em 2015, percebeu-se decréscimo de 20,44% desse percentual com registro de maior percentual de brancos. Ao passo que no curso de Ciências Econômicas, de 2011 para 2012, houve redução de 10,61% no quantitativo negro com registro de maior percentual de brancos em 2011, 2012 e 2013, sendo que, de 2013 a 2015, observou-se aumento de 13,81%, 8,08% e 4,13% no quantitativo negro, respectivamente, com prevalência de autodeclarados negros nos dois últimos anos.



**Figura 22:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

No curso de Secretariado Executivo Trilíngue houve predominância de estudantes brancos em 2011, 2012 e 2014 e, em contraponto, em 2013 e 2015 prevaleceram os discentes negros. Sublinha-se que, quanto ao percentual de estudantes negros no referido curso, houve redução de 2,62% em 2012, aumento de 19,52% em 2013, decréscimo de 19,52% em 2014 e acréscimo de 30,50% em 2015. Em contraste, no curso de Geografia, em 2011, o percentual de brancos superou o de negros, em 2012 e 2013 houve aumento de 12,04% e 3,03% no quantitativo de discentes negros com registro de prevalência desse grupo, em 2014 houve redução de 3,10% no percentual de negros e ligeiro predomínio de discentes brancos e, em 2015, constatou-se aumento de 5,18% nesse percentual, sendo que o percentual de negros foi superior ao de brancos.

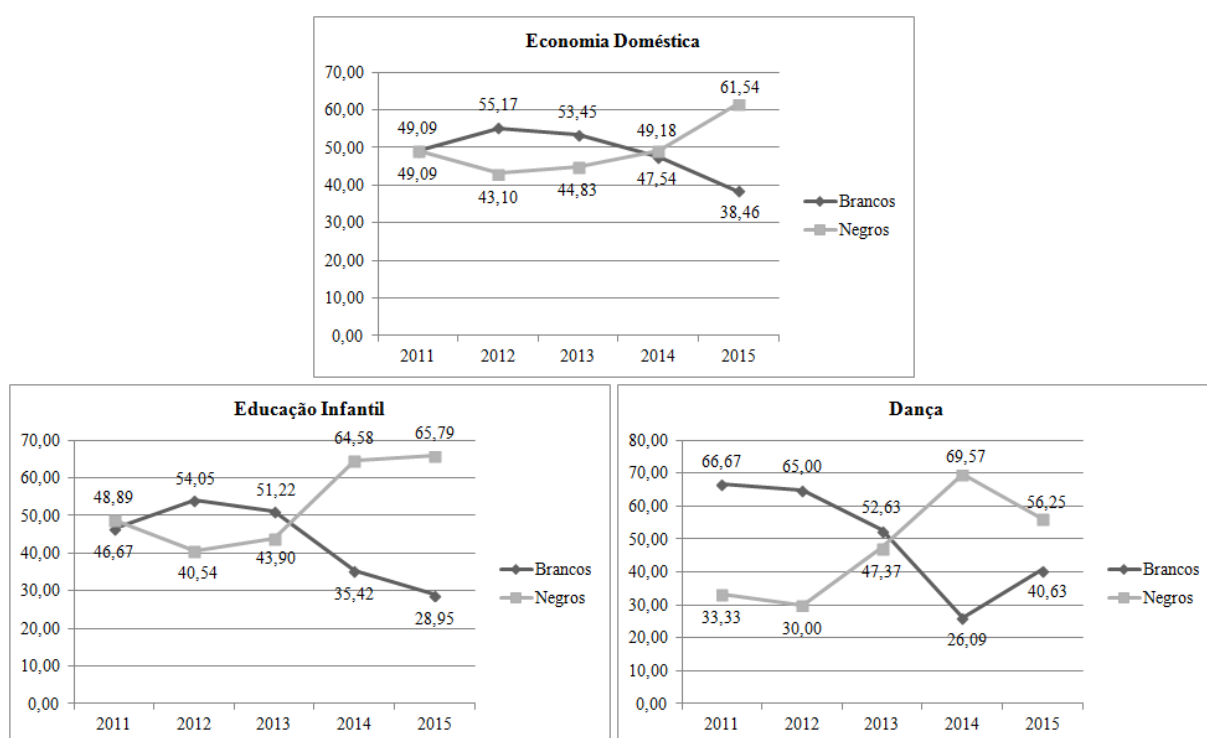


**Figura 23:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Secretariado Executivo Trilíngue e Geografia do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

No curso de Economia Doméstica houve equidade entre os percentuais de negros e brancos em 2011, sendo que nos dois anos seguintes observou-se maior percentual de brancos e, em 2014 e 2015, houve maior percentual de negros, sendo que, de 2014 para 2015, o quantitativo negro aumentou em 12,36%. Por outro lado, no curso de Educação Infantil verificou-se uma pequena diferença entre os percentuais de negros e brancos no ano de 2011

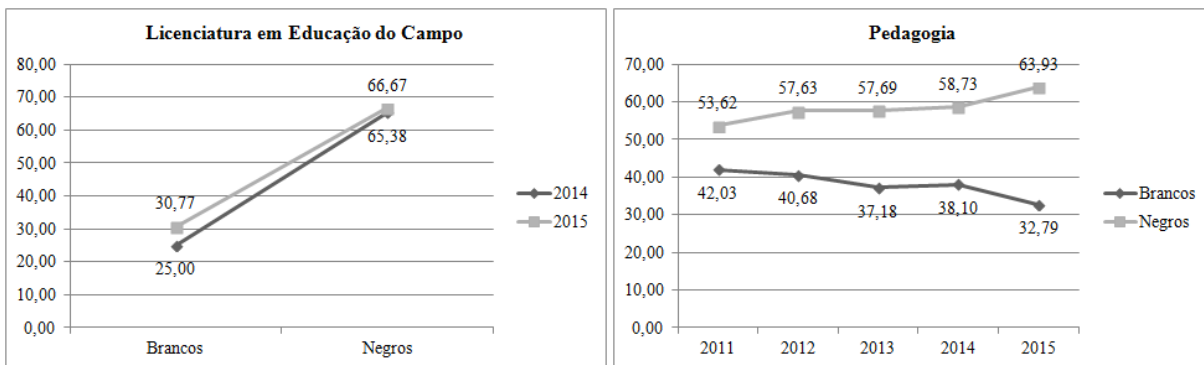
com prevalência do quantitativo negro, em 2012 e 2013 observou-se maior percentual de brancos e, em 2014 e 2015, houve maior percentual de negros, sendo que, em 2014, registrou-se um aumento significativo de 20,68% no quantitativo negro. Já no curso de Dança, observou-se predomínio de estudantes brancos nos anos de 2011, 2012 e 2013, sendo que, em 2013, quando iniciou o sistema de cotas, houve a menor diferença percentual entre brancos e negros (5,26%). Sublinha-se que, em 2013 e 2014, percebeu-se um aumento significativo de 17,37% e 22,20%, na ordem indicada, no percentual de negros da Dança, sendo que, em 2015 registrou-se um decréscimo de 13,32% nesse percentual, ainda que este continue superior ao de brancos.



**Figura 24:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Economia Doméstica, Educação Infantil e Dança do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

Nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo (LICENA) e Pedagogia, o percentual de negros superou o de brancos em todos os anos analisados, sendo que o ingresso da primeira turma no curso do LICENA ocorreu em 2014, dois anos após a promulgação da Lei n.º 12.711/2012 e, em 2015, houve um ligeiro aumento (1,29%) no percentual de discentes negros nesse curso. Em contraste, na Pedagogia houve acréscimo no quantitativo negro nos 5 anos analisados, sendo, 2012 e 2015, os anos que apresentaram aumentos mais significativo (4,01% e 5,20%, segundo a ordem indicada).



**Figura 25:** Evolução do percentual de estudantes brancos e negros nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e Pedagogia do CCH/UFV - 2011 a 2015.

**Fonte:** Registro de dados do RES. Elaborada pela autora.

A partir dos dados apresentados, constatou-se que, apesar da Lei de cotas ter contribuído para o aumento do percentual de negros, principalmente no ano de 2013, esta presença concentra em determinados cursos, isto é, ainda é necessário estudar mecanismos e ações que garantam esta equidade em todos os cursos. A este respeito, cabe destacar que em alguns dos cursos da UFV, tidos como de maior prestígio, a exemplo das graduações em Bioquímica, Direito, Nutrição, Medicina e na maioria das Engenharias, ainda existe predomínio de estudantes brancos, como pode ser observado na Figura 26, na qual apresentamos a síntese do percentual de negros e brancos de 2011 a 2015, nos cursos de graduação da UFV.

Sublinha-se, ainda que, a respeito da graduação em Direito e Medicina, enquanto cursos de maior prestígio, 20% dos entrevistados citaram os departamentos de Medicina e Enfermagem e/ou o de Direito como os setores da instituição que concentram o menor número de negros, sendo as justificativas bem similares, como E03 que cita a questão cultural (informação verbal)<sup>215</sup>, E07 que aponta que a Medicina é um curso que tem poucas pessoas negras, devido ao alto grau de concorrência do mesmo (informação verbal)<sup>216</sup> ou E18 que menciona que o curso de Direito deste a época imperial é caracterizado por comportar uma elite branca (informação verbal)<sup>217</sup>.

É importante explicar que cada curso de graduação da instituição é vinculado a um departamento e este a um Centro de Ciências. Neste sentido, uma vez que os departamentos estão identificados por siglas na Figura 26, apresentamos nos Quadros 4, 5, 6 e 7 a relação de

<sup>215</sup> SA. **Entrevista 03.** [08 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (08 min. e 06 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>216</sup> VCLS. **Entrevista 07.** [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (07 min. e 46 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>217</sup> FBJ. **Entrevista 18.** [20 jun. 2017].

departamentos de cada Centro com sua respectiva siglas e os cursos de graduação vinculados a estes.

	<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>CURSO(S) DE GRADUAÇÃO</b>
<b>CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (CCA)</b>	Departamento de Engenharia Florestal (DEF)	Engenharia Florestal
	Departamento de Zootecnia (DZO)	Zootecnia
	Departamento Economia Rural (DER)	Cooperativismo
		Agronegócio
	Departamento de Fitotecnia (DFT)	Agronomia
Departamento de Engenharia Agrícola (DEA)	Engenharia Agrícola e Ambiental	

**Quadro 4:** Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Agrárias com os respectivos cursos de graduação.

**Fonte:** Disponível em: <<https://www.ufv.br/administracao/orgaos/>>. Acesso em: 21 out. 2017. Elaborado pela autora.

	<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>CURSO(S) DE GRADUAÇÃO</b>
<b>CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE (CCB)</b>	Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular (DBB)	Bioquímica
	Departamento de Biologia Geral (DBG)	Ciências Biológicas
		Licenciatura em Ciências Biológicas
	Departamento de Nutrição e Saúde (DNS)	Nutrição
	Departamento de Educação Física (DES)	Educação Física
	Departamento de Medicina e Enfermagem (DEM)	Enfermagem
Medicina		
Departamento de Veterinária (DVT)	Medicina Veterinária	

**Quadro 5:** Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde com os respectivos cursos de graduação.

**Fonte:** Disponível em: <<https://www.ufv.br/administracao/orgaos/>>. Acesso em: 21 out. 2017. Elaborado pela autora.

	<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>CURSO(S) DE GRADUAÇÃO</b>
<b>CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (CCH)</b>	Departamento de Administração e Contabilidade (DAD)	Administração Ciências Contábeis
	Departamento de Economia (DEE)	Ciências Econômicas
	Departamento de Direito (DPD)	Direito
	Departamento de Educação (DPE)	Pedagogia
		Licenciatura em Educação do Campo
	Departamento de Economia Doméstica (DED)	Economia Doméstica
		Educação Infantil
	Departamento de Geografia (DGE)	Geografia
	Departamento de História (DHI)	História
	Departamento de Ciências Sociais (DCS)	Ciências Sociais
	Departamento de Letras (DLA)	Letras
		Secretariado Executivo Trilíngue
	Departamento de Artes e Humanidades (DAH)	Dança
Departamento de Comunicação Social (DCM)	Comunicação Social/Jornalismo	

**Quadro 6:** Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes com os respectivos cursos de graduação.

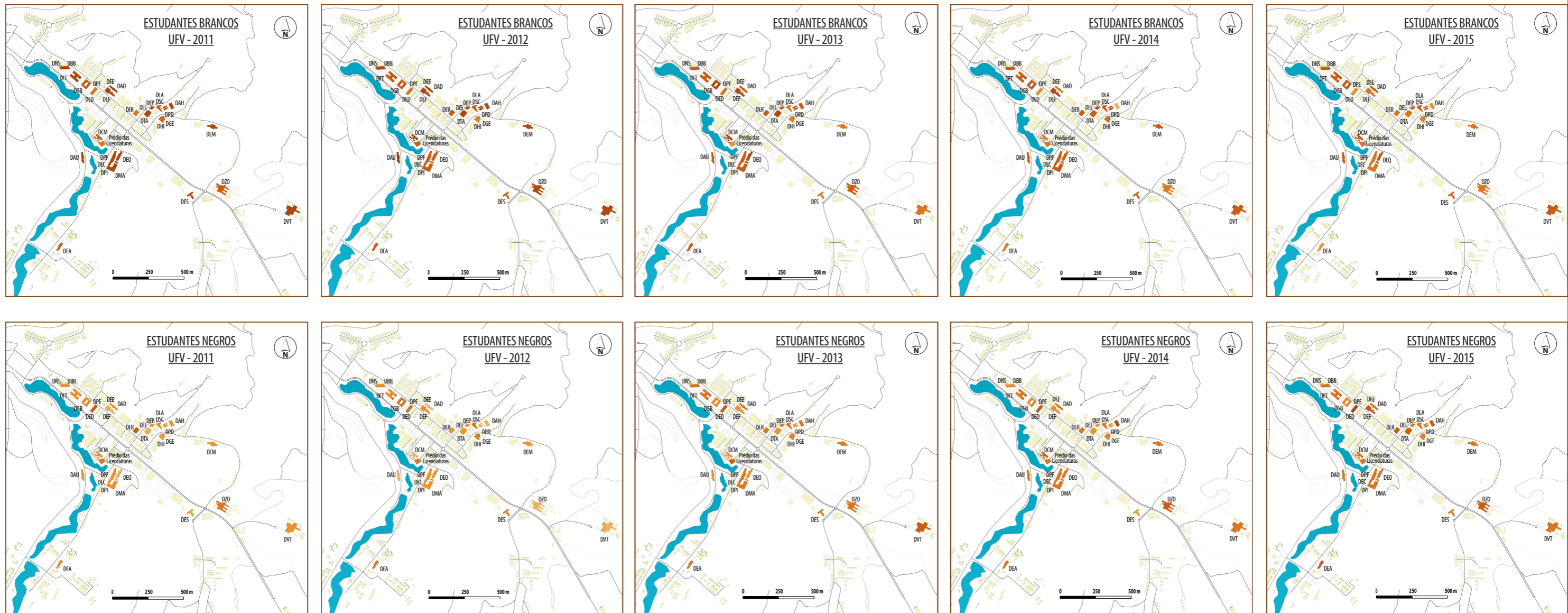
**Fonte:** Disponível em: <<https://www.ufv.br/administracao/orgaos/>>. Acesso em: 21 out. 2017. Elaborado pela autora.

	<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>CURSO(S) DE GRADUAÇÃO</b>
<b>CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS (CCE)</b>	Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU)	Arquitetura e Urbanismo
	Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica (DEP)	Engenharia de Produção
		Engenharia Mecânica
	Departamento de Engenharia Elétrica (DEL)	Engenharia Elétrica
	Departamento de Química (DEQ)	Engenharia Química
		Química
	Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA)	Ciência e Tecnologia de Laticínios
		Engenharia de Alimentos
	Departamento de Engenharia Civil (DEC)	Engenharia Ambiental
		Engenharia Civil
		Engenharia de Agrimensura e Cartografia
	Departamento de Matemática (DMA)	Matemática (Bacharelado e Licenciatura)
	Departamento de Informática (DPI)	Ciência da Computação
Departamento de Física (DPF)	Física	
Prédio das Licenciaturas	Licenciatura em Física	
	Licenciatura em Matemática	
	Licenciatura em Química	

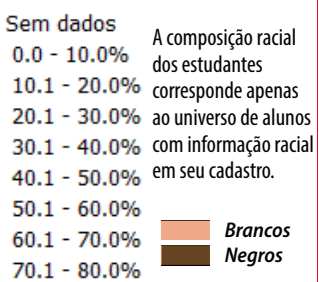
**Quadro 7:** Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas com os respectivos cursos de graduação.

**Fonte:** Disponível em: <<https://www.ufv.br/administracao/orgaos/>>. Acesso em: 21 out. 2017. Elaborado pela autora.

## MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE ESTUDANTES BRANCOS E NEGROS DA UFV POR DEPARTAMENTO E CURSOS DE GRADUAÇÃO - 2011 / 2015



### LEGENDA



2015	46,84	48,84	55,1	42,04	36,78	57,14	48,91	50,65	47,54	50,82	41,18	52,94
2014	54,76	40,48	51,62	43,08	50	47,92	45,83	52,04	43,33	37,33	52,5	45
2013	60,76	39,02	54,72	41,94	54,69	42,19	53,4	45,63	40,25	36,76	54	42
2012	52,63	39,47	68	36,96	54,35	45,65	70	28,89	42,1	36,07		
2011	44,78	51,22	63,44	32,6	57,89	52,69	54,92	43,68	49,33	28,21		
	COOPERATIVISMO	AGRONOMIA	ENG. AGRÍCOLA E AMBIENTAL		ZOOTECNIA	ENGENHARIA FLORESTAL		AGRONEGÓCIO				

Centro de Ciências Agrárias - CCA

2015	53,95	40	37,78	42,22	56,41	41,83	58	38	50,51	48,48	53,22	43,9	44,41	55,56	55,57	44,64
2014	46,34	36,02	46,68	44,68	52,38	42,86	43,27	34,69	49,27	38,3	46	58,18	43,29	35,48	46,25	42,19
2013	46,32	39,68	52,54	43,14	60	46,3	65,52	38,98	47,02	49,5	43,66	53,52	52,94	37,25	47,06	51,47
2012	54,39	45,61	61,22	38,78	64,44	33,33	60,21	39,77	54,79	43,84	56,25	42,19	71,11	26,67	68,33	26,67
2011	39,52	35,59	43,9	33,33	56	43,18	47,24	29,31	43,19	36,76	39,61	45,16	68	16	49,67	31,34
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	BIOQUÍMICA	LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS		NUTRIÇÃO	EDUCAÇÃO FÍSICA	ENFERMAGEM	MEDICINA	MEDICINA VETERINÁRIA							

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCB

2015	53,33	43,33	51,85	46,3	51,79	63,93	57,31	46,15	48,44	43,75	48,65	40,54	46,63	56,25	46,81	53,19	48,46	61,54	38,95	65,79	57,31	41,33	45,78	53,01	51,65	47,37	51,5	62,5	39,79	66,67
2014	57,63	38,98	62,9	37,1	58,1	58,73	56,45	48,32	49,28	47,83	39,02	60,98	47,37	49,06	47,37	49,06	47,54	49,18	35,42	64,58	50	50	49,28	47,83	48,65	51,35	56	32	25	65,38
2013	57,89	38,16	62,69	35,82	57,18	57,69	53,91	45,45	52,96	42,86	52,37	45,65	52,69	47,37	52,49	40,58	51,48	44,83	51,22	43,9	46,51	50	44,89	52,38	62	38	45,45	51,52		
2012	46,07	33,33	73,44	25	40,68	57,63	50,79	47,62	48,44	45,31	61,36	31,82	65	30	70,65	27,17	55,17	43,1	54,85	40,54	42,86	53,97	46,75	49,35	67,5	27,5	68	32		
2011	73,53	26,47	63,24	35,29	42,03	53,62	55,07	42,03	56,45	38,71	55,25	41,67	66,67	33,33	60	37,78	49,09	49,09	46,67	48,89	57,14	41,27	61,19	37,31	60	35	61,54	34,62		
	ADMINISTRAÇÃO	DIREITO	PEDAGOGIA		HISTÓRIA	LETRAS	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	DANÇA	CIÊNCIAS ECONÔMICAS	ECONOMIA DOMÉSTICA	EDUCAÇÃO INFANTIL	CIÊNCIAS SOCIAIS	GEOGRAFIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO EXECUTIVO	SECRETARIADO TRILINGUE	LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO														

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCH

2015	53,26	48,72	60	50	41	50	60	50	48,72	46,15	50	46,15	60,35	45,45	39,09	60,61	57,69	42,31	39,22	60,78	54,08	43,24	56,25	43,75	60	37,5	60,41	39,53	52,08	45,83	60	53,33	60	52,5
2014	53,85	46,15	62,5	37,5	29,27	68,29	70,19	29,27	57,5	42,5	41,67	55,56	55,26	42,11	56,1	41,46	46,67	50	68,82	41,18	68,82	40,43	48,37	38,57	66	42	58,54	41,46	48,34	48,34	51,36			
2013	55,56	40	66,71	37,5	51,79	42,86	60,87	39,13	56,82	43,18	34,21	65,79	68,49	38,51	55,56	41,67	56,25	43,75	40	60	54,72	45,28	64,77	32,95	59,26	37,04	63,27	32,65	54,72	41,51	33,33	60	37,5	57,5
2012	73,83	71,21	48,18	29,55	73,79	28,21	71,74	26,09	66	38	69,48	31,71	59,29	41,29	62,5	34,38	79,24	27,27	54,25	41,3	62,27	33,33	67,71	27,87	67,84	32,56	63,84	36,36	52,08	47,82	45	52,5	44,44	53,49
2011	62,72	33,36	63,09	34,78	66,67	31,11	71,03	26,19	68,18	31,82	65	35	60,88	33,33	61,52	35,48	73,83	25	52,29	38,64	67,84	30,23	73,91	17,39	66	37,78	73,83	19,05	62,29	34,88	67,72	47,62	28,95	71,85
	ARQUITETURA E URBANISMO	ENGENHARIA AMBIENTAL	ENGENHARIA DE AGRIMENSURA E CARTOGRAFIA		ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	ENGENHARIA MECÂNICA	LICENCIATURA EM FÍSICA	QUÍMICA	CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE LÁTÍCIOS	ENGENHARIA CIVIL	MATEMÁTICA	CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	ENGENHARIA DE ALIMENTOS	ENGENHARIA ELÉTRICA	ENGENHARIA QUÍMICA	FÍSICA	LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	LICENCIATURA EM QUÍMICA																

Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - CCE

Figura 26: Mapa de distribuição dos estudantes da UFV autodeclarados brancos e negros por departamento e curso de graduação – 2011 a 2015.

Fonte: Registro de dados do RES. Elaborado por Herbert Pardini.

É importante salientar que em 2013, quando ocorreu a entrada dos primeiros estudantes beneficiados pela Lei, 34 do total de 46 cursos de graduação da UFV apresentaram aumento no percentual de estudantes negros. Enquanto que, em relação a cada um dos Centros, o que apresentou maior percentual de negros, considerando a média dos 03 (três) anos posteriores a promulgação da Lei de cotas (2013 a 2015), foi o CCH com 49,40%, seguido do CCE com 45,03%, do CCA com 44,40% e, por último, o CCB com 36,69%.

Convém destacar que, a principal forma de ingresso à UFV é por meio do Sistema de Seleção Unificado (SISU), utilizando-se a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, em princípio, os estudantes realizam o Exame e, posteriormente, com a nota do mesmo, é que se inscrevem no SISU. Portanto, a partir da nota da seleção, o estudante pressupõe a possibilidade ou não de ingresso em determinado curso, o que concorre para que este opte, muitas vezes, pelo curso que possui a nota mínima de entrada e não por aquele que, efetivamente, gostaria de cursar.

Neste sentido, se a opção pelo curso fosse realizada antes da prova do ENEM ou do resultado deste, talvez isso contribuísse para a redução do índice de evasão, como também, evitaria essa maior entrada de estudantes negros em alguns cursos em detrimento de outros.

\*\*\*

Diante do exposto, ressaltamos que ainda que, a segregação racial brasileira não seja tão evidente como a que existiu nos EUA, este fenômeno é facilmente perceptível para um observador mais atento, pois os empregos subalternos, menores grau de escolaridade, menores salários, alto índice de violência, são indicadores que atingem em grande escala a população negra, principalmente a de baixa renda. Ou seja, a escravidão é reeditada na atualidade por meio das péssimas condições socioeconômicas que atingem, em especial, os negros.

E, como anteriormente citado, durante as entrevistas, ao justificar a necessidade de ações afirmativas para negros, os entrevistados normalmente recorriam a este mesmo argumento, bem como, à assertiva de que o país tem uma dívida histórica com os negros, devido aos mais de três séculos de escravidão.

Todavia, mais do que uma compensação pelo passado escravista do Brasil, as ações afirmativas se justificam pela grande discrepância socioeconômica entre negros e brancos existente no Brasil, como bem denunciado pelo Movimento Negro que, após muitos anos de lutas e reivindicações, logrou que fossem criadas as legislações que regulamentam a reserva de vagas para negros, sendo que estas conquistas ainda são muito recentes e os resultados dessas ações são de médio e longo prazo, conforme colocado por E02.

“[...] É um pouco de reflexo das políticas públicas, né? Que estão, pode se dizer que está iniciando ainda, cotas pra negro tanto no curso superior quanto pra concurso público, né? Então o impacto ele é demorado, mesmo. Quem defende cotas sabe que é médio e longo prazo. [...]”<sup>218</sup>

No caso específico da UFV, os resultados evidenciaram que, aparentemente, houve certo progresso no sentido da equidade racial em alguns cursos de graduação. Contudo, é importante destacar que, no ano de 2017, a instituição recebeu uma série de denúncias sobre falsidades em autodeclarações raciais, o que a obrigou a constituir a Comissão de Verificação da Autodeclaração Étnico-Racial, a fim de verificar se estes estudantes, de modo intencional ou não, se autodeclararam negros sem o serem.

Segundo a ata n.º 529/2017<sup>219</sup> do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFV, na averiguação das suspeitas de falsidades nas autodeclarações seriam analisados os seguintes critérios:

I - autodeclaração assinada pelo estudante no ato da matrícula, indicando sua condição de pessoa preta, parda ou indígena; II - verificação, pela Comissão, exclusivamente das características fenotípicas do estudante na apresentação presencial, e não por ascendência. 5. O resultado da averiguação será registrado individualmente, em formulário próprio intitulado Ato de Confirmação da Autodeclaração como Pessoa Preta, Parda ou Indígena, por todos os membros da Comissão. 6. O estudante será considerado não enquadrado na condição de pessoa preta, parda ou indígena quando houver unanimidade entre os integrantes da Comissão. 7. O estudante será notificado do resultado pelo presidente da Comissão, ao final da averiguação. 8. No caso de negar-se a se apresentar à Comissão, o estudante será considerado não enquadrado na condição de pessoa preta, parda ou indígena. 9. O estudante menor de 18 (dezoito) anos se apresentará à Comissão acompanhado do responsável. [...] 11. Os trabalhos da Comissão deverão ser filmados e todo o material gerado ficará sob a guarda da Secretaria de Órgãos Colegiados. [...] 13. O estudante poderá recorrer do resultado da averiguação, no prazo de 3 (três) dias úteis, a contar da data da notificação, por meio do encaminhamento de correspondência e documentos à presidência da Comissão, os quais deverão ser entregues na Pró-Reitoria de Ensino, no Campus Viçosa, ou na Diretoria de Ensino, nos Campi Florestal e Rio Paranaíba. O objetivo é assegurar ao estudante o direito ao contraditório e à ampla defesa. 14. Após a solicitação de reconsideração, a Comissão avaliará novamente as características fenotípicas do estudante e emitirá novo Ato de Confirmação. Para isso, o estudante se apresentará novamente à Comissão, em data e horário previamente agendados. 15. Os Atos de Confirmação da Comissão serão encaminhados ao CEPE, que deliberará sobre o cancelamento ou não da matrícula do estudante. 16. O estudante poderá recorrer da decisão do CEPE no prazo de 3 (três) dias úteis. Os recursos interpostos serão analisados pelo Conselho, que informará o estudante da decisão.<sup>220</sup>

---

<sup>218</sup> ELS. **Entrevista 02**. [07 jun. 2017].

<sup>219</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 529**, realizada no dia 08 de março de 2017. p. 1-2. p. 1-2. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/02-ATA-CEPE-529-08.03.17.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

<sup>220</sup> *Idem*.

Ainda segundo a ata n.º 530/2017<sup>221</sup> do CEPE, no *campus* de Viçosa, além das denúncias envolvendo o processo seletivo de 2017, houve também 05 (cinco) denúncias relacionadas há anos anteriores, especificamente aos anos de 2015 e 2016.

Em contrapartida, no caso da Lei n.º 12.990/2014, a Secretaria de Gestão de Pessoas e Relações do Trabalho no Serviço Público do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MPOG) publicou a Orientação Normativa n.º 3/2016<sup>222</sup>, determinando a necessidade de instituir uma comissão de averiguação da autodeclaração. Além disso, na decisão do julgamento sobre a constitucionalidade das cotas para os concursos públicos, o STF determina que “É legítima a utilização, além da autodeclaração, **de critérios subsidiários de heteroidentificação**, desde que respeitada a dignidade da pessoa humana e garantidos o contraditório e a ampla defesa”<sup>223</sup>.

À vista disso, a partir do Edital de Concurso Público n.º 04/2016<sup>224</sup>, a UFV informou que uma Comissão Específica, composta por 3 (três) servidores, verificará a veracidade da autodeclaração, através de entrevistas, com base nos seguintes critérios: “a informação prestada no ato de inscrição quanto à condição de negro; a declaração assinada pelo candidato no curso de ações afirmativas quanto à condição de negro; o fenótipo do candidato verificado pelos componentes da Comissão”<sup>225</sup>.

A Orientação Normativa n.º 3/2016<sup>226</sup> prevê ainda que, os concursos públicos em andamento, isto é, que não houve a homologação do resultado final, e que não previam a verificação da autodeclaração, deveriam retificar os editais a fim de atender a esta Orientação. Neste sentido, em 28 de outubro de 2016, a PGP emitiu o Edital n.º 01/2016/PGP<sup>227</sup> informando, aos candidatos dos Editais de Concurso Público n.º 01 a 03/2015 e n.º 01 a 03/2016, os critérios a serem adotados para averiguação da veracidade das autodeclarações.

---

<sup>221</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 530**, realizada no dia 21 de março de 2017. p. 1-6. p. 1. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/03-ATA-CEPE-530-21.03.17.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

<sup>222</sup> BRASIL. **Orientação Normativa n.º 3**, de 1º de agosto de 2016. Dispõe sobre regras de aferição da veracidade da autodeclaração prestada por candidatos negros para fins do disposto na Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 147, 02 ago. 2016. Seção I, p. 54. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=54&data=02/08/2016>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>223</sup> BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Op. cit., loc. cit.* Grifos nossos.

<sup>224</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Pró-reitoria de Gestão de Pessoas. PGP. **Edital n.º 4/2016**. [n/p]. Disponível em: <[http://www.pgp.ufv.br/wp-content/uploads/2016/09/Edital-04-16\\_completo\\_retificado.pdf](http://www.pgp.ufv.br/wp-content/uploads/2016/09/Edital-04-16_completo_retificado.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>225</sup> *Idem*.

<sup>226</sup> BRASIL. Orientação Normativa n.º 3, de 1º de agosto de 2016. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>227</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Pró-reitoria de Gestão de Pessoas. PGP. **Edital n.º 01/2016/PGP**. [n/p]. Disponível em: <<http://www.pgp.ufv.br/wp-content/uploads/2016/10/edital-cotas.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

A respeito da criação das Comissões de Averiguação da UFV, é pertinente destacar a fala de E23 que afirma perceber um receio no sentido de proteger o sistema de cotas e a própria instituição de fraudes e, neste sentido, questiona a quem compete determinar se uma pessoa é ou não é negra.

[...] Inclusive, eu vejo, assim, o que eu vejo é preocupação com relação ao sistema de cotas, né? Então, eu vejo que eles ficam preocupados pra que não tenha fraude de 'ah, porque tem pessoas brancas entrando pelas cotas dos negros'. E isso eu acho que realmente tem que ter uma preocupação muito grande, né, é, mas eu vejo mais preocupação do que a lei como solução, entendeu? Então, invés de ah tá feliz porque tem a lei, as cotas, eles ficam preocupados pra assim 'nossa, vamo nos resguardar pra que não tenha fraude nesse sistema' e num sei o que. [...] É então, uma questão que eu vejo, uma discussão que eu presenciei foi, por exemplo, de aqui na UFV a declaração de raça é, pra entrar no sistema de cotas é feita no ato da matrícula, né? Então, a pessoa fala pra outra e aí, e isso, é uma forma pra não ter esse tipo de fraude, pra falar assim 'ah, então...', se quem tá fazendo a inscrição percebe assim 'ah', fala 'não, você não é', acha que não é negro, né, e aí você vai ter um processo pra analisar se vai entrar, mesmo, no sistema de cotas ou não. Então, é nesse sentido pra evitar a fraude, né? A fraude pra que outras pessoas não entrem no sistema. E aí eu fiquei refletindo sobre isso, né? Tipo... Quem que vai falar se você é negro ou não? É alguém que tá te vendo? Precisa te ver pra falar se você é negro ou não? Então, eu até fiquei... Na hora, eu até, quase que eu levantei a mão e falei 'cês acham que eu sou negra?', 'eu tô preta ou não?', entendeu? Porque eu acho que... Minha pele não é tão escura, é mais clara um pouco, mas meu cabelo é crespo, minha família é negra, eu tenho primos negros, né? Então, assim, minha irmã, minha irmã é bem mais... Eu sou a mais clarinha da minha casa, então minhas irmãs são mais negras. Então, quem vai falar se eu sou negra? Se eu chegar pra uma pessoa pra fazer uma matrícula e a pessoa falar que eu não sou negra, quem tem essa autoridade pra falar? Se você é ou não, né? Então, eu fiquei pensando nisso, mas...<sup>228</sup>

Esse depoimento evidencia que a instituição criou as Comissões de Verificação da Autodeclaração, entretanto a comunidade universitária não foi comunicada a respeito de sua atuação e de quais critérios seriam utilizados e avaliados. Essa ausência de um espaço para discussão, não só das questões raciais, mas também de outras temáticas foi uma reclamação recorrente durante as entrevistas. E este diálogo é muito importante, pois o que a fala de E23 demonstra é que, apesar de questionar os métodos utilizados para a verificação de fraudes, ela entende que essa é uma ação importante, o que falta é esclarecer quais as características analisadas.

É importante destacar, ainda, que apesar das denúncias de fraudes em autodeclarações envolverem somente os estudantes de graduação, em caso de incriminações envolvendo estes editais de concursos públicos, a instituição terá a obrigatoriedade de averiguar e, se comprovadas, implicará na exoneração do servidor, em qualquer tempo, tendo em vista que este é um crime imprescritível.

---

<sup>228</sup> CMP. **Entrevista 23**. [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (14 min. e 08 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

Cabe salientar que, conforme matéria veiculada<sup>229</sup> no site da UFV, das 51 denúncias apuradas até o momento, foi recomendado o cancelamento da matrícula de 26 estudantes, sendo assegurado a estes o direito à recurso que serão avaliados pela Comissão, cabendo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), deliberar sobre o cancelamento ou não dessas matrículas.

Portanto, o que podemos concluir é que, em caso dessas suspeitas de fraudes nas autodeclarações étnico-raciais serem confirmadas ou, se porventura, seja necessário investigarem denúncias envolvendo falsificações em autodeclarações nos concursos públicos da UFV, pode ser que o número de negros pertencentes ao quadro funcional e estudantil da instituição esteja superestimado.

Em última análise, os dados apresentados demonstram certa dessemelhança entre negros e brancos na ocupação de determinados cargos e cursos de graduação da UFV, sendo que isto se reflete nas diversas paisagens que compõem a instituição o que, conforme o tópico subsequente, espelha o que a mesma tem elegido como atos e fatos característicos de seu projeto identitário, que de certa forma tende a invisibilizar as marcas de outros grupos, a exemplo dos negros.

---

<sup>229</sup> DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL. **Universidade cria Comissão de Verificação da Autodeclaração Étnico-Racial.** 23 jun. 2017. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27387&link=corpo](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27387&link=corpo)>. Acesso em: 26 jun. 2017.

## CAPÍTULO III

# PAISAGEM SOCIAL: O VISÍVEL E O INVISÍVEL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

A socialidade existe, de forma densa, a partir das experiências de vida nas várias dimensões do ser. Ela se manifesta nas funções desempenhadas pelos indivíduos numa dada comunidade, assumindo as máscaras sociais de acordo com suas opções, tempos e lugares.

Margarete de Souza Conrado<sup>230</sup>

A análise de uma paisagem pode resultar em uma diversidade de conceitos relacionados às experiências e percepções do observador, sendo que esta análise pode ser concernente à questão estética, morfológica, ocupacional e/ou à estruturação do território. Portanto, o termo paisagem possui uma multiplicidade de abordagens e pode abarcar diversos aspectos, recebendo diferentes denominações, tais como, paisagem natural, cultural, histórica, ambiental, construída, social etc.

À vista disso, é oportuno estabelecer de qual(is) conceito(s) de paisagem estamos falando. Um dos autores que discute tal conceito é Schier<sup>231</sup> que afirma que a paisagem pode ser dividida em natural e cultural, a primeira diz respeito à combinação de elementos como solo, vegetação, terreno, lagos e rios, já a segunda relaciona-se com as alterações realizadas pelo homem. Esta definição concorda com a estabelecida por Sauer<sup>232</sup> que defende que a paisagem cultural é resultado da expressão das marcas humanas sobre a paisagem natural e, neste sentido, está em constante processo de modificação e ressignificação. Nas palavras desse autor: “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”<sup>233</sup>.

Complementando estas definições, Corrêa e RoSENDahl<sup>234</sup> afirmam que a paisagem, além do valor morfológico, funcional, histórico e espacial, apresenta também uma dimensão simbólica na medida em que expressa concepções, valores e mitos, isto é, exprime significados. Isto posto, destacamos que consideramos a paisagem cultural tanto uma

---

<sup>230</sup> CONRADO, Margarete de Souza. **Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu**. 2013. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013. p. 03. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13950/1/Tese%20Final.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

<sup>231</sup> SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n.º 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR. p. 80.

<sup>232</sup> SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEND AHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 42-43.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>234</sup> CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. (Org.). *Ibidem*, p. 8.

paisagem construída quanto social, pois esta é resultado das práticas históricas dos diversos atores sociais, bem como, das relações estabelecidas por estes sobre um determinado território. Assim, concordamos com Milton Santos quando afirma que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”<sup>235</sup>.

Partindo da premissa que a paisagem é o conjunto de modificações feitas pelo homem e que por isso exterioriza representações e valores, considera-se a Universidade Federal de Viçosa enquanto uma paisagem construída socialmente e que comporta construções e insígnias que nos permitem rememorar seus acontecimentos históricos, bem como, aqueles relacionados aos grupos sociais que ocuparam e ainda ocupam este espaço.

No tocante a isso, Halbwachs<sup>236</sup> assinala que cada lugar ocupado por determinado grupo social recebe sua marca, ou seja, o espaço é transformado por este e, em contrapartida, o grupo adapta-se às condições que não pode modificar. De acordo com o autor, este grupo está conectado a um lugar devido às relações criadas por sua proximidade espacial, ou seja, pelas relações de um membro com o outro, do grupo com o espaço e com outros grupos.

Sob o mesmo ponto de vista, Guimarães assinala que os símbolos “escritos” em determinada paisagem são resultantes das marcas afetivas e/ou racionais impressas.

Paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais onde a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos.<sup>237</sup>

E é nesta perspectiva que a paisagem apresenta dupla acepção, como apontado por Berque<sup>238</sup>, posto que ela é a marca de uma determinada cultura, isto é a escrita de uma civilização, podendo ser apreendida pelos sentidos, valorizada e até reproduzida por sua aparência e funcionalidade, mas também é matriz pois condiciona e socializa as relações da sociedade neste espaço.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o

---

<sup>235</sup> SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 103.

<sup>236</sup> HALBWACHS, Maurice. *Op. cit.*, p. 159-160.

<sup>237</sup> GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n.º 33, p 117-141, jan./jun. 2002. p. 118.

<sup>238</sup> BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. (Org.). *Ibidem*, p. 84.

condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo).<sup>239</sup>

Castro<sup>240</sup> aponta que a paisagem tem um caráter real, sendo o que se vê, mas também é representação, isto é, a interpretação do que é visto. Assim, a análise de uma paisagem deve ser realizada de modo a revelar não somente os marcos de alguns grupos, mas também a dimensão simbólica destas marcas e a intencionalidade envolvida em sua expressão.

Essa dualidade da paisagem - real e representação - permite que sua manifestação concreta se ofereça à análise do tipo positivista, que localiza, mensura, classifica e descreve; no entanto, impõe reconhecer que ela existe primeiro em sua *relação* a um sujeito coletivo: a sociedade que a produz, reproduz e a transforma em função de uma certa lógica. Nesse sentido, ela exprime uma civilização, é uma marca, uma *geo-grafia*, ou seja, uma escrita no espaço e tem de ser interpretada no contexto histórico das sociedades.<sup>241</sup>

Cumpram-se notar que, de acordo com a importância e reconhecimento dessas marcas, os diversos grupos sociais que as constituíram podem tanto mantê-las quanto depreciá-las e, neste sentido, que se faz mister identificar e entender as relações sociais das quais resultaram estas marcas e a representação destas para estes atores sociais. Neste sentido, partir-se-á do princípio de que a paisagem social é resultado da produção, configuração e relações sociais do espaço da Universidade Federal de Viçosa.

Deste ponto de vista, interessa-nos, portanto, analisar as identidades sociais e socioterritoriais, sendo que, como bem nota Ortega<sup>242</sup>, a identidade socioterritorial diz respeito a uma parcela delimitada do território com o qual determinado indivíduo ou grupo social estabelece e reconhece seus laços de pertencimento. Convém destacar que estes vínculos não são fixos, pois estão em constante processo de negociações, dos quais se originam novas territorialidades e identidades socioterritoriais. Por conseguinte, conforme Figueiredo<sup>243</sup>, é por meio dos laços de pertencimento que se reconhece determinado espaço, sendo que é através desses laços de pertencimento que determinado espaço passa a ser reconhecido como lugar.

---

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>240</sup> CASTRO, Iná Elias de. **Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política**. In: YÁZIGI, Eduardo. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 122.

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 122-123.

<sup>242</sup> ORTEGA, Margarita de J. Quezada. Migración, arraigo y apropiación del espacio en la recomposición de identidades socioterritoriales. **Cultura y Representaciones Sociales**, año 2, núm. 3, p. 35-67, septiembre 2007. p. 36.

<sup>243</sup> FIGUEIREDO, Lauro César. Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n.1, p. 55-70, jan./abr. 2013. p. 57.

Um fator condicionante em relação à identificação de uma determinada porção do espaço enquanto lugar diz respeito ao processo de identificação e de reconhecimento que a população possui em relação aos espaços de sociabilidade e vivência cultural. Este sentimento de pertença identifica o apreço ou amor ao lugar, que se internaliza nos indivíduos à medida que ao se apropriarem do espaço, inserindo-o em seu cotidiano, reconhecem nele a própria extensão de sua vida.<sup>244</sup>

Ressaltamos que nos interessa aqui entender a paisagem construída da Universidade Federal de Viçosa, isto é, as formas como este espaço foi constituído e de que modo este representa os atores desta pesquisa (os negros) que participaram/participam deste processo. Além disso, na leitura dos símbolos expressos nas arquiteturas que compõem a UFV, temos que considerar as relações e processos sociais que os constituíram, bem como, se estes são (re)conhecidos pelos negros, ou seja, quantas destas marcas foram eleitas por este grupo social como representativas de seu patrimônio cultural.

Nesta perspectiva, entendemos a paisagem universitária enquanto uma composição que comporta diversos elementos, tais como o conjunto de edificações que constituem a UFV, os atores sociais que fizeram parte deste processo e as relações e simbologias que estes estabeleceram neste espaço e que, na maioria das vezes, representa a cultura de um poder instituído.

Assim, na interpretação destes símbolos há que se considerar que, como apontado por Cosgrove<sup>245</sup>, por menos aparente que seja o simbolismo de determinada paisagem, este serve a seu propósito que é a reprodução de normas culturais e o estabelecimento dos valores de grupos dominantes. Todavia, o autor ressalta que na paisagem também existem muitos símbolos de grupos excluídos e suas significações devem ser decodificadas.

Portanto, a análise da paisagem pressupõe entender os valores, significações e representações dos objetos que a constitui, mas também a seletividade envolvida na construção de determinadas identidades. A este respeito, concordando com as análises de Cosgrove, Maciel relata que:

Os objetos geográficos naturais e construídos participam das práticas sociais que lhes imputam valor simbólico, assumindo às vezes o poder de representar identidades locais, regionais e até nacionais, ao mesmo tempo em que conferem particularidades físicas, paisagísticas e arquiteturais decisivas para a funcionalidade do espaço público.<sup>246</sup>

---

<sup>244</sup> *Idem.*

<sup>245</sup> COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHN, Zeny. (Org.). *Ibidem*, p. 106.

<sup>246</sup> MACIEL, Caio. Espaços públicos e geo-simbolismos na “Cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife. p. 10-18. **Revista de Geografia**: UFPE, v. 22, n.º 1, p. 10-18, 2005. p. 10.

Por um lado, com efeito, o espaço público é lugar tanto de visibilidades quanto de invisibilidades, pois coexistem em um mesmo território diferentes grupos sociais e, portanto, são lugares tanto de confluências quanto de divergências sociais. Há que se destacar que os símbolos e significados sociais adotados por estes grupos imprimem nestes lugares as práticas sociais de cada um, o que pode originar diferentes paisagens sociais ou simbólicas.

A este respeito Cosgrove<sup>247</sup> oferece alguns exemplos de decodificação de paisagens simbólicas, salientando as paisagens da cultura dominante e as paisagens alternativas, sendo que estas últimas podem ser divididas em residuais (trazem poucos resquícios de sua significação inicial), emergentes (desafiam o grupo dominante e oferecem novas possibilidades futuras) e excluídas (passíveis de extinção). De acordo com o autor, paisagens da cultura dominante dizem respeito àquelas resultantes do poder que determinado grupo exerce sobre outros, enquanto que as paisagens alternativas possuem menor visibilidade que as primeiras, não obstante permanecem, continuamente, subordinadas à cultura dominante.

Partindo dessas definições, concebemos que as paisagens predominantes na UFV revelam a cultura de um poder instituído, ao passo que caracterizamos as paisagens simbólicas do negro na instituição como alternativas. Assim sendo, consideramos o grupo de maracatu “O Bloco”, o programa de extensão “Capoeira Alternativa”, a medalha José Valentino da Cruz (Candinho) e o Edifício Francisco São José enquanto paisagens residuais; o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB Viçosa) e as atividades de extensão e pesquisas da UFV relativas à questão racial na qualidade de emergentes; e, o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira e a Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi como paisagens excluídas.

Este capítulo, portanto, vislumbra compreender a paisagem universitária enquanto um espaço socialmente construído e, neste sentido, buscou-se analisar os diversos espaços da Universidade Federal de Viçosa (o visível) e os processos sociais que os constituíram, a fim de identificar os valores simbólicos (o invisível), bem como, o que as paisagens da instituição revelam a respeito das paisagens do negro, isto é, em quais espaços este está presente e em quais está invisibilizado. Além disso, apresentamos a seguir a metodologia da heteroclassificação racial, a fim de posteriormente analisarmos os dados raciais dos servidores envolvidos com as atividades extensionistas e pesquisas científicas relacionadas à temática étnico-racial.

---

<sup>247</sup> COSGROVE, Denis. *Ibidem*, p. 230-235.

### 3.1. Classificação racial com base na heteroclassificação

Como citado anteriormente, nas pesquisas domiciliares, o IBGE utiliza o método da autoclassificação racial. Entretanto, Osório<sup>248</sup> complementa que, nessas pesquisas, o Instituto utiliza tanto a auto quanto a heteroidentificação, pois não são entrevistadas todas as pessoas do domicílio e, em alguns casos, uma mesma pessoa realiza a identificação racial dos demais moradores da casa, seja por estes estarem ausentes ou por serem considerados incapazes de se autoclassificar, a exemplo dos portadores de necessidades especiais. Todavia, o autor ressalta que esta heteroidentificação é realizada por pessoas próximas ao indivíduo classificado, o que pressupõe que tal informação seria semelhante à autoatribuída.

Sob o mesmo ponto de vista, Longo e Campos salientam que:

A informação de raça/cor que subsidia os estudos sobre diferenças raciais é uma autodeclaração, ou seja, depende da percepção de cada um em relação à sua cor ou raça. Indo além, podemos pensar ainda que esta autodeclaração também pode estar associada de como o indivíduo vê o outro ou até mesmo de como ele imagina ser visto pela sociedade. Apesar das pesquisas domiciliares buscarem essa autodeclaração, muitas vezes o questionário é respondido por apenas um morador do domicílio, caracterizando na verdade uma alter-declaração.<sup>249</sup>

Tal como apresentado acima por Longo e Campos, a heteroclassificação racial baseia-se, portanto, na classificação racial realizada por terceiros, sendo que Bastos et al.<sup>250</sup> afirmam que a heteroatribuição sofre influência de fatores externos, a exemplo da classe social e da renda familiar, dado que o entrevistador tende a embranquecer a população conforme o nível social da mesma. Em suma, a heteroclassificação, além das características fenotípicas, também considera variáveis socioeconômicas, como grau de instrução e renda.

Como destacado anteriormente, a UnB foi a primeira universidade federal a adotar o sistema de cotas para acesso aos cursos de graduação e, de acordo com Carvalho<sup>251</sup>, a maior polêmica na adoção de tal política, em 2004, foi justamente o procedimento adotado para a identificação dos cotistas, pois a instituição optou por mesclar dois métodos de classificação racial: a auto e a heteroclassificação. Em outras palavras, a Comissão de Implementação das Cotas da UnB optou pela autoidentificação na primeira etapa do processo seletivo, baseando-

<sup>248</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada.** *Op. cit.*, [n/p].

<sup>249</sup> LONGO, Luciene Aparecida Ferreira de Barros; CAMPOS. Marden Barbosa. **Auto ou alter-declaração? Uma análise da informação de raça/cor nas pesquisas domiciliares.** p. 01 - 14. XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS CAXAMBU, MG, 18 a 22 de setembro de 2006. Minas Gerais: ABEP; 2006. p. 01. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_375.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_375.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>250</sup> BASTOS, João Luiz; et al. Diferenças socioeconômicas entre autoclassificação e heteroclassificação de cor/raça. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Saúde Pública, v. 42, n.º 2, p. 324-334, 2008. p. 333.

<sup>251</sup> CARVALHO, José Jorge de. *Op. cit.*, p. 186-187.

se nas categorias raciais do IBGE, e, com o intuito de evitar declarações fraudulentas, a heteroclassificação foi utilizada, na segunda etapa, com base no teste de fotos<sup>252</sup>.

A este respeito, Bento<sup>253</sup> acrescenta que a UnB solicitou ao Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), juntamente com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), parecer técnico a fim de evitar questionamentos judiciais a respeito da autodeclaração. Neste sentido, o autor cita especificamente o Programa de Ações Afirmativas da UFSCar no qual está previsto que, em caso de dúvida sobre a autodeclaração racial, apresentada por escrito à instituição por parte de qualquer cidadão, o candidato deve apresentar documentação que comprove a veracidade das informações prestadas. Tal prerrogativa está presente no regulamento a seguir:

Artigo 20. No caso de decisão do Pró-Reitor de Graduação ou de dúvida suscitada por terceiros, quanto ao enquadramento de candidato no ingresso por reserva de vagas, será assegurado ao candidato cuja inscrição é questionada o direito de apresentar documentação idônea que comprove a veracidade de suas declarações, tais como o prontuário do alistamento militar, o registro de nascimento ou o prontuário de identificação civil, dele próprio ou de seus ascendentes diretos (pai ou mãe), ou ainda outro documento dotado de fé pública no qual esteja consignada cor diversa de branca, amarela ou indígena.<sup>254</sup>

Convém destacar duas ressalvas, feitas por Bento<sup>255</sup>, sobre a aplicabilidade das políticas afirmativas na UFSCar: a primeira é a de que se o registro público não comprovar em tese que este candidato classifica-se como branco, amarelo ou indígena, o mesmo será considerado negro e a segunda é que, em caso de inexistência de informação racial nos registros públicos do candidato, este será classificado como negro, independente do seu fenótipo, desde que os registros comprovem que seus progenitores o sejam.

De acordo com o que foi citado no capítulo anterior, outro questionamento a respeito da implementação de políticas afirmativas refere-se à metodologia utilizada para identificação dos beneficiados por tais ações. Por conseguinte, em relação aos métodos de classificação utilizados, tanto a auto quanto a heteroclassificação dividem opiniões.

---

<sup>252</sup> Segundo Carvalho (2011, p. 187), o teste das fotos consistiu na análise da foto do candidato cotista por uma Comissão secreta que, considerando critérios fenotípicos, validariam ou não esta inscrição. Cabe destacar que todos os candidatos a cotas posaram para as fotos, ou seja, foi a instituição que tirou estas fotos e, além disso, em caso de inscrição invalidada, previa-se a possibilidade de recurso e a análise deste era realizada com base em entrevistas com o candidato.

<sup>253</sup> BENTO, Mário Rogério da Silva. **Classificação racial: entre a ideologia e a técnica**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 71-72. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3921>>. Acesso em: 24 out. 2016.

<sup>254</sup> UNIVERSIDADE Federal de São Carlos. UFSCar. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CEPE n.º 565**, de 05 de dezembro de 2007. *Apud*: BENTO, Mário Rogério da Silva. *Op. cit.*, p. 72.

<sup>255</sup> BENTO, Mário Rogério da Silva. *Op. cit.*, p. 72-73.

A adoção da autoclassificação passou a receber inúmeras críticas da sociedade, pois, conforme apresentado previamente, além da ausência de critérios “oficiais” para definir quem é negro, este método de classificação tende a embranquecer as pessoas de classes sociais mais elevadas. Em contrapartida, a heteroatribuição vai de encontro ao que está determinado nas leis de cotas e ao recomendado pelos organismos internacionais, mas também se opõe ao entendimento da identidade racial enquanto uma construção social, cultural e política. Além disso, como bem nota Osorio<sup>256</sup>, não existe qualquer garantia de que a heteroclassificação também não seja influenciada por variáveis socioeconômicas ou pela aparência física.

Nesta perspectiva, provavelmente a adoção de ambos os métodos para determinação da classificação racial, a exemplo do que acontece na UnB e na UFSCar<sup>257</sup>, resolva este dilema. Laguardia<sup>258</sup> vai mais longe e diz que, além da utilização tanto da auto quanto da heteroclassificação, o ideal seria que os questionários tivessem perguntas abertas para aferir a identidade étnica do entrevistado.

No que concerne à coleta dos dados sobre “raça”, deve-se combinar diferentes estratégias, tais como a autoclassificação do entrevistado com questões abertas e fechadas (categorias predefinidas), a classificação do entrevistado por atribuição do entrevistador (categorias predefinidas), bem como a inclusão de questões abertas e fechadas sobre etnicidade.<sup>259</sup>

Por conseguinte, Miranda<sup>260</sup> relata que tanto a auto quanto a heteroclassificação podem possuir categorias pré-estabelecidas, podendo a autoidentificação receber diferentes denominações de acordo com o tipo de questões utilizadas: induzida, manifesta ou em pergunta fechada quando existem classes predeterminadas; e espontânea, latente ou em pergunta aberta quando são utilizadas categorias livres. A autora relata ainda que mesmo na heteroclassificação podem ser utilizadas categorias predeterminadas ou livres na classificação.

No que toca à utilização de ambos os métodos para classificação racial, Osorio<sup>261</sup> relata que não há diferenças significativas nos resultados encontrados quando utilizada a auto ou heteroclassificação. Embasado em resultados recentes, o autor complementa que os dados

---

<sup>256</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada**. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>257</sup> Bento (2008, p. 71) relata que estas duas instituições, por meio do CEERT, desenvolveram uma metodologia de classificação racial que mescla a autodeclaração com os cadastros públicos de cor/raça.

<sup>258</sup> LAGUARDIA, Josué. O uso da variável “raça” na pesquisa em saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14(2): p. 197-234, 2004. p. 221.

<sup>259</sup> *Idem*.

<sup>260</sup> MIRANDA, Monique. **Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil, no período de 2000 à 2009**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010. p. 27. Disponível em : <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=204164](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=204164)>. Acesso em: 24 out. 2016.

<sup>261</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, 2003. p. 35.

da Pesquisa das Características Étnico-raciais da População (PCERP) 2008 comprovam a adequação do sistema classificatório do IBGE, pois “A autoatribuição funciona tão bem quanto à heteroatribuição, dado o baixo grau de discordância entre entrevistadores e entrevistados, concentrado nos tipos limítrofes, mais difíceis de serem classificados”.<sup>262</sup>

Contraditoriamente, Rodrigues et al.<sup>263</sup>, em estudo realizado com estudantes do primeiro período do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), demonstrou que existem inconsistências nos resultados encontrados entre a autoclassificação e a heteroclassificação. Os autores acrescentam que diversas universidades têm utilizado ambos os métodos a fim de auxiliar na aplicação das políticas de cotas e que, apesar dos constrangimentos advindos das divergências de resultados, a heteroatribuição é importante para evitar fraudes.

Ressaltamos que, assim como na primeira etapa do processo seletivo da UnB, a Universidade Federal de Viçosa utiliza o método da autoclassificação e, conforme destacado no Capítulo II, estes dados estão completos a partir do ano de 2013, no caso dos servidores, sendo possível encontrar alguma informação racial em anos anteriores, devido ao Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012. No caso dos estudantes esta informação está completa a partir de 2011, sendo que, de modo similar aos servidores, encontramos dados anteriores a este ano, devido ao questionário socioeconômico para acesso aos programas de assistência estudantil da UFV e também devido ao reingresso na instituição de alguns estudantes após este período.

Isto posto e tendo em vista que 82,81% dos servidores não apresentam informação sobre a classificação racial nos cadastros oficiais da instituição, como produto principal resultante da pesquisa, optamos por realizar um Censo Racial para coleta destes dados, conforme estruturação apresentada no Capítulo V, sendo este a atividade prática (produto) principal da pesquisa.

Além disso, no tópico subsequente relacionamos as marcas simbólicas e iconográficas do negro encontradas na instituição e no item 3.2.8., como uma expressão dessa presença, apresentamos a relação de atividades de pesquisa e extensão relacionadas à temática racial, juntamente com a heteroclassificação racial dos servidores envolvidos nestas ações. Cumpre destacar que essa heteroidentificação foi realizada pela autora, baseando-se nas categorias de cor/raça do IBGE.

---

<sup>262</sup> OSORIO, Rafael Guerreiro. **A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada**. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>263</sup> RODRIGUES, Aurélio Aparecida de Araújo; et al. Aplicação simultânea de dois métodos de classificação étnico-racial. **FAMAT em Revista**, número 09, p. 441-446. Outubro de 2007. p. 444.

### 3.2. Vestígios simbólicos e iconográficos do negro na Universidade Federal de Viçosa

O espaço social é resultado da ação dos grupos sociais que atuam sobre ele e, nesta premissa, este recebe inextinguíveis marcas destas práticas sociais. Todavia, há que se considerar as relações de poder que contribuem para a configuração destes espaços e que tem por consequência o surgimento de uma identidade social preconcebida. Em outras palavras, isto quer dizer que a história e os discursos oficiais das instituições, no caso a UFV, optam por preservar e perpetuar somente o que será constituinte do seu projeto identitário.

Com efeito, as identidades territoriais encontram nas paisagens uma fonte de simbolismos e um meio de expressão privilegiados [...]. Todas as paisagens são metonímias espaciais, isto é, encerram uma forma de pensar e de desenvolver o saber de referência ao espaço, articulando lugares particulares a totalidades territoriais. Isto se faz a partir do imaginário geográfico, de sentimentos identitários e de características materiais e culturais comuns que favorecem a sedimentação de certas representações ao longo do tempo. Além do mais, quando lidamos com paisagens revestidas de poder simbólico, como as imagens espaciais relacionadas ao espaço público, devemos levar em conta que sua conservação ou degradação adquirem significados éticos e políticos, antes que meramente estéticos.<sup>264</sup>

Há que se destacar que o espaço público muitas vezes é caracterizado por uma historicidade que privilegia um grupo em detrimento de outros. Obviamente que esta distinção não é evidente, pelo contrário, baseia-se em um processo de negociação constante. Ou seja, as regras de condutas que regem este espaço favorecem a emergência de um sentimento de pertencimento e unidade que está em direta filiação com certos grupos, privilegiando determinadas práticas sociais. Isso tem repercussões na forma de ocupação e apropriação dos espaços públicos.

Se o espaço público não aceita, por definição, a fixação de identidades particulares ou comunitárias, ele representa por outro lado o projeto de uma unidade política negociada e ritualizada com base em normas e regras de coexistência social, política e espacial. A busca de “confluências” apela, então, para uma razão metonímica que integre as diferenças, colocando-as em relação a um todo maior, plural e integrativo, uma vez que a memória coletiva é composta de experiências individuais bastante específicas. Portanto, a metonímia geográfica é uma das condições necessárias à existência do espaço público, na medida em que referencia as decisões individuais na ideia de paisagem como bem comum construído ao longo da história e carregado de valores sociais e culturais.<sup>265</sup>

Por conseguinte, percebe-se que a memória institucional, assim como qualquer memória, é caracterizada pela seletividade que ocorre por meio do monitoramento dos

---

<sup>264</sup> MACIEL, Caio. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>265</sup> *Idem.*

processos de legitimação dos fatos e acontecimentos que a instituição elegeu como memoráveis. Entretanto, essa seletividade e controle só são possíveis mediante a eliminação ou atenuação dos relatos contrários à memória institucional preconizada, o que resulta no alijamento de alguns atores sociais, a exemplo dos negros, que ficam à margem desta história. Como assevera Costa:

Pois as instituições lembram e esquecem. No âmbito da memória institucional, lembrar e esquecer constituem dois momentos de um único e mesmo movimento. Para que determinadas lembranças aflorem é necessário que outras fiquem adormecidas, contidas, silenciadas ou mesmo esquecidas. A memória é seletiva. A instituição, na medida em que retém o que interessa a sua reprodução, também trabalha por seleção.<sup>266</sup>

No entanto, não é que estes atores deixam de produzir história, pelo contrário, como também agentes ativos da sociedade deixam rastros dessa participação, pois, como bem nota Pollak<sup>267</sup>, a memória produzida por tais grupos, considerada pelo autor como subalterna, espera apenas momento propício para vir à tona.

Ao averiguarmos as marcas simbólicas e/ou iconográficas da presença negra na Universidade Federal de Viçosa observamos em sua paisagem alguns aspectos relacionados à memória, história e identidade do que estamos considerando grupos subalternizados. Nossa intenção foi identificar os vestígios simbólicos e/ou iconográficos dos negros e negras presentes na UFV, isto é, os vestígios ou paisagens invisíveis da instituição, ressaltando que por vestígios entendemos as manifestações culturais, atos administrativos, materialidades inscritas na paisagem, como nome de prédios, auditórios etc.

Como resultado, apresentamos a seguir o mapa da UFV (Figura 27) com destaque para os locais onde se encontram esses vestígios, com o intuito de visibilizar e, quiçá, mostrar como esta presença é invisibilizada neste espaço, uma vez que em todo o *campus* foram encontradas apenas 08 (oito) marcas.

---

<sup>266</sup> COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. p. 39. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

<sup>267</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n.º 3, p. 03-15. Rio de Janeiro: 1989. p. 05. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

# MAPA COM OS PONTOS DE REFERÊNCIA DOS VESTÍGIOS SIMBÓLICOS E / OU ICONOGRÁFICOS DO NEGRO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA



O BLOCO - MARACATU



NEAB VIÇOSA - NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS



EDIFÍCIO FRANCISCO SÃO JOSÉ



MEDALHA JOSÉ VALENTINO DA CRUZ (CANDINHO)



CAPOEIRA ALTERNATIVA



CENTRO DE REFERÊNCIA E PESQUISA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA / CASA DE CANDOMBLÉ E UMBANDA YLÉ AIYÉ DE OXOSSI



Escala variável nesta perspectiva



Elaboração: Herbert Pardini  
 Data: Outubro de 2017  
 Fonte: FERREIRA, Edimara Maria. **Paisagem universitária e a representação social do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015.** Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

Figura 27: Mapa com os pontos de referência dos vestígios simbólicos e/ou iconográficos do negro na Universidade Federal de Viçosa.  
 Fonte: Sistemas RAEX/UFV e SisPPG/UFV. Elaborado por Herbert Pardini.

Neste sentido, a primeira marca apresentada e que se insere na categoria manifestação cultural é “O Bloco”, grupo de Maracatu com sede na Casa n.º 18 da Vila Giannetti (Casa da Paz) e que foi criado na instituição em 11 de junho de 2006, por um grupo de estudantes, com o objetivo de estudar os ritmos de percussão afro-brasileiros.

Consideramos, ainda, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB Viçosa), enquanto uma materialidade inscrita na paisagem, como uma expressão da presença negra, sendo que o grupo foi criado na UFV em 2011 e funciona no subsolo do Centro de Vivência.

A medalha de mérito José Valentino da Cruz (Candinho) é outro vestígio desta presença e, na qualidade de ato administrativo, foi criada pelo Conselho Universitário (CONSU) em 1996. Destaca-se que Candinho foi um servidor negro da instituição que adquiriu renomada liderança na UFV, sendo que como ponto de referência para a medalha que leva seu nome utilizou-se o Prédio Principal da UFV (Edifício Arthur Bernardes), uma vez que a Secretaria de Órgãos Colegiados (SOC), à qual é vinculado o CONSU, funciona neste prédio.

Outro vestígio, que consideramos uma materialidade inscrita na paisagem, é o prédio onde atualmente funciona a Gráfica Universitária e a Editora UFV que foi renomeado a Francisco São José, em 09 de julho de 1984, em homenagem ao servidor negro de mesmo nome.

A “Capoeira Alternativa” é outro traço desta presença e foi criada em 1995 por um grupo de estudantes sendo, posteriormente, transformada em um Programa de Extensão da UFV e que tem sua sede na Casa da Capoeira Alternativa e das Atléticas (Casa 1 da Vila Matoso).

Outra marca é o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira que funciona na casa 14 da Vila Secundino e foi criado na instituição, em 2009, com o objetivo de alocar os projetos de extensão da UFV relacionados à temática étnico-racial e também para arquivar a memória social do negro da microrregião.

Além da Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi, criada em 2005 e funcionando na UFV desde 2009, também na casa 14 da Vila Secundino, em associação com o Centro de Referência.

Por fim, apesar de não ser possível materializá-las em um mapa, concebemos as atividades de extensão e pesquisas da UFV relativas à questão racial, como uma expressão da presença negra na instituição.

Neste sentido, apresentamos a síntese histórica da gênese de cada um destes vestígios. Posteriormente, através da entrevista, buscamos determinar o (re)conhecimento ou não da existência dessas marcas pelo segmento negro da UFV.

### 3.2.1. Edifício Francisco São José

Segundo Silva<sup>268</sup>, a origem da Imprensa Universitária (IUN) remonta aos primeiros anos da ESAV, quando a instituição criou uma pequena gráfica com o intuito de atender suas demandas internas. O autor relata ainda que, com o passar do tempo e aumento da demanda, a IUN expandiu e adquiriu novos equipamentos e, em 1977, conseguiu um prédio próprio.

De acordo com o jornal UFV Informa<sup>269</sup>, este edifício, que até 09 de julho de 1984 era conhecido como Imprensa Universitária e onde atualmente funciona a Editora UFV e a Gráfica Universitária, a partir desta data foi renomeado a “Edifício Francisco São José” em homenagem ao servidor negro de mesmo nome.



**Figura 28:** Prédio da Editora UFV e da Gráfica Universitária e, à entrada, a placa com o nome do edifício.  
**Fonte:** Acervo da autora, 2016.

Conforme o site<sup>270</sup> da UFV, Francisco São José era natural de Ponte Nova/MG e começou a trabalhar na instituição ainda na época da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), em 1932, no cargo de tipógrafo, posteriormente exerceu, já na UREMG, o cargo de Chefe das Oficinas Gráficas e aposentou-se em 1958 por motivo de saúde, uma vez que perdeu grande parte da visão devido às tintas e produtos tóxicos que antigamente eram utilizados nos serviços gráficos.

<sup>268</sup> SILVA, José Gouveia da. **Imprensa Universitária**. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. (Editores). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa: Editora UFV, 2006. p. 165.

<sup>269</sup> PRÉDIO DA IMPRENSA Universitária já tem nome de Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 16, n.º 851, p. 01. 12 de julho de 1984.

<sup>270</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Personagens e Pioneiros da UFV: **Francisco São José**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=franciscoSaoJose>>. Acesso em 20 out. 2016.

O UFV Informa<sup>271</sup> relata que Francisco foi um servidor dedicado e exemplar na execução de suas atividades, pois desempenhava todas as tarefas, desde as mais simples às mais complexas, com zelo e responsabilidade. Segundo o periódico<sup>272</sup>, Francisco foi casado com Dona Sciomara São José, com quem teve 12 filhos, dos quais 06 (seis) trabalharam na Imprensa Universitária da UFV.



**Figura 29:** Francisco São José.  
**Fonte:** UFV Informa, ano 13, n.º 670, de 29 de janeiro de 1981.

O site<sup>273</sup> da UFV ressalta, ainda, o título de Cidadão Honorário de Viçosa que o servidor recebeu da Câmara Municipal, no ano de 1979, juntamente com outros homenageados, a exemplo de Aureliano Chaves, vice-presidente da república, pelos serviços prestados à sociedade viçosense.

O servidor faleceu em 25 de janeiro de 1981 e três anos depois, em 1984, conforme o UFV Informa<sup>274</sup>, o então diretor da IUN, o jornalista Antônio José de Araújo, sugeriu ao reitor Antônio Fagundes de Sousa que o prédio da Imprensa levasse o nome do servidor. A proposta foi então apresentada e aprovada, por unanimidade, pelo Conselho Universitário (CONSU).

Neste sentido, conforme veiculado no UFV Informa<sup>275</sup>, em 09 de julho de 1984 foi realizada a cerimônia de inauguração e descerramento da placa, à qual compareceram o reitor da UFV, o diretor da IUN, autoridades, familiares, amigos e ex-colegas do homenageado.

Neste momento quero manifestar o meu mais profundo agradecimento ao Magnífico Reitor da UFV, Professor Antônio Fagundes de Sousa, que, ao receber minha proposição para que fosse atribuído ao prédio da Imprensa Universitária da UFV o nome do Sr. Francisco São José, aprovou-a imediatamente, encaminhando-a ao Conselho Universitário, o qual, por unanimidade, também a aprovou. Ainda me recordo de que, ao entregar pessoalmente ao Reitor Fagundes o ofício, ele me disse com todo entusiasmo; 'Essa é, realmente, uma homenagem justa'. À família São José, que esta homenagem seja o agradecimento da Universidade Federal de Viçosa à dedicação, ao zelo, ao carinho e até mesmo à saúde que o saudoso Francisco São José dedicou a esta instituição.<sup>276</sup>

É importante destacar que a nomeação do prédio é uma das únicas marcas que existem na UFV e que reconhece a importância do servidor na instituição, um reconhecimento que de

<sup>271</sup> FALECIMENTO DE Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 13, n.º 670, p. 03. 29 de janeiro de 1981.

<sup>272</sup> AS HOMENAGENS da Universidade Federal de Viçosa a Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 16, n.º 851, p. 02-03. 12 de julho de 1984. p. 02.

<sup>273</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Personagens e Pioneiros da UFV: **Francisco São José**. *Op. cit.*, *loc. cit.*

<sup>274</sup> PRÉDIO DA IMPRENSA Universitária já tem nome de Francisco São José. **UFV Informa**. *Op. cit.*, *loc. cit.*

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. 02-03.

<sup>276</sup> AS HOMENAGENS da Universidade Federal de Viçosa a Francisco São José. **UFV Informa**. *Op. cit.*, *loc. cit.*

certa maneira apaga o fato de que sua morte esteve diretamente relacionada às condições insalubres de trabalho.

### 3.2.2. Capoeira Alternativa

A capoeira ou capoeiragem é uma das mais antigas manifestações culturais brasileiras relacionadas à cultura afro-brasileira. Ela mescla golpes de luta, gingas da dança e musicalidade que, segundo Fontoura e Guimarães<sup>277</sup>, caracterizam as rodas, sempre compassadas pelo toque de instrumentos (berimbau, pandeiro, reco-reco, agogô, atabaque e chocalho) e acompanhadas pelas palmas dos capoeiristas.

Sobre a origem da capoeira no Brasil, Campos<sup>278</sup> relata que, apesar de não haver consenso, duas hipóteses sobressaem: a de os escravos terem trazido da África e a de ter se originado em solo brasileiro. Contudo, independente de qual tenha sido a origem da capoeira, sabe-se que, antes de alcançar o *status* de um dos símbolos da cultura negra e recentemente ser considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, seus praticantes foram extremamente perseguidos e, até mesmo, a capoeira foi criminalizada, pois era considerada uma prática ilegal pelo Código Penal da República, através do Decreto n.º 847, de 11 de outubro de 1890.

Atualmente, a capoeira está presente em todos os estados brasileiros, e também, conforme Dossiê<sup>279</sup> do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em mais de 150 países. Aparentemente existem três modalidades ou estilos: capoeira angola, a regional e a contemporânea. De acordo com Assunção e Vieira<sup>280</sup>, a capoeira regional foi criada por mestre Bimba ou Manuel dos Reis Machado (1900 – 1974), a de angola foi criada em oposição à regional por mestre Pastinha ou Vicente Ferreira Pastinha (1889 – 1981), e a contemporânea surgiu entre os defensores da unificação destes dois estilos.

Há que se destacar que, em 21 de outubro de 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira foram inscritos, respectivamente, nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Saberes, enquanto Patrimônio Cultural brasileiro, sendo que, em 26 de novembro de 2014, a Roda de Capoeira ganhou o título de Patrimônio Cultural Imaterial da

---

<sup>277</sup> FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da Capoeira. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n.º 2, p. 141-150, 2. sem. 2002. p. 147.

<sup>278</sup> CAMPOS, Helio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001. p. 31. Disponível em: < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/4985>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

<sup>279</sup> INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. **Dossiê 12: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. p. 13. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieCapoeiraWeb.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

<sup>280</sup> ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig; VIEIRA, Luiz Renato. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, p. 81-121, dez. 1998, *passim*.

Humanidade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em Viçosa, segundo site<sup>281</sup> da Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi (ACGZ), a capoeira surgiu com a vinda de três estudantes oriundos de Itabuna/BA, para cursarem a graduação na UFV, em 1982. Neste sentido, surgiu na instituição dois grupos de capoeira, o grupo Zumbi, sob o comando do, então estudante de Agrimensura, Aloar Dultra Silva (Saci) e o grupo Palmares que era uma extensão do primeiro.

De acordo com o site<sup>282</sup>, em 20 de setembro de 1987, fundou-se na cidade a Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi, sob comando de Luis Carlos Vitor, o mestre Garnizé, permanecendo como único grupo de capoeira da cidade, até a metade do ano de 1995. Cabe ressaltar que a Associação surgiu dos dois grupos de capoeira que anteriormente existia na UFV, após o mestre Saci ter voltado para sua cidade natal, devido ao seu desligamento da instituição.

Na Universidade Federal de Viçosa, a capoeira está presente na forma de um programa de extensão intitulado “Capoeira Alternativa” que, segundo o site da UFV<sup>283</sup>, existe desde o ano de 1995. Contudo, conforme declaração do coordenador do programa, professor Tommy Flávio Wanick, durante Sessão Solene da Câmara Municipal de Viçosa (CMV), o grupo foi criado por iniciativa de alguns estudantes e, apenas posteriormente, foi transformado em um Programa de Extensão da UFV.



**Figura 30:** Banner do grupo Capoeira Alternativa/UFV.

**Fonte:** Acervo da autora, 2016.

A iniciativa partiu de estudantes da UFV que tinham interesse em praticar a capoeira. No começo, o apoio da Universidade era muito pequeno, mas aos poucos o grupo foi se articulando e estabelecendo um contato com as Pró-reitorias. Hoje o Capoeira Alternativa é caracterizado como Programa de Extensão da UFV, coordenando cinco projetos que trabalham para além das 4 Pilastras.<sup>284</sup>

<sup>281</sup> ASSOCIAÇÃO de Capoeira Guerreiros de Zumbi [Página na internet]. A.C.G.Z. Disponível em: <<http://acgzvicosa.xpg.uol.com.br/index.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

<sup>282</sup> *Idem*.

<sup>283</sup> SOUSA, Tommy. **Programa de Extensão Capoeira Alternativa oferece aulas de capoeira infantil**. Disponível em <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24071](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24071)>. Acesso em: 07 nov. 2016.

<sup>284</sup> WANICK, Tommy Flávio. In: CÉZAR, Fernando. **Câmara homenageia o Capoeira Alternativa em Sessão Solene**. 20 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.vicosa.mg.leg.br/institucional/noticias/2015/11-2015/camara-homenageia-o-capoeira-alternativa-em-sessao-solene>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Conforme relatado por César<sup>285</sup>, o Grupo Capoeira Alternativa foi homenageado em sessão solene, realizada no dia 19 de novembro de 2015, na Câmara Municipal de Viçosa, em comemoração aos 20 anos de sua fundação. A proposição partiu do vereador Idelmiro Ronivon da Silva, segundo o qual, tal homenagem representa a valorização e reconhecimento da importância da cultura negra na cidade.

### 3.2.3. Medalha José Valentino da Cruz (Candinho)

De acordo com Melo<sup>286</sup>, José Valentino da Cruz, comumente conhecido como Candinho, apelido que herdou de sua avó, Dona Candinha, iniciou suas atividades na instituição em 1936, exercendo o cargo de cozinheiro. Apesar de ter sido contratado como cozinheiro, ficou encarregado do Refeitório e, assim como Francisco São José, trabalhou na instituição em um período em que existia uma clara divisão de classes nas relações trabalhistas no *campus*: os servidores eram divididos em operários (aqueles que realizavam as tarefas braçais), funcionários (os que desempenhavam atividades de escritório) e professores.

Segundo site<sup>287</sup> da UFV, Candinho casou-se com Maria Engrácia de Paula, em 1942, união da qual resultaram 12 filhos: Maria José, Vera Maria, Vilma Lúcia, Maria das Graças, Mauro Lúcio, Maurício, Márcio, Milton, José Geraldo, Marcelo, Marli e Antônio Arnaldo.

José Valentino, servidor negro, adquiriu uma notável liderança na instituição, tanto no campo social quanto no político. Na esfera social, Melo<sup>288</sup> cita, além da criação de um sopão feito com sobras do jantar do dia anterior e servido aos operários pela manhã, a organização e participação no Operários Futebol Clube.

Enquanto que no âmbito político, o autor relata que Candinho liderou, em 22 de outubro de 1961, a criação da Associação dos Operários da UREMG, cujo objetivo era representar os interesses do trabalhador, no que pode ser considerado os primórdios de uma



**Figura 31:** José Valentino da Cruz.

**Fonte:** Personagens e Pioneiros da UFV.

<sup>285</sup> CÉZAR, Fernando. **Câmara homenageia o Capoeira Alternativa em Sessão Solene**. 20 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.vicosa.mg.leg.br/institucional/noticias/2015/11-2015/camara-homenageia-o-capoeira-alternativa-em-sessao-solene>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

<sup>286</sup> MELLO, Elson Rezende de. José Valentino da Cruz, o Candinho: O operário que virou medalha. **InformAsav**, n.º 21, novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.elsonrezende.com.br/conjtextos.php?id=419>>. Acesso em: 19 out. 2016.

<sup>287</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Personagens e Pioneiros da UFV: **José Valentino da Cruz - Candinho**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=joseValentino>>. Acesso em 20 out. 2016.

<sup>288</sup> MELLO, Elson Rezende de. *Op. cit.*, [n/p].

organização sindical. É pertinente destacar que Candinho, juntamente com dois outros companheiros da associação, Cléber Silvestre Bernardes e Noé Gomes Cardoso, conseguiu transformar as salas de aulas, destinadas ao atendimento dos filhos de operários e funcionários da UREMG, em uma escola estadual, que a posteriori se transformou na Escola Estadual Effie Rolfs. Esta iniciativa objetivava o oferecimento do ensino supletivo, durante o período da noite, para os operários quando estes terminassem o expediente.

Ainda segundo Melo<sup>289</sup>, Candinho presidiu a associação no seu primeiro ano de fundação, reelegendo-se por mais 6 vezes, de 1962 a 1967 e, inclusive durante o golpe militar de 1964, por estar à frente da associação, foi interrogado por oficiais da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Ressalte-se que apesar deste contratempo a Associação foi preservada, entretanto esta encerrou suas atividades no ano de 1969, na gestão da chapa concorrente presidida por Hércio de Freitas.

Cabe destacar que esta liderança e estima extrapolou os limites da instituição: de acordo com o site<sup>290</sup> da UFV, Candinho foi vereador por dois mandatos (1963 e 1970), além disso, ajudou a calçar a Ladeira dos operários, chamada assim, como bem nota Carvalho<sup>291</sup>, por fazer a ligação entre a UFV e os bairros dos operários da instituição, e que foi renomeada a Rua Vereador José Valentino da Cruz. Seu importante papel na instituição é atestado pelo UFV Informa de 1975, como mostrado a seguir:

Candinho foi das figuras mais populares da UFV, principalmente no meio dos estudantes, que o consideravam um verdadeiro pai e um amigo de todas as horas. Esse carinho dos estudantes para o Candinho e dele para os estudantes vem desde seu ingresso na Universidade. Por diversas vezes ele foi homenageado pelas turmas de formandos e, no ano passado [1974], nas comemorações do Dia 1º de Maio, a UFV ofereceu-lhe uma placa de prata, pelos bons serviços prestados à Instituição e por seus muitos anos de trabalho.<sup>292</sup>

---

<sup>289</sup> *Idem.*

<sup>290</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Personagens e Pioneiros da UFV: **José Valentino da Cruz - Candinho**. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>291</sup> CARVALHO, André Simplício. **O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana: a especialização funcional de uma cidade média mineira**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014. p. 89. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1026/1/Dissertacao.Texto.Andr%C3%A9%20Simplicio.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

<sup>292</sup> MORREU CANDINHO, o grande amigo dos estudantes e servidores da UFV. **UFV Informa**, Viçosa, ano 7, n.º 388, p. 01. 25 de julho de 1975.



**Figura 32:** José Valentino da Cruz, com sua esposa Maria Engracia de Paula, recebendo uma placa de prata em homenagem pelo dia do trabalhador em 1º de Maio de 1974.  
**Fonte:** UFV Informa, ano 7, n.º 388, de 25 de julho de 1975.

Lamentavelmente Candinho faleceu precocemente aos 61 anos de idade, um ano após receber esta homenagem, em 18 de julho de 1975.

Em 1996, 21 anos após sua morte, o CONSU da UFV criou a Medalha José Valentino da Cruz a qual é entregue aos servidores técnico-administrativos da instituição pelos serviços prestados à UFV, em comemoração pelo Dia da Universidade, ocorrida no dia 28 de agosto. Consta na ata n.º 206/96<sup>293</sup> do CONSU que a proposta inicial era a criação de uma medalha em comemoração aos 70 anos da UFV para homenagear os técnico-administrativos pelos serviços prestados, uma vez que já existiam medalhas outorgadas aos professores e aos estudantes. Entretanto, aprovou-se a proposta feita por dois conselheiros de criação da medalha conforme o anexo da Resolução do CONSU n.º 9/96<sup>294</sup>.



**Figura 33:** Medalha José Valentino da Cruz (Candinho).  
**Fonte:** InformAsav, n.º 21, novembro de 2008.

É importante destacar que, em entrevistas realizadas com servidores da UFV, apenas 12% dos entrevistados citaram Candinho quando questionados a respeito de um servidor

<sup>293</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho Universitário. CONSU. **Ata da reunião n.º 206**, realizada no dia 26 de julho de 1996. p. 100-104. p. 102. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/ATA-206-1996-UFV-26.07.96.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>294</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho Universitário. CONSU. **Resolução n.º 09 de 26 de julho de 1996**. Cria a Medalha José Valentino da Cruz (Candinho) e aprova seu Regimento. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/09-96.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

negro que tenha se destacado na instituição: E02 que teve por justificativa o fato de lidar com arquivo documental, pois conhece a história do servidor, que em sua percepção é pouco divulgada pela instituição (informação verbal)<sup>295</sup>; E10<sup>296</sup> que, apesar de não ter justificado seu conhecimento, acreditamos que se deve ao fato de seu envolvimento com a Associação dos Servidores Administrativos da UFV (ASAV) e E09 que conhece a história devido a sua atuação profissional junto a uma das filhas de Candinho, conforme suas próprias palavras: "[...] O Candinho, o pai da servidora nossa [D. Maria José da Cruz], ele fez um trabalho... Ele foi o responsável pelo sopão da UFV, ele teve uma contribuição, tem uma... Tem o nome lá de uma rua com o nome dele... Ele foi uma pessoa que contribuiu muito"<sup>297</sup>.

Cabe ressaltar que alguns dos filhos de Candinho foram agraciados com tal homenagem, o primeiro deles foi agraciado, em 28 de agosto de 1996, em comemoração aos 70 anos da UFV, condecoração mais do que justa, tendo em vista que a história de vida de seu progenitor circunscreveu-se sobre a história da própria UFV.

### 3.2.4. O Bloco - Maracatu

O Maracatu é uma manifestação cultural pernambucana e, como bem nota Freire<sup>298</sup>, embora não seja possível precisar ao certo quando e onde este surgiu, sabe-se que sua origem remonta ao período da escravidão quando os escravos reuniam-se, formavam uma realeza e ao ritmo de cantos e batuques celebravam seus santos. A autora relata ainda que atualmente estas celebrações foram ressignificadas e incorporadas ao carnaval, onde nos deparamos com dois tipos de maracatus: o maracatu do baque virado ou maracatu nação e o maracatu do baque solto, também conhecido por maracatu rural ou maracatu orquestra.

Segundo Lopes e Bernardes<sup>299</sup>, o Maracatu na cidade de Viçosa/MG é representado pelo O Bloco, grupo criado em 2006 pelo estudante de graduação da UFV, Mateus Moraes, e composto por estudantes da instituição, sendo os ensaios realizados aos domingos, além de

---

<sup>295</sup> ELS. **Entrevista 02**. [07 jun. 2017].

<sup>296</sup> ELR. **Entrevista 10**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (06 min. e 02 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>297</sup> CLF. **Entrevista 09**. [14 jun. 2017].

<sup>298</sup> FREIRE, Isabel Batista. **Linguagem simbólica e cultural do Maracatu**. 2015. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. p. 21. Disponível em: <[https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1615/1/IsabelBF\\_Monografia](https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1615/1/IsabelBF_Monografia)>. Acesso em: 22 out. 2016.

<sup>299</sup> LOPES, Fernanda; BERNARDES, Kamilla. O Bloco traz o baque do maracatu para Viçosa. **Caixa Preta**. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/caixapreta/o-bloco-traz-o-baque-do-maracatu-para-vicosa/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

oficinas de aprendizagens, para aqueles que desejam aprender a tocar algum dos instrumentos, as quais acontecem durante a semana.

De acordo com o blog “O Bloco”<sup>300</sup> os ensaios acontecem todos os domingos, próximo ao Espaço Cultural Fernando Sabino, enquanto que as oficinas para formar novos(as) batuqueiros(as) ocorrem terças-feiras, às 19 horas, e sextas-feiras, às 12 horas, na casa n.º 18 da Vila Giannetti (Casa da Paz).



**Figura 34:** Integrantes do grupo de Maracatu - O Bloco.

**Fonte:** BALDUCCI, Mariana. O Bloco Viçosa vai passar. **Caixa Preta**. 16 out. 2015.

Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/caixapreta/blocovicosa/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Sobre sua gênese, o blog<sup>301</sup> do grupo destaca o dia 11 de junho de 2006 como a data exata da criação, cuja iniciativa foi de Mateus Moraes, conforme citado anteriormente, e de um grupo de cerca de 10 pessoas, com o objetivo de estudar os ritmos de percussão afro-brasileiros a partir do maracatu de baque virado, também chamado de maracatu nação.

O **maracatu nação**, também conhecido como **maracatu de baque virado**, é uma manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. Composto majoritariamente por negros e negras, os maracatus nação podem ser remontados às antigas coroações de reis e rainhas congo. Passaram por transformações e mudanças ao longo do século XX, demonstrando sua capacidade de adaptação e permanência.<sup>302</sup>

No tocante aos instrumentos que acompanham o cortejo, Maakaroun afirma que “[...] além da voz solo e do coro, existe toda uma orquestra de percussão formada por sete

<sup>300</sup> O BLOCO [Página na internet]. Disponível em: <<http://oblocovicosa.blogspot.com.br/p/sobre-o-bloco.html>>. Acesso em: 22 out. 2016.

<sup>301</sup> *Idem*.

<sup>302</sup> INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. **INRC do Maracatu Nação**. Dossiê. p. 09. Grifo do autor. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE\\_MARACATU\\_NA%C3%87%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2016.

instrumentos distintos: o tarol, o ganzá, o abe, o gonguê, as alfaias marcante, meião e repique”<sup>303</sup>.

Ainda sobre a criação de O Bloco, Balduci<sup>304</sup> relata, em entrevista realizada com Martin Méier, membro há 5 anos do grupo, que a base para a gênese do Bloco foi o grupo de percussão Nação Romão formada por alguns amigos. O entrevistado ressalta ainda que O Bloco contribui para o movimento de resistência negra, já que se trata da difusão de uma cultura tipicamente pernambucana por um grupo mineiro e, por isso, pode ser considerado um tipo de associação. Além disso, o grupo valoriza a diversidade e, assim, se propõe a integrar com outros grupos, a exemplo do Congado.

### 3.2.5. NEAB Viçosa - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros

De acordo com Menezes<sup>305</sup>, o primeiro Núcleo de Estudos Afro-brasileiros surgiu em 1981 na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e, posteriormente, foram criados o da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Segundo o blog NEAB/UFAL<sup>306</sup>, o grupo foi criado em um período em que emergiram as reivindicações do movimento negro no país por espaços acadêmicos para criação e difusão de estudos sobre o negro, na percepção dos próprios negros.

Neste contexto, conforme o blog NEAB/UFAL<sup>307</sup>, o Núcleo, em sua criação, foi vinculado à Reitoria da instituição e tinha por objetivo a realização de pesquisas a fim de implantar o Memorial Zumbi na Serra da Barriga, sendo que, atualmente, desenvolve pesquisas sobre a questão negra, políticas afirmativas a favor dos afrodescendentes, treinamento a respeito da Lei n.º 10.639/2003 para professores, dentre outras. Ainda de acordo com o blog<sup>308</sup>, no âmbito administrativo, o Reitor da UFAL indica o diretor do NEAB, sendo que o Núcleo possui também um grupo de servidores permanentes, além de contar com o apoio de professores e estagiários dos vários departamentos da instituição.

---

<sup>303</sup> MAAKAROUN, Eugenia de Freitas. **Maracatu: ritmos sagrados**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2005. p. 20. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VPQZ-73QKXH/disserta\\_\\_o\\_maracatu.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VPQZ-73QKXH/disserta__o_maracatu.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 22 out. 2016.

<sup>304</sup> BALDUCCI, Mariana. O Bloco Viçosa vai passar. **Caixa Preta**. 16 out. 2015. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/caixapreta/blocovicosa/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

<sup>305</sup> MENEZES, Vanda. **As entidades pós-MNU**. In: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. (Org.). **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas, CPDOC-FGV, 2007. p. 177.

<sup>306</sup> NEAB/UFAL [Página na internet]. Disponível em: <<http://neabufal.blogspot.com.br/?view=timeslide>>. Acesso em: 31 out. 2016.

<sup>307</sup> *Idem*.

<sup>308</sup> *Idem*.

Em relação à gênese do NEAB na cidade de Viçosa/MG, o blog NEAB Viçosa<sup>309</sup> relata que esta foi resultado da participação de um grupo de estudantes da Universidade Federal de Viçosa no 3º Encontro de Negros, Negras e Cotistas da União Nacional dos Estudantes (ENUNE) que ocorreu na cidade de Salvador, no período de 20 a 22 de maio de 2011.

O blog<sup>310</sup> ressalta que um dos saldos positivos do evento foi a mesa, cujo tema era “A (o mito da) Democracia Racial e o Racismo embutido nas instituições públicas e privadas”, na qual uma das palestrantes, a professora Íris Amâncio, discorreu sobre o conceito do NEAB, o qual se apresentou como um espaço alternativo, a este grupo de estudantes da UFV, para discussão e difusão da temática negra na UFV e em Viçosa.



**Figura 35:** Estudantes da UFV que participaram do 3º ENUNE na UFBA.

**Fonte:** Blog NEAB Viçosa, 2011.

Disponível em: <<http://neabvicosa.blogspot.com.br/p/historico-do-neab-ufv.html>>. Acesso em: 30 out. 2016.

Segundo o Observatório dos Movimentos Sociais da Zona da Mata Mineira, o NEAB UFV possui os seguintes objetivos:

- **Estimular** no âmbito da UFV, a reflexão acerca das desigualdades étnico-raciais e das políticas de promoção da igualdade;
- **Subsidiar** a elaboração, acompanhamento e avaliação no sistema de ensino municipal e estadual a implementação de políticas públicas de diversidade cultural, em especial voltadas para população afro-brasileira.

---

<sup>309</sup> NEAB VIÇOSA - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros [Página na internet]. Disponível em: <<http://neabvicosa.blogspot.com.br/p/historico-do-neab-ufv.html>>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>310</sup> *Idem.*

– **Incentivar** a promover debates e discussões relativos a temática da História, Cultura e Patrimônio (material e imaterial) a partir de grupos de estudos, simpósios, congressos entre outros tantos no âmbito da UFV, da cidade de Viçosa e região. – **Criar e/ou fortalecer** parcerias com grupos ou organizações que realizam produções artísticas, culturais ou qualquer manifestação que tenham como foco central a reflexão acerca das tradições e saberes africanos e afro-brasileiros, tanto no âmbito universitário quanto na cidade de Viçosa e região.<sup>311</sup>

A respeito da atuação do NEAB, durante as entrevistas, 20% dos entrevistados citaram as ações do Núcleo como uma forma de valorização do negro ou um espaço para discussão da temática racial na UFV, a exemplo de E22 que afirma que o “[...] NEAB foi a melhor coisa que aconteceu nos últimos anos [...]”<sup>312</sup> ou de E15 que relata a existência de um núcleo que trabalha para a valorização e acessibilidade do negro (informação verbal)<sup>313</sup>. Porém, E02 relatou que a atuação do NEAB ainda é muito restrita e relacionada ao âmbito cultural.

Eu acho que é bem tímido. Eu conheço outros setores que mexem com política pública e com... Aqui na instituição tem o... NEAB da UFV eu acho muito tímido e voltado muito pra cultura. Tem outros NEAB's Brasil a fora que tem o cunho bem mais informativo e político, entendeu? Eu cito da onde eu formei, da UFES, que o NEAB dá capacitação pra pessoas do município, hoje banca uma pós *lato sensu* com recorte racial. Então o NEAB da UFV, na minha opinião, tá muito tímido ainda.<sup>314</sup>

Assim, como E02, também acreditamos que a atuação do NEAB é ainda um pouco restrita e que o Núcleo poderia desenvolver ações mais informativas e politizadas, como as sugeridas por E08 que quando questionada sobre a forma com a questão racial é debatida a nível institucional, no âmbito da UFV, afirma que:

Ela precisa de ser discutida com mais clareza, né? **Os movimentos é trazerem mais informações, principalmente, com relação, por exemplo, a cotas é pra pessoa ingressar no vestibular, precisa de ser tratado, de ter um esclarecimento muito maior é nos cursinhos pré-vestibular, nas escolas.** Nós precisamos fazer um trabalho de esclarecimento porque não basta a pessoa, ah não eu vou lá e coloco lá que eu sou preto ou que eu sou pardo, não é por aí. As coisas não funcionam porque as vezes a pessoa ela não é preta, nem é parda, mas por questão, ah não, eu vou lá e coloco, e vou lá e porque eu tenho um amigo negro e... Não é isso. As cotas, as ações afirmativas, elas não são para isso. A pessoa tem que entender, ela realmente, ela tem os traços? Ela é negra? Mesmo se ela for parda, ela carrega esses traços, ela sofre aquela discriminação que um negro sofre? Entendeu? Porque a maioria não sabe o que a gente realmente passa. Hoje em dia tem muita gente fala ah eu não sou racista, mas o racista é velado, ele tá aí presente a todo minuto. [...]<sup>315</sup>

<sup>311</sup> OBSERVATÓRIO dos Movimentos Sociais [Página na internet]. Disponível em: <<https://observatoriomsufv.wordpress.com/organizacoes/mst/>>. Acesso em: 31 out. 2016. Grifo do autor.

<sup>312</sup> MRP. **Entrevista 22**. [21 jun. 2017].

<sup>313</sup> CRPBC. **Entrevista 15**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (09 min. e 02 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>314</sup> ELS. **Entrevista 02**. [07 jun. 2017].

<sup>315</sup> TJJ. **Entrevista 08**. [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (11 min. e 45 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação. Grifos nossos.

Neste sentido, seria importante que o NEAB enquanto um movimento negro da UFV assumisse esse compromisso de realizar palestras informativas nas escolas de ensino médio, prestando esclarecimentos aos estudantes a respeito dessas questões. Entretanto, não é certo o reconhecimento institucional do NEAB Viçosa, no âmbito da UFV, e, talvez, isso justifique a matéria<sup>316</sup> veiculada no portal de notícias da instituição, no dia 18 de junho de 2015, na qual um grupo de professores da instituição convidou a comunidade universitária para uma reunião com o intuito de discutir a formalização do Núcleo na UFV.

### 3.2.6. Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira

O Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira foi criado na UFV em 2009, resultado do programa de extensão “Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira da Zona da Mata Norte: cultura negra e memória social”, sendo vinculado a três projetos de extensão: “Paisagem e Memória: Reconstruindo a geohistória do município de Teixeiras-MG”, “Reconhecer Grafias e Tecer Leituras Sobre o Mundo: africanidades no universo escolar de Teixeiras-MG” e “Conflitos socioambientais: ações de mobilização comunitária no bairro Bom Jesus”. O principal objetivo do programa, como apontado na página do Registro de Atividades de Extensão (RAEX) foi a “criação de um centro de referência da cultura afro-brasileira na Zona da Mata mineira norte”<sup>317</sup>.

Conforme o blog da Casa, o Centro Cultural de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira “tem como enfoque o resgate, a valorização histórica e a construção de uma identidade negra inserida ativamente nas questões políticas, econômica, culturais e sociais da sociedade brasileira”<sup>318</sup>.

Tendo em vista este princípio de resgate e vivência da cultura afro-brasileira, segundo projeto dos responsáveis, o Centro de Referência tem por objetivos principais pesquisar e



**Figura 36:** Logotipo do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira.

**Fonte:** Blog da Casa de Referência à Cultura Afro Brasileira.

<sup>316</sup> LOPES, Ivonete da Silva. **Reunião discute implantação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros na UFV.** 18 jun. 2015. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=23464](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=23464)>. Acesso em: 31 out. 2016

<sup>317</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Registro de Atividades de Extensão. RAEX [Página da internet]. Disponível em: <<https://www2.dti.ufv.br/raex/scripts/dadosAtividade.php>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

<sup>318</sup> CASA DE REFERÊNCIA à Cultura Afro-Brasileira [Página da internet]. Disponível em: <<http://casa-afro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

estudar a cultura afro-brasileira; auxiliar na formação cultural da comunidade viçosense, especificamente de alunos de escolas públicas; desenvolver eventos para a valorização da consciência negra, oficinas de confecção de instrumentos e sobre a presença africana na sociedade brasileira; atuar como um agente de cultura e como um centro de referência e pesquisa no âmbito acadêmico e civil.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo Centro, entre os anos de 2009 a 2012, destacamos a realização da Semana da Consciência Negra, em 2010 e 2011; apoio e participação no VIII Fórum pela Promoção da Igualdade Racial (FOPPIR), em 2011; e, criação do Projeto Cor da Cultura que, conforme matéria<sup>319</sup> do Jornal Folha da Mata, teve por objetivo disseminar a cultura afro-brasileira por meio de atividades culturais, dentre outras atuações.

Cabe ressaltar que, apesar do Centro de Referência ter sido criado com um aporte institucional e vinculado à Universidade Federal de Viçosa, em 20 de junho de 2011, o mesmo foi registrado em cartório e, em 06 de julho de 2011, inscrito no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) como uma associação privada.

Neste sentido, já como uma sociedade privada, houve uma solicitação para que o Centro fosse declarado de utilidade pública, conforme matéria veiculada<sup>320</sup> no jornal Folha da Mata, o que representaria uma fonte para angariar recursos, tendo a CMV declarado o Centro de Referência como de utilidade pública, conforme matéria veiculada<sup>321</sup> no mesmo jornal e, em 19 de setembro do mesmo, houve a promulgação da Lei n.º 2.258/2012. Também em 2012, conforme nota<sup>322</sup> do Jornal Folha da Mata, a Casa de Referência foi agraciada com o Prêmio Expressão Viçosa 2012, em reconhecimento à sua atuação social.

É importante salientar ainda que nenhum dos entrevistados citou o Centro de Referência como um espaço de valorização do negro na UFV e, ao que tudo indica, estes sequer conheciam sua existência seja enquanto Centro de Referência ou Casa de Umbanda, somente E11 fez alusão à existência de uma casa na Vila Giannetti e a princípio pensamos que, apesar do equívoco na localização, o espaço citado seria o Centro de Referência.

Num vou saber o nome, mas num tem uma casa lá na Vila Giannetti, eu não sei se isso se estende só pra alunos ou se é pro servidor também ou pra comunidade. Eu num lembro o nome, mas tem uma casa lá na Vila Giannetti que é um programa aqui

---

<sup>319</sup> CASA DE REFERÊNCIA promove Cor da Cultura. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2262, 26 jul. 2012, p. 1-24, p. 15.

<sup>320</sup> CENTRO DE REFERÊNCIA da Cultura Afro-Brasileira poderá ser de utilidade pública. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2266, 23 ago. 2012, p. 1-24, p. 7.

<sup>321</sup> CMV DECLARA de utilidade pública o Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2267, 30 ago. 2012, p. 1-24, p. 5.

<sup>322</sup> CASA DE REFERÊNCIA. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2257, 21 jun. 2012, p. 1-24, p. 13.

da UFV. Então, esse projeto... Tô tentando lembrar o nome, teve até um evento um dia desse aí.<sup>323</sup>

Entretanto, a casa em questão refere-se à Casa dos Movimentos Sociais que funciona desde 2012 na casa n.º 5 da Vila Giannetti, criada através do programa de extensão “Observatório dos Movimentos Sociais” com o objetivo de estudar os movimentos sociais em atuação na Zona da Mata Mineira.

Por fim, destacamos que, conforme blog<sup>324</sup> da Casa, desde sua criação, o Centro de Referência esteve associado à Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi e, inclusive, o site do blog da Casa de Candomblé apresenta o logotipo do Centro de Referência. Não que isso seja um obstáculo, contudo percebeu-se que a partir de determinado período, talvez por falta de apoio e/ou coordenação, os objetivos do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira foram se perdendo e este passou a ser somente um espaço de religiosidade, conforme apresentado no tópico subsequente.

### 3.2.7. Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi

As religiões de matriz africana, desde seus primórdios em solo brasileiro, utilizavam a estratégia de mesclar crenças do catolicismo aos rituais praticados, portanto, atualmente, é este sincretismo que caracteriza estas religiões. Cabe destacar que, embora exista certa predominância de ritos e elementos da igreja católica, é possível encontrar a presença de elementos indígenas, a exemplo do nome de alguns orixás.

Desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da igreja. Assim aconteceu com o candomblé da Bahia, o xangô de Pernambuco, o tambor-de-mina do Maranhão, o batuque do Rio Grande do Sul e outras denominações, todas elas arroladas pelo censo do IBGE sob o nome único e mais conhecido: candomblé.<sup>325</sup>

De acordo com Barreto<sup>326</sup>, a umbanda nasceu em solo brasileiro, no início do século XX, e caracteriza-se por mesclar rituais das religiões africanas trazidos pelos escravos,

---

<sup>323</sup> PSB. **Entrevista 11**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 23 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>324</sup> CASA AFRO-RELIGIOSA Ilê Aiyê de Oxossi: Viçosa - MG [Página na internet]. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/00840592278518163754>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

<sup>325</sup> PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n.º 1, p. 15-33, jun. 2003. p. 16.

<sup>326</sup> BARRETO, Eloah Monteiro Andrade. **Povo de santo: umbandistas de Viçosa**. 2010. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010. p. 14. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2010/EloahMonteiro.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

crenças indígenas e ritos católicos, sendo possível encontrar, nos terreiros de umbanda, imagens de santos católicos representando os orixás. A este respeito, Prandi<sup>327</sup> afirma que, por mesclar elementos do índio, do negro e do branco, a umbanda é chamada de “a religião brasileira”. Há que se destacar que a umbanda é caracterizada, ainda, pela junção do candomblé com o espiritismo kardecista.

Ela [a umbanda] é uma síntese do antigo candomblé da Bahia, que foi transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX. No início a nova religião se denominou espiritismo de umbanda, mais tarde, umbanda. [...] A umbanda conservou do candomblé o sincretismo católico: mais que isto, assimilou preces, devoções e valores católicos que não fazem parte do universo do candomblé. Na sua constituição interna, a umbanda é muito mais sincrética que o candomblé.<sup>328</sup>

Sobre a origem da Umbanda na cidade de Viçosa, Barreto<sup>329</sup> relata que, embora os registros sejam praticamente inexistentes, foi possível precisar, por meio de entrevistas, o terreiro mais antigo da cidade, que há trinta anos funciona em um mesmo local, ou seja, a umbanda existe, na cidade, desde 1970.

Agora sobre a criação da Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi, em entrevista concedida a Barreto<sup>330</sup>, mestre Garnizé relembra que, após 2005, decidiu-se por criar um terreiro que a princípio não possuía lugar fixo de funcionamento, posteriormente foi transferido para a Comunidade dos Barros, depois para o bairro Paraíso e, atualmente, funciona na casa 14 da Vila Secundino, aparentemente, associado ao Centro Cultural de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira.



**Figura 37:** Inauguração da Casa de Candomblé e Umbanda Ilê Aiyê de Oxossi.

**Fonte:** Blog Casa Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi, 2009.

Segundo blog<sup>331</sup> da Casa, este espaço foi inaugurado no dia 20 de novembro de 2009 e contou com a participação dos integrantes da casa, chamados de Batuque dos Orixás, com cobertura da TV Viçosa.

<sup>327</sup> PRANDI, Reginaldo. *Op. cit.*, p. 20.

<sup>328</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>329</sup> BARRETO, Eloah Monteiro Andrade. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>330</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>331</sup> CASA AFRO-RELIGIOSA Ilê Aiyê de Oxossi: Viçosa - MG [Página na internet]. Disponível em: <<http://umbandavicoso.blogspot.com.br/2009/12/inauguracao-da-casa-de-referencia.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

As principais atividades desenvolvidas pela Casa são: encontros quinzenais para estudo da doutrina umbandista, realização de ciclos de discussão e debates sobre a cultura africana e afro-brasileira, contribuir para que ocorram intercâmbios culturais, realização de aulas sobre as religiões de matriz africanas e colaborar com a Semana da Consciência Negra.

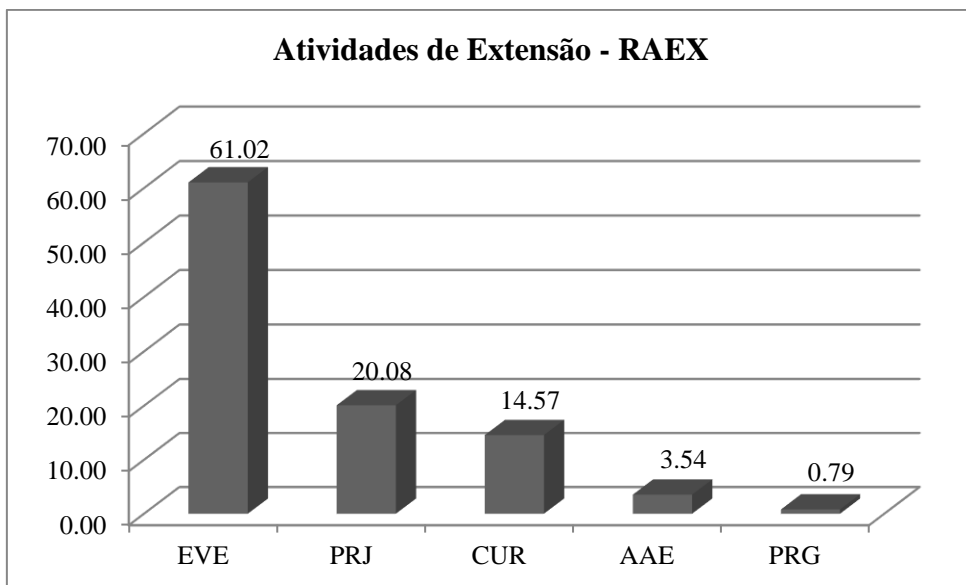
### **3.2.8. Projetos de pesquisa e atividades de extensão voltados para a temática étnico-racial**

Nos últimos anos houve um aumento, tanto quantitativo quanto qualitativo, nas pesquisas científicas que abordam as questões étnico-raciais. Também na UFV, encontramos um número razoável de projetos de pesquisas e expressivo de atividades de extensão registradas nos sistemas *online* da instituição.

Convém ressaltar que o levantamento destes dados foi realizado somente no Sistema de Pesquisa e Pós-Graduação (SisPPG) e no RAEX que são bancos de dados institucionais, totalmente *online*, para registro de projetos de pesquisas e atividades extensionistas da UFV.

As palavras/prefixos pesquisados nos campos título e palavra-chave foram: África, africana(s), africanidade(s), africano(s), afro-brasileira(s), afro-brasileiro(s), afro(s), afrodescendente(s), capoeira, congado, congo, cota(s), cotista(s), discriminação, escrava(s), escravidão, escravo(s), etnia(s), étnica(s), étnico(s), jongo, Lei n.º 10.639/2003, Lei n.º 12.288/2010, Lei n.º 12.711/2012, Lei n.º 12.990/2014, maracatu, negra(s), negritude, negro(s), preconceito, quilombo, quilombola, racial(is), racismo e samba.

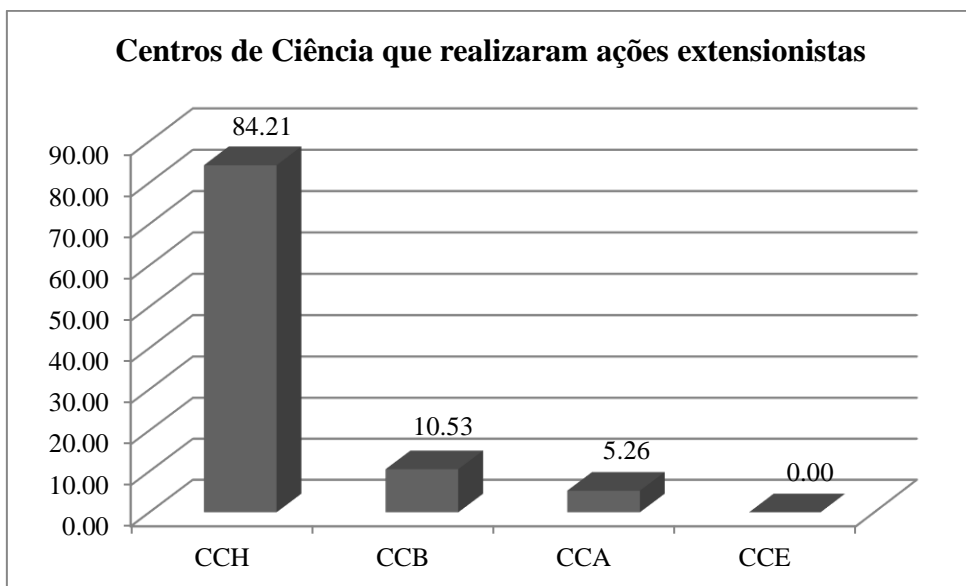
Neste sentido, no que tange ao RAEX, as atividades cadastradas são divididas em eventos (EVE), projeto de extensão (PRJ), cursos (CUR), atividade acadêmica de extensão externa e/ou interna (AAE), prestação de serviço (PRS), museu e espaço de ciência e tecnologia e programa de extensão (PRG). Neste sentido, encontramos registros a partir do ano de 1994 que correspondem a um total de 254 ações, distribuídas em 61,02% de EVE, 20,08% de PRJ, 14,57% de CUR, 3,54% de AAE e 0,79% de PRG, consoante com o apresentado no Gráfico 16.



**Gráfico 16:** Percentual de atividades de extensão registradas no RAEX.

**Fonte:** Sistema RAEX/UFV. Elaborado pela autora.

As atividades envolvem temas diversos, desde oficinas de maracatu e/ou capoeira, culinária afro-brasileira, dança, confecção de mapas temáticos, participação em eventos que tratam da temática, etc., sendo que, como pode ser observado nos Gráfico 17 e Tabela 8, o Centro que mais concentra atividades é o CCH, com 84,21% (160) das ações, sendo que a maior parte das atividades, 22,95% (42), está vinculada ao Departamento de Educação.



**Gráfico 17:** Centros de Ciência que realizaram atividades extensionistas relacionadas à questão racial.

**Fonte:** Sistema RAEX/UFV. Elaborado pela autora.

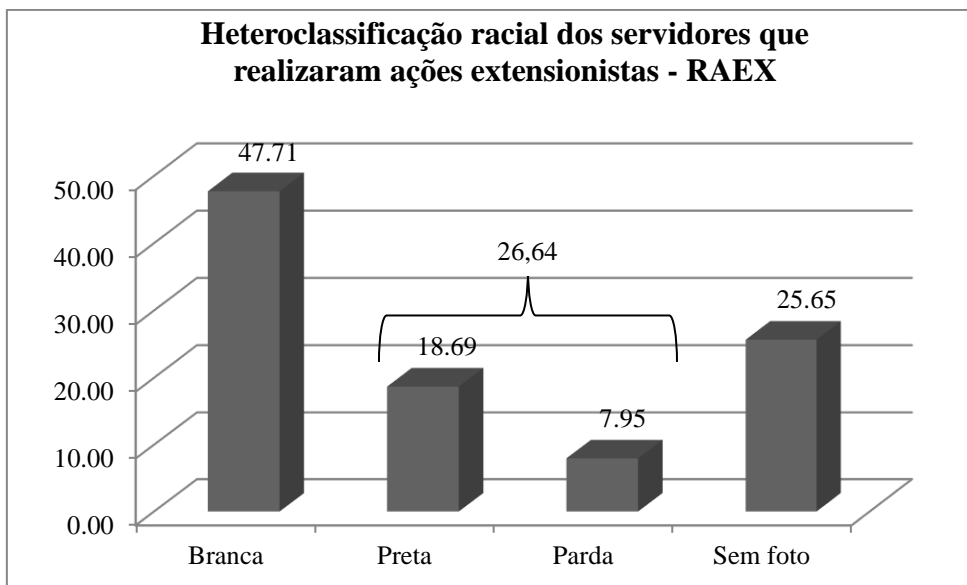
**Tabela 8:** Departamentos da UFV que realizaram atividades de extensão relacionadas à temática racial.

<b>Departamentos envolvidos</b>	<b>Quantidade de vezes que o departamento atuou</b>	<b>Percentual de atuações</b>
Departamento de Educação (DPE)	42	22,95
Departamento de Geografia (DGE)	36	19,67
Departamento de Artes e Humanidades (DAH)	26	14,21
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCH)	20	10,93
Departamento de Educação Física (DES)	19	10,38
Departamento de Economia Doméstica (DED)	12	6,56
Departamento de História (DHI)	12	6,56
Departamento de Economia Rural (DER)	10	5,46
Departamento de Ciências Sociais (DCS)	7	3,83
Colégio de Aplicação COLUNI (COL)	6	3,28
UFV - Florestal	6	3,28
Departamento de Letras (DLA)	4	2,19
UFV - Rio Paranaíba	1	0,55
Departamento de Medicina e Enfermagem (DEM)	1	0,55
Departamento de Direito (DPD)	1	0,55

**Fonte:** Sistema RAEX/UFV. Elaborada pela autora.

Ressaltamos que para nestes cálculos foram consideradas apenas as ações realizadas por departamentos e Centros de Ciências, sendo desconsideradas aquelas promovidas por Pró-reitorias ou outros setores/unidades da instituição.

Além disso, levantamos quais servidores envolvidos nessas atividades e qual a heteroclassificação racial dos mesmos, conforme apresentado no Apêndice M. Assim, conforme o Gráfico 18, 47,71% (240) dos servidores que desenvolveram estas atividades foram heteroclassificados como brancos, 26,64% (134) como negros e de 25,65% (129) não encontramos fotografias. Cabe destacar que para esta heteroidentificação utilizou-se as fotografias dos servidores encontradas nas páginas dos departamentos da UFV e, na ausência destas, as fotos disponíveis nos respectivos currículos Lattes ou em páginas de eventos nos quais eles tenham participado.



**Gráfico 18:** Heteroclassificação racial dos servidores que realizaram atividades extensionistas relacionadas à temática étnico-racial.

**Fonte:** Sistema RAEX/UFV. Elaborado pela autora.

É importante salientar que, de 2011 para 2012, ano em que houve a implementação de ações afirmativas para ingresso nas instituições de ensino federal, verificamos um aumento 52,38% no número de atividades extensionistas, relativas à questão racial, registradas no RAEX, como apresentado na Tabela 9.

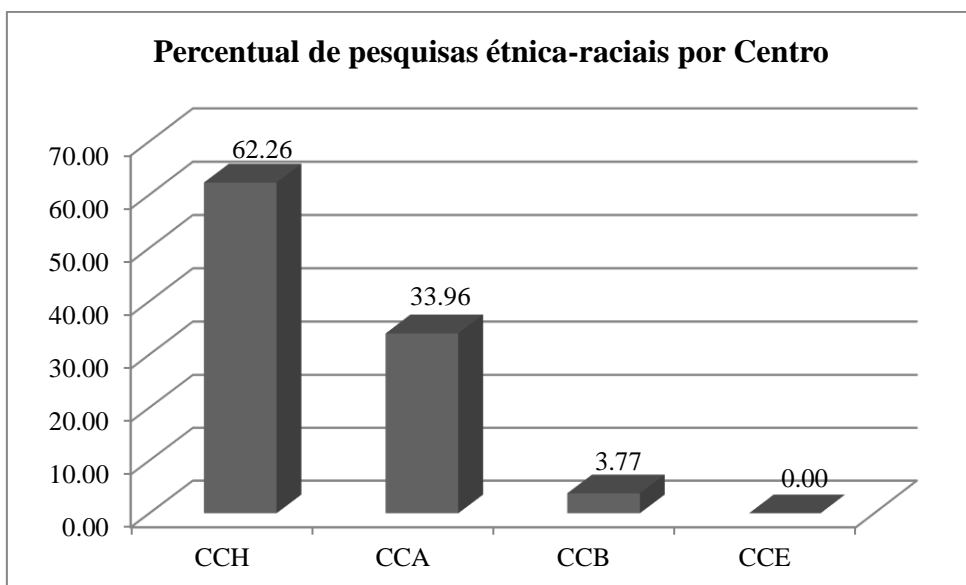
**Tabela 9:** Atividades de extensão de caráter étnico-raciais registradas por ano no RAEX.

Ano de registro	Quantidade de atividades registradas	Percentual de atividades registradas
1994	1	0,39
1996	1	0,39
1997	1	0,39
1998	2	0,79
1999	3	1,18
2001	2	0,79
2002	3	1,18
2003	3	1,18
2004	6	2,36
2005	7	2,76
2006	11	4,33
2007	10	3,94
2008	8	3,15
2009	10	3,94
2010	23	9,06
2011	21	8,27
2012	32	12,60
2013	32	12,60
2014	39	15,35
2015	39	15,35

**Fonte:** Sistema RAEX/UFV. Elaborada pela autora.

Com relação ao SisPPG, foram encontrados registros de projetos sobre a questão racial a partir do ano de 1998, que correspondem a um total de 40 pesquisas, sendo que estes estudos envolviam temas variados, tais como, comunidades quilombolas, gênero, sistema de cotas, congado, etc.

De modo similar ao RAEX, no SisPPG, a maioria dos projetos de pesquisas, 62,26% (33), estão vinculados ao CCH, entretanto, ao contrário das atividades de extensão, o departamento que teve maior atuação foi o Departamento de Economia Rural (DER), com 23,64% (13), departamento este vinculado ao CCA, conforme apresentado no Gráfico 19 e na Tabela 10. É oportuno destacar, ainda, que alguns projetos pesquisas possuem o envolvimento de mais de um Centro de Ciências.



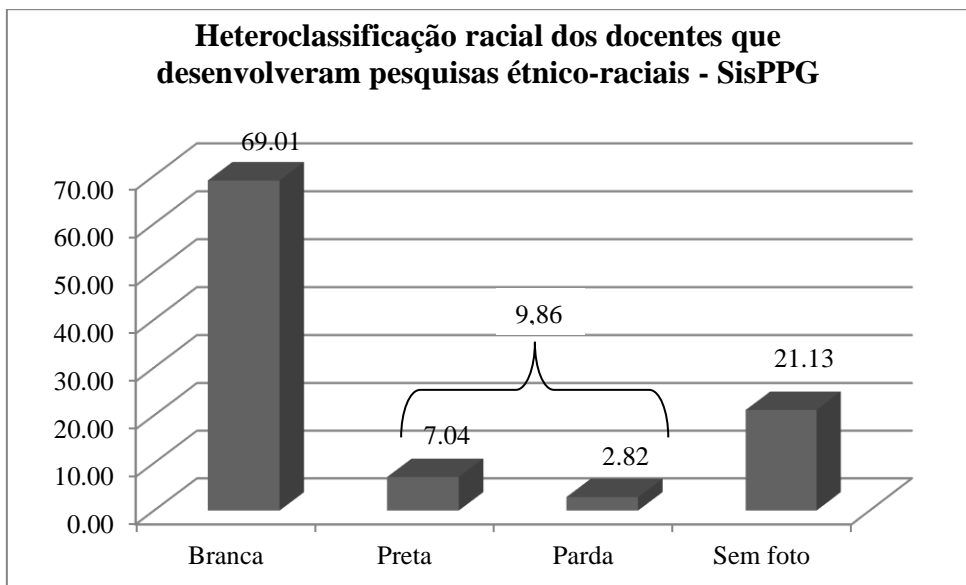
**Gráfico 19:** Centros de Ciência que desenvolveram projetos de pesquisas relacionados à questão racial.  
**Fonte:** Sistema SisPPG/UFV. Elaborado pela autora.

**Tabela 10:** Departamentos da UFV que atuaram em projetos de pesquisa relacionados à temática racial.

Departamentos envolvidos	Quantidade de vezes que o departamento atuou	Percentual de atuações
Departamento de Economia Rural (DER)	13	23,64
Departamento de Economia Doméstica (DED)	8	14,55
Departamento de Educação (DPE)	6	10,91
Departamento de História (DHI)	5	9,09
Departamento de Economia (DEE)	4	7,27
Departamento de Solos (DPS)	4	7,27
Departamento de Administração e Contabilidade (DAD)	2	3,64
Departamento de Ciências Sociais (DCS)	2	3,64
Departamento de Geografia (DGE)	2	3,64
Colégio de Aplicação COLUNI (COL)	1	1,82
Departamento de Artes e Humanidades (DAH)	1	1,82
Departamento de Biologia Geral (DBG)	1	1,82
Departamento de Comunicação Social (DCM)	1	1,82
Departamento de Educação Física (DES)	1	1,82
Departamento de Fitotecnia (DFT)	1	1,82
Departamento de Letras (DLA)	1	1,82
Departamento de Direito (DPD)	1	1,82
Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IHP)	1	1,82

**Fonte:** Sistema SisPPG/UFV. Elaborada pela autora.

Já no que concerne à heteroclassificação racial dos professores envolvidos nessas atividades, 69,01% (49) pertenciam à categoria de cor/raça branca, 9,86% (07) à negra e de 21,13% (15) não encontramos fotografias, conforme apresentado no Gráfico 20<sup>332</sup>.



**Gráfico 20:** Heteroclassificação racial dos docentes envolvidos com os projetos de pesquisas étnico-raciais.  
**Fonte:** Sistema SisPPG/UFV. Elaborado pela autora.

Por fim, conforme a Tabela 11, percebemos que a promulgação das leis de cotas não ocasionou aumento no número de pesquisas relacionadas à temática racial, pois entre os anos de 1998 a 2009 a média de pesquisas foi de 2,43; em 2010 registramos um salto no número de projetos de pesquisa, sendo cadastrados 07 estudos; de 2011 a 2014 foi registrada a média de 2,5 e em 2015 houve novo salto, sendo registrados 06 projetos de pesquisas neste ano.

<sup>332</sup> A heteroclassificação individual de cada docente se encontra no Apêndice L.

**Tabela 11:** Projetos de pesquisas de caráter étnico-racial registrados por ano no SisPPG.

Ano de registro	Quantidade de projetos de pesquisa	Percentual de projetos de pesquisa
1998	1	2,50
2004	1	2,50
2005	3	7,50
2006	2	5,00
2007	3	7,50
2008	3	7,50
2009	4	10,00
2010	7	17,50
2011	4	10,00
2012	1	2,50
2013	3	7,50
2014	2	5,00
2015	6	15,00

**Fonte:** Sistema SisPPG/UFV. Elaborada pela autora.

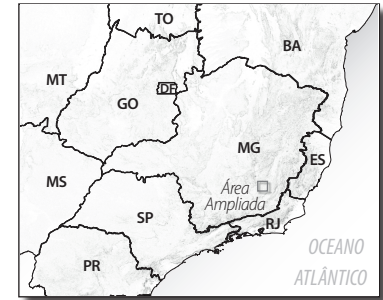
Cabe salientar que os entrevistados entendiam as atividades relacionadas à questão racial, desenvolvidas por estudantes e professores, como um espaço para valorização do negro na instituição, a exemplo de E03 que cita “os espaços que são promovidos, assim, as atividades pelos estudantes, pelos professores ou alguns grupos organizados aqui [...]”<sup>333</sup> ou E12 que aponta o apoio dado pela instituição na divulgação da Semana da Consciência Negra (informação verbal)<sup>334</sup> e E25 que também menciona a campanha de conscientização realizada em novembro na Semana da Consciência Negra (informação verbal)<sup>335</sup>. Contudo, frisamos que na maioria das vezes os entrevistados não sabiam informar se estas ações eram iniciativas institucionais ou de grupos isolados.

À face do exposto, consideramos as atividades de extensão e pesquisas relativas à questão racial desenvolvidas na UFV como uma marca da presença negra na instituição, uma vez que, além de garantirem a representatividade, concorrem para a visibilidade do grupo neste espaço. Assim, na Figura 38, apresentamos o mapa da instituição com destaque para os departamentos que desenvolveram estas atividades e a quantidade de ações realizadas.

<sup>333</sup> SA. **Entrevista 03**. [08 jun. 2017].

<sup>334</sup> LCC. **Entrevista 12**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (07 min. e 35 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>335</sup> NALS. **Entrevista 25**. [26 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (17 min. e 52 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.



Elaboração: Herbert Pardini  
 Data: Outubro de 2017  
 Fonte: FERREIRA, Edimara Maria. **Paisagem universitária e a representação social do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015.** Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

## MAPA DA UFV COM DESTAQUE PARA OS DEPARTAMENTOS QUE REALIZARAM ATIVIDADES DE EXTENSÃO RELACIONADAS À TEMÁTICA RACIAL

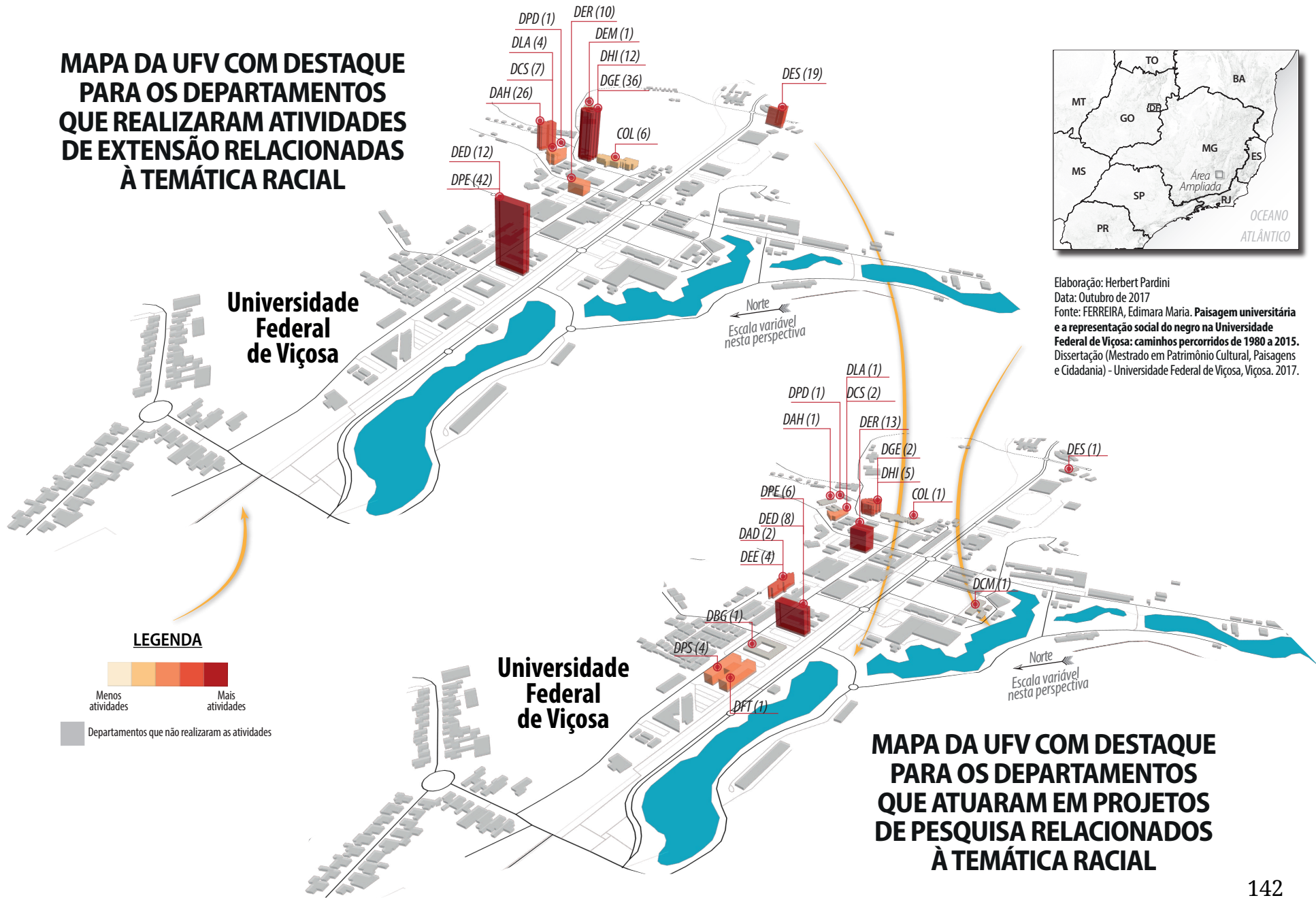


Figura 38: Mapas da UFV com destaque para os departamentos que realizaram atividades extensionistas e atuaram em projetos de pesquisa relacionados à temática racial.  
 Fonte: Sistema RAEX/UFV. Elaborado por Herbert Pardini.

\*\*\*

Os vestígios encontrados evidenciam uma ausência, ainda que sutil, do negro nas paisagens da Universidade Federal de Viçosa e que os fatos e acontecimentos que a instituição escolheu como memoráveis buscam homenagear as figuras emblemáticas que a instituição elegeu como os pioneiros de sua concepção. Exemplo disso são as placas, nomes de prédios, de ruas e de vilas da UFV, bem como, a história da instituição que é veiculada durante os ritos e celebrações comemorativas.

Além disso, como demonstrado nas entrevistas, os participantes quando questionados sobre o nome de algum servidor negro que se destacou na UFV, citaram dezenas de servidores que, de certa forma, inscreveram seu nome na história da instituição, a exemplo de E12 que cita o servidor Antônio Carlos Gomes, conhecido por Americano, aposentado em 2006 do cargo de técnico de laboratório do Departamento de Biologia Geral:

Americano, eu não sei o nome dele. Americano é uma pessoa que já faleceu, mas era um negro e que era poliglota, ele foi convidado várias vezes pra tá é ajudando em algumas conversações dentro da própria universidade quando vinha alguns estrangeiros aqui na universidade. Por isso que ele tem o apelido Americano, porque ele tinha uma facilidade muito grande com o inglês e com isso ele tinha condições de conversar bem, né, com... Às vezes os americanos que vinham aqui e então ele acabou ficando esse apelido Americano.<sup>336</sup>

Entretanto não há nenhum monumento dedicado a estes servidores ou qualquer menção à sua valorosa contribuição nas publicações da UFV. A esse respeito, Melo<sup>337</sup> relata a dificuldade em encontrar referências, em publicações, que contam a história da UFV, sobre os trabalhadores, ressalta-se em grande parte os negros, que auxiliaram na construção desta instituição. Existe uma clara preferência por enaltecer os primeiros dirigentes e professores (majoritariamente brancos) que passaram pela instituição e, inclusive, os estudantes são relegados ao segundo plano, sendo representados sempre pelos primeiros formandos da ESAV.

Um exemplo disso que, em especial, chamou nossa atenção, é a revista<sup>338</sup> comemorativa aos 90 anos da UFV, em que diversos atores são lembrados, tais como os primeiros professores e as primeiras turmas de estudantes, entretanto não há qualquer menção aos servidores. Curiosamente, esta é uma cópia fiel da revista<sup>339</sup> comemorativa aos 85 anos da

---

<sup>336</sup> LCC. **Entrevista 12**. [14 jun. 2017].

<sup>337</sup> MELLO, Elson Rezende de. *Op. cit.*, [n/p].

<sup>338</sup> REVISTA 90 ANOS UFV - Uma viagem pela história da instituição. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/embed/view/vluzwL47akTdRYb0>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

<sup>339</sup> REVISTA UFV 85 ANOS - Uma Viagem Pela História da Instituição. Disponível em: <<https://www2.cead.ufv.br/linhaTempo/>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

instituição, que teve como diferença essencial a mudança de uma ou outra fotografia, mas que permanece enaltecendo os mesmos personagens, a saber, os “fundadores” da instituição.

Compreende-se que a instituição tem buscado, conscientemente ou não, por meio de suas publicações comemorativas, reproduzir continuamente os atos, fatos e personagens que ela elegeu como representantes oficiais de sua história a fim de legitimar e perpetuar este discurso.

Compreende-se assim, que a institucionalização de um território não se dá por um ato único, os valores culturais que o grupo dominante celebra precisam ser intensamente reproduzidos para continuar a ter significado. A toponímia e os monumentos históricos em grande parte cumprem esta função impregnando tais valores sutilmente no cotidiano da população. Mas os valores inscritos nas paisagens são ainda frequentemente reforçados em rituais festivos, religiosos ou em diferentes cerimônias públicas.<sup>340</sup>

Percebe-se assim que as paisagens da UFV revelam um conjunto de valores culturais simbólicos que, muitas vezes, reproduzem o discurso legitimador do grupo hegemônico. Portanto, ao avaliarmos as parcas iniciativas da instituição em relação à memória e a história do negro, compartilhamos da opinião de Reichert<sup>341</sup> de que os símbolos e cerimônias que constituem um território favorecem e perpetuam a história deste grupo, isto é, do vencedor e seus grandes feitos.

Destarte, o que acontece no espaço da UFV é o fenômeno da invisibilidade social, em outras palavras, é o não reconhecimento dos demais grupos sociais que não só construíram a história desse lugar como também compartilham experiências comuns de trabalho e escolarização. Destaque-se que, em relação à temática racial, esta invisibilidade agrava-se, pois além de remeter aos estudantes e servidores a inúmeras situações de indiferença frente ao outro, pode, inclusive, favorecer as práticas de racismo, o que contribui para a continuidade desse processo de inferiorização dos negros e negras ainda presente na instituição.

Entretanto, através de um olhar mais atento, é possível percebermos a presença destes “outros” grupos sociais nestes espaços, ainda que caracterizados por certa segregação social e racial, que cada vez mais disputam o espaço da universidade.

Contudo, o que nos chama a atenção, como destacado anteriormente, é a ausência destas pessoas na história oficial da UFV, mesmo daquelas que se destacaram entre seus

---

<sup>340</sup> REICHERT, Patrício. **Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto Novo: a segregação social do caboclo**. 2008. 391 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2008. p. 181. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13553/000650290.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 182.

pares, a exemplo de José Valentino da Cruz e Francisco São José que, inclusive, nas publicações em comemoração aos 85 e 90 anos da instituição, não foram lembrados.

E, neste sentido, é importante salientar que dar visibilidade influencia consideravelmente na construção de representações positivas e o fato da UFV visibilizar um servidor negro afetou toda a instituição, pois 44% (11) dos entrevistados quando perguntados sobre um servidor negro de destaque, citaram o antigo Pró-reitor de Gestão de Pessoas, Ely Rosa, que ocupou tal Cargo de Direção (CD) de 17 de agosto de 2015<sup>342</sup> a 25 de junho de 2017<sup>343</sup>. E, mesmo, quando citavam o nome de outro servidor, em algum momento, aparecia também o do Ely Rosa, ao final, conforme E22:

Divino, Divino Daniel Vitor. Ele era um... Ele faleceu. Ele era, primeiro um parceirão, que ele era técnico de laboratório, trabalhava no laboratório comigo. Mas ele era químico de nível médio, né? Então, ele entrou na universidade como pedreiro, era ajudante de pedreiro, foi fazendo a carreira dele, concursou depois, entrou como auxiliar de laboratório, tava sempre estudando, sempre influenciando. Foi homenageado inúmeras vezes pelos estudantes como servidor. E ele tinha um envolvimento dentro da ASAV, tinha um envolvimento dentro... Assim, ele tava sempre atrás de oportunidades, né? De envolvimento com a, até com a valorização mesmo, o irmão dele é o Garnizé da capoeira, então virava e mexia ele tava lá fazendo alguns eventos junto com o irmão dele, tudo que é uma contribuição até pra cultura, né? Que é negra e tal. Eu gostava muito... Pra mim é ele que vem na cabeça. **Tem o próprio Ely Rosa que eu acho que não tem nenhum que chegou tão alto, não me lembro. Até porque, como eu falei, né, geralmente são professores que ocupam esse cargos. Ele não é professor, é técnico de nível superior<sup>344</sup>, eu acho, mas mesmo assim ele é uma pessoa que se destaca.** Mas, pra mim, o Divino era tope, a história dele, né, de como ele chegou, até onde ele chegou até vir a falecer.<sup>345</sup>

Portanto, no que tange à memória institucional, uma vez que esta é construída tendo por suporte elementos de sua própria trajetória, deve abarcar todos os colaboradores, já que o trabalho de cada um deles contribui/contribuiu para a construção da história da instituição. Além disso, a atuação desses agentes pode ser ressignificada através do conhecimento desta história, visto que eles se veem inseridos nesta.

Por conseguinte, ressaltamos a importância da instituição, zelar por seu patrimônio histórico por meio da conservação de sua memória. Isto somente será possível mediante a preservação de documentos, manifestações culturais, monumentos, relatos e demais objetos representativos de todos os seus atores sociais e da garantia de acesso irrestrito a essas

---

<sup>342</sup> DIVISÃO DE JORNALISMO. UFV realiza cerimônia de posse da nova equipe da administração superior. 18 ago. 2015. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=23815](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=23815)>. Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>343</sup> DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL. Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas tem nova chefia. 26 jun. 2017. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27389](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27389)>. Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>344</sup> Ely Rosa é Auxiliar em Administração da UFV que é um cargo de nível C e não de nível superior conforme citado por E22.

<sup>345</sup> MRP. Entrevista 22. [21 jun. 2017]. Grifos nossos.

informações, o que possibilitará o desenvolvimento do sentimento de pertencimento por parte destes.

Daí a necessidade de construir espaços para exposição e valorização dos fatos e atos significativos dos grupos, ou seja, criar lugares de memória que, segundo Nora, são lugares que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”<sup>346</sup>.

Conforme exposto no item 3.2.6, existe na UFV um Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira. Mas, qual tem sido a utilização deste espaço? Será que este grupo tem um sentimento de pertencimento a este local? Será este espaço pode ser considerado um lugar de memória?

Portanto, na segunda parte deste trabalho foi realizada a apresentação do projeto de criação do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira, bem como, dos objetivos pelos quais este espaço foi criado. Posteriormente, realizamos o diagnóstico de quais têm sido os usos do mesmo e apresentamos algumas iniciativas que, acreditamos, contribuirão para ressignificar este espaço para usufruto da comunidade universitária e viçosense.

Além disso, também apresentamos a proposta para formalização do Censo Racial que será realizado entre os servidores da instituição, juntamente com as ações desenvolvidas a fim de tornar este projeto uma realidade.

Cabe destacar que, tanto a proposta de intervenção no Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira quanto à estruturação da Campanha de Autodeclaração Racial da UFV, são proposições que se inserem na concepção do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania na qual a atividade de pesquisa deve apresentar um resultado prático para além da comunidade acadêmica, isto é, que repercute na sociedade.

Nesta perspectiva, a reativação do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira possui grande relevância social e cultural, tanto para a instituição, tendo em vista que possibilitará a difusão de conhecimento sobre a história da mesma e de alguns dos sujeitos que participaram de sua construção, quanto para esta pesquisa, uma vez que proporcionará um espaço privilegiado para a exposição das marcas da presença negra apresentadas no Capítulo III e outras que ainda possam aparecer ou serem criadas.

---

<sup>346</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 13.

Nesta mesma linha, os dados do perfil racial dos servidores da UFV possui grande importância para a pesquisa, pois sua proposição partiu da ausência de informações raciais nos cadastros funcionais com a qual nos deparamos no decurso deste estudo e para a instituição que através destes resultados poderá visualizar os impactos da implementação da Lei n.º 12.990/2014 e, se necessário, analisar meios de garantir a eficácia desta lei, bem como, preconizar estratégias para que suas políticas internas que considerem tal perfil racial.

# **PARTE II**

## CAPÍTULO IV

# (RE)ATIVANDO O CENTRO DE REFERÊNCIA E PESQUISA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA?

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos de testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.

Pierre Nora<sup>347</sup>

Os chamados Centros de Referência da Cultura Afro-brasileira ou simplesmente Casas de Referência do Negro atualmente são uma realidade em quase todos os estados brasileiros e consistem em espaços ecléticos destinados tanto à discussão e difusão da cultura negra quanto à realização de cursos e oficinas de natureza cultural, artística e educativa, destinadas à formação e conscientização dos participantes, palestras e seminários sobre temáticas raciais, atuação junto a comunidades quilombolas com vista à sua certificação e preservação, dentre outras.

Tendo por fundamento este fim, podemos considerar a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora como o primeiro centro de referência do negro existente no Brasil. Esta associação foi fundada na primeira fase do Movimento Negro, em dezembro de 1972, na cidade de Porto Alegre/RS. De acordo com Jesus<sup>348</sup>, a Sociedade, a princípio criada com cunho assistencialista para auxiliar famílias negras em situação de óbito, possuiu também um caráter cultural através dos bailes por ela realizados, sejam de debutantes, temáticos, de carnavais, etc. A autora relata ainda que a partir da década de 1970 esses bailes foram substituídos pelas festas relacionadas à *Soul Music* ou *Black Music* e que com as mudanças de alguns quadros da diretoria houve uma maior aproximação da associação com o Movimento Negro porto-alegrense, tendo por resultado modificações em suas atividades com maior preocupação com as dificuldades enfrentadas pelo negro, a partir da década de 1980, promovendo palestras e seminários sobre racismo, desigualdades socioeconômica, etc.

---

<sup>347</sup> NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 12-13.

<sup>348</sup> JESUS, Nara Regina Dubois de. **Clubes sociais negros em Porto Alegre - RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite, Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2005. p. 52-55. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13814/000651619.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

Neste ponto, cabe ressaltar que, como apresentado no Capítulo I, estas associações de cunho cultural e/ou assistencial tiveram representações em diversas cidades do país. E, como relata Cardoso<sup>349</sup>, foi entre os anos de 1993 e 1994, por ocasião da preparação para as comemorações do tricentenário de Zumbi dos Palmares, que surgiu a ideia de criar um centro de cultura negra em Belo Horizonte e, foi a partir dessa discussão, que surgiu a ideia dos centros de referências. Todavia, foi somente em 2010 que este projeto foi retomado, conforme matéria veiculada em O Tempo<sup>350</sup>, que trata da instalação do primeiro Centro de Referência da Cultura Negra na capital mineira.

Por outro lado, convém ressaltar que encontramos registro da existência de um Centro de Referência anterior a este período, na cidade de Belo Horizonte, nomeado Fundação Centro de Referência da Cultura Negra, aberto em 07 de janeiro de 2001 e encerrado em 27 de fevereiro de 2015, por determinação judicial, conforme consulta ao Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica<sup>351</sup> (CNPJ) da mesma.

Não obstante, no que tange ao estado de Minas Gerais, em pesquisa rápida no Google, encontramos registros de Centros de Referência em algumas cidades do estado, a exemplo do Centro de Referência da Cultura Negra (CERNE), em Juiz de Fora/MG, criado em 1997; do Centro de Referência da Cultura Negra de Venda Nova, no distrito de Belo Horizonte/MG, criado em 2001; e do Centro de Formação e Referência da Cultura Negra de Uberlândia e Região: Casa Graça do Aché, em Uberlândia/MG, criado oficialmente em 2002.

Em Viçosa, sob a égide da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) e do Programa de Extensão Universitária<sup>352</sup> (Proext) do Ministério da Educação (MEC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério da Cultura (MinC) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), deu-se início ao processo de criação do Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira na Zona da Mata mineira Norte, posteriormente renomeado a Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira, conforme destacamos no tópico subsequente.

---

<sup>349</sup> CARDOSO, Marcos. **Marcha Zumbi dos Palmares e GTI**. In: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. (Org.). *Op. cit.*, p. 340.

<sup>350</sup> O TEMPO. **Primeiro Centro de Referência da Cultura Negra será instalado em BH**. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/primeiro-centro-de-refer%C3%A2ncia-da-cultura-negra-ser%C3%A1-instalado-em-bh-1.472921>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

<sup>351</sup> RECEITA FEDERAL - Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral. Consultar: <[https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva\\_Comprovante.asp](https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp)>. Acesso em: 23 mai. 2017

<sup>352</sup> Segundo o Edital n.º 06/2009, o PROEXT “é um instrumento que abrange programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na inclusão social, visando aprofundar ações políticas que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito das Instituições Federais e Estaduais de Ensino Superior”. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/editalproext2\\_2009\\_6.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/editalproext2_2009_6.pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2017.

#### **4.1. Propósito inicial para criação de um Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira na UFV**

O Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira da UFV surgiu com o propósito de reunir em um só lugar todos os projetos de extensão relacionados com a temática racial. Neste sentido, conforme Processo n.º 007570/2009<sup>353</sup>, a PEC solicitou à Pró-Reitoria de Administração (PAD), via ofício n.º 047/2006/PEC de 16 de junho de 2009, a liberação da Casa 14 da Vila Antônio Secundino de São José (Vila Secundino), à época sem uso, para este propósito, se comprometendo a angariar recursos para sua reforma, através do Edital n.º 06/2009 do Proext.

Ainda, de acordo com o ofício n.º 047/2006/PEC, este espaço também visava ao arquivamento da “memória social” da cultura afro-brasileira, sendo denominado de Casa Afro-brasileira.

Posteriormente esta solicitação foi encaminhada para análise pela Comissão de Espaço Físico (COESF) que aprovou a utilização da Casa 14, em caráter provisório, em 02 de julho de 2009, aprovação esta ratificada pelo CONSU em 14 de agosto do mesmo ano. O motivo pelo qual foi aprovada a utilização em caráter provisório foi devido à Resolução n.º 14/2008 do CONSU que trata do plano de expansão física da UFV e, dentre outras coisas, prevê a demolição das casas que restam na Vila Secundino.

À vista dessa aquiescência, foi solicitada, pelo então pró-reitor de Extensão e Cultura, professor Gumerindo Souza Lima, a liberação da chave e a ligação da água e da luz da casa n.º 14, em 06 de julho de 2009, sendo a chave concedida no mesmo dia.

Cabe ressaltar que o projeto submetido ao Edital n.º 06/2009 do Proext foi aprovado na forma de um programa de extensão, conforme matéria veiculada no site<sup>354</sup> da UFV, em 26 de agosto de 2009. Tal programa de extensão, intitulado “Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira da Zona da Mata Norte: cultura negra e memória social”, coordenado pelo professor Edson Soares Fialho do Departamento de Geografia, obteve arrecadação total de R\$ 83.920,62, tendo por objetivo principal a criação de um Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira na Zona da Mata Mineira Norte e por objetivos específicos:

- **Debater permanentemente a questão étnico-racial e criar meios eficientes à inserção desta temática em escolas e grupos organizados da sociedade civil;**
- **Pesquisa e estudos da Cultura Afro-Brasileira;**
- Pretende-se influenciar positivamente com a ampliação da auto-estima, propiciar um trabalho mais consciente relacionado ao autoconhecimento e a consciência corporal;
- Ampliar criticamente as reflexões sobre a auto-imagem pessoal e de grupo, e através do processo de redescobrimto de sua

<sup>353</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. **Processo n.º 007570/2009** - Solicita liberação da casa 14 da Vila Secundino. p. 01-53. p. 01-07.

<sup>354</sup> COELHO, Elaine. **Projetos e Programas aprovados no Edital n.º 06/2009 do PROEXT**. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=9645](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=9645)>. Acesso em: 02 mai. 2017.

origem, rememorar memórias auxiliando a fim de conceber um trabalho que beneficie o conhecimento de sua ancestralidade; - **Produção e manutenção de um acervo de memórias das populações afrodescendentes da Zona da Mata**; - Promoção de oficinas de confecção de instrumentos da música afro-brasileira; - **Promoção de oficinas de capoeira e de danças presentes nas manifestações da cultura afro-brasileira, como a dança dos orixás, os congados, entre outras**; - **Fazer um resgate histórico da cultura afro-brasileira para sua valorização, trabalhando assim com a auto-estima dos alunos negros**; - **Promover atividades culturais periódicas no sentido de valorizar e desmistificar a cultura africana e afro-brasileira**; - Promover cursos de formação continuada de educadores populares e professores da Rede de Educação Básica de Viçosa, Teixeira, Ponte Nova, Paula Cândido e Araponga; - Elaboração de um material didático que trabalhe mais claramente com as questões étnico-raciais e que contemple a realidade dos alunos.<sup>355</sup>

Conforme o Relatório de Atividades de Extensão<sup>356</sup>, este recurso foi utilizado para pagamento de bolsa-auxílio aos discentes que faziam parte do programa, custeio de diárias a pessoas físicas, passagem e despesa com locomoção, bem como, em equipamentos e material permanente para registro dos trabalhos de campo (máquina fotográfica, filmadora, computador e impressora) e mobiliário para equipar o Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira.

É pertinente sublinhar que não encontramos quaisquer referências à inauguração do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira. A única menção encontrada foi no blog<sup>357</sup> Umbanda Viçosa e diz respeito à abertura da Casa de Referência da Cultura Afro-brasileira Ilê Aiyê de Oxossi, inaugurada em 20 de novembro de 2009, na casa n.º 14 da Vila Secundino.

Consoante com o citado anteriormente, o nome “Ilê Aiyê de Oxossi” refere-se a um Centro de Umbanda que funciona, desde 2009, na Universidade Federal de Viçosa, o que evidencia que desde seu início o Centro de Referência teve seu objetivo principal descaracterizado, uma vez que na UFV, de 2009 a 2015, não existiu nenhum projeto de extensão com a finalidade de estudar a umbanda em Viçosa ou, mesmo, de criar um centro de umbanda no *campus*.

Diante do exposto, no tópico subsequente apresentamos um diagnóstico de utilização do Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira, tendo como espaço temporal delimitado entre os anos de 2013 a 2016, a fim de validarmos a assertiva anterior. Vale ressaltar que o espaço temporal delimitado deveu-se ao fato de que, conforme apontado no capítulo anterior, até 2012 foi possível perceber a atuação do Centro de Referência, para além do Centro de

---

<sup>355</sup> FIALHO, Edson Soares [Gestor]. **Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira da Zona Norte: Cultura Negra e Memória Social** [Cópia do Projeto disponibilizada pelo gestor]. p. 01-17. p. 04. Disponível em: <<http://sigproj1.mec.gov.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2017. Grifos nossos.

<sup>356</sup> FIALHO, Edson Soares [Gestor]. **Relatório de Atividade de Extensão – SIGProj. Edital Proext 2009. Relatório Final**. [Cópia do Relatório disponibilizada pelo gestor]. p. 01-19, *passim*. Disponível em: <<http://sigproj1.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

<sup>357</sup> CASA AFRO-RELIGIOSA Ilê Aiyê de Oxossi: Viçosa - MG [Página na internet]. Disponível em: <<http://umbandavicoso.blogspot.com.br/2009/12/inauguracao-da-casa-de-referencia.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Umbanda, através de matérias de jornais e, inclusive, das últimas postagens do blog<sup>358</sup> do Centro de Referência que datam deste período.

## **4.2. Diagnóstico de utilização do Centro de Referência da UFV**

Para realizar o diagnóstico de utilização do Centro pretendíamos realizar uma visita *in loco*, contudo isso não foi possível, uma vez que não conseguimos entrar em contato com a responsável atual pelo espaço e, segundo nos foi informado, em conversa informal, o funcionamento do Centro de Referência acompanha o calendário da UFV e, neste sentido, estaria em recesso escolar até início de agosto. Diante disso, nossas análises sobre seu funcionamento se baseiam nas informações presentes no processo n.º 007570/2009.

É oportuno justificar as razões pelas quais não foi possível realizar este diagnóstico: nossa proposta inicial de produto era a criação de um espaço para valorização da memória do negro, posto que desconhecíamos a existência do Centro de Referência. Somente fomos tomar conhecimento deste espaço, em meados de 2015. Diante dessa informação, reformulamos o produto, propondo então, levantar o projeto inicial deste espaço para realizar o diagnóstico de utilização e, se necessário, reativá-lo/ressignificá-lo.

Todavia, somente tivemos acesso a este projeto inicial em 14 de março de 2017, quando já havíamos nos decidido por realizar o primeiro Censo Racial da UFV enquanto atividade prática da dissertação, motivo pelo qual concentramos nossos esforços na concretização deste propósito, conforme apresentado no Capítulo V.

Mas, ainda assim queríamos ao menos apresentar uma proposta de intervenção para o Centro de Referência, uma vez que entendíamos que este poderia vir a ser um espaço privilegiado para discussão da temática racial na UFV e para arquivamento da memória do negro da instituição. Neste sentido, no mês de maio de 2017, nos predispomos realizar o diagnóstico de utilização do Centro de Referência e tentamos entrar em contato com um dos responsáveis pelo espaço, através do telefone da UFV disponibilizado no processo 007570/2009, entretanto o mesmo se encontrava em licença médica e, somente conseguimos contatá-lo na segunda semana de julho de 2017, quando este informou que o Centro de Referência acompanhava o Calendário Escolar da UFV, estando em recesso escolar.

Nesta conversa informal, tal servidor confirmou que as atividades do Centro de Referência atualmente têm sido somente relativas à Casa de Umbanda, tendo por justificativa o fato de que a entidade não recebe qualquer tipo de ajuda financeira e que os dirigentes do espaço buscam

---

<sup>358</sup> CASA DE REFERÊNCIA à Cultura Afro-brasileira [Página na internet]. Disponível em: <<http://casa-afro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

demonstrar que o Centro tem utilidade para a comunidade civil e universitária a fim de conseguir este apoio financeiro. Porém, conforme projeto<sup>359</sup> dos responsáveis pelo Centro, entre os anos de 2013 a 2015, as principais atividades realizadas pelo Centro foram: participação na Marcha contra a Intolerância Religiosa nos anos de 2013 a 2015 na cidade do Rio de Janeiro; na Troca de Saberes (2014 e 2015), durante a Semana do Fazendeiro – atividade promovida pela UFV; no Fórum de Promoção da Igualdade Racial (FPIR), na cidade de Conselheiro Lafaiete/MG, em 2014; e em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) na Marcha da Consciência Negra na cidade de Viçosa/MG (2010 a 2015). O objetivo deste projeto foi solicitar melhorias na estrutura física da Casa 14, situada à Vila Secundino, ou sua transferência para um local apropriado, uma vez que o parecer de alvará de localização e funcionamento, n.º 445/2013 foi reprovado pela vistoria do Instituto de Planejamento do Município de Viçosa/MG (IPLAM).

De acordo com o processo n.º 007570/2009<sup>360</sup>, no ano de 2013, os responsáveis pelo Centro iniciaram uma nova tentativa de que a Casa 14 fosse reformada, sendo esta solicitação encaminhada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) e, posteriormente à Pró-Reitoria de Administração (PAD). A resposta a esta petição, dada oficialmente em 2014, foi de que a reforma não seria possível, dado que a UFV deliberou pela demolição do imóvel devido à construção da Avenida da Saúde.

À vista disso, segundo o processo<sup>361</sup>, em 2016, houve a solicitação para que a engenheira da UFV realizasse uma vistoria no imóvel. Com base no laudo apresentado, a casa é composta por um único pavimento térreo, no qual se situam uma varanda, sala de recepção, biblioteca, sala para o altar, sala de estudos com um banheiro em anexo, copa, cozinha, banheiro, corredor, uma área externa coberta com fogão à lenha e outra área externa descoberta.

Esta inspeção técnica revelou que o imóvel se apresenta estável, embora necessite de intervenções e manutenções a fim de corrigir os problemas encontrados, dentre os quais citamos as infiltrações, ataque de cupins e apodrecimento no madeiramento do telhado e dos forros, revisão da parte elétrica e hidráulica, colocação de fechaduras nas portas internas, etc. Destacamos que, no que se refere ao processo n.º 007570/2009, este laudo técnico foi o último documento anexado ao mesmo, sendo que tivemos acesso ao mesmo em novembro de 2016.

---

<sup>359</sup> UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. **Processo n.º 007570/2009**. *Ibidem*, p. 20-21.

<sup>360</sup> *Ibidem*, p. 08-12.

<sup>361</sup> *Ibidem*, p. 22-53.



**Figura 39:** Vista frontal da casa que abriga o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira.  
**Fonte:** Acervo da autora, 2017.

Cabe ressaltar ainda que, apesar de não ter sido possível realizar uma visita detalhada à casa 14, estivemos na Vila Secundino a fim de fotografar a parte externa da casa e, aparentemente, parece haver pessoas residindo no local. Essa hipótese se justifica uma vez que no imóvel tem a presença de três cachorros e, como a foto 28 nos mostra, há uma antena de TV a cabo que não estava ali em 2016, quando foi realizada a primeira vistoria.



**Figura 40:** Vista lateral da casa que abriga o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira.  
**Fonte:** Acervo da autora, 2017.

Essa assertiva é corroborada pelo boletim de ocorrência registrado na Divisão de Vigilância da UFV, no qual um morador da Vila alega que “[...] a Vila Secundino é uma vila residencial e que somente a casa 14, denominada Casa da Cultura, apesar de não ser residencial há

pessoas pernoitando e morando lá [...]”<sup>362</sup>. Por outro lado, segundo o Relatório de Atividades de Extensão<sup>363</sup>, as denúncias acontecem porque os moradores da Vila, em sua maioria católicos e evangélicos, se sentem intimidados pelas atividades desenvolvidas na Casa de Referência e tendem a tratar os frequentadores deste espaço como baderneiros.

Portanto, é com base nestas considerações que elaboramos as medidas de intervenções apresentadas no tópico subsequente.

### **4.3. Proposta de intervenção para ressignificar o Centro de Referência**

Antes de qualquer coisa há que justificar o motivo pelo qual esta será uma proposta de intervenção e não uma interferência em si. Isso se deve ao fato de que o sucesso dessa ação depende em primeiro lugar da mediação da administração superior da UFV, mais especificamente da PAD e da PEC, em segundo lugar da aceitação dos atuais “responsáveis” pelo Centro de Referência, ou seja, existem algumas variáveis a serem consideradas.

Como apresentado nos tópicos anteriores, infelizmente o Centro de Referência teve seu propósito inicial modificado e, com o intuito de resgatarmos aquela que seria sua principal utilização e após a justificativa anterior, passemos à(s) proposta(s) de intervenção.

A primeira sugestão é a organização de seminários e discussões temáticas que envolvam os responsáveis por aquele espaço, mas também estudantes e servidores negros da UFV, representantes do Movimento Negro na instituição, a exemplo do NEAB, e a comunidade civil, ou seja, os viçosenses, além de membros do Movimento Negro de Viçosa. Esses eventos têm por objetivo a apresentação do Centro de Referência e também a realização de um tipo de plebiscito a fim de decidir quais atividades e ações a serem desenvolvidas neste espaço.

Para que a primeira iniciativa seja profícua, outra ação importante é a promoção de intercâmbio cultural entre os diversos Centros de Referência que existem no país, isto é, possibilitar que representantes escolhidos nestes encontros possam realizar visitas técnicas a estes locais e apresentar as ações e atividades desenvolvidas nestes.

Neste sentido, propomos a realização de, ao menos, 05 encontros, sendo a primeira reunião para apresentação do espaço e dos objetivos para os próximos encontros; um segundo encontro para exposição das ações desenvolvidas nos Centros de Referência visitados; o terceiro para sugestões de propostas de intervenções no Centro de Referência da UFV; o quarto para votação

---

<sup>362</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>363</sup> FIALHO, Edson Soares [Gestor]. **Relatório de Atividade de Extensão – SIGProj. Edital Proext 2009. Relatório Final.** *Op. cit.*, p. 12.

dessas propostas; e a quinta e última reunião para elaboração de um Relatório de Intervenção a ser entregue à PAD.

Sugerimos, ainda, que na primeira reunião realizada também seja montado um cronograma de atividades, realize a escolha dos nomes dos representantes a realizarem as visitas técnicas e quais Centros de Referência a serem visitados. Além disso, é importante que o Relatório de Intervenção contenha claramente as atividades que serão desenvolvidas no Centro, a que órgão da UFV compete a responsabilidade pelo espaço, como será realizada a escolha das pessoas (presidente e vice-presidente) que responderão pelo Centro e uma proposta de manutenção/reforma do atual espaço ou a sugestão de outro lugar da UFV que possa aloca-lo.

Cabe destacar que propomos que a coordenação destes eventos e viagens técnicas seja responsabilidade da PEC que, no presente momento, parece ser o órgão da UFV que responde, diretamente, pelo Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira. Após estas ações, acreditamos que este espaço será reativado, ressignificado e utilizado pela comunidade universitária e viçosense, visto que o grupo participará ativamente no processo de tomada de decisões a respeito do Centro de Referência, o que possibilitará maior sentimento de pertencimento para com o mesmo.

\*\*\*

Nora<sup>364</sup> ao conceituar os lugares de memória, reveste-os de materialidade, funcionalidade e simbolismo, ou seja, é um espaço que possui uma aura de simbolismo, utilidade e conteúdo material para determinado(s) grupo(s). De mais a mais, Halbwachs<sup>365</sup> ressalta a importância do espaço/lugar para manutenção e propagação de memórias, visto que é no meio material que a lembrança do que se pretende lembrar se conserva.

No capítulo anterior recuperamos marcas da presença negra em alguns espaços da instituição a fim de valorizar a memória destes. A este respeito, Burke<sup>366</sup> afirma que imagens tangíveis, como fotografias e monumentos, são constituídas com o objetivo de auxiliar na conservação e na propagação das memórias.

No entanto, percebeu-se que muitas destas marcas não são efetivamente simbólicas para este grupo, pois este não conhecia e/ou se identificava com estes objetos/monumentos e muito menos (re)conhecia os processos sociais dos quais estes foram resultantes. Daí a necessidade de construir espaços para exposição e valorização dos atos importantes dos grupos, ou seja, criar

---

<sup>364</sup> NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>365</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. 7. reimpr. São Paulo: Vértice, 2006. p. 170.

<sup>366</sup> BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 74-75.

lugares de memória que, segundo Nora, são lugares que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...] porque essas operações não são naturais”<sup>367</sup>.

No que diz respeito ao Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira da UFV, se sua proposta inicial tivesse sido mantida, este decerto seria um lugar de memória, onde neste momento poderíamos expor estas marcas encontradas e sua história. Entretanto, tanto sua funcionalidade quanto sua materialidade e simbolismo se perderam.

É importante destacar que nenhuma das pessoas entrevistadas, quando questionadas a respeito da existência de um espaço/momento de valorização do negro na UFV, conhecia a existência do Centro de Referência, a exemplo de E18 que alega desconhecer qualquer ação (informação verbal)<sup>368</sup> ou, como citado a seguir por E24, a atuação de pequenos grupos e algumas ações isoladas em termos institucionais.

Eu tenho observado esses espaços, muito nas redes que vão se construindo tanto entre os docentes que, né, que é o grupo com o qual eu circulo mais, e os estudantes que são redes de pequenos afetos e trocas de saberes e conhecimentos sobre a temática, né? Tenho observado esses espaços. Enquanto espaços institucionais têm acontecido, nos últimos anos, algumas iniciativas, ainda pouco isoladas, mas tem acontecido. Mas, eu acho que o espaço de valorização, ele é feito pelas próprias pessoas que trabalham com a temática, pelos próprios estudantes que trabalham com a temática e por nós que vivemos, literalmente, na pele, né, todos os dias, o que é ser negro aqui na universidade ou trabalhar com as questões, né, que eu conheço também professores e professoras brancos e brancas que trabalham com a questão e, se por um lado, né, elas não sofrem nenhum tipo de preconceito ou discriminação racial pela sua, como por exemplo, pelo seu tom de pele, eles vão sofrer pelo tipo de abordagem que resolveram estudar. Isso é muito comum, inclusive no departamento que eu leciono.<sup>369</sup>

Cabe ressaltar que nossa proposta de intervenção pretende que este não seja apenas um espaço de religiosidade, mas que os objetivos de sua criação sejam retomados. Em outras palavras, que aí se encontre arquivada a memória social dos negros da instituição, alocados os projetos de extensão da UFV vinculados à temática racial e que seja utilizado para a realização de palestras, debates e seminários sobre a questão étnico-racial etc.

É importante, novamente, reafirmar que o êxito da proposta apresentada independe de nossa ação, e sim da atuação direta da administração superior da instituição em intermediar as negociações entre todos os envolvidos. O primeiro passo já foi dado, por meio não só do levantamento do projeto inicial do Centro, mas também do diagnóstico de utilização deste espaço.

---

<sup>367</sup> NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 13.

<sup>368</sup> FBJ. **Entrevista 18**. [20 jun. 2017].

<sup>369</sup> JCZ. **Entrevista 24**. [26 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (12 min. e 26 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

Por fim, frisamos que o Centro de Referência e Pesquisa da Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de Viçosa foi almejado com um propósito maior, conforme apresentado nos tópicos anteriores, o qual esperamos que após este trabalho seja assimilado e conquistado.

## CAPÍTULO V

# CAMPANHA DE AUTODECLARAÇÃO RACIAL: O CENSO ÉTNICO-RACIAL DA UFV

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
**Carlos Drummond de Andrade**

A partir do ano de 2013, o quesito cor/raça passou a ser um campo obrigatório nos registros administrativos e bases de dados do governo federal. Essa medida, divulgada por meio do Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012, teve por intuito facilitar o acompanhamento e a análise das ações de fomento à igualdade racial previstas no Estatuto da Igualdade Racial (Lei n.º 12.288/2010).

Em contrapartida, em 09 de junho de 2014 foi promulgada a Lei n.º 12.990/2014 que, conforme destacado anteriormente, institui a reserva aos negros de 20% das vagas oferecidas em cargos e empregos públicos no âmbito da Administração Pública direta e indireta do Poder Executivo Federal. Por outro lado, a grande maioria das instituições federais implementaram a Lei de Cotas na ocupação de seus cargos, sem a realização de qualquer estudo para determinar o perfil racial de seus servidores.

Cabe salientar que a vigência da Lei n.º 12.990/2014 é de 10 (dez) anos, contados a partir de sua promulgação, o que justifica a necessidade de seu monitoramento, por parte do governo federal, a fim de avaliar sua efetividade e também para propor novas medidas. Neste sentido, uma das ferramentas para este acompanhamento é a disponibilização dos dados sobre o perfil racial da Administração Pública Federal.

Os limites de implementação dessa Lei são muitos dado que existe uma ausência de informações raciais nos cadastros e registros do governo federal e isso foi constatado durante a pesquisa de campo do projeto de pesquisa intitulado “Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015”. Verificamos que do total de 2.644 servidores ativos da UFV-Campus Viçosa, 2.081 servidores não possuíam a informação de classificação racial em seus cadastros. Frente a esse quadro de ausência de informação cadastral, que nos propusemos a realizar um censo racial na instituição, isto é, coletar os dados de

autoclassificação racial dos servidores ativos da UFV a fim de construirmos um banco de dados racial na instituição.

Nossa proposta também se inscreveria na necessidade de discutir/analisar/problematizar a inserção dos pretos e pardos da instituição, na medida em que consideramos que estes ainda estão ausentes em determinados espaços e os dados do Censo irá dar visibilidade a essas ausências. Além disso, a análise das entrevistas revelou a necessidade de que a instituição crie um canal de discussão das questões étnico-raciais na UFV.

Como proposta metodológica, sugerimos que a Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI) desenvolvesse uma *homepage*, nos moldes daquela que os servidores utilizam para avaliação de desempenho, à qual o servidor tivesse acesso utilizando sua matrícula e senha institucionais e respondesse à seguinte pergunta fechada: “Qual sua classificação racial (raça/cor)?”, com base nas seguintes opções para resposta:  Preta;  Parda;  Branca;  Amarela; e,  Indígena, conforme os critérios de raça/cor do IBGE.

Posteriormente, para os servidores que não respondessem ao questionário *online*, nos comprometemos a coleta sua resposta pessoalmente, através de um pequeno questionário (Apêndice I) contendo a questão anterior, nome e matrícula do respectivo servidor e campo para o mesmo assinar ao final.

Convém ressaltar que, paralelamente à realização do Censo Racial, sugerimos que se realizasse uma ampla campanha de divulgação em diversos veículos de comunicação da UFV e da cidade (televisão, rádio, jornais), assim como, a utilização de folderes e cartazes afixados nos murais da instituição, email encaminhado para os servidores e comunicado aos chefes de departamentos e dos diversos setores, no sentido de sensibilizarem os servidores da importância do Censo e de sua participação.

Diante do exposto, nos propusemos a organizar, computar e disponibilizar, para a UFV, as informações referentes ao perfil racial dos servidores (técnico-administrativos e docentes) da instituição, prevendo como contrapartida institucional a concessão dos seguintes itens:

1. Infraestrutura e divulgação: utilização do espaço físico da instituição, além de criação da campanha de sensibilização da importância dos servidores participarem do Censo, realizada pela PGP em parceria com o CCH, o CCE, o CCB e o CCA;
2. Recursos humanos: funcionários da DTI para desenvolvimento de um site/formulário na página da UFV, o qual o servidor terá acesso com sua matrícula e senha institucional e responderá à pergunta sobre sua classificação racial;

3. Designação de um responsável da Diretoria de Comunicação Institucional (DCI) para elaboração da Campanha de divulgação;
4. Recursos aplicados em subsídio financeiro (R\$4.000,00) utilizados na contratação de 10 estagiários, durante o período de 01 (um) mês, para auxiliarem na realização do Censo Racial.

Nesse sentido, em um trabalho conjunto com a Reitoria, a PGP e o CCH, se encontra em curso o levantamento dos dados que serão apresentados em uma publicação deste Centro a posteriori e que irão contribuir substancialmente para o entendimento do racismo institucional que ainda permeia a distribuição das vagas em determinados cargos da UFV, bem como para alinhá-la a outras instituições de ensino superior que já desenvolvem diversas ações no sentido de cumprirem as exigências da legislação federal.

## **5.1. Percurso realizado**

Conforme apresentado no tópico anterior, para concretização do Censo Racial da UFV, seria necessário mobilizar diversos órgãos/setores a fim conseguir os recursos necessários. Neste sentido, nosso percurso consistiu, primeiramente, em realizar reuniões com estes setores com o intuito de apresentar o projeto e solicitar apoio, isto é, a primeira etapa teve como objetivo a mobilização de diversos órgãos e atores para a realização da Campanha de Autodeclaração.

Nossa primeira reunião foi realizada com a diretora do CCH, em 27 de abril de 2017, na qual ficou acordado que o Centro disponibilizaria R\$2.000,00 para pagamento de estagiários, além de arcar com os custos para a campanha de sensibilização, etapa que consideramos ser necessária para estimular a autodeclaração. No decorrer da conversa ficou estabelecido, em acordo com a direção do CCH, que os dados do Censo seriam divulgados através da revista “aspas: Opiniões, experiências e relatos das pessoas do CCH”.

Uma vez conseguido parte do recurso para contratação dos estagiários, realizamos as seguintes tarefas: a) organização e divulgação do Edital (Apêndice F) de 30 de junho a 05 de maio de 2017; b) realização das inscrições entre os dias 02 a 05 de maio; c) entrevistas realizadas em 08 de maio e divulgação do resultado no dia 12 de maio. Selecionados os estagiários, no dia 03 de julho, realizamos uma reunião a fim de apresentar os objetivos da Campanha e ministrar um treinamento de como realizar a coleta.

O segundo agente contatado para a Campanha foi a Diretoria da Comunicação Institucional (DCI), cuja reunião foi marcada para o dia 05 de maio de 2017. Nesse encontro ficou acordado que o órgão apoiaria integralmente a Campanha, mas que seria necessário definir como o Censo Racial seria estruturado nos demais *campi* da UFV. Também foi ressaltada a necessidade de

conseguir o apoio de alguma Pró-Reitoria para legitimação institucional da Campanha. Além disso, conforme combinado, em 08 de maio encaminhamos, via e-mail, o texto a ser utilizado na Campanha, além de algumas outras sugestões para divulgação, tais como a colocação de um banner no *outdoor* no início do *Campus* e a criação de uma pequena vinheta para a Rádio Universitária e para a TV Viçosa.

Em 11 de maio, recebemos novo e-mail da DCI contendo as alterações realizadas no texto da Campanha, uma proposta para o cartaz de divulgação e a sugestão de criação de um banner para o site da UFV com o link para o formulário. Também neste email nos comunicaram que os dados para produção do material de divulgação não haviam sido encaminhados ao setor de Produção Gráfica, pois, isso ocorreria quando todas as informações já estivessem definidas, bem como, que o *outdoor* é de responsabilidade da Divisão de Eventos da PEC, portanto teríamos que solicitar a autorização desta Pró-Reitoria e que para a divulgação no Rádio e na TV seria necessário contatar a Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa (FRATEVI).

Finalmente, em 25 de maio, enviamos e-mail à DCI comunicando que PGP apoiaria a realização do Censo Racial e que a DTI havia terminado o desenvolvimento da *homepage*, disponibilizando o link (<https://www2.dti.ufv.br/criterium/censoracial>), onde estaria o questionário.

Nosso terceiro contato foi com a responsável da DTI, realizado via e-mail em 09 de maio de 2017 que, no mesmo dia, encaminhou nossa solicitação ao setor correspondente. Curiosamente, nos contataram, via e-mail, nos informando da necessidade do projeto ser submetido ao Comitê de Ética (CEP) e, em caso deste já estar aprovado pelo CEP, que fosse encaminhado o parecer.

Diante disso, encaminhamos, também via e-mail, os dois pareceres consubstanciados do CEP (Anexo C), o primeiro aprovado em 25 de agosto de 2016 quando fizemos a primeira submissão do projeto e a segunda aprovação em 12 de abril de 2017 quando realizamos uma emenda ao projeto que anteriormente não previa a realização do Censo Racial.

Em 15 de maio, a DTI entrou em contato, novamente, a fim de solicitar autorização para completar o banco de dados raciais da UFV com as informações do Censo e para perguntar se a categoria “preta” poderia ser nomeada para “negra” e o termo “raça/cor” chamado de “etnia”, conforme utilizado pela instituição. À vista disso, esclarecemos que, para efeito de nossa pesquisa, optamos por, a exemplo do IBGE, nomear este campo como “Cor/raça” e utilizar as categorias raciais deste Instituto. Alegamos também que a Campanha seria parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania que, além da dissertação, determinava a criação de um Produto Final, que no nosso caso seria o banco de dados raciais.

Uma vez aceito nossos argumentos, a DTI nos ofereceu apoio à Campanha e, em 17 de maio, nos comunicou que o questionário já estava pré-configurado na página da Diretoria, nos enviando as fotos da *homepage* que foi elaborada para a campanha na página da UFV (Figura 41). Estipulamos o período de 1º de junho a 31 de agosto de 2017 para deflagrar a Campanha e solicitamos que os dados fossem disponibilizados em arquivo do Microsoft Excel com os campos matrícula, nome e cor/raça.

The image contains two screenshots of a web questionnaire. The top screenshot shows the header 'Questionário' and 'UFV'. Below that is a section titled 'CENSO RACIAL' with a radio button selected for 'CENSO RACIAL'. The bottom screenshot shows the same header and 'UFV', but with a question 'Qual sua classificação racial (raça/cor)?' and five radio button options: Preta, Parda, Branca, Amarela, and Indígena. Both screenshots have a footer with 'DTI - Diretoria de Tecnologia da Informação' and 'Universidade Federal de Viçosa'.

**Figura 41:** *Homepage* do Censo Racial.  
**Fonte:** DTI/UFV, 2017.

No tocante à PGP, conseguimos, por fim, agendar uma reunião para o dia 25 de maio, na qual ficou acordado que esta Pró-Reitoria apoiaria a Campanha, uma vez que estes dados são de interesse da instituição. Foi sugerida a criação de um vídeo institucional com o objetivo de sensibilizar os servidores a participarem do Censo Racial e, também, que fosse agendada nova reunião com a DCI a fim de discutir a produção desse vídeo.

Essa reunião foi realizada no dia 31 de maio, na qual discutimos como seria estruturada a gravação do vídeo da Campanha e foi apresentado o modelo do material de propaganda a ser utilizado no site da UFV, nos cartazes, folderes e *outdoor* da campanha (Anexos F, G, H e I, respectivamente). Ficou acordado, ainda, que os membros das diversas comissões institucionais que discutem a questão racial na UFV seriam convidados a participarem da gravação desse vídeo.

No que se refere à utilização do *outdoor* na entrada do *campus*, fizemos um primeiro contato com a Divisão de Eventos da PEC, via telefone, solicitando a pré-reserva do *outdoor* e maiores informações sobre o pedido de sua utilização. Neste sentido, nos informaram que esta solicitação seria analisada pela Comissão de Pró-reitores e que, para isso, devíamos encaminhar um ofício para o chefe da Divisão, Sr. José Jota da Silva. O ofício de solicitação (Apêndice G) foi encaminhado em 02 de junho de 2017 e, no dia 20 deste mesmo mês, recebemos a autorização para utilização deste espaço, conforme Anexo D.

Já em relação à FRATEVI, enviamos um ofício de solicitação (Apêndice H), em 26 de junho, ao responsável pela Programação e Transmissão, Sr. Felipe Menicucci e, em 27 de junho, recebemos e-mail (Anexo E) com a autorização para divulgar o vídeo institucional nos veículos de comunicação da Fundação.

Além disso, no dia 03 de julho nos reunimos com a reitora para apresentar o projeto de realização do Censo e algumas das ações já realizadas. Neste sentido, a reitora reafirmou o interesse da instituição na coleta destes dados, confirmando o apoio deste órgão e também um auxílio financeiro no valor de R\$2.000,00 e, tendo em vista, a mudança de gestão da PGP, nos foi sugerido agendar outra reunião, desta vez com o novo Pró-reitor de Gestão de Pessoas.

Esta reunião foi realizada no dia 10 de julho e novamente apresentamos o projeto do Censo. Também solicitamos que novo ofício circular fosse encaminhado às chefias, uma vez que o primeiro teve pouca repercussão e que o banco de dados da PGP fosse compatibilizado com a terminologia e categorias raciais adotadas pelo IBGE. O Pró-reitor de Gestão de Pessoas se mostrou receptivo a estas sugestões e mais uma vez reinteirou o interesse da UFV na coleta destes dados.

Neste sentido, como veremos no tópico a seguir, o Censo Racial ainda está em execução, tendo em vista as ações que estão em andamento e aquelas que ainda precisam ser executadas.

## **5.2. Intervenções em andamento e próximos passos**

Idealizar e estruturar um projeto com as proporções e repercussões que envolvem um Censo Racial não é tarefa fácil, o que demanda certa quantidade de tempo e grande empenho. Assim, durante os 04 (quatro) meses, que decorreram desde que demos os primeiros passos para tornar real esta proposta, alcançamos êxitos significativos, como foi apresentado no tópico anterior. Contudo, ainda há muito que avançar tanto nas intervenções que estão em andamento quanto naquelas a serem realizadas posteriormente.

Em fase de execução se encontra a Campanha de Sensibilização, realizada por meio dos cartazes encaminhados para serem afixados nos murais dos departamentos/setores da instituição,

dos folders enviados a estes mesmos locais e que serão entregues aos servidores, bem como, da propaganda a ser veiculada na TV Viçosa e na Universitária FM.

Para esta etapa, além da montagem das artes disponibilizadas nos anexos deste trabalho, também mobilizamos 07 servidores da instituição, entre docentes e técnico-administrativos, que participaram da gravação do vídeo institucional para a divulgação do Censo, conforme roteiro disponibilizado no Anexo J.

De modo conjunto, a partir de 1º de agosto de 2017, estagiários previamente identificados iniciarão a coleta presencial dos dados raciais dos servidores que não responderem ao questionário *online*, sendo a previsão para término desta etapa em 20 de agosto. Também em agosto, entre os dias 07 e 13, será afixado, no *outdoor* na entrada do *campus*, o banner com a propaganda da Campanha de Autodeclaração.

A partir de 20 de agosto, parte dos estagiários será redistribuída para visita em algum setor ou departamento em que ainda tenham servidores que não responderam ao questionário *online* e que não foram encontrados na primeira visita, enquanto a outra parte iniciará a computação dos dados já coletados. Ressalta-se que esperamos que estes dados estejam computados em 1º de setembro, quando serão salvos em um CD-ROM a ser entregue à PGP.

Ainda no mês de setembro pretendemos organizar e editar a revista “aspas: Opiniões, experiências e relatos das pessoas do CCH” que, além dos resultados do Censo Racial, também apresentará uma série de artigos livres relacionados à temática racial.

\*\*\*

Em síntese, o poema que abre este capítulo retrata bem o que foi nossa pesquisa, pois no meio do caminho encontramos uma pedra, que para nós foi de grande surpresa: a ausência de informação racial nos cadastros institucionais da UFV. O que fazer diante deste imprevisto, se o objetivo maior de nosso estudo era justamente quantificar o número de negros pertencentes ao quadro funcional da instituição?

À primeira vista, optamos por realizar a heteroclassificação racial destes servidores, ainda que o método oficial de classificação racial seja a autoclassificação, o que nos permitiria ter uma ideia de qual o percentual de negros da UFV. E fizemos de nossa primeira pedra um pequeno degrau para futuras pesquisas na instituição: por que não comparar os dados de auto e de heteroidentificação para saber se existem diferenças significativas entre estes dois métodos ou por que não realizar um Censo Racial na instituição para descobrir o perfil racial da mesma?

Neste sentido, estas sugestões foram apontadas nas considerações parciais do texto apresentado para a qualificação, durante a qual percebemos que a realização do Censo Racial e a

criação de um banco de dados raciais seria um produto final bem mais interessante e, quiçá, com maiores repercussões institucional.

E eis que nos deparamos com nossa maior e mais difícil pedra: como sistematizar um Censo Racial na UFV? De que maneira institucionalizar esta proposta? Como efetivá-la dentro do prazo previsto para a defesa da dissertação?

Para a lapidação dessa pedra nos foi necessário buscar apoio institucional tanto em termos financeiros para a contratação de estagiários quanto em infraestrutura, divulgação e recursos humanos para o desenvolvimento da *homepage* e da Campanha de Sensibilização.

Neste sentido, nossa primeira ação foi uma reunião com a diretora do CCH, conforme citado anteriormente. Entretanto, marcar este encontro nos tomou praticamente 01 mês de negociações a fim de compatibilizarmos as agendas. Mas, enfim, tivemos êxito!

O passo seguinte foi viabilizar a Campanha de Sensibilização e para isso agendamos um encontro com o responsável pela DCI. Apesar dos trâmites para agendar essa reunião serem mais rápidos, o diretor não pôde estar presente, devido a compromissos de última hora, e nos reunimos com as responsáveis pela Divisão de Divulgação da DCI. As conquistas alcançadas foram contraditas: embora tenhamos conseguido total apoio na realização da Campanha, foram levantadas diversas questões que demandariam algum tempo para respondê-las, tais como, se tínhamos o apoio institucional de uma Pró-Reitoria, o que daria maior legitimidade à campanha e, uma vez que a UFV é multicampi, como o Censo seria viabilizado para os *campi* de Florestal e Rio Paranaíba.

Em relação aos demais *campi* da instituição, decidimos por concentrar nossa ação no *campus* de Viçosa, em outras palavras, a coleta presencial será realizada somente nesse *campus*, o que em tese não representou impedimentos para que o Censo fosse estendido à Florestal e Rio Paranaíba, entretanto, os servidores desses *campi* responderiam somente ao questionário *online*.

Quanto ao apoio de uma Pró-Reitoria, nos propusemos a contatar a PGP e a própria Reitoria da instituição, o que nos demandou mais algumas semanas de espera entre o primeiro e-mail enviando, em 05 e 09 de maio de 2017, respectivamente, e a resposta ou não as estas solicitações.

No caso da PGP tivemos retorno, em 19 de maio, após dois contatos telefônicos, em 15 e 18 de maio, onde o Pró-reitor nos informou que posteriormente entrariam em contato para agendamento de uma reunião. Este contato aconteceu em 23 de maio, sendo a reunião agendada para o dia 25 deste mesmo mês. Os resultados dessa reunião foram ótimos, pois, apesar da impossibilidade da PGP nos auxiliar com o recurso financeiro, conseguimos o tão esperado apoio institucional, o que legitimou institucionalmente nosso trabalho.

No tocante à Reitoria, nosso principal objetivo era conseguir, além do apoio institucional, a segunda parcela dos recursos para pagamento dos estagiários. Apesar de ter sido longa a espera na agenda da Reitoria, conseguimos, finalmente, agendar uma reunião com a reitora, no dia 03 de julho, na qual ficou confirmado o apoio institucional e financeiro deste órgão ao projeto.

Após todas essas ações que demandaram um longo tempo de negociações e convencimento nos diversos órgãos da UFV e que envolveram 08 professores e 12 técnico-administrativos, enfim o projeto Censo Racial da UFV saiu do papel e caminha para se tornar realidade. No entanto, ainda falta muito a ser construído para que nossa obra maior esteja completa e todas as pedras que encontramos nessa trajetória contribuíram para que este feito fosse realizado. Esperamos, ademais, que muito em breve apresentemos o retrato racial da Universidade Federal de Viçosa, como resposta à indagação de qual a cor da instituição.

O que intentamos, no entanto, ao sabermos a resposta a tal pergunta é que ações de caráter político e institucional sejam mais eficazes no sentido de tornar multicoloridos todos os espaços da UFV, a exemplo dos cargos de confiança, e que representações positivas do negro no sentido simbólico e material permeie não só o imaginário dos servidores da instituição, mas também possam ser vislumbradas nos diversos espaços que a compõe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem sempre um ponto final é um ponto final. É possível, sempre, começar um novo parágrafo, por isso, se achar que precisa voltar, volte! Se perceber que precisa seguir, siga! Se estiver tudo errado, comece novamente. Se estiver tudo certo, continue. Se sentir saudades, mate-a. Se perder um amor, não se perca! Se o achar, segure-o!

**Fernando Pessoa**

Os resultados encontrados demonstram que, no tocante ao quadro funcional, aparentemente, a Universidade Federal de Viçosa ainda é um espaço de brancos, sendo que essa “supremacia” branca é apenas provável, posto que a instituição não possui os dados de autodeclaração racial de todos os seus servidores ativos.

Já em relação aos estudantes, apesar da ausência de informações dos anos anteriores, ao que tudo indica, os dados atuais demonstram que a UFV caminha para uma equidade racial na ocupação das vagas de seus cursos de graduação, ainda que esta igualdade não seja a mesma para todos os cursos.

Cabe ressaltar que, entre os anos de 1980 e 2012, existe uma ausência de informações raciais, tanto entre estudantes quanto entre os servidores da UFV, sendo que essa inexistência de dados raciais nos cadastros funcionais dos servidores pressupõe uma forma de invisibilidade que atinge os segmentos mais vulneráveis dentro da instituição, a saber, os negros. Além disso, a partir de 2013, quando a informação racial passou a ser quesito obrigatório nos cadastros institucionais, é possível perceber um aumento significativo no número de servidores com esta informação, entretanto, nos anos anteriores persiste essa lacuna.

Além disso, se considerarmos somente os dados da população autodeclarada, há evidências de que existe certa desigualdade espacial e racial na ocupação das vagas de determinados cursos e cargos dentro da UFV. Percebe-se que quanto maior o grau de instrução e mais elevado o cargo, menor o percentual de negros a ocupar estes espaços, a exemplo do cargo de docente. O mesmo sendo válido para os cursos de graduação, onde nota-se maior quantidade de negros nos cursos ditos de menor prestígio social, especificamente nos da área de humanas.

Sobre a maior presença negra nos cargos de menores prestígios, convém ressaltar que isso ainda permeia o imaginário dos servidores da instituição, conforme demonstrado durante as entrevistas, onde 72% (18) dos entrevistados acreditam que os negros ocupam, em sua maioria, cargos que exigem baixo nível de escolaridade e que, conseqüentemente, oferecem menor remuneração, como atesta o depoimento de E07 e E21.

Eu acho que, assim, é bem característico o pessoal de apoio, de obras, infraestrutura. Acredito que a PAD deve ser o órgão com mais negros porque o parque e jardim é ligado

à PAD e o pessoal de obras também. Por causa dessa questão dos cargos mais inferiores, vamos dizer assim, é até feia essa expressão, de menos qualificação acadêmica.<sup>370</sup>

Eu acho que o setor de serviços é... Serviços gerais, os serviços de apoio aí geral, né? É... Eu nem sei exatamente pra que a universidade classifica, por exemplo, parques e jardins, limpeza, né? Os setores de apoio, mesmo. Pela própria origem do problema da abolição da escravatura que não... A lei não... A abolição veio, mas não foi dada ao negro outras oportunidades, né? A gente sabe até de muitos que preferiam continuar escravos por tamanho abandono em que eles ficavam. Então, por causa disso, isso vem se arrastando ao longo da história. E, por isso, as pessoas num tem educação, o negro, a maioria num tem educação, num tem condições. Então veio se arrastando até chegar nessa situação em que o tipo de trabalho, o tipo de emprego que consegue é nesses tipos de serviços que exigem menos qualificação, menor qualificação.<sup>371</sup>

E, como relatado por E06, isso se deve principalmente ao fato de que estamos em uma região que concentrou uma grande quantidade de escravos e mudar essa mentalidade escravista demanda tempo (informação verbal)<sup>372</sup>. Portanto, apesar da adoção de ações afirmativas estar contribuindo para o aumento do número de negros a cursarem o ensino superior e a fazerem parte do quadro funcional da UFV, percebe-se a prevalência de autodeclarados brancos nos cursos e cargos ditos de maior prestígio.

Deste modo, ainda que se tenha alcançado inegáveis conquistas, as políticas de promoção da igualdade racial tem muito que avançar no Brasil, principalmente na elaboração de novos instrumentos a fim de determinar coerentemente aqueles que são contemplados por estas políticas, pois a questão da autodeclaração racial, se condicionada somente à cor de pele, continuará sendo polêmica já que ser negro no Brasil até recentemente era sinônimo de inferioridade. E, além disso, conforme apresentado posteriormente, tendo em vista o grau de miscigenação do país, definir quem é negro ou não baseado somente em critérios fenotípicos, continuará sendo utilizada pelos defensores da ideologia da democracia racial como justificativa de falha na implementação de tais políticas.

Por outro lado, cabe ressaltar ainda que, ao contrário de outras instituições federais, que desde o início do sistema de cotas implantaram comissões para averiguar a veracidade das autodeclarações, a UFV apenas adotou essa medida a partir do processo seletivo de 2017, devido às inúmeras denúncias, que culminaram com o cancelamento da matrícula de 26 estudantes<sup>373</sup>. O que pretendemos demonstrar com isto é que, apesar deste aumento crescente no número de graduandos autodeclarados negros, há a probabilidade de que estes dados estejam superestimados.

---

<sup>370</sup> VCLS. **Entrevista 07**. [12 jun. 2017].

<sup>371</sup> NMS. **Entrevista 21**. [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 21 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>372</sup> AAS. **Entrevista 06**. [12 jun. 2017].

<sup>373</sup> DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL. **Universidade cria Comissão de Verificação da Autodeclaração Étnico-Racial**. *Op. cit., loc. cit.*

Diante disso, estas observações demonstram que, idealmente, seria importante que realizássemos a comparação entre os resultados da auto e da heteroclassificação, a fim de avaliarmos se existem diferenças significativas entre os dados encontrados na aplicação de ambos métodos. Contudo, além das informações sobre a autoclassificação racial não estarem disponíveis, esta análise demandaria maior disponibilidade de tempo. Neste sentido, para futuras pesquisas sugerimos a realização de estudos com o objetivo de comparar os resultados encontrados na aplicação destes dois métodos de classificação, considerando para isso o nível de instrução e a renda familiar.

Cabe ressaltar que durante a pesquisa pretendíamos analisar a representatividade negra nos cargos de chefia e direção da instituição, sendo que partíamos do princípio de que apesar do número de negros na UFV ter aumentado, essa representação seria frágil em alguns espaços, principalmente nos cargos de chefia e direção.

Salientamos que essa baixa representatividade negra em cargos de chefia ou direção foi presumida pelos entrevistados, como demonstrado no depoimento de E05 que aponta que existem poucos cargos de direção e E22 que menciona que estes cargos em sua maioria são ocupados por professores e existem poucos professores negros na instituição.

[...] Então, essa bagagem que você traz com você, é que vai te credenciar ou não. E os cargos, e os cargos são poucos, entendeu? Eu da minha turma, da minha turma de formandos aqui, entendeu? Eu não, eu não assim... Dos que ocuparam cargos, aí nós não tamo falando de FG, nós tamo falando de CD. Porque FG, eu num sei se você sabe essa diferenciação, FG são aqueles cargos cuja a retribuição do cargo vai em torno de 1000 reais, no máximo chega a 1000, e aí isso é a FG 1, a FG 9, 60 reais, 30 reais, essa mixaria aí. Essas daí são fáceis. Agora eu tô falando de CD, CD é nível de direção, aí cê tá na administração, na alta administração, entendeu? E aí, por isso que eu tô te falando, na alta administração, cê pode contar no dedo, chefe de departamento, diretor de Centro, professor, entendeu? Aí você, mesmo, né, na sua vivência em Viçosa, você sabe que não existe. E aí, daqui a pouco, na hora que o Ely saí, vai demorar uns 30 anos pra voltar outro negro lá.<sup>374</sup>

[...] É o fato da gente ter poucos professores negros, inclusive, e esses cargos serem quase que em sua grande maioria, historicamente, exercido por professores. E a gente quase não tem professor negro. Então, os servidores técnico-administrativos, eu num tenho o número, mas eu acredito, pelo que eu conheço da universidade, que cê tem um número maior de negros, né, ocupando os cargos, né, na... Não comissionado, nem de chefia, não necessariamente de, mas sendo é concursados e trabalhando na universidade, um número maior, professores não tanto. E, assim, até bem recentemente, e olha que eu tô aqui desde 96, a gente não via nenhum desses cargos, principalmente de cargo de direção, de CD, mesmo FG, mas de CD, você não via sendo ocupado por nenhum outro que não fosse professor. O que pra mim já é uma forma de discriminação, não necessariamente racial. Mas, é lógico, quando você encara que você tem pouco negro como professor, aí já entra inclusive pra questão racial, também. É triste, eu acho.<sup>375</sup>

---

<sup>374</sup> AJCM. **Entrevista 05**. [08 jun. 2017].

<sup>375</sup> MRP. **Entrevista 22**. [21 jun. 2017].

Nesta perspectiva, dos 249 questionários respondidos, 97 servidores se autotransclassificaram com negros, dos quais 52 foram heterotransclassificados como pertencentes a tal grupo e, destes, 19,23% possuíam cargos comissionados ou de chefia. Destaca-se que a análise detalhada da presença negra nos cargos de chefia ou direção na UFV será objeto de estudo do doutorado.

Outrossim, destacamos que, como abordado no Capítulo III, entendemos a paisagem universitária como resultante das ações realizadas por diferentes atores e/ou grupos sociais nas paisagens que compõem a Universidade Federal de Viçosa, sendo que esta retrata uma escolha que reflete a hegemonia de determinada categoria e aquilo que ela elegeu como memorável. Nesta premissa, apontamos que ainda que tenhamos encontrado algumas marcas significativas do negro na instituição, poucos foram os servidores que conheciam a existência das mesmas. E, neste sentido, ressaltamos a inexistência de espaços e ocasiões na UFV para que ocorra a exposição e valorização destes objetos, pois a instituição não busca divulgá-los em suas publicações oficiais e aquele que poderia ser um importante espaço para a exibição destes feitos, infelizmente teve sua funcionalidade modificada. Diante disso, percebemos que, exceto por trabalhos ocasionais, como este, se nada for feito estas histórias continuarão sem serem contadas.

Por fim, salientamos que a paisagem da UFV revela que os espaços negros na instituição ainda são limitados e/ou invisibilizados, sendo que as marcas encontradas demonstram que, apesar da pouca visibilidade alcançada, os servidores e estudantes negros, que por aqui passaram e ainda passam, escrevem/escreveram seus nomes na história da instituição, o que precisa é levar ao conhecimento público estes relatos, como demonstra o depoimento de E13 e E22:

Olha... Eu acho que, se existe, a gente precisa divulgar isso mais, tá? Porque realmente eu não conheço. Eu acho que a gente podia debater isso com mais propriedade, envolver estudos como o seu, né? Pra que a gente possa se encaixar bem no espaço e se reconhecer como representante, como eu não me reconheço como representante, né? É eu acho que devia levar isso pros setores e não esperar que os setores se mobilizem, por exemplo, trazer isso ao conhecimento de cada um que trabalha nos departamentos e não somente divulgar na página, ah que vai ter grupo de discussão sobre isso e tal. Eu acho que é importante, não só a questão racial, mas também questões religiosas, é... Tem muita gente que num gosta de tocar nos assuntos, né, mas são assuntos que a gente precisa tocar, principalmente pra que as coisas comecem a avançar, né? [...]<sup>376</sup>

[...] Eu fico feliz desse tipo de pesquisa, desse tipo de trabalho, quis participar desde o começo, me propus até a participar dessa entrevista por conta disso. Porque eu acho que a gente é muito carente desse tipo de informação, de levantamento de dado. É a gente tem num mundinho que é um pouquinho complicado ainda e a gente tem muito trabalho pra fazer. Então qualquer sementinha, qualquer trilha nesse caminho, eu acho que a gente tem que seguir, mesmo, tem que correr atrás. Eu num sinto, eu pessoalmente, que eu faça tanto quanto eu poderia fazer, eu não me sinto assim. Mas, eu valorizo e apoio e vou

---

<sup>376</sup> EMF. **Entrevista 13**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (13 min. e 24 seg.).

procurar apoiar sempre as pessoas que tãõ ali tentando fazer, assim. E vou continuar fazendo o que eu faço, né?<sup>377</sup>

Os próprios entrevistados levantaram a necessidade de que a instituição crie mecanismos e espaços para que a questão racial seja debatida na UFV e, conforme apontado por E25, mais do que apenas debater, estas discussões precisam apresentar efeitos, necessitam reverter em ações práticas que solucionem os questionamentos levantados.

Então, aí volta a outra questão, né? Eu acho que precisava de mais, de mais debates. Num sei qual a melhor forma de fazer, porque eu acho que, também, se você faz só um debate, mas num divulga e... Aconteceu, eu falo porque eu já vi isso, eu sempre leio as notícias da UFV, mas eu só leio, tipo assim, eu leio 'ah, teve isso', ok, mas eu acho que as vezes fica muito fechado, sabe? Teve um debate, geralmente, na biblioteca, aí beleza, aí teve aquele debate ali, mas quẽ que foi debatido? Qual o retorno disso? Acho que só debater, pra mim é falar, falar e não dar em lugar nenhum. Então, eu acho que, talvez, falta alguma coisa prática. Eu sou bem dessa área, tipo assim, eu preciso ver o resultado daquilo. Então, cẽ debateu e daí? Quẽ que foi feito? 'Ah, tá, ah realmente precisa de espaço, realmente num é tão valorizado, mas e aí? A gente vai continuar assim, quẽ que vai ter de... O que eu me sinto falta é isso, e aí? Quẽ que vai ser feito? Num sei, né, de repente seu trabalho pode vir a colaborar em algo, sei lá, pra pelo menos refletir. Aí, se as pessoas, pelo menos, parem pra refletir, acho que já é um ganho muito grande. Principalmente, quem tá na área e não é negro, não sabe o que é. Acho que as pessoas não entendem, acho que não entendem. Acho que é isso, assim, que as vezes você tem que mostrar, mesmo, que você é competente pra pessoa te valorizar. [...] Num sei como eu poderia contribuir mais, mas eu acho que, sei lá, talvez, num sei, um retorno. Eu acho que é isso, eu sinto falta do retorno desses debates.<sup>378</sup>

É oportuno destacar que este estudo, além de dar visibilidade aos estudantes e servidores negros da UFV, também produzirá, por meio dos resultados do Censo Racial, um banco de dados que esperamos contribua para o avanço das discussões sobre a temática racial na instituição e para a inserção do negro na UFV. Portanto, atendendo à solicitação de E25, mais que um trabalho acadêmico, esta pesquisa resultará em uma atividade prática que, ensejamos, resulte em grande impacto institucional.

---

<sup>377</sup> MRP. **Entrevista 22**. [21 jun. 2017].

<sup>378</sup> NALS. **Entrevista 25**. [26 jun. 2017].

## FONTES

AS HOMENAGENS da Universidade Federal de Viçosa a Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 16, n.º 851, p. 02-03, 12 de julho de 1984.

CASA DE REFERÊNCIA promove Cor da Cultura. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2262, p. 1-24, 26 jul. 2012.

CASA DE REFERÊNCIA. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2257, p. 1-24, 21 jun. 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA da Cultura Afro-Brasileira poderá ser de utilidade pública. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2266, p. 1-24, 23 ago. 2012.

CMV DECLARA de utilidade pública o Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira. **Jornal Folha da Mata**, Viçosa, ano XLIX, n.º 2267, p. 1-24, 30 ago. 2012.

FALECIMENTO DE Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 13, n.º 670, p. 03. 29 de janeiro de 1981.

FIALHO, Edson Soares [Gestor]. **Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira da Zona Norte: Cultura Negra e Memória Social** [Cópia do Projeto disponibilizada pelo gestor]. p. 01-17.

\_\_\_\_\_. **Relatório de Atividade de Extensão – SIGProj**. Edital Proext 2009. Relatório Final. [Cópia do Relatório disponibilizada pelo gestor]. p. 01-19.

MORREU CANDINHO, o grande amigo dos estudantes e servidores da UFV. **UFV Informa**, Viçosa, ano 7, n.º 388, p. 01, 25 de julho de 1975.

PRÉDIO DA IMPRENSA Universitária já tem nome de Francisco São José. **UFV Informa**, Viçosa, ano 16, n.º 851, p. 01, 12 de julho de 1984.

REVISTA 90 ANOS UFV - Uma viagem pela história da instituição.

REVISTA UFV 85 ANOS - Uma Viagem Pela História da Instituição.

UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 520**, realizada no dia 17 de junho de 2016. p. 1-8.

\_\_\_\_\_. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 524**, realizada no dia 20 de setembro de 2016. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 529**, realizada no dia 08 de março de 2017. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. CEPE. **Ata da reunião n.º 530**, realizada no dia 21 de março de 2017. p. 1-6.

\_\_\_\_\_. Conselho Universitário. CONSU. **Ata da reunião n.º 206**, realizada no dia 26 de julho de 1996. p. 100-104.

\_\_\_\_\_. **Processo n.º 007570/2009** - Solicita liberação da casa 14 da Vila Secundino. p. 01-53.

\_\_\_\_\_. Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. PGP. **Edital n.º 4/2016**. [n/p].

\_\_\_\_\_. Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. PGP. **Edital n.º 01/2016/PGP**. [n/p].

## ENTREVISTAS

ALS. **Entrevista 01**. [05 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 58 seg.).

ELS. **Entrevista 02**. [07 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (09 min. e 56 seg.).

SA. **Entrevista 03**. [08 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (08 min. e 06 seg.).

VDSS. **Entrevista 04**. [08 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (06 min. e 22 seg.).

AJCM. **Entrevista 05**. [08 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (20 min. e 19 seg.).

AAS. **Entrevista 06**. [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (51 min. e 24 seg.).

VCLS. **Entrevista 07**. [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (07 min. e 46 seg.).

TJF. **Entrevista 08**. [12 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (11 min. e 45 seg.).

CLF. **Entrevista 09**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (08 min. e 23 seg.).

ELR. **Entrevista 10**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (06 min. e 02 seg.).

PSB. **Entrevista 11**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 23 seg.).

LCC. **Entrevista 12**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (07 min. e 35 seg.).

EMF. **Entrevista 13**. [14 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (13 min. e 24 seg.).

RCRMM. **Entrevista 14**. [19 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (13 min. e 57 seg.).

CRPBC. **Entrevista 15**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (09 min. e 02 seg.).

LLSS. **Entrevista 16**. [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 07 seg.).

- GLS. **Entrevista 17.** [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (05 min. e 52 seg.).
- FBJ. **Entrevista 18.** [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (04 min. e 33 seg.).
- ISG. **Entrevista 19.** [20 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (19 min. e 13 seg.).
- FJPN. **Entrevista 20.** [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (24 min. e 52 seg.).
- NMS. **Entrevista 21.** [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (10 min. e 21 seg.).
- MRP. **Entrevista 22.** [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (15 min. e 45 seg.).
- CMP. **Entrevista 23.** [21 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (14 min. e 08 seg.).
- JCZ. **Entrevista 24.** [26 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (12 min. e 26 seg.).
- NALS. **Entrevista 25.** [26 jun. 2017]. Entrevistadora: Edimara Maria Ferreira. Viçosa, 2017. 1 arquivo .mpeg4 (17 min. e 52 seg.).

## SITES

- ASSOCIAÇÃO de Capoeira Guerreiros de Zumbi A.C.G.Z. Disponível em: <<http://acgzvicosa.xpg.uol.com.br/index.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.
- BALDUCCI, Mariana. O Bloco Viçosa vai passar. **Caixa Preta**. 16 out. 2015. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/caixapreta/blocovicosa/>>. Acesso em: 22 out. 2016.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível: <<http://www2.camara.leg.br/>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- CASA Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi: Viçosa - MG. Disponível em: <<http://umbandavicosa.blogspot.com.br/2009/12/inauguracao-da-casa-de-referencia.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.
- CASA DE REFERÊNCIA à Cultura Afro Brasileira. Disponível em: <<http://casaafro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- CÉZAR, Fernando. **Câmara homenageia o Capoeira Alternativa em Sessão Solene**. 20 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.vicosa.mg.leg.br/institucional/noticias/2015/11-2015/camara-homenageia-o-capoeira-alternativa-em-sessao-solene>>. Acesso em: 07 nov. 2016.
- COELHO, Elaine. **Projetos e Programas aprovados no Edital nº 06/2009 do PROEXT**. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=9645](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=9645)>. Acesso em: 02 mai. 2017.

DIVISÃO DE JORNALISMO. **UFV realiza cerimônia de posse da nova equipe da administração superior.** 18 ago. 2015. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=23815](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=23815)>. Acesso em: 10 out. 2017.

DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL. **Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas tem nova chefia.** 26 jun. 2017. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27389](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27389)>. Acesso em: 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Universidade cria Comissão de Verificação da Autodeclaração Étnico-Racial.** 23 jun. 2017. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27387&link=corpo](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=27387&link=corpo)>. Acesso em: 26 jun. 2017.

GLYCERIO, Carolina. **Neguinho da Beija-Flor tem mais gene europeu.** São Paulo: BBC Brasil, 29 mai. 2007. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070424\\_dna\\_neguinho\\_cg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070424_dna_neguinho_cg.shtml)>. Acesso em: 26 out. 2016.

LOPES, Fernanda; BERNARDES, Kamilla. **O Bloco traz o baque do maracatu para Viçosa. Caixa Preta.** Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/caixapreta/o-bloco-traz-o-baque-do-maracatu-para-vicosa/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

LOPES, Ivonete da Silva. **Reunião discute implantação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros na UFV.** 18 jun. 2015. Disponível em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=23464](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=23464)>. Acesso em: 31 out. 2016

MELLO, Elson Rezende de. José Valentino da Cruz, o Candinho: O operário que virou medalha. **InformAsav**, n.º 21, novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.elsonrezende.com.br/conjtextos.php?id=419>>. Acesso em: 19 out. 2016.

NEAB VIÇOSA - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. Disponível em: <<http://neabvicosa.blogspot.com.br/p/historico-do-neab-ufv.html>>. Acesso em: 30 out. 2016.

NEAB/UFAL. Disponível em: <<http://neabufal.blogspot.com.br/?view=timeslide>>. Acesso em: 31 out. 2016.

O BLOCO. Disponível em: <<http://oblocovicosa.blogspot.com.br/p/sobre-o-bloco.html>>. Acesso em: 22 out. 2016.

O TEMPO. **Primeiro Centro de Referência da Cultura Negra será instalado em BH.** Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/primeiro-centro-de-refer%C3%A2ncia-da-cultura-negra-ser%C3%A1-instalado-em-bh-1.472921>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

OBSERVATÓRIO dos Movimentos Sociais. Disponível em: <<https://observatoriomsufv.wordpress.com/organizacoes/mst/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

RECEITA FEDERAL - Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral. Disponível em: <[https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva\\_Comprovante.asp](https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp)>. Acesso em: 23 mai. 2017.

SOUSA, Tommy. **Programa de Extensão Capoeira Alternativa oferece aulas de capoeira infantil.** Disponível em [https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24071](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24071). Acesso em: 07 nov. 2016.

UNIVERSIDADE da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. UNILAB. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/institucional-2/>. Acesso em: 28 jul. 2016.

UNIVERSIDADE Federal de Viçosa. UFV. **Órgãos.** Disponível em: <https://www.ufv.br/administracao/orgaos/>. Acesso em: 21 out. 2017. Elaborado pela autora.

\_\_\_\_\_. **Personagens e Pioneiros da UFV.** Disponível em: <http://www.personagens.ufv.br/>. Acesso em 20 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Registro de Atividades de Extensão.** RAEX. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/raex/scripts/dadosAtividade.php>. Acesso em: 26 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Sistema de Pesquisa e Pós-Graduação.** SisPPG. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/sisppg/scripts/portal/>. Acesso em: 26 abr. 2017.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. (Org.). **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas, CPDOC-FGV, 2007.

AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU representa Zumbi (1970-2015): cultura histórica, movimento negro e ensino de história**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2011.

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig; VIEIRA, Luiz Renato. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, p. 81-121, dez. 1998.

BALDUINO, Gustavo. **Cotas Socioeconômicas sim, Étnicas não**. p. 01-05. Brasília, 25 mai. 2004. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8262097-Cotas-socioeconomicas-sim-etnicas-nao.html>>. Acesso em: 1º ago. 2016.

BARBOSA, Pedro. **O Movimento Negro Mineiro e a esfera pública: desafios e perspectivas para um Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial**. 2014. 274 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Letras, Araraquara, 2014.

BARRETO, Eloah Monteiro Andrade. **Povo de santo: umbandistas de Viçosa**. 2010. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

BASTOS, João Luiz; et al. Diferenças socioeconômicas entre autoclassificação e heteroclassificação de cor/raça. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Saúde Pública, v. 42, n.º 2, p. 324-334, 2008.

BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal de. **Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 1990.

BENTO, Mário Rogério da Silva. **Classificação racial: entre a ideologia e a técnica**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Editores). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa: Editora UFV, 2006.

BRAGA, Tuwile Jorge Kin. **A territorialidade do servidor negro da Universidade Federal de Viçosa**. 2014. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

BRASIL. **Decreto de 20 de março de 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn3903.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn3903.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto de 20 de novembro de 1995**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/dnn/Anterior%20a%202000/1995/Dnn3531.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1995/Dnn3531.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto n.º 1.904, de 13 de maio de 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d1904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1904.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/\\_lei-principal.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/_lei-principal.htm)>. Acesso em: 13 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)>. Acesso em 13 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 12.990, de 09 de junho de 2014.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm)>. Acesso em 15 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 5.465, de 03 de julho de 1968.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L5465.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5465.htm)>. Acesso em: 03 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 7.716, de 05 de janeiro de 1989.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/\\_lei-principal.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/_lei-principal.htm)>. Acesso em:

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8112cons.htm)>. Acesso em: 09 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 9.459, de 13 de maio de 1997.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9459.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm)>. Acesso em: 26 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Portaria n.º 762, de 28 de dezembro de 2010.** Disponível em <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=194&data=30/12/2010>>. Acesso em: 07 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Orientação Normativa n.º 3,** de 1º de agosto de 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=54&data=02/08/2016>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n.º 3.198, de 2000.** Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD16JUN2000.pdf#page=113>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n.º 4.370, 1998.** Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=17FEBDCDD1BA3287806528988B6D5C73.node1?codteor=1128857&filename=Avulso+-PL+4370/1998](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=17FEBDCDD1BA3287806528988B6D5C73.node1?codteor=1128857&filename=Avulso+-PL+4370/1998)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n.º 6.738-D, de 2013.** Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=74C22F19BD9C86417A7D64B341BCC59B.proposicoesWeb1?codteor=1238967&filename=Avulso+-PL+6738/2013](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=74C22F19BD9C86417A7D64B341BCC59B.proposicoesWeb1?codteor=1238967&filename=Avulso+-PL+6738/2013)>. Acesso em: 13 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. **Ação Declaratória de Constitucionalidade n.º 41/DF – Distrito Federal.** Disponível em: <<http://stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?numero=41&classe=ADC&origem=AP&recurso=0&tipoJulgamento=M>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BROOCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon. (Org.). **Os desafios da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPOS, Helio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

CARDOSO, Marcos Antônio. **O movimento negro em Belo Horizonte: 1978 - 1998**. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CARDOSO, Marcos Antônio; SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Zumbi dos Palmares**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

CARDOSO, Nádia Maria. **Instituto Steve Biko: juventude negra mobilizando-se por políticas de afirmação dos negros no ensino superior**. 2005. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010.

CARVALHO, André Simplício. **O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana: a especialização funcional de uma cidade média mineira**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Attar, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONRADO, Margarete de Souza. **Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu**. 2013. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Fernando Antônio Alves da. Riqueza e escravidão em uma localidade da Zona da Mata Mineira - Santa Rita do Turvo 1850/59. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**, v. 8, n.º 15, p. 30-50. Juiz de Fora: jul/dez. 2013.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, 24-25-26: p. 193-210, 2002/2003/2004/2005. p. 194-196.

\_\_\_\_\_. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, Universidade Federal Fluminense, v. 23, p. 100-122, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. v. 2. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). Estudo monográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n.º 10, p. 197-207, março/agosto 1985.

FERREIRA, Ligia F. “Negritude”, “Negridade”, “Negricia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **Via Atlântica**, n.º 9, p. 163-183, jun/2006.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos Pagu**, n.º 23, p.199-228. Campinas: jul/dez. 2004.

FIGUEIREDO, Lauro César. Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n.1, p. 55-70, jan./abr. 2013.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da Capoeira. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n.º 2, p. 141-150, 2. sem. 2002.

FREIRE, Alessandro; PALOTTI, Pedro. (Org.). **Servidores públicos federais: novos olhares e perspectivas**. Brasília: ENAP, 2015.

FREIRE, Isabel Batista. **Linguagem simbólica e cultural do Maracatu**. 2015. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

FULLIN, Carmen Silvia. Direito e racismo: observações sobre o alcance da legislação penal antidiscriminatória no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, v. 6, p. 21-35, 2000.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. O tema das quotas para afrodescendentes em concursos públicos. **Revista da AJURIS** – Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, v. 40, n.º 132, Dezembro 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Entrevista**. Fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.portaldainigualdade.gov.br/portal-antigo/arquivos/revistadapetrobras>> Acesso em: 13 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n.º 18, p. 133-154, abril de 2011.

GONZAGA, Yone Maria. **Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativos em educação na UFMG: Relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida**. 2011. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n.º 33, p 117-141, jan./jun. 2002.

- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. 7. reimpr. São Paulo: Vértice, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. (Org.). **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- HERINGER, Rosana. Ação afirmativa, estratégias pós-Durban. **Observatório da Cidadania**, p. 55-61, 2002.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia. IBGE. **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça - 2008**. Rio de Janeiro: 2011.
- INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA. **Boletim de Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise**, n.º 13. Brasília: IPEA, Junho 2000.
- \_\_\_\_\_. Políticas sociais: acompanhamento e análise. **Vinte anos da Constituição Federal**. 2. ed. v. 3, n.º 17, 2009.
- INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. **Dossiê 12: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**.
- \_\_\_\_\_. **INRC do Maracatu Nação**. Dossiê.
- JACCOUD, Luciana. (Org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: IPEA, 2009.
- JESUS, Nara Regina Dubois de. **Clubes sociais negros em Porto Alegre - RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite, Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2005.
- JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LAGUARDIA, Josué. O uso da variável “raça” na pesquisa em saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14(2): p. 197-234, 2004.
- LIMA, Edilson Vitorelli Diniz. O equívoco brasileiro: cotas raciais em concursos públicos. **RDA – Revista de Direito Administrativo**, Rio de Janeiro, v. 271, p. 281-315, jan./abr. 2016.
- LONGO, Luciene Aparecida Ferreira de Barros; CAMPOS. Marden Barbosa. **Auto ou alter-declaração? Uma análise da informação de raça/cor nas pesquisas domiciliares**. p. 01 - 14. XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS CAXAMBU, MG, 18 a 22 de setembro de 2006. Minas Gerais: ABEP; 2006.
- MAAKAROUN, Eugenia de Freitas. **Maracatu: ritmos sagrados**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2005.
- MACIEL, Caio. Espaços públicos e geo-simbolismos na “Cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife. p. 10-18. **Revista de Geografia: UFPE**, v. 22, n.º 1, p. 10-18, 2005.

MAGALHÃES, Wallace Lucas. **A “Lei do boi” como estratégia da burguesia rural: o caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1968-1985)**. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 17, suppl. 3. São Paulo: 2002.

MENDONÇA, Tânia Regina Broeitt. **Brasil: o ensino superior às primeiras universidades (Colônia– Império–Primeira República)**. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel/PR: UNOESTE, 13 a 15 de outubro de 2005.

MIRANDA, Monique. **Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil, no período de 2000 à 2009**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Psicologia Social**. Barcelona: Paídos, 1985.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil [Entrevista]. **Estudos Avançados**, v. 18, n.º 50, p. 51-56. São Paulo: jan/abr. 2004.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender. São Paulo: Global, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Sidney de Paula. **O Estatuto da Igualdade Racial**. Coleção Consciência em Debate. Coordenação de Vera Lúcia Benedito. São Paulo: Selo Negro, 2013.

ORTEGA, Margarita de J. Quezada. Migración, arraigo y apropiación del espacio en la recomposición de identidades socioterritoriales. **Cultura y Representaciones Sociales**, año 2, n.º 3, p. 35-67, septiembre 2007.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **Desigualdades raciais e de gênero no serviço público civil**. Programa de Fortalecimento Institucional para a Igualdade de Gênero e Raça, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego (GRPE). Cadernos GRPE, n.º 2. Brasília: OIT - Secretaria Internacional do Trabalho, 2006.

\_\_\_\_\_. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, 2003.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: Editora UFV, Imprensa Universitária, 1990.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) –

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2010.

PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. (Org.). **Características étnico-raciais da população: classificações e identidade**. Estudos e análises - Informação demográfica e socioeconômica, Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.º 10, p. 200 - 212. Rio de Janeiro: 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n.º 3, p. 03-15. Rio de Janeiro: 1989.

POMPERMAYER, Malori José. (Org.). **Movimentos sociais em Minas Gerais: emergência e perspectivas**. Série Coletâneas. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n.º 1, p. 15-33, jun. 2003.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Quem são os negros? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências**. p. 01-21. 2001.

REICHERT, Patrício. **Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto Novo: a segregação social do caboclo**. 2008. 391 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2008.

REZENDE, Vanessa Elkhoury. **Ação afirmativa e concurso público: reserva de cotas para os afro-brasileiros**. Site Funcional do Procurador de Justiça Aroldo José de Lima. Artigos. p. 1-20. Campo Grande, [entre 1998 e 2007].

RODRIGUES, Aurélia Aparecida de Araújo; et al. Aplicação simultânea de dois métodos de classificação étnico-racial. **FAMAT em Revista**, número 09, p. 441-446. Outubro de 2007.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Movimento negro no cenário brasileiro: embates e contribuições à política educacional nas décadas de 1980-1990**. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros: Etnicidade e Cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, n.º 17, 1989.

ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

SANTOS, Adilson Pereira dos. Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro: dos ecos de Durban à Lei das Cotas. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 12, n.º 2, p. 289-317, jul./dez. 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Org.). **Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA'E GA**, n.º 7, p. 79-85, 2003. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 25, n.º 2, p. 215-235, 2003.

SILVA, Tatiana Dias. **Cor e raça nos quadros da Administração Pública**. In: ANAIS DO XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Sessão temática 4. p. 1-13. 2016.

SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira. (Org.). **Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes**. Brasília: IPEA, 2013.

SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Josenilton Marques da. **Reserva de vagas para negros em concursos públicos: uma análise a partir do Projeto de Lei 6.738/2013**. Nota Técnica n.º 17. Brasília: IPEA, 2014.

SINGER, Paul; BRANDT, Vinícius Caldeira. (Org.). **São Paulo: O povo em movimento**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

TEIXEIRA, Moema De Poli. **Negros na universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Conselho Universitário. CONSU. **Resolução n.º 09 de 26 de julho de 1996**. Cria a Medalha José Valentino da Cruz (Candinho) e aprova seu Regimento.

VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, n.º 1, p. 3-79. Rio de Janeiro: 1958.

YÁZIGI, Eduardo. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015 desenvolvida por Edimara Maria Ferreira, discente do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa – *Campus* Viçosa, sob a orientação da professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo. O objetivo principal deste estudo é entender os espaços de exclusão/inclusão do negro na Universidade Federal de Viçosa (UFV), desde a década de 1980 até 2015, traçando um parâmetro de comparação com dos dados encontrados com a vigência das políticas afirmativas.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na utilização do tempo do entrevistado, possibilidade de constrangimento/desconforto ou algum dano emocional durante a realização do questionário e/ou da entrevista ou por alguma observação realizada, uma vez que este é um tema delicado, polêmico e controverso. Estes fatos serão reduzidos, uma vez que o participante terá a orientação constante da pesquisadora para esclarecimentos sobre as questões do questionário e da entrevista e as respostas obtidas, serão guardadas com todo o sigilo necessário.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira e possui plena liberdade para recusar-se a participar, bem como, para retirar sua participação a qualquer fase da pesquisa. O(a) Sr.(a) não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Além disso, serão garantidas a confidencialidade e privacidade das informações prestadas pelo(a) senhor(a), pois qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e todo o material utilizado será armazenado em local seguro. E, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito à indenização.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, o(a) senhor(a) poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder um questionário online ou impresso, com tempo de preenchimento previsto de no máximo 30 minutos, momento em que será necessária a sua identificação. Ressaltamos que somente as pesquisadoras terão acesso aos dados disponibilizados neste questionário, que serão utilizados para posterior contato com os selecionados para responder as perguntas do roteiro de entrevista à pesquisadora do projeto. A entrevista, com duração prevista de aproximadamente 30 minutos, será gravada e transcrita, mediante autorização prévia do(a) entrevistado(a), evitando assim perdas de informação e minimizando distorções e o conteúdo de suas respostas não será tornado público, sendo as informações, comentários e depoimentos resguardados com total sigilo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa e a outra será fornecida ao(à) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos.

As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

---

Eu, \_\_\_\_\_, contato \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015** de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

\_\_\_\_\_  
Edimara Maria Ferreira

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Nome da pesquisadora responsável: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

Endereço: Avenida PH Rolfs, *campus* Universitário, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899 4059

E-mail: isachrysostomo@ufv.br

Nome da pesquisadora principal: Edimara Maria Ferreira

Endereço: Avenida PH Rolfs, *campus* Universitário, Departamento de Nutrição e Saúde, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899 3146 e (31) 9 9534 6282 E-mail: edimara.ferreira@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – *Campus* Universitário

CEP: 36570-900 Viçosa/MG Telefone: (31) 3899-2492

E-mail: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

## APÊNDICE B - Roteiro do questionário

### PERFIL DO ENTREVISTADO

NOME: \_\_\_\_\_

E-MAIL: \_\_\_\_\_

TELEFONE: \_\_\_\_\_

#### SEXO

Masculino

Feminino

#### FAIXA ETÁRIA

18 a 30 anos

31 a 43 anos

44 a 56 anos

57 a 69 anos

Acima de 70

#### RAÇA/COR

Preta

Parda

Branca

Amarela

Indígena

#### ESTADO CIVIL

Solteiro

Casado

União estável

Separado/Desquitado/Divorciado

Viúvo

Outro: \_\_\_\_\_

#### TEM FILHOS/AS?

Não

Sim      Quantos? \_\_\_\_\_

#### NATURALIDADE

Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

#### LOCAL DE RESIDÊNCIA ATUAL

Cidade \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

#### MORADIA:

Imóvel próprio

Imóvel alugado

Imóvel financiado

Imóvel cedido

Outro: \_\_\_\_\_

#### ESCOLARIDADE

Fundamental completo (1º Grau)

Fundamental incompleto

Ensino Médio

Ensino Médio incompleto

Graduação

Mestrado

Doutorado

Outro: \_\_\_\_\_

#### INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

Data de admissão na UFV: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Departamento em que trabalha \_\_\_\_\_

Função ou cargo que exerce \_\_\_\_\_

Sua atividade atual está de acordo com o cargo/função para o qual você foi contratada(o)?

Sim

Não Qual a função para a qual foi contratado(a) \_\_\_\_\_

Possui cargo comissionado ou função gratificada?

Não

Sim. Qual? \_\_\_\_\_

Tem outra atividade remunerada?

Sim

Não

SUA RENDA MENSAL

- Até 01 salário mínimo
- De 01 a 03 salários mínimos
- De 03 a 05 salários mínimos
- De 05 a 15 salários mínimos
- Mais de 15 salários mínimos

RENDA FAMILIAR (incluindo a sua)

- Até 01 salário mínimo
- De 01 a 03 salários mínimos
- De 03 a 05 salários mínimos
- De 05 a 15 salários mínimos
- Mais de 15 salários mínimos

NÚMERO DE PESSOAS QUE CONTRIBUEM PARA A RENDA FAMILIAR (inclusive você)

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Cinco
- Mais de cinco

NÚMERO DE PESSOAS SUSTENTADAS COM A RENDA FAMILIAR (incluindo você)

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Cinco
- Mais de cinco

## **APÊNDICE C - Roteiro de entrevista**

1. Considerando as categorias de cor/raça do IBGE (preto, pardo, branco, amarelo e indígena), qual a sua classificação racial?
2. Quando você ingressou na UFV? De que forma, qual o cargo e departamento de lotação?
3. Contou com algum tipo de políticas afirmativas? Se sim, qual?
4. Qual o cargo e departamento que trabalha atualmente?
5. Possui algum cargo comissionado ou função gratificada? Se sim, qual?
6. Quantos chefes negros (negros em cargos de chefia/direção) você tem/teve na UFV? Conhece algum negro que ocupe este(s) cargo(s) em outro(s) setor(es) da instituição? E a que você atribui isso? Possui alguma relação com a questão racial?
7. Qual a sua posição a respeito das políticas de cotas raciais? Por quê?
8. Qual o departamento/setor que você acredita que concentra maior número de negros. Por quê? Qual a sua opinião sobre isso.
9. Qual o departamento/setor que você acredita que concentra menor número de negros. Por quê? Qual a sua opinião sobre isso.
10. Quais foram as suas principais contribuições à instituição?
11. Em sua opinião, qual a relevância/ importância de suas ações na instituição para o negro (a valorização deste aqui dentro)?
12. Em sua opinião, existe algum espaço/momento de valorização do negro aqui na UFV?
13. Referindo-se a alguma pessoa negra que se destacou na UFV, qual o primeiro nome que vem à sua mente?
14. Qual a sua opinião sobre as questões/temática racial?

## APÊNDICE D – Ofício encaminhado à PGP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

*Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 38991818 - (31) 38994073 - E-mail: dhi@ufv.br*

Viçosa, 17 de dezembro de 2015.

Ao Senhor

Ely Rosa

Pró-reitor de Gestão de Pessoas

Senhor Pró-reitor:

Eu, Edimara Maria Ferreira, Assistente em Administração e estudante desta instituição, aluna do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, solicito a Vossa Senhoria autorização para aplicação de questionários e realização de entrevistas junto aos profissionais desta instituição (docentes e técnico-administrativos), de forma a obter respostas e utilizá-las no desenvolvimento da dissertação obrigatória para obtenção do título de mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, bem como, o acesso aos dados cadastrais dos destes profissionais, a fim de coletar informações relativas ao perfil socioeconômico, cor, gênero, naturalidade, cargo e departamento/setor de trabalho destes.

Este estudo que tem como título “Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015”, sob orientação da professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, do Departamento de Geografia/UFV, resultará fundamentalmente da coleta e análise dos dados obtidos junto aos profissionais e estudantes dos departamentos desta instituição, bem como, das informações disponibilizadas pelo Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e pela Diretoria de Registro Escolar, cuja finalidade única é a concretização da dissertação.

Com o compromisso de cumprimento das normas éticas e deontológicas que presidem a este tipo de trabalho, envio em anexo o Projeto de Pesquisa proposto e as informações/dados de que necessitarei desta Pró-Reitoria, colocando-me à disposição de Vossa Senhoria para o esclarecimento de qualquer dúvida que subsista.

Agradeço desde já a colaboração e atenção.

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

MARIA ISABEL DE JESUS CHRYSOSTOMO  
Professora orientadora  
Departamento de Geografia/UFV

Fl. nº 02/02 do Ofício dirigido ao Sr. Ely Rosa

DADOS/INFORMAÇÕES A SEREM PESQUISADOS NA PGP

	<b>PROFESSORES E TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS</b>								
	Gênero	Estado civil	Data de nascimento	Naturalidade	Escolaridade	Cargo	Departamento / Lotação	Etnia (declarada)	Etnia (classificada pela pesquisadora)
<b>1980</b>									Mediante análise das fotografias funcionais (classificação por cor).
<b>1981</b>									
<b>1982</b>									
<b>...</b>									
<b>2015</b>									

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

## APÊNDICE E - Ofício encaminhado ao RES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

*Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 38991818 - (31) 38994073 - E-mail: dhi@ufv.br*

Viçosa, 17 de dezembro de 2015.

Ao Senhor

Edson Ramos Martino

Diretor do Registro Escolar

Senhor Diretor:

Eu, Edimara Maria Ferreira, Assistente em Administração e estudante desta instituição, aluna do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, solicito a Vossa Senhoria autorização para aplicação de questionários e realização de entrevistas junto aos estudantes desta instituição (graduação e pós-graduação), de forma a obter respostas e utilizá-las no desenvolvimento da dissertação obrigatória para obtenção do título de mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, bem como, o acesso aos dados cadastrais dos mesmos, a fim de coletar informações relativas ao perfil socioeconômico, cor, gênero, naturalidade e curso.

Este estudo que tem como título “Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015”, sob orientação da professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, do Departamento de Geografia/UFV, resultará fundamentalmente da coleta e análise dos dados obtidos junto aos profissionais e estudantes dos departamentos desta Instituição, bem como, das informações disponibilizadas pelo Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e pela Diretoria de Registro Escolar, cuja finalidade única é a concretização da dissertação.

Com o compromisso de cumprimento das normas éticas e deontológicas que presidem a este tipo de trabalho, envio em anexo o Projeto de Pesquisa proposto bem como as informações/dados de que necessitarei desta Diretoria, colocando-me à disposição de Vossa Senhoria para o esclarecimento de qualquer dúvida que subsista.

Agradeço desde já a colaboração e atenção.

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

MARIA ISABEL DE JESUS CHRYSOSTOMO  
Professora orientadora  
Departamento de Geografia/UFV

Fl. nº 02/02 do Ofício dirigido ao Sr. Edson Ramos Martino

DADOS/INFORMAÇÕES A SEREM PESQUISADOS No REGISTRO ESCOLAR

	ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO							
	Gênero	Estado civil	Data de nascimento	Naturalidade	Ano de conclusão do Ensino Médio	Curso	Etnia (declarada)	Etnia (classificada pela pesquisadora)
<b>1980</b>								Mediante análise das fotografias cadastrais (classificação por cor).
<b>1981</b>								
<b>1982</b>								
<b>...</b>								
<b>2015</b>								

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

## APÊNDICE F – Edital de Seleção de Estagiários



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
GEHOCITE – *Geografia Histórica das Cidades e Territórios*

Edital 001/2017

### OPORTUNIDADE DE ESTÁGIO REMUNERADO

O projeto de pesquisa intitulado “**A representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015**” realizado por Edimara Maria Ferreira, sob orientação de Maria Isabel de Jesus Chrysostomo e com apoio do CCH, está selecionando 10 (DEZ) estudantes para ESTÁGIO, pelo período de UM MÊS, com jornada semanal de **15 a 20** horas.

#### BENEFÍCIOS:

- Bolsa no valor de R\$ 225,00 a 300,00.

#### PRÉ-REQUISITOS:

- Ser estudante dos cursos de Geografia, História ou Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa;
- Ter disponibilidade de horário para trabalho de 08:00 às 12:00h ou 14:00 às 18:00h;
- Preferível que já tenha trabalhado com projetos e/ou atividades vinculadas à temática étnico-racial;
- Não estar colando grau até julho de 2017.

Os interessados deverão entregar o currículo, junto com o histórico escolar atualizado na Secretaria da Coordenação de Graduação em Nutrição – Avenida Peter Rolfs, s/nº - Prédio CCB II, 5º andar, sala 36, **no período de 03/05/2017 a 05/05/2017**, onde preencherão a ficha de inscrição.

A seleção ocorrerá de 08/05/2017 a 09/05/2017 e constará de:

- 1) Análise de currículo e histórico escolar;
- 2) Entrevista.

Viçosa, 02 de maio de 2017.

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens  
e Cidadania/UFV

MARIA ISABEL DE JESUS CHRYSOSTOMO  
Orientadora  
Departamento de Geografia/UFV



### ANEXO I - FICHA DE INSCRIÇÃO

#### DADOS PESSOAIS

Nome completo:		
CPF:	RG:	
Data de nascimento:		
Endereço:		Nº:
Complemento:	Bairro:	CEP:
Cidade:		Estado:

#### MEIOS DE CONTATO

Telefone:	Celular:
E-mail:	

#### INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

Curso:	
Matrícula:	Período:
Previsão de formatura:	

#### DECLARAÇÃO QUE NÃO POSSUI VÍNCULO EMPREGATÍCIO OU QUE RECEBE BOLSA

Declaro, para os devidos fins, que eu \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_, não possuo vínculo empregatício e nem recebo bolsa de qualquer natureza, de qualquer órgão financiador, inclusive da própria Instituição, me dedicarei às atividades de extensão/pesquisa previstas no Plano de Trabalho e não concluirei o curso de graduação antes do término da bolsa.

Desta forma, preencho os requisitos explicitados no Edital nº 01/2017 – Oportunidade de Estágio Remunerado.

Por ser verdade firmo a presente.

Viçosa \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Estudante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
*GEHOCITE – Geografia Histórica das Cidades e Territórios*

## ANEXO II – MODELO DE CURRÍCULO

**Observação: durante o preenchimento, adicionar quantas linhas for necessário para cada item a ser incluído.**

IDENTIFICAÇÃO	
Nome:	
Tel. contato:	
E-mail:	

FORMAÇÃO ACADÊMICA

PUBLICAÇÃO

EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA
Pesquisa, extensão e/ou ensino com bolsa ou voluntário

MONITORIA/TUTORIA

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS
Como ministrante e/ou ouvinte

PRÊMIOS E DISTINÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS

## **APÊNDICE G – Ofício encaminhado à DEV**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

*Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 38991818 - (31) 38994073 - E-mail: dhi@ufv.br*

Viçosa, 02 de junho de 2017.

Ao Senhor

Jose Jota da Silva

Chefe da Divisão de Eventos

Senhor Chefe:

Eu, Edimara Maria Ferreira, Assistente em Administração e estudante desta instituição, aluna do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, solicito a Vossa Senhoria autorização para utilização do outdoor vertical, situado à entrada do campus da UFV, no período de 07 a 13 de agosto de 2017.

Conforme comunicado oficial da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, de 1º de junho a 31 de agosto do ano corrente, está sendo realizado um Censo Racial na UFV com o intuito de conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas. Paralelamente estaremos realizando uma ampla campanha de divulgação a fim de sensibilizarmos os servidores a participarem desse Censo.

Portanto, solicitamos autorização para no período anteriormente citado, utilizarmos o outdoor vertical para divulgação da Campanha de Autodeclaração Racial.

Segue em anexo a arte a ser utilizada na divulgação e desde já agradeço a colaboração e atenção e me coloco à disposição de Vossa Senhoria para o esclarecimento de qualquer dúvida que subsista.

Atenciosamente,

**EDIMARA MARIA FERREIRA**  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

## APÊNDICE H - Ofício encaminhado à FRATEVI



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

*Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 38991818 - (31) 38994073 - E-mail: dhi@ufv.br*

Viçosa, 26 de junho de 2017.

Ao Senhor

Felipe Menicucci

Diretor de Programação e Transmissão

Senhor Diretor:

Eu, Edimara Maria Ferreira, Assistente em Administração e estudante da Universidade Federal de Viçosa (UFV), aluna do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, solicito a Vossa Senhoria autorização para vinculação na Rádio Universitária e TV Viçosa do vídeo institucional sobre a Campanha de Autodeclaração Racial da UFV.

Conforme divulgado na página da UFV, de 1º de junho a 31 de agosto do ano corrente, está sendo realizado um Censo Racial na UFV com o intuito de conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas. Paralelamente estaremos realizando uma ampla campanha de divulgação a fim de sensibilizarmos os servidores a participarem desse Censo.

Portanto, solicitamos o apoio da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa (FRATEVI) para divulgação da Campanha de Autodeclaração Racial durante as programações da Rádio Universitária e da TV Viçosa.

Desde já agradeço a colaboração e atenção e me coloco à disposição de Vossa Senhoria para o esclarecimento de qualquer dúvida que subsista.

Atenciosamente,

EDIMARA MARIA FERREIRA  
Assistente em Administração  
Matrícula: 10704-2

## APÊNDICE I – Formulário para coleta de dados do Censo Racial da UFV



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
**PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS**

*Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 3899 2400 - Fax: (31) 3899 2860 - E-mail: pgp@ufv.br*

### CAMPANHA DE AUTODECLARAÇÃO RACIAL

NOME: \_\_\_\_\_

MATRÍCULA UFV: \_\_\_\_\_

QUAL SUA CLASSIFICAÇÃO RACIAL (RAÇA/COR)?

- Preta
- Parda
- Branca
- Amarela
- Indígena

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) servidor(a)

## APÊNDICE J - Codificação dos servidores entrevistados

<b>Código</b>	<b>Cargo</b>	<b>Ano de admissão</b>	<b>Tempo na UFV</b>	<b>Data da Entrevista</b>
E01	Auxiliar Operacional	1994	23 anos	05/06/2017
E02	Arquivista	2011	06 anos	07/06/2017
E03	Assistente em Administração	2013	04 anos	08/06/2017
E04	Engenheiro Eletricista	2015	02 anos	08/06/2017
E05	Administrador	1980	37 anos	08/06/2017
E06	Técnico de Tecnologia da Informação	1994	23 anos	12/06/2017
E07	Assistente em Administração	1994	23 anos	12/06/2017
E08	Assistente de Som	1997	20 anos	12/06/2017
E09	Assistente em Administração	2004	13 anos	14/06/2017
E10	Porteiro	1992	25 anos	14/06/2017
E11	Assistente em Administração	2012	05 anos	14/06/2017
E12	Porteiro	1992	25 anos	14/06/2017
E13	Auxiliar em Administração	2014	03 anos	14/06/2017
E14	Economista Doméstico	2004	13 anos	19/07/2017
E15	Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais	2013	04 anos	20/06/2017
E16	Pedagogo	1980	37 anos	20/06/2017
E17	Técnico em Estradas	2014	03 anos	20/06/2017
E18	Docente	2006	11 anos	20/06/2017
E19	Tecnólogo em Cooperativismo	1998	19 anos	20/06/2017
E20	Auxiliar em Administração	2014	03 anos	21/06/2017
E21	Docente	1975	42 anos	21/06/2017
E22	Docente	1996	21 anos	21/06/2017
E23	Docente	2009	08 anos	21/06/2017
E24	Docente	2012	05 anos	26/06/2017
E25	Técnico em Laboratório	2015	02 anos	26/06/2017

## APÊNDICE K – Transcrição das entrevistas

<b>1. Considerando as categorias de cor/raça do IBGE (preto, pardo, branco, amarelo e indígena), qual a sua classificação racial?</b>	
<b>E01</b>	Preta.
<b>E02</b>	Preta.
<b>E03</b>	Preta.
<b>E04</b>	Preto.
<b>E05</b>	Olha só, na verdade, eu nunca entendi essa classificação, que eu num sei se pardo é cor, né? E meus documentos todos estão como pardo, entendeu? Se não tivesse nos meus documentos como pardo, eu colocaria negro, entendeu? Então, eu preferia que fosse afrodescendente que é mais genérico, entendeu? Então, ela abrangeria um público muito maior, porque meu pai é negro, minha mãe é branca, então eu poderia me encaixar, né, como afrodescendente, entendeu?
<b>E06</b>	Negro, preto.
<b>E07</b>	Ah, eu me considero parda.
<b>E08</b>	Preta.
<b>E09</b>	Ah, baseado no histórico familiar, eu acho que negro.
<b>E10</b>	Preto
<b>E11</b>	Preto.
<b>E12</b>	Eu sou pardo.
<b>E13</b>	Pardo.
<b>E14</b>	Pardo.
<b>E15</b>	Preto.
<b>E16</b>	Parda.
<b>E17</b>	Pardo.
<b>E18</b>	Pardo, obviamente tá no registro de nascimento, né?
<b>E19</b>	Negra, preto.
<b>E20</b>	Cê sabe que eu ainda consigo responder só pardo. Cara, eu não sei. Eu tenho uns questionamentos em relação a essa questão é de ser negro ou não, assim. Até que ponto, eu ainda não consegui chegar a uma conclusão a respeito disso ainda, assim. É não consigo, às vezes eu acho que essa defesa do ser negro é uma coisa muito mais uma cópia de alguma de um modelo externo. Aí ainda não consegui, hoje eu consigo perceber a importância dessa discussão, mas ainda não consegui chegar a conclusão. Então, eu não consigo me definir como negro, assim... Engraçado isso, em termo de cor.
<b>E21</b>	Preto.
<b>E22</b>	Preto.
<b>E23</b>	Preto, preta.
<b>E24</b>	Parda.
<b>E25</b>	Pardo.
<b>2. Quando você ingressou na UFV? De que forma, qual o cargo e departamento de lotação?</b>	
<b>E01</b>	1994, concursado, concurso. Entrei como servente de obras na antiga Prefeitura de campu, hoje é Divisão de Conservação e Edificação.
<b>E02</b>	2011, concurso público, arquivologia, DHI.
<b>E03</b>	Março de 2013, via concurso, assistente em administração, Departamento de Microbiologia.
<b>E04</b>	2015, concurso público, Engenheiro eletricista, Pró-Reitoria de Administração.
<b>E05</b>	Em 1977. Não, na época num existia, não, na época num existia concurso público, aí a gente tem que deixar isso bem claro, porque hoje existe aí esse negócio ‘ah, que cê entrou no trezím da alegria’, isso é conversa fiada. Seu pai também entrou pela mesma forma. Como não existia concurso público, foi oportunizado a algumas pessoas o acesso, entendeu? Aí fala, ‘indicou’, num teve negócio de indicou, no meu caso foi muito específico, eu fazia graduação em Administração de Empresas e no curso de Administração

	de Empresas você tem o estágio obrigatório, é um programa dentro do curso de Administração. Como a universidade não tinha, né, como oferecer esse estágio fora da UFV, foi oportunizado aos alunos que quiseram fazer o estágio na UFV, é e nós entramos com carteira assinada. E aí no prazo do estágio, entendeu? Ao final foi perguntado ‘você gostariam de continuar?’, aí todo mundo continuou, num foi só eu. Então, é bom a gente deixar isso bem claro e tirar esse negócio, que o concurso só faz sentido após a Constituição Federal de 88, por quê? A Constituição Federal de 88, ela igualou quem tinha um determinado número de anos no serviço público, se eu num tô enganado, 5 anos de efetivo exercício, aos concursados. Então essa pergunta é até meio... Isso não cabe pra quem tava na universidade nessa época. Quando eu ingressei, eu ingressei na Diretoria de Material, no cargo de auxiliar administrativo que era um cargo do nível de apoio. Na época, a gente tinha nível de apoio, nível médio e nível superior. Então, quê que aconteceu? Eu entrei como nível de apoio, fui ascendendo até chegar ao nível superior, sem concurso, porque não existia concurso, entendeu?
<b>E06</b>	É, em 09 de fevereiro de 1994. Concurso, eu fui o primeiro da DTI a entrar por concurso. Na época chamava operador de computador, tá? E o concurso foi pra Central de Processamento de Dados, que depois virou DTI e depois houve uma reclassificação, a gente virou técnico em tecnologia da informação.
<b>E07</b>	95. Eu entrei em 95, com concurso público pra servente de limpeza e fui trabalhar na casa de hóspede, na época.
<b>E08</b>	Eu ingressei na UFV em, na realidade antes eu tenho... eu passei ser concursada, mesmo, eu passei no concurso foi em 1996, mas eu já trabalhava há 5 anos, né? Eu fui estagiária contratada.
<b>E09</b>	Maior... 27 de maio de 2003. Concurso público. Cargo, o cargo de Assistente administrativo e lotado no Departamento de Engenharia Agrícola.
<b>E10</b>	É... Em 93. Concurso, porteiro, Departamento de Engenharia Agrícola, eu já vim direto pro departamento.
<b>E11</b>	Então, o meu primeiro cargo foi auxiliar em administração em 2012 e eu fui lotada no Departamento de Direito. Depois em 2014 eu fui transferida pro Departamento de Geografia, ainda no cargo de auxiliar. Em dois mil e... Desculpa, eu me perco nas datas... 2013 eu vim pra Geografia ainda auxiliar. 2014 eu passei no concurso de assistente que é o que eu tô até hoje aqui ainda na Geografia.
<b>E12</b>	Concurso, é pra porteiro e eu vim pro Departamento de Fitotecnia. 1993.
<b>E13</b>	A trabalho em junho de 2014. Concurso, é pro cargo de auxiliar em administração e eu vim direto pra cá, Engenharia Civil.
<b>E14</b>	2004 eu comecei a trabalhar na UFV. Mas eu tô na UFV... Eu entrei pra estudar na graduação em 1990, formei em 94, voltei pro mestrado em 2001 e comecei a trabalhar em 2004. Na verdade, eu ingressei no concurso público pr'uma IFET, Instituto Federal no campus de São João de Evangelista, é em 2004 eu vim transferida. Meu cargo é economista doméstica e eu vim pro cargo de economista doméstica, Departamento de Nutrição. Só que em 2001, eu vim, fiquei lotada no Departamento de Economia Doméstica porque eu tava acompanhando cômputo, né? Com meu marido fazendo mestrado. Aí fiquei um ano lá, iniciei o mestrado em 2002, defendi a tese em 2004 e já comecei a trabalhar no Departamento de Nutrição.
<b>E15</b>	É... Em dezembro de 2013. Concurso público, é pro cargo de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, nível D, Departamento de Letras.
<b>E16</b>	1980. Concurso público. Na época foi pra auxiliar administrativo. Num tinha um setor, não, mas eu fui inicialmente para a Fitotecnia.
<b>E17</b>	2014 como técnico aqui, fiz mestrado e doutorado aqui também. Sim, técnico em estradas, pra trabalhar aqui no Laboratório de Materiais, Asfálticos e Misturas do Departamento de Engenharia Civil.
<b>E18</b>	2004, não 2006. Concurso público, professor, Departamento de Engenharia Agrícola.
<b>E19</b>	Como servidora? 98. Eu vim redistribuída de uma outra instituição pra cá. Meu cargo é Tecnólogo em Cooperativismo, eu sou lotada na Divisão de Extensão.

<b>E20</b>	Em 2014, concurso foi concurso público. Eu fui aprovado pro cargo de auxiliar em administração e fui trabalhar na antiga CCS (Coordenadoria de Comunicação) que agora virou Diretoria de Comunicação Institucional.
<b>E21</b>	Ah, como estudante, como profissional? Em 1975. Foi concurso público, Departamento de Economia Doméstica.
<b>E22</b>	Março de 96. Concurso público. Cargo de professora, era na época era auxiliar de ensino, né? Professora auxiliar, o cargo, e já foi aqui na Tecnologia de Alimentos, mesmo, Departamento de Tecnologia de Alimentos.
<b>E23</b>	Eu ingressei em janeiro de 2009. Foi concurso público e pra professor assistente, no Departamento de Matemática.
<b>E24</b>	Como docente? Como servidora no ano de 2012, antes disso eu era professora substituta. Concurso público, o cargo de professora assistente, no Departamento de Educação Física.
<b>E25</b>	2015, concurso público, é cargo de técnico de laboratório e, a princípio, pro Departamento de Bioquímica.
<b>3. Contou com algum tipo de políticas afirmativas? Se sim, qual?</b>	
<b>E01</b>	Não.
<b>E02</b>	Não.
<b>E03</b>	Não, na época não havia... A UFV ainda não tinha instaurado as políticas afirmativas pra raça.
<b>E04</b>	Não. Existia, não precisei.
<b>E05</b>	Não, 77. Num existia. 77 eu entrei como estagiário no refeitório, depois passei mais... A minha entrada na UFV efetiva foi em 1980 no estágio do curso de Administração, entendeu? Política afirmativa, isso é recente. Não existia. E aí, eu tenho muito orgulho disso, porque eu não usei cota, meu pai era analfabeto e nós somos 5 irmãos que entramos na UFV e concluímos o curso na UFV. E, por conta disso, meu pai morreu com 63 anos, que nós estudamos no Colégio de Viçosa, onde só estudava branco, das famílias de negros que tinha em Viçosa, era a minha família e outra família do Senhor José Henrique que já faleceu também, de Viçosa. Agora tinha os baianos que vieram na época que tinha o internato no Colégio de Viçosa, aí eles já era outra coisa, né?
<b>E06</b>	Não, na época num existia.
<b>E07</b>	Não.
<b>E08</b>	Não, na minha época não existia é as políticas afirmativas. Eu passei foi no concurso público de provas, fiz provas práticas e fiz prova escrita. Foi feito um concurso público especificamente pra TV, tá? E eu passei como primeira colocada. Era assistente de áudio-vídeo tape e trabalhei sempre como produtora, esse cargo ele sempre, né, me deu condições pra eu trabalhar como produtora. E depois eu fui me aperfeiçoando, me tornei jornalista, né? Eu escrevo pra jornais, revistas, é e sempre trabalhei na TV como produtora de vídeos.
<b>E09</b>	Ah... Se pensar assim... a grosso modo, não.
<b>E10</b>	Não.
<b>E11</b>	Pro concurso? Eu acho que os concursos que eu fiz ainda não tinha reserva pra negro. Mas, eu não tenho certeza, mas eu acho que não.
<b>E12</b>	Não.
<b>E13</b>	Não.
<b>E14</b>	Não, não.
<b>E15</b>	Não teve... Não me inscrevi pra cotas, nem lembro se tinha. Na época, eu num me atentei a essas coisas.
<b>E16</b>	Não.
<b>E17</b>	Não, não.
<b>E18</b>	Não.
<b>E19</b>	Nunca.
<b>E20</b>	Não, contei não. Na época, não.
<b>E21</b>	Não.
<b>E22</b>	Não, na época não existia nada, 96.
<b>E23</b>	Não, né, não.

E24	Não.
E25	Como seria isso? Não, tinha, mas é porque eu fiquei classificada antes, então num precisava. Optei, só que eu não precisei. Exatamente.
<b>4. Qual o cargo e departamento que trabalha atualmente?</b>	
E01	Hoje trabalho no Departamento de Nutrição e Saúde, como técnico-administrativo.
E02	O mesmo, DHI.
E03	No mesmo.
E04	Engenheiro eletricista, Gerência de Contratação de obras e projetos.
E05	Atualmente, meu cargo é administrador, sou administrador de empresas de formação e tô vinculado ao Bioagro.
E06	Eu sou técnico em tecnologia da informação, na Diretoria de Tecnologia da Informação.
E07	Em 2013 eu fiz um novo concurso pra assistente administrativo e até então eu trabalhando na Divisão de Assuntos Culturais. E agora em 2016 eu mudei pra Divisão de Extensão, né? No cargo de assistente administrativo.
E08	Eu atualmente estou trabalhando aqui na Divisão de Eventos, né? Porque depois que a TV foi privatizada, é desde que eu entrei na universidade tem 25 anos, é embora eu fiquei efetiva a partir de 1996, é eu já trabalhava, né, já tinha 5 anos e sempre trabalhei na área da comunicação dentro da televisão e atualmente é que eu estou trabalhando aqui na Divisão de Eventos.
E09	Departamento de Engenharia Agrícola, assistente administrativo.
E10	Departamento de Engenharia Agrícola, mesmo cargo.
E12	Departamento de Fitotecnia e hoje eu exerço uma função que não é a função de porteiro, é eu sou um, como se fosse um suporte administrativo da coordenação de curso.
E13	É eu sou chefe de expediente do Departamento de Engenharia Civil. O cargo é o mesmo, auxiliar administrativo.
E14	Só retornando um pouco a pergunta anterior, na época que eu ingressei não existia políticas afirmativas. O cargo é economista doméstica, técnica de nível superior, sou economista doméstica, Departamento de Nutrição e Saúde.
E15	Tradutor e Intérprete de Línguas de Sinais, Departamento de Letras.
E16	Colégio de Aplicação, Coluni. Pedagoga, coordenadora pedagógica.
E17	Técnico em Estradas, Departamento de Engenharia Civil.
E18	Professor associado. Engenharia Agrícola.
E19	No mesmo, Divisão de Extensão.
E20	Hoje eu sou chefe da Divisão de Atendimento aos Públicos da Diretoria de Comunicação Institucional.
E21	Trabalho no Departamento de Economia Doméstica, sou professora.
E22	Sou professora associada II, no mesmo departamento, Tecnologia de Alimentos.
E23	Sou professora, aí entrei como professora assistente, atualmente professora adjunta do Departamento de Matemática.
E24	Sou professora adjunta, do Departamento de Educação.
E25	O cargo, eu sou como técnica de laboratório, no Departamento de Nutrição e Saúde.
<b>5. Possui algum cargo comissionado ou função gratificada? Se sim, qual?</b>	
E01	Não.
E02	Não.
E03	Não.
E04	Não tenho.
E05	Não, hoje, não. Já tive. Já fui diretor de material e já fui diretor administrativo-financeiro no <i>campus</i> de Rio Paranaíba.
E06	Não, não.
E07	Não.
E08	Não, não.
E09	Não.
E10	Não recebia, não.

<b>E11</b>	Não.
<b>E12</b>	Sim, FG, acho que é FG 1.
<b>E13</b>	Chefia de expediente, né? FG 07.
<b>E14</b>	Não, atualmente, não.
<b>E15</b>	Não.
<b>E16</b>	Não.
<b>E17</b>	Não, só o salário aqui.
<b>E18</b>	Não.
<b>E19</b>	Não. Na época que eu respondi, tinha, mas eu perdi, porque eu entrei com o pedido de afastamento.
<b>E20</b>	Sim, chefia de Divisão, FG 2, no meu caso.
<b>E21</b>	Não.
<b>E22</b>	Sou coordenadora de curso, que é uma FG... Num sei, acho que é 2.
<b>E23</b>	Sim, atualmente eu estou como coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática da UFV.
<b>E24</b>	Não, atualmente, não.
<b>E25</b>	Não.
<b>6. Quantos chefes negros (negros em cargos de chefia/direção) você tem/teve na UFV? Conhece algum negro que ocupe este(s) cargo(s) em outro(s) setor(es) da instituição? E a que você atribui isso? Possui alguma relação com a questão racial?</b>	
<b>E01</b>	Um, Reinildes dos Santos, foi quando eu trabalhei na Divisão de Transporte, ele foi chefe da Mecânica, foi chefe da Mecânica da Divisão de Transportes. Dentro da UFV eu conheci um... Conheço um, um já aposentou e atualmente trabalhando tem um. O que aposentou eu não me lembro o nome dele porque ele trabalhava no aviário... na cunicultura, era um professor de lá que coordenava esse setor. E hoje o Pró-reitor de... O Erly Rosa, ele é Pró-reitor de Gestão de Pessoas. É no passado na UFV tinha muito isso, né? Que as pessoas negras num tinham muita oportunidade, então devido a isso que eu acho que tem essa situação. Hoje a coisa mudou um pouco, porque hoje ele tão procurando as pessoas que tem o perfil e tem a capacidade pra exercer a função. Naquela época num tinha isso, era mais as pessoas indicadas, mesmo.
<b>E02</b>	Nenhum. Em evidência assim, só o Pró-reitor de Gestão de Pessoas, o Ely Rosa. É um pouco de reflexo das políticas públicas, né? Que estão, pode se dizer que está iniciando ainda, cotas pra negro tanto no curso superior quanto pra concurso público, né? Então o impacto ele é demorado, mesmo. Quem defende cotas sabe que é médio e longo prazo. E tem um pouco da questão racial também. Na hora de indicar, de enxergar, o gestor, né, o mérito que tem no concurso falta neste critério de promoção, de indicação. Além do mais, a universidade, ela é um pouco domesticada, né, em relação quase de família, né? Tem pró-reitor, tem filho de reitor, tem filho de pró-reitor, isso acaba sem ser muito revelado, diluindo um pouco nos cargos de chefia, no meu ponto de vista.
<b>E03</b>	Nunca tive. Apenas o Pró-reitor de Gestão de Pessoas. Sim, porque eu acredito assim que, eu, por exemplo, tenho formação em administração e, pra, eu acho que, analisando, se eu tenho duas pessoas eu tenho que analisar primeiramente a questão da qualificação, a capacidade da pessoa, ou seja, critério objetivo. E eu acho que a cor da pele influencia, sim, na escolha.
<b>E04</b>	Nenhum. Só o Pró-reitor de Recursos Humanos. Ah... Ah, eu acho que sim, né? Tem, porque seja coisa da política, né? Talvez tenha a ver com a política interna.
<b>E05</b>	Olha, eu até tava com o jornal que seu pai me emprestou pra ler, aí tava o Baião. O único cara que foi meu chefe que não era branco, mas também não se compara a negro, é o Baião, professor Baião. Mas, na minha visão, ele é da minha cor. Então, num sei se ele seria pardo ou afrodescendente. Eu conheço, o Ely Rosa, Pró-reitor de Gestão de Pessoas. Só ele, pra nós foi uma decepção. Não, eu num acho que é racial, não, que infelizmente, a ocupação de cargos no serviço público, ela tá muito vinculada a você ter trabalhando ou não na campanha desse ou daquele reitor. Então, num é por competência também, não, é por indicação, entendeu? Então, isso eu quero deixar isso muito claro, porque eu ocupei o cargo

	<p>também. Por que que eu ocupei? Porque eu tinha os requisitos pra ocupar o cargo, eu sou administrador, eu sou tecnólogo em cooperativismo, eu sou formado em direito, os três na UFV, e tem especialização na UFLA que também é federal. Ely Rosa foi meu colega de aula, ele é formado em Direito, mas ele é auxiliar administrativo, entendeu? Só que aí com o apoio da ASAV é que houve a indicação dele pra ser Pró-reitor. Aí, o desempenho dele, é o desempenho dele. Agora, a indicação, o processo de ascensão ao cargo não tem nada de meritocracia na universidade e aí num é só ele, cê tá entendendo? Então num adianta falar 'ah, não, porque é negro, porque era capaz, num sei isso'. É mentira, isso é uma grande mentira, entendeu? Então, na universidade, eu tô na universidade há muito tempo, todos que ocupam cargo, tá, inclusive os pró-reitores, na sua maioria absoluta, só ocupam cargo porque trabalharam na campanha do reitor, entendeu?</p>
<b>E06</b>	<p>Ah... Eu não sei se eu poderia chamar negro, mas pelo menos pardo, nós tivemos o Gugu que até já faleceu, ele era chefe da Operação, na época. Ah, eu só conheço ele como Gugu, ninguém nunca soube o nome dele. Sim, sim, por exemplo, o Erly, num é? É Ely, Ely Rosa, isso, exatamente. Não, eu acho que isso é processo histórico, é coisa que, digamos as, na medida que as políticas vão sendo implementadas, essa representatividade, naturalmente, ela pode aumentar ou não. Mas, eu acho que é processo histórico, eu num vejo nisso, necessariamente, como é que eu poderia dizer, a coisa é um pouco complexa pra descrever, porque eu num vejo, necessariamente, uma discriminação, se bem que é uma discriminação, mas eu digo é um processo histórico que, na medida em que as pessoas vão sendo esclarecidas, eu creio que essas barreiras vão sendo eliminadas.</p>
<b>E07</b>	<p>É, só um. A atual, a Evanir, é coordenadora do núcleo aqui. É mais notavelmente, o Ely Rosa, né? Pró-reitor de Gestão de Pessoas. Eu acredito. Eu acredito que algumas pessoas imagina o negro como um, um incompetente, assim, que não teria condição. Não sei, eu tenho essa impressão que é isso.</p>
<b>E08</b>	<p>É... Nenhum. Eu conheço, né, o pró-reitor de ensino e extensão que é o Ely Rosa que é um negro que tá ocupando atualmente o cargo de pró-reitor e tem alguns professores, né? Mas muitos poucos professores negros aqui na universidade. Claro que tem. Eu mesma, eu tenho conhecimentos, pelo tempo, pela experiência, mas é essa questão ela é muito complicada, né, ou seja, eles não olham a gente pela capacidade que a gente tem de trabalho, né, nunca te valoriza pela qualidade, não, mas é pela cor da sua pele. Então isso influi muito, influencia muito.</p>
<b>E09</b>	<p>Eu tenho? Que eu tive? Eu acho que o único que eu conheço assim... Que foi um chefe de Departamento da Fitotecnia e hoje o Diretor de... o Pró-reitor de Gestão de Pessoas. É o Ely Rosa e o da Fitotecnia eu não me recordo. Não, eu acho que não.</p>
<b>E10</b>	<p>Eu não tenho. Nunca tive e nem tenho. Aqui na UFV só na DRH atualmente o Ely Rosa. Eu acredito que sim, porque o negro, a condição do negro ela é muito diferente da condição das outras pessoas, isso é coisa que vem desde antigamente, né? Então por isso que eu acho que hoje está o reflexo e esse reflexo não é só aqui dentro da universidade, esse reflexo também é na rua, né, nos bairros que a gente mora também a gente sente isso e a própria sociedade, principalmente quando cê vê a questão da violência hoje, o negro é o que mais tá, é atingido.</p>
<b>E11</b>	<p>Eu tive um quando eu vim aqui pra Geografia, foi chefe. Era o Edson Fialho, chefe do departamento. Conheço de saber quem é ou conheço de contato? Conheço. Tem o Ely que é Pró-reitor de Gestão de Pessoas, mas quem? Não... Conheço, ah, que eu lembre agora só ele. Eu acredito que não, que vai pesar muito também a formação da pessoa.</p>
<b>E12</b>	<p>Dois, é eu tive o professor José Maria, né? E... É, mas o outro eu acho que não vou considerar como... Vou dizer um porque negro mesmo é o José Maria, né? José Maria Moreira Dias. Olha eu conheço o Erly Rosa, né? Que é o, é hoje ele é o gestor da PGP. Só, no momento o Zé Maria não ocupa cargo de chefia. Eu num acredito que seja pela questão da... De discriminação racial. Mas é... Acredito mais em função de que infelizmente no passado o negro ele não tinha tanta oportunidade como hoje. A gente percebe que essa... Esse conceito tá mudando, mas ainda é de forma muito lenta, então querendo ou não acaba influenciando, mas num acredito que dentro da universidade seja por isso, não.</p>

<b>E13</b>	Eu tenho o chefe do Departamento de Engenharia Civil que é negro. É Taciano Oliveira da Silva. Ah... O atual Pró-reitor de Gestão de Pessoas é negro, que é o Ely, né? Olha que eu me lembro é só eles. É difícil responder, né? Porque eu acredito que não, acredito que a UFV não faz essa distinção pra cargos de chefia, eu acho que vai mais da competência, mesmo, e experiência talvez de cada um. Mas, eu imagino que essa baixa representatividade vai mais da... De outros fatores anteriores a isso, né? Até da nossa afirmação, mesmo, como indivíduo, e eu acho que a questão racial ela é muito, muito forte no país, mesmo o país tendo tanta diversidade de raça, né?
<b>E14</b>	Nenhum. Sim, é o Ely que é Pró-reitor de Gestão de Pessoas. Tem o próprio Renato, que ele é, Renato professor aqui do departamento, que ele tem uma assessoria, que é um cargo, uma função comissionada. Que eu me lembro, são esses. Eu acho que sim, porque eu acho que é... Eu acho que o acesso dos negros a educação, a... A própria ingresso aqui na instituição, eu acho muito inferior a dos brancos e aí por isso eu acho que eles tem menos representatividade dentro desses cargos comissionados. Como a gente tem muito, tinha, né, antigamente, muito menos negros, eu acredito que ingressava como funcionários, que estudavam na UFV, hoje em dia a gente tem menos representantes dessas classes. Mas eu acho que isso tá mudando.
<b>E15</b>	Nenhum. De chefia? É o Pró-reitor de Gestão Pessoas, o Ely Rosa. Olha... Geralmente esses cargos de chefia e direção são cargos ocupados geralmente por professores. Se você for olhar o percentual de professores negros é muito pequeno. Temos, mas é muito pequeno. Então, eu acho que exatamente porque os negros não estão ocupando cargos mais elevados é que eles também não estão em tantas funções de chefia e direção.
<b>E16</b>	Nenhum. Sim, agora o atual subchefe de gabinete que foi o Pró-reitor de Gestão de Pessoas... Diretoria, Pró-Reitoria, como é que é? Só ele, pra te falar a verdade, agora no momento que eu me lembro. Num sei. Eu acho que pelo número de... De servidores e professores, mesmo. Num sei, sinceramente, eu num sei te falar.
<b>E17</b>	Atualmente, o chefe do departamento, professor Taciano Oliveira da Silva. Não. Eu creio que está melhorando, mas eu acho que tem relação, sim.
<b>E18</b>	Zero. Hum... A ASAV conta? O professor Fred talvez do CEAD, mas eu não sei se ele se considera negro. Ou ele é... O Fred agora eu acho que é Pró-reitor de Ensino, né? O único. Bom, inicialmente deve-se ao fato de ter muito poucos professores negros, né? Agora, o fato de ter poucos professores negros, deve-se ao fato de você ter uma diferença socioeconômica muito grande de pretos e brancos, né? Então, daí surge toda essa problemática.
<b>E19</b>	Nunca tive. É tinha o Ely, né? Tinha o Ely. Professor, mas, né, o cargo dá uma embraquecida na pessoa. É, mas servidor, só me vem agora o Ely. Ah, sim. Então, então o Ely, tem um professor daqui da Nutrição, que tá lá na PCD. É... Não me vem mais ninguém. Engraçado, né? Triste. Eu acho que tem, mas é velada, é sempre uma coisa muito velada. Não é porque, é porque... Né? Eu acho que a questão racial ela é colocada, mas ela é sempre de forma escamoteada, ali, não, né? O critério foi competência, mas como assim? Né? Eu... Eu mesma, né, eu passo por isso muito porque eu... Esse cargo que eu acabei de perder agora é de um órgão que eu tô nele desde a criação, em 2011, e desde 2011 que tinha a promessa de uma gratificação pra ele. Essa gratificação veio no meio do ano passado e era um setor que tinha uma certa visibilidade na universidade, todos reconheciam a importância do setor. A ponto que na última campanha sucessória aqui, todos os candidatos falaram e aí nunca vinha essa gratificação. Ano passado ela veio, uma FG 5, aí eu fui procurar saber. Eu era a única chefe de serviço, né, com FG 5, da universidade. O resto era no máximo FG 3, a minha foi FG 5. 'Ah! Porque não tinha na hora', mas coincidência, né, um mês depois tinha... Aí saiu uma outra FG... Saiu um outro chefe de serviço, um mês depois, já com FG 1. Mas, coincidentemente, no meu momento não tinha disponível, né? Então tem muito isso.
<b>E20</b>	Nenhum. Conhecia o Ely, né? Não... Com certeza. Na verdade quando a gente pensa nas chefias da universidade é só fazer um paralelo com tudo que acontece fora da universidade, em outros espaços, assim. É fatalmente a gente não tem essa visibilidade, assim. Eu

	<p>costumo dizer que eu tive muita sorte, sou novo de universidade e, por acaso, o meu chefe, o meu superior, não, até onde eu percebo, ele não enxerga a competência relacionada com alguma questão de cor, assim. Então, a gente começou a trabalhar junto, atendia as coisas que a Diretoria precisava e assumi esse cargo. Até fiquei muito surpreso na época, fiquei surpreso por ser novo e por ser negro também, assim. Eu sempre digo isso, em vários lugares, assim, todas as vezes que a gente tem um... Enquanto a gente não ocupa um espaço de poder, a gente é qualquer pessoa. Quando você ocupa um espaço de poder ou você entra em algum processo de disputa, você é negro. Então, tipo assim, quando um chefe assume aí ele tem cor, mas se for um funcionário qualquer, não. Mas se ele for chefe, se ele tiver um destaque, aí ele já vai ter cor, entendeu? E vai ser negro ou vai ser preto, enfim, as denominações que as pessoas derem, mas aí ele passa a ter cor e sempre uma cor que diferencia ele, porque se for branco também não faz diferença nenhuma, não.</p>
<b>E21</b>	<p>Nunca tive. Conheço, tem o Pró-reitor, né? Que acho que agora num é Pró-reitor mais... Eu acho que desde a época que eu entrei aqui que o próprio número de negros aqui é pequeno. Então, naturalmente, a representatividade em cargos de direção também é pequena.</p>
<b>E22</b>	<p>Que foram acima de mim, cê pergunta? Que eu conheço? Que foi meu superior? Bom, aqui no Departamento, nenhum. Num lembro de nenhum. A Pró-Reitoria de Ensino teve o... Tem, acho... Não, saiu agora, o Ely Rosa. Na Gestão... Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, exatamente, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. Eu não sei como que ele se coloca, mas eu acho que o professor Simões que foi diretor de Centro, na época que eu tava na chefia, é, talvez pardo, né, não exatamente negro, mas pardo. Então, eu tava falando do professor Simões, o professor Simões ele é negro, pardo, né? E ele foi diretor de Centro, um período. Eu não tô conseguindo lembrar de mais nenhum, nesse momento, mas eu até fico chateada, assim, se teve, porque realmente eu não me lembro. Eu acho que tem, mais é bem fundo, né? É o fato da gente ter poucos professores negros, inclusive, e esses cargos serem quase que em sua grande maioria, historicamente, exercido por professores. E a gente quase não tem professor negro. Então, os servidores técnico-administrativos, eu num tenho o número, mas eu acredito, pelo que eu conheço da universidade, que cê tem um número maior de negros, né, ocupando os cargos, né, na... Não comissionado, nem de chefia, não necessariamente de, mas sendo é concursados e trabalhando na universidade, um número maior, professores não tanto. E, assim, até bem recentemente, e olha que eu tô aqui desde 96, a gente não via nenhum desses cargos, principalmente de cargo de direção, de CD, mesmo FG, mas de CD, você não via sendo ocupado por nenhum outro que não fosse professor. O que pra mim já é uma forma de discriminação, não necessariamente racial. Mas, é lógico, quando você encara que você tem pouco negro como professor, aí já entra inclusive pra questão racial, também. É triste, eu acho.</p>
<b>E23</b>	<p>É quando... Na época que eu fiz o concurso, o chefe do departamento da Matemática era negro. Foi o único e não está mais na UFV, ele foi remanejado, pediu, né, pra sair. O nome dele é Luiz Cláudio Pereira, acho que é. Nenhum. Eu acho que tem, né? Eu acho que é visível, assim. Eu sempre me atento pra isso, principalmente depois da minha tese que envolve etno-matemática, envolve a questão das minorias. Então, eu sempre olho nos ambientes e percebo que essa questão de pessoas negras é bem menor o número. Então, eu acho que é questão, mesmo, do acesso, é questão das oportunidades e do preconceito, mesmo. Eu acho que ainda existe.</p>
<b>E24</b>	<p>Nenhum. De chefia? É, fazendo uma busca rápida na memória, me lembro apenas de um, que se eu não me engano, era o Pró-reitor da Gestão de Pessoas, se eu não me engano. É o Ely Rosa. E aí uma outra dúvida, só com relação a quando você pergunta cargo comissionado, é cargo comissionado e? Bom, pra tentar dar uma resposta rápida, né, o que não é muito possível, mas isso é um, acho que é um legado de todo processo histórico de escravidão no Brasil, né? Lembrando que nós fomos o último país a abolir a escravidão, então isso vai rebater na nossa representatividade aqui dentro da universidade. Então, por isso que hoje a gente acessa menos esses espaços e, quando acessa, se a gente for fazer um estudo breve dessas trajetórias, são trajetórias que tiveram, com certeza, muito percalços, muito obstáculos, né, pra chegar a esses lugares.</p>
<b>E25</b>	<p>Nenhum. Não. Na verdade, eu acho que vem desde da base. Eu acho que, eu falando pelo</p>

	<p>meu curso, no curso éramos 2, só tínhamos 2 negros, vamos classificar assim, no curso de 40 alunos. Então, eu acho que começa daí, como já tiveram menos oportunidades até você chegar lá em cima, eu acho que é mais difícil. Na minha época, não tinha cota também, então quando eu fiz vestibular, na minha época era vestibular, ainda, a eu falando que eu tô velha, então já, eu acho que não é a mesma realidade que o pessoal vai enfrentar hoje. Vamos supor, quem tá entrando na graduação hoje, talvez, tô só supondo que eu também não sei, num tenho contato com ninguém que tá com graduação, mas eu imagino que, talvez, possa ter aumentado o número de negros inseridos na graduação. Mas, eu acho que vem daí, se já não tem acesso a graduação, chegar lá em cima, então, é mais difícil ainda.</p>
<p><b>7. Qual a sua posição a respeito das políticas de cotas raciais? Por quê?</b></p>	
E01	<p>Então, eu sou a favor, no momento eu sou a favor porque as oportunidades para as pessoas de pele negra ela é mais difícil um pouco, as pessoas as vezes não dão muita credibilidade por ser negro. As vezes a pessoa tem uma competência muita grande, tem o conhecimento da área, da função que ele vai exercer, mas por ser uma pessoa de cor negra, ela é sempre deixada em segundo plano. As pessoas terem mais oportunidade. Tanto no serviço público quanto nas cotas pra entrar dentro da instituição, né, federal, das universidades, acho que essa cota veio pra... Não só negros, os índios também. Então, assim acho que veio pra dar oportunidade pra todo mundo.</p>
E02	<p>Eu, embora nunca tenha sido beneficiado, eu sou totalmente favorável, um pouco porque eu já militei nisso, eu trabalhei no pré-vestibular comunitário com recorte racial e ajudei a mobilizar um fórum de juventude negra no Espírito Santo. Mas, o ponto principal, assim, do fato de eu ser favorável, sobretudo no mercado de trabalho e na universidade, é por conta de atingir uma equidade, né, que é necessária pra um país que teve três séculos e meio de escravatura e a maior do mundo, mais de 100 anos com ela na ilegalidade. Então, essa reparação pra chegar não numa igualdade, mas minimamente numa equidade, ela é necessária. E, acredito que isso vá mexer na construção do imaginário das crianças, quando enxergar num par dele, da comunidade, da cidade, frequentando certos cargos e certas empresas e certas instituições, esse imaginário pode ser alargado pra além do que é posto hoje, que é o tráfico, a criminalidade e outras coisas.</p>
E03	<p>Olha há um tempo atrás eu era contra, mas porque eu não entendia o verdadeiro valor disso e a contribuição que isso traz pra nós como negros. Hoje por exemplo eu sou totalmente a favor e inclusive sou a favor de que se cumpra, por exemplo, coisas que eu vejo que não são cumpridas, a questão de reserva mesmo de parte dos cargos para que essas pessoas, né, por exemplo, para que nós negros desde que qualificados, que a gente tenha qualificação adequada pra poder desempenhar a função que seja reservada em cargos de chefias, acesso a educação como um todo. Inclusive eu tive pesquisando a questão dos programas de pós-graduação em algumas outras instituições que existe a reserva de cotas para negros, porque, por exemplo, no meu programa em 04 anos eu vi um estudante negro, um.</p>
E04	<p>Sou a favor, porque é o negro geralmente é de classe baixa, mais baixa, né? E não tem muita oportunidade de estudo. Não que ele não seja capaz, mas a própria cultura, né, é faz ele se... pensar que ele é incapaz.</p>
E05	<p>Eu sou a favor, por quê? Porque é uma questão de oportunidade. É igual eu te falei, eu, graças a Deus, eu tive oportunidade que eu tive um pai que teve essa visão, entendeu? Mas, quantos negros que não tiveram essa oportunidade. Então a sociedade brasileira, ela deve isso aos negros, por quê? Nos Estados Unidos, você sabe qual que é a história de lá, né? Quando houve a abolição da escravatura, o negro teve um pedaço de terra, uma mula e tantos dólares pra ele trabalhar, o que não aconteceu no Brasil, entendeu? Mas, por quê? Lá pra abolir a escravatura, você que é estudante de história, você sabe, houve uma guerra civil, entendeu? Que resultou com a abolição. No Brasil num foi. Então, por isso, quê que aconteceu no Brasil? Quando houve a abolição da escravatura, todo mundo comemorô, mas e depois da comemoração, nós vamo trabalhar pra quem? Entendeu? Aí, nós fomos trabalhar pro mesmo patrão e agora sem vínculo nenhum, porque antes a gente tinha casa, tinha um certa regalia. Aí depois não, agora vocês são livres, são livres pra ir pra onde? Pra fazer o quê? Entendeu? Então, eu vejo que é essencial que essas cotas sejam concedidas como uma dívida da sociedade brasileira com os negros que contribuíram tanto quanto ou</p>

	até mais do que muitos brancos e mais que do que muitos japoneses, mais do que muitos alemães que chegaram aqui como donos e nós chegamos aqui como escravos.
<b>E06</b>	<p>Sou completamente contra, completamente contra. Pra eu que sou formado aqui na UFV, em Pedagogia, e eu tive oportunidade de dirigir uma escola, né, eu fui professor, fui coordenador e tal e dirigi, na verdade, eu era até dono da escola, uma escola técnica, e eu sou contra, até em função da minha própria história, né? Eu num sei se cê observou, eu falei que fui o primeiro a entrar aqui na UFV por concurso, é porque eu passei em 1º lugar, tá? E quando eu fiz o vestibular aqui, eu também passei em 1º lugar. Quando eu entrei na... Eu vim pra cá pra Viçosa pra estudar, pra ficar 2 anos aqui e eu vim do Rio de Janeiro, eu trabalhava lá no Citibank, eu fiz um concurso lá também, também passei, eu num posso afirmar que eu fui o 1º porque entramos eu e uma outra garota, os primeiros que entramos, num universo de 3000 candidatos, entramos eu e ela, então eu posso ter sido o 1º ou o 2º, mas pelo menos um dos primeiros, tá? Anteriormente, eu estudei na Universidade Federal de Pernambuco, né, e eu comecei a trabalhar na área de informática naquela época, participei de uma série de seleções e, graças a Deus, eu sempre me dava muito bem, mas isso por conta de um fato da história, da minha história: eu estudei nos melhores colégios que tinha em Recife, tá, públicos, todos público. Eu sou nascido de uma família muito pobre, eu sou oriundo de uma favela de Recife, eu prefiro o termo favela ao termo comunidade, que eu acho que esse termo ele num diz o que de fato é, é uma forma de você meio que pasteurizar uma realidade, né? Então, eu, apesar de ser de uma família muito pobre, o meu pai, que quando eu nasci ele tinha 52 anos, meu pai tinha a 1ª a 4ª só, mas na minha casa era cheia de livros. Meu pai ele, na época num tinha sistema de assinatura de revistas, mas sempre ele levava pra casa jornais, levava sempre a Fatos e Fotos, Manchete, as revistas da época, igual Cruzeiro e tal e ele ensinou pra gente... O primeiro presente, que eu me lembro de ter recebido do meu pai, foi um livro, tá, um livro de inglês pra crianças e tal. E ele sempre enfatizou isso e, apesar de ser uma família completamente desestruturada, né, o meu pai, ele era... A minha mãe era uma das esposas dele, isso muito comum lá, a uma das 4 ou 5, nem sei. Num conheço todos os meus irmãos, tá, a família, eu sou o caçula daquele núcleo lá, né, somos 4, minhas 2 irmãs, depois meu irmão e eu. E, eu sou o caçula, eu sou o que viveu o tempo mais pesado da família, porque foi o período em eles se separaram e tal e aquela coisa que cê conhece. Mas, pra mim, tem alguns fatos na minha história que, marcam muito positivamente: isso, primeiro que eu falei, o apreço que o meu pai tinha pela leitura, e segundo porque, eu num sei, mas eu participei de algumas seleções a partir de determinado momento, na época tinha exame de admissão, eu fui pro Colégio Estadual de Pernambuco, depois fui pra Escola Técnica Federal de Pernambuco, depois Universidade Federal de Pernambuco. Então, na verdade, essa boa escola, tá, ela fez uma diferença na minha vida, tá? Eu tenho 3 irmãos, né, meus irmãos num tiveram, nesse sentido, esse mesmo sucesso. Mas, como eu tô falando, a minha visão é, se tiver que ter cota, eu acho que ela mascara uma a... Primeiro ela é uma medida é populista, eu odeio medida populista, sabe? Eu acho que as medidas precisam ser efetivas e pautadas em justiça, tá? Então, só um outro exemplo pra você entender, é há alguns anos eu visitei Curitiba, Paraná, fui fazer um curso lá e quando eu estive lá, eu visitei um trabalho de uma igreja, eu sou evangélico, né, sou batista há quase 40 anos e nós visitamos um trabalho lá de uma igreja que eles tinham um trabalho que mantinham na favela e num dado momento eles trouxeram um coral de crianças pra cantar lá, crianças atendidas por aquele trabalho social e eu fiquei assustado, porque eu sou de Recife, em Recife pobre é igual a negro, tá? E aí de repente eu vi aqueles menininhos com cabelinho de, como diz, de milho, aquela coisa, menininho de olho azul, tudo muito pobre, muito pobre. Aquilo me assustou, eu digo 'cara', mas eu num, tipo assim, foi chocante pra mim. Então, eu aceito a ideia de algum tipo de, não necessariamente cotas, sabe, mas assim, algum tipo de benefício que possa ser oferecido a quem tá em desvantagem social, tá, não necessariamente é a questão de raça, porque a gente encontra em realidades distintas pessoas de outras raças que estão naquela desvantagem também. Então, eu acho que é muito válido algum tipo, como inclusive a UFV pratica, a questão dos alojamentos, etc., etc., que eu acho que isso aí é perfeito, tá? Agora, como, só retornando pra você entender, no caso, eu entendo que uma boa escola, ela</p>

realmente, ela pode fazer isso, né? Eu cito o meu exemplo, porque eu digo, eu entendo que as oportunidades que eu tive, né, de cursar uma boa escola me deram essa vantagem, tá? Então, pra mim, tem situações na minha vida, eu acho que essa aqui também vale pra você entender, eu sempre, num é que eu confio muito em mim, não, mas eu sempre achei que eu preciso realizar as coisas sem precisar me sentir devedor a alguém, sabe, eu acho que isso é mais digno e eu entendo que, isso é falando aqui no Brasil, o sistema de cotas tem sido implantado como se fosse uma benesse, isso aí me revolta, tá? Então, pra mim, eu lutar pra conseguir os meus objetivos, sabe, passar por cima de toda oposição, eu acho que isso vale muito mais. Um exemplo que eu te dou, eu sou oficial da reserva do Exército, né, é o chamado R2, que quando eu servi, eu fui pro CPOR, que é o Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva, lá de Recife, e quando eu fui pra seleção, quando eu fui me inscrever teve um fato que marcou a minha vida, marcou muito: eu tava na fila, aguardando pra fazer a inscrição, e aí passou um oficial, capitão Lubião, depois eu vim a conhecê-lo, ele quando me viu na fila, ele veio na minha direção, chegou e perguntou pra mim 'quê que cê tá fazendo aí?', aí eu falei 'eu tô aqui pra me inscrever', eu nem sabia o que ele pretendia, né? Aí ele me pegou pelo braço, me arrastou da fila e falou 'não, a sua fila não é essa, a sua fila é aquela outra'. Tinha uma outra fila lá que era o pessoal que ia se inscrever pra soldado, né, pra recruta. E a fila lá era pra o pessoal que pretendia fazer o curso pra se tornar oficial. Aí ele começou a falar comigo, né, na verdade não falar, começou a me agredir, tá, xingar, tudo que cê puder imaginar, tá, e o cara falou, falou, falou, falou, falou e me marcou porque, foi uma das primeiras vezes na minha vida, em que eu chorei diante duma pessoa que eu nunca tinha visto. O cara me humilhou de todas as formas que cê puder imaginar e aí falou, falou, 'tá, beleza, tudo bem', quando ele acabou o discurso dele, eu me levantei e voltei pra fila, tá, e fui lá, tinha num sei quantos candidatos, pelo menos uns 500, e eu passei em 13º, tá? Então, ele não pôde impedir que eu entrasse, mas esse cara me perseguiu o curso todo, tá? Eu tenho uma situação que eu vivi, que uma vez eu fui preso, porque escola militar tem essa rigidez, né, porque um colega estava tentando colar da minha prova. E eu por conta de algumas coisas que eu ouvi do meu pai, meu pai falava 'olha, você nunca vai poder ser o 2º, ele sempre falou isso comigo, aliás isso foi um peso na minha vida toda, ele falava 'ó, você nunca vai poder ser o 2º, se você for 2º cê tá fora', tá, então eu sempre me esforcei muito, muito pra, sabe, tirar o máximo que eu pudesse de mim. E, no caso lá do CPOR, eu tinha, eu sempre tive esse esquema, eu tenho na minha história não colar, não colar por quê? Porque eu sempre entendi, eu preciso, é fui eu que fiz, tá, num devo nada a ninguém. Eu tenho muito esse negócio, num devo nada a ninguém, tá? Então, quando eu começava a fazer uma prova, eu mergulhava nela e podia cair o mundo ao redor, eu num tava sabendo. Então nesse dia a mesma coisa, de repente eu tô lá fazendo a prova, aí o tenente Tadeu falou 'ô, Almir, cê num vai... Como que é aí... O Lopes tá aí e tal, você...' e no final eu fui preso, porque o cara tava tentando colar da minha prova e, quer dizer, eu num tinha absolutamente nada a ver com isso, sabe? Então, esses fatos meio que marcaram muito a minha história, sabe? Então, eu procurei me esforçar muito, muito, o que eu podia pra poder vencer essas dificuldades e eu acredito nisso, sabe? Ah, você pode dizer 'ah, mas tem gente que vem de um contexto de violência, de todo tipo de situação', é eu entendo isso porque eu venho desse contexto, eu tenho uma irmã que é completamente traumatizada, ela tem 63 anos hoje e até hoje ela num achou rumo na vida porque minha mãe quando batia nela, num batia, espancava, agredia. A minha família é uma família muito louca, sabe, nesse sentido, mas eu creio que a gente pode reagir de forma diferente a uma determinada posição, tá? E, pra mim, realmente, o fato mais importante na minha vida, nesse sentido, e nisso eu creio mesmo, sabe, é a questão da fé, é a questão da experiência que eu tive lá quando eu tinha 21 anos, que eu conheci a Jesus, que eu conheci, a minha vida pôde ser, sabe, transformada mesmo e eu coloquei minha vida nas mãos de Deus e graças a Deus, eu cheguei a conclusão de que eu não sou competente pra gerenciar isso aqui, num é? E, a partir daí, eu comecei a ver muita coisa acontecer, sabe? E isso, inclusive, não significa necessariamente sucesso, a gente ter o sucesso da vida, mas eu creio na importância do sucesso pra você caminhar, sabe? Eu valorizo muito quem batalha, quem luta, sabe? E então isso aí foi muito... É só um detalhe pra você entender, né, eu sou casado há 34 anos,

eu tenho 6 filhos, tá? Dos meus 6 filhos, 5 já passaram aqui pela UFV, tá? Tem um que tá concluindo agora o curso de Jornalismo, os outros 4 já concluíram o curso aqui, tá? Eu e minha esposa a gente tem, também estudamos aqui, eu tinha começado o curso lá na federal de Pernambuco, mas eu não concluí porque eu fui pro Rio de Janeiro pra trabalhar, e aí, quando a gente veio pra cá, eu fiz o curso de Pedagogia aqui e ela já tinha um curso lá, né, Comunicação do Visual e aqui ela fez o curso de Letras, né, e ela é tradutora da UFV, né, ela trabalha aqui também. Então, nesse sentido, né, eu creio que esses parâmetros são importantes, por isso que eu não aceito a ideia de cota, porque eu acho que a cota racial, sabe, ela é... Eu já li muito, eu estudei muito sobre o sistema de cotas, a ideia das cotas nos Estados Unidos, num é, a discriminação positiva, na época se falava muito e tal e eu entendo que ela produz uma coisa que é muito ruim pro país, nós tamo vivendo isso hoje, hoje a gente tá vivendo num país esfacelado, em que a gente olha com desconfiança pro semelhante, sabe? Ah, vou te dar um exemplo, eu vivo isso, eu muitas vezes caminhando aqui no *campus*, eu percebo como pessoas, pô, eu tô com 59, vou fazer 60 agora em novembro, e eu vejo como pessoas muitas vezes tomam um susto quando me percebem, tá? Eu tô andando assim e mulheres, por exemplo... Uma coisa que eu até habituei a fazer, eu muitas vezes quando eu passo por uma garota, eu faço questão, até, depois eu comento um outro detalhe, mas assim, eu olho pro chão, olho pro lado, tipo, são formas que eu uso até pra não me aborrecer, tá, porque é muito pesado você viver com este esquema, sabe, de você perceber que as pessoas, eu já li muito sobre representação do negro, sobre como, tem trabalhos acadêmicos muito interessantes sobre como é visto e tal e tal e tal. Então, eu, até a partir dessas coisas que eu conheço, eu, vamos dizer assim, eu prefiro me prevenir contra algumas coisas, sabe? Mas é como eu tô te falando, então, por isso que eu prefiro outra alternativa. Vamos dizer, nós estamos aí a quantos anos da Constituição de 88, um regime democrático, nesse tempo a gente podia ter revolucionado a educação do país, de verdade, tá? A gente tem promessas que foram feitas na instalação desses governos e a gente vê que, infelizmente, era só pra inglês ver, enquanto isso eles estavam surrupinando as riquezas do país e tal. Quer dizer, a gente poderia hoje tá produzindo produto de tecnologia. Eu num sei qual é a tua área de origem, num é, porque o teu mestrado é na área de história, tal, tal, mas, eu digo assim, o quê que eu percebo, a gente poderia ter construído um país, realmente mais, com mais oportunidade, tá, se a gente tivesse caminhado na seriedade, sabe, com o compromisso de, quando você estuda, eu estudei muito, sobre os Tigres Asiáticos, a Coréia do Sul, Tailândia, etc., aqueles países todos, e a gente vê que são países que conseguiram vencer a pobreza, o analfabetismo, a ignorância e hoje eles são nações realmente desenvolvidas. A gente optou por um caminho que, até muita gente crítica 'ah, essa história de deixar o bolo crescer pra dividir', pô, mas esse bolo tem que crescer, porque quê que adianta, a gente fica falando em dividir, tamo dividindo miséria, sabe? Infelizmente, os sistemas políticos socialistas, eles nunca foram bem-sucedidos nessa questão de enriquecer o país e fazer com que ele realmente se desenvolvesse, de fato, tá? Então, eu acho que essas coisas, me levam a esse posicionamento, sabe? Ah, vamos analisar Ely, Ely chegou onde ele chegou como? O cara é competente acima de tudo. Cê pode falar o que for, todo mundo reconhece a competência dele. Ele é um cara que num é nem nível E, né, e hoje você vê como pró-reitor, tá? Então, pra mim, isso é que precisa ser estimulado, sabe, na minha, essa questão de você entender que você tem valor, sabe, que você pode atuar, ter uma atuação... Desculpe, deixa eu colocar algumas coisas da minha história, ah, como eu te falei, né, quando eu vim pra Viçosa, eu, até porque eu trabalhava em 6 horas, o meu cargo era de 6 horas, até uns 2 anos, eu trabalhava em 6 horas, depois houve uma mudança aí e tal, a gente passou 8 horas mais tarde, mas como eu trabalhava em 6 horas, eu na minha vida toda eu sempre tive mais de 1 emprego, sempre trabalhei no mínimo, no mínimo 12 horas por dia, sempre, tá? Até porque como eu tinha 6 filhos, né, num eram 6, mais 4, 5, 6, sempre muitos filhos, então eu e minha esposa, a gente fez essa opção e ela durante um bom tempo ela ficava em casa, ela já ficava por conta das crianças. Depois quando a gente veio pra Viçosa, ela voltou a estudar, depois ela começou dando aula no estado e tal, depois ela primeiro no ICBE, depois no Colégio Anglo e depois aqui. E eu dava aulas inicialmente em cursinho de inglês, apesar de que eu nunca tinha feito curso de inglês, é uma outra

	<p>história também pra contar, mas é depois, mas eu dei aulas no CCA, depois eu fui dar aulas no Colégio, que na época era o Colégio Objetivo, depois virou Colégio Integrado, da rede Pitágoras, né, e, posteriormente, a gente abriu a escola porque nós começamos com o curso técnico lá no Pitágoras e aí a gente decidiu, éramos um grupo, 5 (4 técnicos daqui mais 1 outra pessoa que tinha sido aluno da gente). Abrimos a escola, ficamos quase 15 anos na escola, né, como professor, coordenador, diretor e, nesse período, eu me envolvi muito com um grupo que tinha aqui em Viçosa que, porque a escola era de informática, né, então a gente se envolveu muito com um projeto do SEBRAE que foi o desenvolvimento do polo de TI daqui de Viçosa e eu participei ativamente lá, junto com empresários daqui da cidade e, posteriormente, inclusive eu participei da diretoria da Casa do Empresário, tá, eu tive a oportunidade de ter assento no conselho do CENTEV aqui, hoje eu faço parte do conselho de uma instituição que tem aqui em Viçosa, Centro Evangélico de Missões, tá? Então, o quê que eu tô querendo dizer é o seguinte, eu nunca vi, vamos dizer assim, impedimento, eu vi dificuldade, mas essas dificuldades sempre foram importantes pra mim, porque elas me motivavam a me superar, tá? Então, nunca vi alguma barreira que dissesse ‘não, você não entra aqui’, tá? E, graças a Deus, olha eu, no tempo da Casa do Empresário, era o Arnaldo Andrade que era o presidente, o Eustáquio, né, da ótica, que era um dos membros, o Nelson Maciel que era o diretor de indústria, eram, sabe? Então, vamos dizer assim, eu nunca tive interesse em atuação política partidária, mas eu sempre tive interesse em atuação política no sentido de participar, participação política, de me envolver com o quê que é a nossa cidade. Eu sempre, inclusive, digo no sentido de dívida pra com a cidade, no sentido de que ora é aqui onde meus filhos estão sendo criados, né, estão aprendendo, estão progredindo, então eu sempre achei que eu preciso tá envolvido com isso pra tornar essa cidade melhor. E, como eu tô te falando, graças a Deus, eu tenho certeza, eu tenho tido o respeito das pessoas com quem eu tenho convivido, sabe? O fato de eu não ter cargo aqui de chefia, eu atribuo, e eu sei que é isso mesmo, ao fato de que por muitos anos eu trabalhei em 6 horas, então é mais difícil você ter um cara que trabalha em 6 horas assumir uma chefia e nesse período eu dava aulas, eu isso, eu aquilo, aquilo, quer dizer, não era minha atividade principal, efetivamente, não era, tá? A minha cabeça tava envolvida com muitas coisas. Então, só a partir de 2 anos pra cá que eu comecei em 8 horas, então, até como eu tô em fim de carreira, de repente isso num faz muita diferença, mas eu num vi nisso um impedimento, tá? Quando eu fiz o concurso pra aqui, eu te falei, eu passei em 1º lugar, sabe, e, graças a Deus, eu entrei e num tive qualquer dificuldade, sabe, pra tá junto com o pessoal e tal. Então, é o que eu tô querendo dizer, por isso que eu valorizo muito uma educação que ela propicie isso, sabe? Nós procuramos fazer isso na escola que a gente teve, sabe, fazer o povo sonhar, eu tenho ex-aluno nosso que é originário de Nova Viçosa que tá terminando o doutorado aqui na UFV, tá? Cara, isso, pra mim, isso é, sabe, é o que realmente vale, cê vê que o cara, ele não tinha um sonho, um horizonte, uma perspectiva e de repente cê vê o cara, sabe, aquilo vai se despertando nele. Nós não temos só esse caso, temos muitos casos de alunos que a gente viu esse processo, sabe? Então, só em resumo, é isso que eu creio.</p>
<b>E07</b>	<p>Eu sou a favor, um meio de, de tá reparando, aí, as injustiças, de tá tentando melhorar esse índice aí de, de tanto de estudantes como de servidor técnico, né? Já que os negros são a maioria da população e a gente não vê essa representatividade na universidade.</p>
<b>E08</b>	<p>Eu sou favorável, é sempre fui favorável as cotas. É passei como primeira colocada no concurso federal, nunca, não utilizei as cotas porque na época não existia, mas eu sou extremamente favorável a questão das cotas. É uma, uma medida, é essas ações afirmativas ela é muito positiva, muito positiva, mesmo. Eu participo da banca, né, pra autodeclaração tanto pra servidores públicos e outro dia eu tive a felicidade de ver duas mulheres negras entrando para o cargo de administradores. Elas fizeram provas, tudo, mas elas entraram pelas cotas, né? Então, assim foi muito positivo e vem realmente é pra colocar também o povo negro, né, uma forma de empoderamento, porque nós somos inteligentes suficiente, temos capacidade é só nos dar oportunidade que nós mostramos que nós temos capacidades de estar em cargos de chefia.</p>
<b>E09</b>	<p>É... Olha fica difícil em dizer se sou a favor ou contra, porque quando a gente vai fazer uma análise do... Uma análise do Enem, aí determinado curso se a pessoa tiver feito por cota ele</p>

	<p>não conseguia, mas se ele tivesse feito por livre concorrência já conseguia vaga. Então, tá nivelado isso aí. Talvez se eu fizer o Enem pra concorrência livre, livre concorrência, talvez eu conseguiria, pela pontuação que eu conseguisse, talvez eu conseguiria uma vaga no curso e seu fizesse por cota eu não conseguiria. Isso aí vai muito do... Num faz muita diferença, isso, não. Mas o sistema de cota ele é, eu acho que ele é duvidoso porque foi uma forma de camuflar um pouco, no meu modo de pensar, o investimento no ensino médio. Por exemplo, porque hoje as melhores escolas selecionam, às vezes deixam essas pessoas de fora. Então a única opção é a escola pública e as vezes a escola publica ela deixa a desejar, as vezes não oferece o conteúdo todo, as vezes tem que correr com o conteúdo por causa de greve, por falta de professor, que isso acontece muito na rede pública, rede estadual e municipal. Mas eu acho que, pode sim ter esse sistema, mas eu acho que tem que ir junto com o investimento na educação. Porque o sistema de cota não pode ser a única forma de conseguir, de facilitar o acesso do negro ou do pobre ou do índio ou do indígena a... O acesso a universidade. Pode até ter sim o sistema de cota, trazendo até beneficiar, mas primeiramente eu sou a favor do investimento no ensino médio pra haver uma concorrência de igual pra igual.</p>
<b>E10</b>	<p>Eu sou a favor e já deveria ter as cotas raciais há muito tempo. Esse incentivo pra que o negro tivesse condição de estudar, tivesse condição de se progredir, isso já deveria ter a muito tempo pela condição que foi antigamente, entendeu? Na época que foi abolida a escravidão, na verdade tem outros países que quando aboliram a escravidão eles deram condições realmente pro negro se evoluir, começasse a evoluir, ter uma perspectiva. E no Brasil nunca houve isso, o negro simplesmente, os negros que chegaram numa situação que estão hoje simplesmente chegaram por muita força, mesmo, foi coisa, aquela coisa é que a gente diz que realmente no peito porque realmente é muito difícil.</p>
<b>E11</b>	<p>Então, esse é o problema. Eu sou a favor porque eu acho que ainda o negro tem poucas chances, né, no mercado, pra estudo. Sou a favor.</p>
<b>E12</b>	<p>Eu sou a favor, porque eu acredito que, pelo o que eu acabei de te falar, te relatar, é a gente percebe, percebe-se que no Brasil, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, o negro ele tem uma certa dificuldade de socialização. Então essa política ela acaba contribuindo pra que se tenha uma igualdade, né? Que seja mais justo. Nós sabemos, nós que somos negros sabemos que a gente sempre é ficou a margem da sociedade e hoje a gente tá tendo oportunidade de demonstrar que a gente tem condições de concorrer com todos, apesar de que as cotas dão um incentivo a mais pra que o negro consiga entrar melhor no mercado de trabalho.</p>
<b>E13</b>	<p>Eu sou contra, mas não é também uma opinião formada, porque eu ouço tanto é o pessoal... Tantas opiniões, né? Infelizmente, a nossa... A opinião que a gente forma vem de outras, né, se a gente não estuda a fundo sobre o tema. E há quem diga que a cota ela é... Ela é uma forma realmente de igualar as situações, há quem diga que não. Eu creio que num é a solução sabe? Pra essas questões. Eu num sou contra porque ache que tá rebaixando a gente, não, nada disso. Mas, eu sou contra porque não vai resolver o problema. Eu acho que mais do que a questão racial, vem a questão social, sabe? E o acesso nosso, é de pessoas de baixa renda e pessoas de locais que não tem acesso a educação, mesmo, assim, e o acesso é muito limitado e eu acho que tinha que atacar nessa questão, sabe? De dar igualdade de condições pras pessoas estudarem e formarem quanto indivíduo, que aí num ia precisar de cota nem pra negro, nem pra pessoa de baixa renda, nem pra pessoa de escola pública. Se a escola pública for de qualidade, por exemplo, num ia precisar de cota pra esses alunos, né? Eu acho que tem que atacar nessa questão.</p>
<b>E14</b>	<p>Eu sou a favor. Por quê? Porque o que a gente vê é isso, mesmo, é o acesso a, né, as universidades, o acesso a cargos, né, que são, vamos dizer, mais altos ele é muito menor nos negros. Isso por quê? Porque a gente sabe que a educação de base gratuita, ela é péssima. Então, pro negro, né, que na maioria, acho que na maioria dos casos, ele tem uma classe social mais baixa conseguir a chegar numa universidade é muito mais difícil, entendeu? Então, eu acho que realmente a gente precisa dessas políticas pra gente conseguir que o negro chegue a ter empregos melhores, a cargos que a gente diz assim são cargos mais altos dentro da instituição. Eu acho que a gente tem que lutar é pra gente ter é uma</p>

	<p>educação de base boa porque aí eu acho que não precisava de políticas públicas. Se todo mundo tivesse acesso assim a escolas boas, independente se é negro, se é branco, se é pobre, se é rico, eu acho que a gente, que todo mundo teria as mesmas condições. Mas o que existe no país num é isso. Quem consegue estudar em escola particular, consegue chegar numa universidade mais concorrida. Agora, quem tem acesso a escola pública, a maioria não consegue. Lógico que a gente tem exceções, a gente tem uma minoria que entra, que é mais esforçada, mas é muito mais difícil. Então, eu concordo. Do jeito que é hoje a educação, eu concordo. Minha esperança é que mude a educação de base pra todo mundo ter o mesmo acesso. E eu, eu acho que, principalmente por mim, eu sempre estudei em escola pública, né, e sempre... Eu sei a dificuldade que eu tive pra chegar onde eu tô. Eu sei a dificuldade que eu tive pra ingressar na UFV, mesmo num curso que sempre foi pouco concorrido. Por quê? Porque eu não tive uma educação de base boa, entendeu? Então eu acho que a dificuldade não é só pra negro, pra pardo, a dificuldade é pra todo mundo que vem de classe social mais baixa, entendeu?</p>
<b>E15</b>	<p>Eu sou a favor porque são... É uma política pra mim ela é... corretiva. Ela vem corrigir um dano social que o negro já tem há muito tempo e não vai precisar ser eterna, ela é corretiva, mas ela não é eterna. Ela vai... Eu acredito que chegaria a um tempo, um ponto que não vai precisar mais, mas talvez isso demore cem anos.</p>
<b>E16</b>	<p>Sou a favor. Sou a favor, porque é, embora eu não, eu particularmente não tenha sido é beneficiada, né, com a política de cotas, eu entendo que pela nossa formação, pela nossa história... Se eu for pensar, por exemplo, a origem minha, minha origem negra, minha vó, minha mãe, né, é os meus antepassados maternos, eles não tiveram oportunidades, então eu acredito nisso. Eu penso que é válida a política, por isso. Pensando no meu lado pessoal, né? Mas, eu penso que também eu não posso ser egoísta e ter essa concepção simplista de uma visão egoísta. Mas pelo a gente olhar o resto do Brasil, o quê que é, né? O quê que é a história do Brasil? Nós somos originários de onde? Qual que é a nossa... Os nossos ancestrais, né?</p>
<b>E17</b>	<p>Eu acho... Elas têm uma boa intenção, mas sou contra porque eu acho que tiram muito proveito disso aí também e acaba distorcendo. Ah, porque hoje é... Eu acho que a partir do momento que favoreça uma classe, tá desfavorecendo a outra, a competição se torna desleal, meu ponto de vista. Agora, a intenção é boa, porque... Mas eu acho que deveria investir mais nessa igualdade já desde a formação escolar, igualitária pra todos, né? O mesmo nível de educação.</p>
<b>E18</b>	<p>Eu sou favor, porque a gente precisa reparar, né, todo esse tempo, né, que os negros e as minorias foram discriminados e tiveram pouco acesso a uma educação, por exemplo, que tem todas as outras classes, os brancos, né?</p>
<b>E19</b>	<p>Eu acho que ainda é necessário, mas isso num torna a vida da gente aqui mais fácil, não. Porque eu fico vendo, assim, no meu caso. Eu prestei concurso, num foi nessa instituição, mas prestei numa outra instituição, é... E a vida da gente aqui já num é fácil. Agora cê imagina cê... A todo momento cê ser colocado que cê entrou porque... Você, né? Cê entrou por cotas, né? Mas, eu acho que isso num deve intimidar ninguém, não. Vem, e, assim, é um direito seu. É, assim como, já tiveram... Aqui na UFV a gente já teve outras cotas que nunca foram questionadas. Num sei se cê sabe da lei do boi, aqui no passado tinha e ninguém nunca questionou, ninguém nunca foi contra, por quê? Entendeu? Então, eu acho que não... Que assim... É a vida da gente é muito difícil o tempo todo. A cota é só pra tentar minimizar esse acesso, mas aqui dentro é pauleira, o tempo todo. E sempre muito velado. Ou tem o discurso da competência, né? Cê tá dentro da universidade, essa questão do mérito fica, né, ainda mais... Mas isso é só pra... Mas, são justificativas que num se sustentam, não, rapidinho cê consegue...</p>
<b>E20</b>	<p>Não, eu sou totalmente favorável, assim. Esse discurso que a gente tem que melhorar o ensino básico, pra mim isso é tudo balela, assim. E, a gente tem visto justamente o contrário. Enquanto a gente não arrumar... Enquanto a gente não implementar essas políticas em todas as instâncias, então, assim não só no acesso a universidade que é muito importante, mas nos concursos públicos... Às vezes, ah, mas... Não é vantagem, não, véio, a gente já leva desvantagem a vida inteira. Então assim, e ter uma cota mínima pra ingressar,</p>

	<p>por exemplo, na universidade, num vejo vantagem nenhuma nisso, se a gente fosse pesar mesmo, a gente teria inclusive que ser meio a meio, entendeu? Ou mais que meio, assim. Pelos Censos que a gente tem, a gente vê que a população negra é maior do que qualquer outra população e, no entanto, nos espaços de poder e disputa, ela é infinitamente menor, assim. Então, como não ser a favor duma política de transformação dessa assim? E acho que a gente tinha que ter políticas ainda mais agressivas em relação a isso, assim. É, mas o que a gente conseguiu até agora, acho que é um passo importante, assim. E, daqui um tempo, acho que a gente vai conseguir, de alguma maneira, implementar outras coisas. Mas, assim, completamente a favor.</p>
<b>E21</b>	<p>Eu sou a favor. Eu acho que é uma forma de compensar, né, os negros pelo atraso em que eles ficaram, em que nós ficamos, durante... Desde a abolição da escravatura, né, que num foi feita muita coisa pela progressão do negro. Então, acho que precisava de...</p>
<b>E22</b>	<p>Então, eu tenho ressalvas, mas eu te confesso que eu não conheço exatamente os termos da norma. Quando apareceu, eu tava voltando dos Estados Unidos e lá o sistema de cotas não funcionou como deveria. Eu tinha uma... Um certo mal-estar porque existia muito racismo ainda, quer dizer, a ideia, pra mim, ela num tinha sido bem executada. E eu cheguei aqui com a impressão de que o que a gente tava fazendo, como a gente faz muito, infelizmente, era copiar modelo americano, ponto. Sem fazer uma análise crítica, sem respeitar, siquer, as peculiaridades, o que é, quem é, né, como é o racismo e o negro nos Estados Unidos e como são aqui, né? Como somos aqui, né? Então, assim, eu acho que isso pra mim, já era uma coisa que me deixou por um tempo, assim, bem rejeitando bastante a ideia de cota racial. Eu ainda sou mais favorável às cotas que são de classe, né? De faixa econômica, do que racial, mas eu já mudei muito meu ponto de vista em relação à necessidade que existe, porque, independe da classe econômica, a gente sofre muito preconceito. Então, alguma coisa tem que haver, mas eu te confesso que eu não tenho a leitura correta do sistema, do quê que é o sistema de cotas. Pra mim, ela só não é suficiente, do jeito que é, do jeito que foi lá nos Estados Unidos, do jeito que tá sendo aqui no Brasil, num é o suficiente. Eu gosto muito do que é a universidade hoje, em termo de abertura, de número de pessoas que tem acesso à universidade, mas isso é uma visão geral, num é uma visão só pelo aspecto do negro. É pelo aspecto de todas as minorias que tem um pouco mais... Teve, né, um pouco mais de acesso, mas é como eu disse, a gente ainda tá patinando ainda, ainda tá bastante capenga isso aí.</p>
<b>E23</b>	<p>Eu sou a favor e eu acho que a gente hoje já tem o reflexo dessa política de cotas, né? Então, eu vejo que estão entrando mais alunos negros, sim, né? E acho que tem que continuar, porque se não for assim, acho que o acesso é dificultado, né? Então, se não for assim, num entra. E eu vejo que os alunos vão se adaptando ao curso, tem um baque inicial de choque, ali, de não conseguir meio que se dar bem, mas depois no 2º, 3º período, eles entram no clima e, eu acho que... Eu tenho ótimos, excelentes alunos negros, então...</p>
<b>E24</b>	<p>Sou a favor, porque esse abismo, né, ainda, que existe entre o acesso de brancos e pretos, principalmente, mas incluindo aí também os pardos, dentro da categoria negros, né, nas universidades, tanto como servidores quanto é estudantes, a gente precisa de ações que vão garantir o direito a essas pessoas, né, de acessarem esses espaços. Se a gente não tiver ações específicas, dificilmente, com o contexto que a gente tem, com o debate político que a gente tem e acadêmico, a gente não consegue acessar esses lugares.</p>
<b>E25</b>	<p>Então, eu acho, na verdade, eu acho uma coisa complicada. É, vamos dizer assim, há 2 pensamentos: primeiro, eu acho que o Brasil, no geral, ele tem como se fosse uma dívida, eu acho, com os negros. Então, assim, porque como tudo começou com a escravidão, vamos voltar lá trás, então tem essa dívida aí. Então, em certo modo, eu penso que, como se fosse, quase que como uma pagamento de uma dívida que tem em relação aos negros. Só que, por um outro lado, tem negros que não tiveram tantas dificuldades e, assim, eu acredito, a tendência, espero eu, é que cada vez isso melhore, tenha mais negros com cargos melhores. Então, eu acho que é válido, sim, porque só de você vê que o Brasil tem mais negros do que branco, bem entre aspas, porque eu acho que, vamos falar do fenótipo, né? Porque se a gente olhar o genótipo, eu acho que num existe nem negro nem branco nesse país, é tudo uma mistura. Mas, falando do fenótipo, como tem mais negros do que branco,</p>

	<p>se você olhar no cargo de chefia, nem falando no cargo de chefia, não, que cargo de chefia é alto, um cargo comum, um concurso público comum, se você pegar a relação dos que são aprovados, eu acredito que há uma discrepância muito grande. Se você pensar que a maioria é negro e nem metade assume os cargos, tem alguma coisa errada aí. Então, acho que já faltou oportunidade desde lá de baixo, então, nesse sentido, eu acho importante, sim, ter essa cota. Agora, eu acho que também, num sei, poderia ter, também, junto com a cota, talvez um, sei lá, um outro sistema pra olhar também a condição social, porque as vezes pode ser que a pessoa sim é negra, mas ela teve uma condição muito boa, teve escolas boas, estudou, né? Que eu acho que manda muito a base, onde a pessoa estudou, o que ela fez, num é uma regra, mas eu acho que influencia bastante. Então, talvez se tivesse aí um andar junto, eu acho que talvez, seria o ideal, assim, andar junto, sabe? Ah, beleza, a pessoa é negra, ok, ela teve uma condição de vida mais difícil, eu acho justo assim, porque não dá pra falar que as condições são as mesmas, não é, infelizmente não é.</p>
<p><b>8. Qual o departamento/setor que você acredita que concentra o maior número de negros. Por quê? Qual a sua opinião sobre isso.</b></p>	
E01	<p>Ah, setor que concentra maior quantidade de negro é o setor de... A Pró-Reitoria de Administração, porque é onde concentra as pessoas que tem o... Como se diz, são as pessoas que trabalha nos serviços gerais, né, que concentra a maior condição de negros. É por causa da qualificação, mesmo, né? Que as pessoas trabalham no serviço geral, elas são menos qualificadas, né? Então elas entram no serviço público sabendo disso. Porque ela não procura se instruir um pouco mais e aí o que sobra pra eles é essas funções, né, de serviços gerais. Então onde que concentra mais negro dentro do campus hoje é nesse setor.</p>
E02	<p>Os cargos de... Vejo muito na vigilância, nos cargos de letra A e B, né? Em atendimento. Mas na UFV hoje na terceirização é que predomina mais, na limpeza, se você olhar pra quem recolhe o lixo, quem faz a faxina é maior.</p>
E03	<p>Posso dar minha opinião pessoa..., assim, bem clara sobre isso? É eu não era sindicalizada aqui na UFV, aí passei a ser sindicalizada. Nas primeiras vezes que eu ia na reunião, excetuando as pessoas que me conhece, perguntavam você é servidora da UFV? Mas por que você é terceirizada? Ou seja, você... E às vezes, por exemplo, a gente chega em alguns outros departamentos, as vezes pra resolver mesmo questão do serviço, mesmo, perguntam você é terceirizada, ou seja, você faz faxina? Por causa da cor da pele. E eu não noto, eu não conheço muitos servidores negros na UFV, eu conheço, sim, pessoas que já estão aqui há mais tempo. Mas pessoas mais novas, via concurso, que sejam técnico-administrativos, principalmente nos setores assim que eu falo que, a carreira administrativa, mesmo, não conheço muitos, eu conheço muito poucos.</p>
E04	<p>Menor? Pode contar com o pessoal terceirizado? Eu acho que é o pessoal que menos instruído, o pessoal da limpeza, pessoal que cuida da manutenção, jardins.</p>
E05	<p>Olha só hoje tá difícil da gente ter essa visão, né? Agora da minha época, o que eu percebo, naqueles cargos de mão de obra mais pesada, parques e jardins, Departamento de Fitotecnia lá nas hortas, nos departamentos de mão de obra mais pesada, eles concentravam mais negros. Num tô dizendo que era a maioria, mas que concentrava mais. Se você comparar branco e negro nos escritórios, eu vô dizer pra você que era muito poucos, muito poucos. E os poucos que tiveram essa oportunidade é porque, eu me lembro assim com clareza, de professor negro. Quantos professores negros cê conhece na UFV? Então, é por aí, tá? Você já participou de alguma colação de grau na UFV? Quando você formô, quantas pessoas negras formaram junto com você? Então, no geral, de 1000 alunos que formam na UFV, não formam 50 negros, negros, tá? Não formam. Aí nem vou falar, pardo aí cê já passa, né? Porque todo gato é pardo, mas tô falando negro mesmo, entendeu? Você não nota, na colação de grau, você não conta 5% de negros. Eu tô te falando qu'eu fui Conselho Universitário e eu observei isso por, 3 vezes qu'eu fui do Consu, eu observei isso. E lá na mesa que compõe o cerimonial, hoje, é só Ely Rosa, entendeu?</p>
E06	<p>É eu acho que seriam as funções mais de obras, né, parques e jardins e tal. Como eu te falei é o processo histórico, a gente vem de uma mentalidade escravista, a gente vem de uma, digamos, nós estamos inseridos num lugar onde houve um aporte muito grande de escravos,</p>

	né, tanto pro questão das minas como a agricultura e tal, principalmente as minas. Então, eu acho que é essa coisa num muda assim tão fácil.
<b>E07</b>	Eu acho que, assim, é bem característico o pessoal de apoio, de obras, infraestrutura. Acredito que a PAD deve ser o órgão com mais negros porque o parque e jardim é ligado à PAD e o pessoal de obras também. Por causa dessa questão dos cargos mais inferiores, vamos dizer assim, é até feia essa expressão, de menos qualificação acadêmica.
<b>E08</b>	Na universidade existe uma massa muito grande de pessoas negras, mas a maioria, todas trabalha é não com cargo de chefia, entendeu? Então as vezes é contínuo, é porteiro, é pessoas que fazem trabalho de campo, de varrer avenida, sabe? Mas nunca, nunca. A maioria concentra nunca nos setores, como secretários, entendeu? É... são poucos que tem algum cargo de chefia, de chefia ou está trabalhando nos setores que realmente possa ser nas secretarias ou em órgãos, alguns outros órgãos, ou como professores, são muito poucos.
<b>E09</b>	Ah, assim, eu não tenho acesso a todos os funcionários da UFV, então fica difícil fazer uma análise profunda, aí eu fico mais assim, tipo assim, sem resposta.
<b>E10</b>	Aqui na universidade, o departamento que concentra o maior número de negros é o departamento de obras... é realmente isso, a parte de obras, serralherias, marcenarias, esses locais. A minha opinião é que justamente esse pessoal estão mais concentrados nessas áreas realmente foram por, a maioria foram por falta de condição, né, de tá estudando, pessoas que já vieram de famílias pobres e bairros pobres, negros, por isso que hoje eles estão nessa situação.
<b>E11</b>	Eu não tenho conhecimento desses dados, mas possivelmente num departamento maior que tenha mais pessoas e mais é níveis que ainda tão trabalhando, níveis A e B.
<b>E12</b>	Não saberia te dizer.
<b>E13</b>	Ah, seria um chute, mesmo, né? Porque eu não consigo ver uma diferença entre departamentos assim, não. Num sei... Eu acho que, por ser, vamo pensar na questão de ingresso, que a gente teria que ver a questão do ingresso do... De cada um pra ver se há uma possibilidade de um departamento ou outro selecionar pessoas, assim, de raças diferentes. Acho que a questão do pessoal mais antigo aqui na UFV, que não ingressou aqui por concurso e tal, não fez provas pra ingressar aqui, pode concentrar mais, mas é um chute. Porque pode ser que eles venham aqui por experiência com trabalho manual, braçal e tal e assim são selecionados pra trabalharem aqui... Foram selecionados na época, né? E aí pode ser que a gente consiga aí uma porcentagem maior de negros e pardos, ah, por eles historicamente terem trabalhado mais com serviço braçal e tal, mas é aquele chute bem...
<b>E14</b>	Ai, eu num sei te responder isso, não. Eu nunca percebi nenhuma diferença em relação a isso.
<b>E15</b>	Olha... A minha, o pouco que... Primeiro, né? Os terceirizados, tem um grande número de pessoas negras. E segundo, os departamentos que tem cargos ainda de nível B, que é garagem central que ainda tem motorista que não aposentou, é... Os departamentos que ainda que tem cargo de nível B, né, e no mais os terceirizados.
<b>E16</b>	Só servidores efetivos? Atualmente? Eu acho que o pessoal de apoio distribuído. Sinceramente eu não sei te falar, Edimara. Não sei. Eu acredito, eu acredito, eu acredito que tanto no quadro efetivo quanto nos... É efetivo que eu digo, eu acho que é nos vários departamentos pelo... Cê perguntou qual setor? Eu não sei, mas eu penso que é no de apoio, pessoal que faz é manutenção, conservação, zela pelo <i>campus</i> . Eu acredito, justamente pela minha constatação pessoal, da falta de oportunidade, da falta de, sabe? De estudar, de concorrer a uma opção de trabalho que tenha... Que exige uma escolaridade.
<b>E17</b>	Considerando assim os pardos também, Engenharia Florestal, professores, tem, né, alunos também. Eu acho que, pra mim tem a maior quantidade.
<b>E18</b>	Acredito ser nos departamentos de Educação, porque, na verdade, eu acho que eles têm um preconceito talvez menor e seria mais fácil pra eles, por exemplo, admitir um colega negro ou coisa assim.
<b>E19</b>	Eu fico imaginando que deve ser nesses setores... Num sei, eu tenho medo de ser... Né? De tá partindo de algum preconceito. Mas, aonde que eu vejo mais? Foi muito engraçado isso: um dia desse eu tava indo pra Ponte Nova, aí no caminho tinha um pasto, cheio de gente

	<p>trabalhando no pasto, eu olhei eram todos negros. Aí eu ainda falei com meu marido, olha aqui ‘P██████, isso não pode ser coincidência. Todos os trabalhadores que tão aqui agora no... Cuidando dos animais que são negros! Como assim?’ Então aqui também, querendo ou não, onde que eu já vi muito negro: eu já vi no refeitório, parques e jardins, onde que eles ficam mais visíveis, né? Fora isso eu já vi no prédio principal, tô lembrando do Lauro lá, tinha uma outra menina que já aposentou. Ó, por exemplo, na minha Pró-Reitoria, que é a Pró-Reitoria de Extensão, tô lembrando aqui, deve ser o Mário que é contínuo, o Simeão que é contínuo... Aí também cê num sabe como é que a pessoa se vê, né? Mas, tô falando da minha percepção. Então, assim... Não, então eu vou reduzir, na Divisão de Extensão, negro... Eu, talvez seja só eu. E o... Num sei se a V██████ aquela da ASAV se percebe como negra, mas talvez seja só eu. E aí na... Tô pensando assim, da PEC naqueles lugares que eu circulo mais, além de mim, os outros dois negros, que eu conheço, são os dois contínuos. Eu acho que é a dificuldade, mesmo, desse acesso à formação, né? É... Eu acho que é isso, assim, do lugar na pirâmide social que eles tão, que tipo de acesso eles conseguem fazer. Acho que a minha história, ela é um pouco diferente porque assim eu sou de família muito pobre, mas minha mãe era professora primária e isso, querendo ou não, me colocou num outro lugar, né? Eu tinha restrição financeira, orçamentária, mas eu tinha acesso a muita coisa, né, pela profissão da minha mãe. Então, eu acho que isso faz a diferença.</p>
E20	<p>Vou falar, assim, um achismo, né? Suponho que seja no, por exemplo, na Divisão de Parques e Jardins ou algum outro setor que se tenha é pessoas com níveis de escolaridade menor, talvez, assim. Por que isso? Justamente porque estes setores vão absorver, justamente, essa mão de obra, assim. E tem o pessoal mais antigo também. Mas, pelo que eu vejo, no caso hoje da Divisão de Parques e Jardins, é o... Talvez, inclusive eu vejo algumas pessoas, assim... Hoje a gente tem muito terceirizado fazendo esses serviços essenciais, assim, também são, na maioria, pessoas não brancas, pelo menos, assim. Então, acredito que tá nesses setores que você tem uma menor escolaridade, uma menor exigência, justamente porque você vai ter mais gente. Num sei, mas acredito que, talvez, nesses setores.</p>
E21	<p>Eu acho que o setor de serviços é... Serviços gerais, os serviços de apoio aí geral, né? É... Eu nem sei exatamente pra que a universidade classifica, por exemplo, parques e jardins, limpeza, né? Os setores de apoio, mesmo. Pela própria origem do problema da abolição da escravatura que não... A lei não... A abolição veio, mas não foi dada ao negro outras oportunidades, né? A gente sabe até de muitos que preferiam continuar escravos por tamanho abandono em que eles ficavam. Então, por causa disso, isso vem se arrastando ao longo da história. E, por isso, as pessoas num tem educação, o negro, a maioria num tem educação, num tem condições. Então veio se arrastando até chegar nessa situação em que o tipo de trabalho, o tipo de emprego que consegue é nesses tipos de serviços que exigem menos qualificação, menor qualificação.</p>
E22	<p>O setor eu meio que falei, eu acho que é entre os servidores técnico-administrativos concentra mais. Entre os professore não tem. Departamento eu sinceramente não tenho essa percepção, não, porque é, nós somos poucos, cara. Obviamente, por causa da pouca oportunidade que os negros sempre tiveram, nesse país, em relação ao acesso a educação, as condições. Então, assim, qual o acesso que eles tiveram mais fácil? A cargos, né, de menores nível de escolaridade exigida, porque os que exigem mais e cada vez mais foi exigido, porque quando eu entrei, eu fiz uma prova no concurso pra auxiliar de ensino que era nível de graduação. Eu já tinha o meu mestrado quando eu entrei, mas o nível exigido era só de graduação. Nunca mais isso aconteceu na universidade, não se contrata mais professor que é só graduado, né? Mal, mal os concursos de substituto que, obviamente, né, pelas normas lá você não pode exigir um título e, mesmo assim, num entra só graduado, porque concorre tanta gente com mais experiência que simplesmente num entra. Então, assim, pra mim isso é óbvio, isso é óbvio. Num tem... Esse país, até hoje num dá muito, mas antigamente era bem pior, né, num dava de jeito nenhum acesso. E nós tivemos um período de muito tempo fechado pra concursos, talvez agora, com essa mudança leve que tá acontecendo, pode ser até que mude, mas eu acho que ainda tá bem... Muito aquém. É muito, é muito... Pra mim é, evidentemente, discrepante, se você contar que a população</p>

	<p>negra é muito maior, o número dentro das universidades. E eu passei por Alto Rio que foi a minha graduação, Lavras que foi meu mestrado, aqui que é onde eu exerço meu trabalho, meu doutorado foi fora daqui como eu comentei. Então, assim, num é uma coisa que ah, acontece em Viçosa, UFV, não. Eu acho que isso é um cenário, é óbvio no Brasil todo.</p>
E23	<p>Num consigo ver nenhum, assim, como... Porque o que eu conheço da instituição é, são os departamentos próximos ao que eu trabalho, né? Então, o Departamento de Física, pra mim, é zero. Num vejo, né? Nenhum. É Departamento de Informática, eu também não conheço ninguém. Então, assim, eu, na verdade, eu não consigo te responder, assim.</p>
E24	<p>Departamento? Deixa eu pensar... Em termos de, quando você fala em setor, eu não sei se eu tô entendendo bem, o quê que você chama de setor? É o que eu... Assim uma resposta muito superficial, nunca fiz uma análise sobre isso mais aprofundada, mas em termos visuais, né? Quando eu bato o olho, faço uma reflexão, eu tenho observado, né, muitos rapazes que trabalham aqui no entorno, do Parques e Jardins, eu imagino, e também quando eu vou ao Almoxarifado. Os meninos do Parques e Jardins e do Almoxarifado, é onde eu percebo, inclusive, uma divisão não só racial, mas também sexual, aqui dentro da universidade. Parques e Jardins e o Almoxarifado. Ó, eu imagino que é essa tradição, né, colonial que a universidade tem, de empregar negros e homens negros, né, em trabalhos que são considerados dentro da instituição, menos qualificados, né, trabalhos que exigem mais do corpo, por exemplo, da força física.</p>
E25	<p>Ai, eu acho que eu nunca parei pra pensar... Deixa eu pensar aqui um minutinho... Na verdade, eu num conheço muitos departamentos... Nó, realmente eu não faço ideia, porque tem tantos... Eu conheço, de departamentos que eu conheço, o de Química onde eu estudei, formei, o de Nutrição e o de Bioquímica, os outros no máximo, eu fiz uma ou outra disciplina. Mas, eu acho que, você fala como funcionário público, concursado, num cargo? Eu imagino que deve ser nesses setores, assim, onde... Talvez setor de obras, eu tô chutando que eu realmente não tenho noção. Eu posso dizer assim que esses 3 que eu conheço, tem poucos, bem poucos, que esses eu conheço, assim, a Química eu fiz minha graduação, mestrado, doutorado lá, então eu conheço praticamente todos, eu conheço os técnicos, inclusive, tirando de quando eu saí de licença maternidade, que eu num sei quem entrou, mas eu conheço bem o departamento. O de Bioquímica, também, fiquei um bom tempo, então assim, eu conheci todos os técnicos e professores. E aqui na Nutrição, também, eu conheço praticamente todo mundo e, aqui na verdade tem técnico, mas de professor nenhum, tô tentando lembrar aqui, eu acho que nem tem. Ah, tá. Ah, num sei quem é, eu já vi a sala dele, mas eu nunca o vi. Ah, então é por isso, porque eu... Só ele, né? É porque eu num conheço, assim, até pensei, talvez um outro professor que tiver de licença. Mas assim de quem eu conheço, os departamentos em si, de departamento de aula, assim, Química, eu acho que é muito pouco. Pra mim tá tudo ligado, normalmente, pelo menos nos concursos que eu já vi, são concursos mais simples pra essas áreas. Posso tá enganada, mas se eu num me engano, eu acho que por exemplo, a nível médio ou fundamental, então a exigências já são menores. Então, assim a pessoa, eu acho que tem ligação isso, já num estudou tanto e muitas vezes ficam satisfeitas, assim, tão felizes de tá concursado mesmo com o cargo não sendo tão alto. Então, eu acho que é isso, se você também não estudou, você num vai conseguir ser um professor da universidade. É, tem toda uma relação, pra mim. Então, eu acho vem daí, se consegui fazer uma graduação, um mestrado, um doutorado, há uma chance maior de você chegar num cargo melhor. Se você não estudou, não teve, a probabilidade é que você vai ficar num cargo, não vou dizer inferior, mas num cargo com exigências menores. Eu acredito que seja por isso.</p>
<p><b>9. Qual o departamento/setor que você acredita que concentra o menor número de negros. Por quê? Qual a sua opinião sobre isso.</b></p>	
E01	<p>Ah, com certeza é dentro dos departamentos, né? Com certeza. Então, assim, tem departamento que... É questão que eu acabei de falar, é qualificação mesmo. As pessoas... Que hoje como se entra no serviço público só através de concurso, então as pessoas não se preparam pra fazer o concurso. Muitas vezes não tem oportunidade, quer exercer, quer trabalhar, mas num tem aquela oportunidade de se preparar, fazer um cursinho ou pegar uma apostila pra lê e aí sempre num sobra esse tipo de vaga. Então, acho que é mais tanto é</p>

	de oportunidade da pessoa mesmo, que a pessoa que quer se instruir ela consegue. Mas hoje em dia, não hoje, né, longo do tempo, as pessoas sempre se acham incapaz, né, principalmente os negros. São poucos os que tem essa visão de futuro, que tem que melhorar, que é igual a todo mundo. A maioria sempre fica, se sente rejeitado e acha que é rejeitado e aí, com essa situação, por isso é que num, acho que num tem muita essa... Nos departamentos, né, da UFV num tem muitas pessoas de cor negra. É porque eles mesmos num procuram melhorar, num procuram se instruir pra podê passar num concurso e exercer uma função melhor.
<b>E02</b>	Eu ando pouco, né? Do pouco que eu... Não sei.
<b>E03</b>	O menor? Setor ou departamento? Departamento de Direito, bom, a questão cultural, mesmo, eu acredito isso.
<b>E04</b>	O contrário, né? Professores, cargos de chefia. Acho que é por duas coisas, né? Primeira, a questão cultural, né? Do negro tá na classe baixa, ter toda discriminação, menos oportunidades e segundo a própria política, né? Que talvez os próprios dirigentes tenham um pouco de preconceito contra isso.
<b>E05</b>	O menor número? É difícil até da gente falar isso, né? Mas na Reitoria, na Pró-Reitoria, entendeu? Na Reitoria, por exemplo, num tem... Eu num vejo. Se ali era a vitrine da universidade, se a universidade não tem isso aí, eu acho que deveria ter, né? Os negros ocupando lá, entendeu? Porque eu acho que na verdade, e aí tem que ser uma verdade verdadeira, né, nosso país é extremamente racista, nós sabemos disso e que quanto mais você puder afastar o negro daqueles pontos de destaque, melhor pros brancos, né?
<b>E06</b>	Eu num sei, mas, por exemplo, aqui na TI a gente tem poucos, tem poucos, tá? É, seria o acesso a uma educação de qualidade.
<b>E07</b>	De negros? Ah!! Eu vou julgar a Medicina. Eu acho que a Medicina. Enfermagem e a Medicina pelo que o pouco que eu vou lá, eu vejo pouco. É a mesma questão de ser um curso, né, com menas, menas pessoas negras nele, pela alta concorrência. Hoje ainda tem a cota, né? Mas ainda assim é um curso de difícil acesso das populações que não teve um grau de escolaridade, né, é uma escola bem concentrada ali, teve essa oportunidade.
<b>E09</b>	Também fico sem condições de responder.
<b>E10</b>	Na parte administrativa, isso é reflexo hoje aqui na universidade por exemplo se você for no prédio principal que é a área que concentra a maior parte administrativa, isso é um reflexo muito, muito nítido aqui dentro da universidade.
<b>E11</b>	Eu também não conheço esse dado, essa informação.
<b>E12</b>	Também não.
<b>E13</b>	É exatamente onde vai exigir é formação em nível superior, tal. Não sei, o setor certo eu... Nem, nem gostaria muito de chutar.
<b>E14</b>	Não, eu num sei te responder isso, não.
<b>E15</b>	O Menor? Olha... Eu num vou poder afirmar 100%, mas eu fico imaginando assim Medicina, sabe? Direito... Eu fico imaginando esses cursos mais de elite, mais elitizados, as Agrárias, sabe? Exatamente porque são cursos mais elitizados, entendeu? E exige uma formação, por exemplo, Departamento de Medicina, quem atua lá como médico, ele teve que ter toda uma estrutura na vida dele que proporcionou ele ser médico, né? Então, eu acho assim que é pelo nível de condição social que a pessoa deveria ter pra poder tá atuar... Chegar a atuar nesse departamento como um professor, às vezes como um técnico especializado.
<b>E16</b>	Não tenho noção.
<b>E17</b>	Arquitetura e Urbanismo.
<b>E18</b>	Direito, porque é uma classe que a maior parte dos caras é de formada por brancos e vem da elite desde a época imperial.
<b>E19</b>	Não sei te dizer, assim. Não sei, talvez entre... Talvez se cê pensar na estrutura administrativa e na estrutura acadêmica, talvez os negros estejam mais na administrativa e menos na acadêmica, né? Nos cargos de professores e pró-reitores... Eu acho, que de novo, é o lugar que a gente fica, né? O lugar que a gente tá, os acessos que a gente tem, né? Assim, pra você conseguir a mesma posição que essa outra pessoa aqui, que não é negra, cê

	tem que sê muito bom, se você for igual, ele vai pegar a de cá. Ele num sabe por que, assim, é isso num tá... Num é explícito, mas tá implícito, entendeu? Se os dois... Uma vez eu vi uma entrevista daquela mulher que agora é a presidente do Supremo, a...Maria Carmem?... Carmem Lúcia. Ela falando no concurso que ela fez de magistratura, que o... A banca virou pra ela e falou assim: 'Você vai ter que me provar que você é melhor do que ele. Porque se vocês forem dois igual, eu vou ficar com ele que é homem.' E aí essa questão pra gente, mulher e negra, ela é pior ainda, do que pro homem negro, sabe? A coisa é mais, mais pesada.
E20	Assim, eu nunca parei pra pensar muito em relação aos departamentos em si, mas eu vejo que a área administrativa é, sobretudo, quando você vai ascendendo em termos de hierarquia, isso vai diminuindo. Então, quando eu falo da Divisão de Parques e Jardins concentrar mais é como se eu tivesse pensando numa escala de importância social, assim, né? Entre aspas. Então, cê pega as pessoas que cuidam de jardins, que limpam a universidade e você pega quem administra a universidade, sobretudo nos cargos mais altos, cê num tem é... Basta ver uma foto de reunião de pró-reitores que cê num vai ver. Então, assim, quando a gente faz uma radiografia em termos de hierarquia, aí você vê que nos departamentos ou lá nas Pró-Reitorias você vai ter fatalmente menos. E quando você tem, também, são auxiliares, são assistentes, dificilmente cê vai ter alguém na chefia, assim. É, cê num vai ter, então... Eu num conseguiria dizer um departamento em si, mas eu acho que mais em termos de hierarquia, mesmo. Novamente, assim, é só transportar o que a gente vive fora da universidade, assim. A universidade não é um universo a parte da sociedade, então, aqui a gente também tem uma representação do que a gente tem fora daqui, em termos sociais, assim. Cê passa das 4 pilastras, cê vai fazer uma radiografia quem é que varre as ruas, quem é lixeiro, quem tá nos serviços essenciais e você pega os cargos de administração da prefeitura ou as lojas. Quem são os empresários, quem são os maçons, quem são essa gente? Num são pessoas negras, assim. Então, isso é muito claro. E às vezes as pessoas fala 'ah, mas tem Fulano'. 'Tá que ótimo que cê consegue enxergar uma pessoa', mas isso num é um, sabe, num é uma realidade isso aí. Até em número de professores, mesmo, eu fico pensando assim, a gente tem pouquíssimos professores negros, assim. É, talvez hoje a gente tenha um pouco mais de alunos e alunas, mas professores e professoras, não, sabe? Talvez essas políticas que a gente tem visto transformem, um pouco essa realidade, assim. Mas também num acho que vai ser nada demais que a gente num teve nenhuma mudança, assim, estrutural, sabe? A gente teve algumas políticas que favoreceram, corrigiram algumas coisas, mas nada de mais, assim.
E21	Ah, isso eu num sei te falar, não. Porque eu num conheço, assim, em quais... Todos os da universidade em que estão... É um número tão pequeno, né? Então, a gente fica assim 'é tem um aqui, um ali'. Mas a gente... Eu num sei exatamente onde tem menos, não.
E23	Também é uma resposta que, eu vejo que, pelo que eu tenho aqui de proximidade, é... Os que tão próximos de mim, o menor... São os que concentram menor número, que eu num vejo ninguém, assim. Acho que é essa questão, mesmo, dos negros em cargos é que exigem nível superior, eu acho que é bem menor, né?
E24	Eu imagino que seja no Departamento, né, de Medicina e Enfermagem, apesar de conhecer pouco o grupo, né, de servidores desse departamento. Por quê que eu conheço pouco ou por quê? Acho que um pouco, né, na mesma ideia anterior, né? Porque dentro desses espaços, né, onde são fundados os saberes, esse é um saber tido como branco, né, como um saber que é permitido para os brancos. Então, é nesse lugar que os brancos vão estar. Mas, eu gostaria de acrescentar que, talvez todos os outros espaços da universidade, também, a gente encontre uma maioria de brancos, porque a universidade é fundada sobre um processo colonial e racial. Então pode ser que lá tenha mais, mas eu acho que a pergunta... A minha resposta é, né, onde a gente encontra os negros da universidade. Porque os brancos, eles estão em todos os lugares, é os negros que não estão em todos os lugares.
<b>10. Quais foram as suas principais contribuições à instituição?</b>	
E01	Então, eu quando eu entrei na universidade, eu já era profissional numa área e... Eu entrei pr'um cargo completamente diferente, fora da área que eu trabalhava. Entrei mesmo porque eu já conhecia o serviço, mas assim minha profissão era outra. Então, a contribuição pra

	<p>mim foi quando eu mudei de setor, que eu saí do setor de obras, onde eu iniciei, e fui pra Divisão de Transportes. Então assim, e tava faltando profissionais na área de mecânica na UFV e quando eles me descobriram, né, que eu coloquei pras pessoas que me conheciam que eu tinha profissão, que eu era profissional na área, eles me levaram pra lá. Então, minha contribuição dentro da UFV foi essa, foi agregar lá, ao quadro de funcionários da Divisão de Transporte que... Da Mecânica que tava defasada. E eu saí desse setor devido a problema de saúde, que eu tive problema de coluna, alergia, então assim foi orientado pelos médicos pra eu mudar de função devido a esses problemas, senão eu estaria lá até hoje.</p>
<b>E02</b>	<p>Eu assumi esse arquivo aqui, né? E a gente está concluindo a fase de organização dos documentos do primeiro período da universidade, que é de 27 até 49, que era a ESAV. E o arquivo, a gente recebe muitos bolsistas, aluno que não tem condição de se manter. A gente tenta cada tá renovando esse projeto pra tá mantendo. Então tem um trabalho de organização interessante de documento, de guarda permanente e, em parceria com o departamento de história, a gente consegue acolher bastante aluno carente.</p>
<b>E03</b>	<p>É como servidora? Eu procuro desempenhar minha função dentro daquilo que me é atribuído. Assim, às vezes, é claro que, pode ser que eu poderia fazer mais ou fazer melhor, mas a questão mesmo de uma certa inibição ou... A questão subjetiva influencia nisso.</p>
<b>E04</b>	<p>Que eu tenha contribuído? Ah, eu acho que eu trouxe, eu já tinha trabalhado na UFMG. Eu acho que eu trouxe a experiência de lá pra cá, eu tentei, tentei aplicar aqui. Parece que aqui tem um... Aqui tem deficiência de pessoas na minha área, tem só eu e mais dois, o único que atua sou eu. Então, eu tentei contribuir nesse sentido.</p>
<b>E05</b>	<p>Olha só, filha, eu tô na universidade já há quase 40 anos, né? Eu não consigo é falar, assim, 'ah, as minhas contribuições'. Minhas contribuições de todos os servidores, porque aqui você não mede produção, aqui você mede a formação e formação qual o custo disso e qual o retorno disso. O retorno num é pra UFV, o retorno é pro país. Então, eu acho que a contribuição de todo servidor, desde o mais baixo cargo até o último cargo, nós somos uma engrenagem só, entendeu? Se quebra isso, se você num tem o faxineiro, se você num tem o cozinheiro, cê num tem essas pessoas pra desenvolver as atividades delas, as outras também num vão chegar. Então, eu acho que aqui, na universidade, é como... A gente não consegue medir a nossa produção em termos assim, por exemplo, uma coisa é o sujeito que tá trabalhando na roça, aí cê fala 'não, o cara capina tantos hectares por dia', aqui o quê que cê faz? E aí cê vai pra todo lado, são as pessoas que conta o atendimento que cê faz, o quê que isso contribui lá na frente pra formação sua, de quem tá formando. Eu acho difícil a gente medir isso. Eu acho que nós trabalhamos, aí sim a gente tem que falar, nós trabalhamos na área de educação. A área de educação é prioridade? Se ela é prioridade, todos nos somos importantes.</p>
<b>E06</b>	<p>Principais contribuições à instituição, como eu te falei, eu já tive oportunidade de trabalhar com o conselho do CENTEV, né, tá? E no período em que a gente tava, a gente trabalhava com formulação de políticas, né? Como eu te falei, o próprio polo, né, do parque tecnológico, a gente teve, de alguma a gente teve alguma atuação, mas principalmente o desenvolvimento do polo de TI que hoje é uma coisa que tem mais de 50 empresas aqui, tá? Então, tudo isso é afeito à UFV, né? Não necessariamente, à UFV, mas é coisa que tá muito relacionada, que não pôde existir por si só. Por muito tempo a gente tinha muita ligação com a Secretaria de Ciência e Tecnologia, né, em BH e tal, então tudo isso relacionado com a UFV. Com certeza, mais do que isso, digamos, do ponto de vista interno, mesmo, eu contribui pouco, por causa daquilo que eu te falei, por causa da minha história, tá?</p>
<b>E07</b>	<p>As minhas? Ah, minha contribuição eu não acredito que tenha assim tanta relevância em relação aos outros servidores. Eu faço as minhas tarefas diárias, a minha rotina. É algumas contribuições que eu tenho é no meio político, participando de entidade sindical, na questão de representação do servidor, de mudança no estatuto da universidade, eu já participei de comissão de mudança nas questões de carreira do servidor. Então algumas coisas assim, mas é isso que eu acho que tenho de contribuição. E o meu trabalho, né? Que eu acho que o meu trabalho contribui muito pra universidade. Dependente dele, né, se a gente forma esse tanto de alunos por ano com certeza meu trabalho tá aí. Não assim endeusando só o meu, uma série de pessoas, mas o meu tem a parte também lá.</p>

<b>E08</b>	As minhas? As minhas principais contribuições, eu procuro ser uma servidora, né, é trabalhar, exercer a minha função com competência. Eu trabalhei 25 anos na TV, sempre trabalhei na área de produção, produzindo chamadas educativas, TIM programa saúde, programa intercâmbio, fui diretora, produtora. Então sempre procurei levar o meu trabalho em prol de poder contribuir pra instituição. E também sou diretora de comunicação da ASAV, nós produzimos um jornal voltado, né, temos um jornal voltado para o servidor, um programa de rádio voltado para o servidor que eu sou diretora e produtora, eu criei o programa. Então, assim, são trabalhos, né, que visa tá sempre melhorando, é trazer formação e informação para os nossos servidores da UFV.
<b>E09</b>	Minhas principais contribuições é exercer o meu cargo e cumprir a missão do departamento, da universidade, do departamento, da universidade como um todo.
<b>E10</b>	Contribuições pra UFV? A minha contribuição eu acho que é no atendimento que eu tenho, na experiência que eu tenho com a questão de atendimento, né? Apesar que o meu cargo é porteiro, mas além de, por estar na portaria, eu faço mesmo a parte de frente, a parte de atendimento, cê entendeu? Eu acho que isso é muito importante pra universidade que isso reflete no nome da entidade.
<b>E11</b>	Como assim? Ah, Edimara!!!
<b>E12</b>	Nossa, eu acho que eu contribuo muito pela instituição. Prova é que eu não sou... Eu não atuo hoje no meu cargo, eu sou... Eu passei no concurso pra porteiro e hoje trabalho com relatórios importantes pro departamento, como RADO, é já trabalhei com frequência, sou responsável por laboratório de informática que tem 50 computadores onde acontece tanto a parte acadêmica no sentido de estudos, mas também tem a parte de aula, né? Então, assim, eu participo de algumas comissões, já participei de algumas comissões, projeto de elaboração de reforma de elaboração pedagógica do curso, é participo... Estou participando no momento de uma comissão de sindicância na universidade. Então, acho que contribuo bem.
<b>E13</b>	Eu acho que a principal contribuição que eu dou é tá aqui todo dia, batalhando e é ocupando essa função que eu ocupo aqui, trabalhando diretamente com a chefia a gente é tem uma responsabilidade muito maior e é praticamente matar um leão por dia, aqui. E eu acho que essa é a minha maior contribuição que eu dou pra UFV.
<b>E14</b>	A UFV? Engraçado, né? Responder essa pergunta é difícil. Eu acho que eu sempre procurei trabalhar com extensão. É eu sempre me preocupei em tá dando um retorno pra comunidade em relação ao que a gente faz aqui. Então eu sempre achei importante a universidade ter essa parceria e poder contribuir. Então, já coordenei projetos de extensão, é já trabalhei em vários projetos de extensão, como continuo trabalhando. Então essa é uma das contribuições. E uma outra é em relação a pesquisa, a produção científica. Então eu tenho tentado apoiar a pesquisa, né, em parceria com outros professores, que técnico não consegue aprovar projeto de pesquisa, de extensão eu já aprovei, mas de pesquisa eu nunca consegui que eu acho isso injusto por ser técnico não poder aprovar projeto de pesquisa, é muito difícil, é exceção quem consegue. E trabalhos científicos, eu tenho é procurado fazer parceria com os professores, então tem feito muita publicação, então esse eu acho que é uma contribuição importante. Fora isso, assim, realmente é difícil a gente falar e no mais é trabalhos em comissões, né, que a gente tenta atuar.
<b>E15</b>	Como assim? Bom... O trabalho do intérprete ele contribui pra acessibilidade, né, o direito ao acesso. Então, eu acredito que o meu trabalho ele tem proporcionado acessibilidade, né? Eu trabalhei com professor surdo, agora eu tô trabalhando com material em libras pro aluno que é surdo que é do curso de Engenharia Civil, a gente tá produzindo um material visual, né, que são as aulas sinalizadas. Então, eu tenho promovido aqui um acesso a um determinado grupo que até então não tinha acesso ao ensino superior, né?
<b>E16</b>	As minhas? Ixi, difícil. Eu num sei, eu já tenho 37 anos, trabalhei muito, eu acho que ainda tem muito pra contribuir. Que eu contribuí? Sinceramente, eu não sei, eu não sei te falar, não sei te falar, não sei, não sei, eu sempre procurei, eu sempre procurei é, no atendimento, porque eu lido com pessoas o tempo todo, então eu acredito, assim muito tranquilamente, que é foi no sentido de dar, de atender bem as pessoas, todo mundo de forma igual, de lutar

	na época do sindicato, né, é que eu participei, de lutar pelo tratamento igual, não diferenciado, nesse sentido. No atendimento às pessoas.
<b>E17</b>	Bom, eu sou novo aqui, né? Tenho... Terminei o estágio probatório, né, os três anos e fui muito bem avaliado. É e tenho procurado seguir as orientações que são passadas, o que me é cobrado, né? Tentando agir aí com uma certa ética também, né, que é cobrado do servidor. Eu acho que é por aí.
<b>E18</b>	Boa pergunta. Eu num sei se eu posso avaliar isso, não.
<b>E19</b>	Ah... Eu acho que eu... Eu ajudei criar um setor que tem relativa importância na universidade. Tava tendo, né? Agora nem tanto. Porque parece que o mundo tá acabando. Mas, enfim. Segundo, é... Mas eu gosto do trabalho que eu faço. Eu trabalho com extensão universitária, é eu acho que eu nasci pra isso e eu acho que contribuo muito, assim, às vezes até acima do que se espera.
<b>E20</b>	Como funcionário? Nossa. Cara, mas assim, sem falsa modéstia e até pelo reconhecimento que eu tive, assim, eu acredito muito rapidamente. Como eu falei, eu não tenho nem 3 anos de universidade e no 6º mês de universidade eu já tava ocupando um cargo de confiança que era ligado a Fundação, eu já tinha um cargo, não era um cargo de chefia porque não era da universidade, mas era um cargo de gerência que era na Fundação de Rádio e TV, assim. E, assim, o fato de ter assumido posições estratégicas, em termos de trabalho, me faz pensar que eu contribuí de alguma maneira pra universidade, assim. E eu acho que ainda posso contribuir muito mais, assim, em termos de trabalho e num fiz na de mais, pra ser sincero, assim, trabalhei, cumpri meu horário, fiz as coisas que eu tinha que fazer em relação ao meu cargo e hoje eu faço coisas além do que eu teria que fazer se eu fosse só auxiliar administrativo, mas eu acho que eu consegui contribuir de alguma maneira, sim. Não, por exemplo, discutindo questões raciais, não diretamente, assim. Nos espaços que eu estou, assim, eu até fico... Eu tento visualizar como que essas questões, por exemplo, aparece, assim. A gente teve esse episódio recente do pró-reitor e, assim, quando ele foi eleito foi uma coisa muito interessante porque, interessante no sentido assim, até... Quando a gente fala de preconceito, a gente acha que a gente ouve casos, né? Mas, cê ouvir de um colega de trabalho, assim, que quem assumiu a Pró-Reitoria, que é depois da reitoria e da vice-reitoria, são os cargos de maior visibilidade na universidade, ‘ah, quem assumiu foi um cara escurinho, assim, dessa cor x e tal’, aí fiquei olhando aquilo, eu falei ‘gente, mas isso é real’, tipo assim, o preconceito é real, as pessoas tão... Aí eu falei ‘cara’... É aquilo que eu te falei, quando um pró-reitor assume aí ele vai ter cor ou não ou quando outra pessoa de destaque vai assumir, assim. E eu vi, em outras oportunidades eu vi, eu ouvi coisas a respeito dele pelo fato dele ser negro, tipo assim, num tinha nenhuma observação sobre o trabalho dele, assim, ou quando tinha tava associado a fato dele ser negro, assim, ‘ah, ele tomou uma atitude, mas ele é negro’ ‘ele fez isso, mas ele é negro’. Então, existe um incômodo quando a gente trabalha, a gente assume uma posição de destaque, assim. Mas, eu acho que eu contribuí com o que eu podia contribuir, assim. Eu estudei aqui, conheço a universidade, frequentei vários espaços aqui, tive a oportunidade de trabalhar com a chefia de departamento, como aluno, né, na época. Então, assim, eu conheci bastante a universidade e isso facilitou muito meu trabalho aqui também. A gente acaba entendendo como as coisas funcionam aqui, né? Algumas coisas a gente questiona, mas outras a gente vê que a gente tem que ir levando de uma maneira, até que aquilo se transforma, a gente tem que criar um caminho, assim, possível. Então, eu acho que eu contribuí, sim, sem falsa modéstia.
<b>E21</b>	Difícil falar, né? Eu sou professora aqui desde 1975. Eu acho que eu tenho cumprido minhas obrigações e feito o melhor que eu posso como professora e dessa forma que eu espero tá contribuindo, né?
<b>E22</b>	Contribuições? Ah... A instituição? Ah, num sei, eu acho que a minha maior contribuição, a que me deixa mais feliz e que eu consigo ver mais resultado é dentro de sala de aula, mesmo. É o lecionar. Eu fui chefe de departamento, mas num... ah... uma ação de destaque, num consigo ver assim nada, não. Eu gosto muito e, assim, eu tenho um certo orgulho, digamos assim, da relação que eu tenho com os meus estudantes e do quanto que a gente, né, discute, quê que eu implemento dentro de sala de aula em termos de discussão, de

	<p>formação, inclusive, nesse sentido. Agora como coordenadora de curso, eu coordeno a disciplina... Posso contar essa experiência ou atrapalha? Disciplina de TAL 120 que é de Introdução a Engenharia de Alimentos que o foco dela é você trazer, os estudantes são calouros, mostrar como é e o que é a UFV. Então, eu faço questão de fazê-los pesquisar e discutir, logo que eles entram, sobre essas questões, inclusive, raciais e outras, né? Aproveitei esse ano até o tal da #NãoÉNormalUFV, eu até usei ela como o link pra fazer essa discussão, embora eu faça todo período, quer dizer, todo período, não, porque ela é anual, né? Então, toda entrada de calouro, a gente faz alguma coisa e aí discute-se, a gente discutiu. Eles vão atrás do NEAB, eles trazem pra dentro da sala de aula o quê que é, o quê que luta. Eu coloquei... Teve um ano quando a gente passou, você tava aqui, você lembra, daquelas frases racistas que andaram pichando no porão, nã, nã... Eu peguei a matéria, fiz eles discutirem o link da matéria, imprimir que saiu no jornal fora daqui, inclusive. Então, imprimir, fiz eles discutirem dentro de sala de aula, pra discutir essas questões, quer dizer, isso é que eu tenho orgulho de fazer, sabe? O quê que eu posso, positivamente, né, mudar ou intervir de alguma maneira nesses estudantes que tão chegando, principalmente, porque a maioria é branca, né?</p>
E23	<p>Nossa, minhas contribuições... Eu contribuo com o que eu trabalho, né? Então, quando eu entrei aqui, eu desenvolvia projetos de extensão, então é uma preocupação que eu sempre tenho é de tá envolvendo com a comunidade, né? Eu trabalho com disciplinas de prática de ensino, estágio supervisionado, então eu estou sempre em contato com a escola. Então, eu acho que eu contribuo nessa ponte, sabe? UFV – Comunidade. E, agora que eu acabei de retornar do doutorado, então eu tenho essa intenção de também contribuir no âmbito da pesquisa, né? Então, a gente fundou um grupo de pesquisa já, aqui na área que eu atuo, e a intenção é abrir um mestrado na área, sabe? Em Educação Matemática, mas dentro do Departamento de Matemática, vinculado ao mestrado que a gente já tem de Matemática, né? Então, assim, eu acho que a intenção é sempre tá contribuindo. Então, essa formação que eu adquirei no doutorado, ela vai, também, somar nessas contribuições aí.</p>
E24	<p>Eu tenho um perfil, desde o meu ingresso na instituição, com o trabalho de extensão, né, vinculado aos movimentos sociais. Então, acho que a minha contribuição maior tem sido no sentido de alinhar a militância com a academia, né, e dar visibilidade a saberes conhecidos, aliás, nem conhecidos, mas silenciados pela universidade, principalmente saberes dos povos negros, né, e indígenas.</p>
E25	<p>Então, não sei... Eu tô tentando fazer o meu trabalho da melhor forma possível, principalmente, eu me considero bastante organizada, então assim, eu tô coordenando 2 laboratórios, tô coordenando o LAMEC e o de Avaliação Nutricional. Então, assim, eu tô tentando manter o mais organizado, fiz um levantamento de tudo que tem, tô catalogando, eu ainda tô, porque eu entrei... Na verdade a minha entrada foi meio conturbada, porque eu engravei pouco depois, então eu saí de licença e voltei pro departamento em setembro, então vai fazer em setembro que um ano que eu tô, assim, efetivamente no departamento. Então, agora mesmo que eu tô conseguindo me organizar. É isso, eu acho que, principalmente nesse sentido de tentar cumprir as coisas... Eu sô muito certinha, entre aspas, então eu sigo a norma certinho, chego no meu horário certinho, saio no meu horário certinho, o que me pedem pra fazer, eu tento fazer o mais rápido possível, isso é meu assim, eu sô chata pra essas coisas, então eu tento fazer. E mais isso, tentar fazer com as coisas encaminhem bem, de acordo com tudo que é me dado pra fazer.</p>
<p><b>11. Em sua opinião, qual a relevância/importância de suas ações na instituição para o negro (a valorização deste aqui dentro)?</b></p>	
E01	<p>Ah, eu creio que pouco. Creio que muito pouco. Apesar que no setor onde eu trabalhei, todos os setores que eu trabalhei, tentei mudar a cabeça de algumas pessoas, de alguns colegas de serviço, que eu cheguei a trabalhar, mas muitos poucos que conseguiu, que quis mudar. Hoje na Divisão de Transportes, é quando eu cheguei lá, a maioria dos funcionários que trabalhavam na Mecânica num tinha nem o ensino fundamental completo, outros nem sabiam ler e assim de tanto eu incentivar porque eu sempre tive essa perspectiva, de tanto eu incentivar, alguns hoje até concluíram o ensino médio e outros tão fazendo faculdade. Então assim, acho que minha contribuição dentro do setor foi nesse sentido, de abrir a</p>

	cabeça deles que isso é bom pra eles. Aprendizado, essa mudança, né, de perspectiva é bom pra eles mesmos.
<b>E02</b>	Não muito, né? Porque é um trabalho de atividade meio muito focado em atingir a eficiência, a transparência e a ética, né? A gestão pública. Indiretamente pode favorecer na questão de, quando a gente tá organizando documentação histórica, não ficar priorizando só determinados reitores, gestores e criar séries e fundos documentais que evidenciem também a passagem do operário, dos cargos menos remunerados na instituição, de certa forma coloca o negro na memória da instituição, né? Já conseguiu sair daqui vários trabalhos com esse sentido.
<b>E03</b>	Dentro das minhas atividades? Não... Nenhum tipo, nenhum tipo, de nenhuma forma.
<b>E04</b>	Não, de jeito nenhum. Eu acho que a própria negação do preconceito, né? Pra quê que eles vão valorizar, sendo que eles negam o preconceito, né? Acho que é isso.
<b>E05</b>	Olha, eu num... Eu te falo o seguinte, eu quero falar por mim, entendeu? Eu sei o seguinte, que eu quando eu entrei na universidade eu entrei no nível de apoio, entendeu? Só que eu já tinha minha graduação. Então, eu acho que, o seguinte, o negro só será medido como um ser que interage na sociedade, que pode ter, que pode se ascender na sociedade, eu vejo como duas formas: ou você tem oportunidade pra estudar e aí você vai concluir sua graduação, vai fazer um concurso e vai passar e vai ter o seu lugar garantido, ou você vem de uma família que já tinha isso lá atrás. Porque se você, num sei se você já visitou alguma instituição prisional, se você tiver visitado uma instituição prisional, você vai lembrar que dentre os 10 presos que tiverem numa cela, 7 com certeza são negros ou pardos, entendeu? Um ou outro branco. E aí a gente mede isso na sociedade, quantos gerentes de banco negros que você conhece? Quantos médicos negros você conhece? Quantos padres negros você conhece? Quantos delegados negros você conhece? Quantos juízes negros você conhece? Quantos promotores negros você conhece? Entendeu? Então, num adianta a gente m, num representa nada em termo de negro. Se você falar do Pelé enquanto atleta, ninguém tem dúvida, mas do Pelé enquanto negro, ele não contribuiu em nada, em nada, nada, nada, até pelo contrário, que ele rejeitou a filha dele. Cê pega o Joaquim Barbosa aí, que é um homem de uma inteligência rara, um cara que é formado em Direito, que veio do nada, o quê que Joaquim Barbosa contribuiu pro movimento negro no Brasil? Cê consegue perceber isso? Então, é isso que eu tô te falando.
<b>E06</b>	Olha, eu acho que... Eu poderia afirmar que sim, tá? Dentro da minha perspectiva, tá? É, nunca no sentido do que hoje se fala muito, do que hoje se coloca muito, tá? Eu, realmente, eu sou um feroz combatente dessa ideia de que alguém me deve alguma coisa, tá? Eu num gosto desse negócio de, é da tal da dívida histórica, por exemplo, eu num gosto disso porque se eu for falar em dívida histórica nós num vamos parar com isso, não, a gente vai ficar cavucando esse trem e alguém deve alguém deve alguém deve alguém... Então, eu entendo que, pra pacificar, é melhor que a gente parta daqui pra buscar condições melhores no futuro, tá? Vou te dar um exemplo de uma situação: na minha casa mora um rapaz que ele veio pra Viçosa pra estudar, ele faz Agronomia e ele é suíço, a mãe dele é suíça, o pai dele é brasileiro, conheceu a mãe e foi pra Suíça, morou alguns anos, voltou, quando voltou com as crianças, esse menino voltou com eles, né? E esse garoto mora lá em casa porque ele foi amigo dos meninos na infância e mudaram pra Brasília, voltaram pra Vitória que é de onde eles são e quando ele resolveu fazer universidade, ele veio pra cá e ele tá lá, morando, vive lá com a gente. E é interessante porque ele tava comentando com gente outro dia, que numa conversa com os colegas aqui no DCE, alguém chegou, falou pra ele 'cale a boca porque você é branco'. Pô cara, cê me desculpe, eu acho isso um absurdo, porque você imagine o oposto, imagine alguém dizendo, ele dizendo pra aquela pessoa, por exemplo, 'cala a boca que você é negro'? Ele tava preso agora. Então, o que eu tô querendo dizer é que eu acho um absurdo essas coisas, porque elas não contribuem pra que a gente possa caminhar, pra que o país possa ser realmente melhor. Sabe, essa coisa de ficar só no conflito e, infelizmente, o que a gente viu nos últimos anos a gente viu foram táticas, estratégias, todo tipo de coisa pra jogar todo mundo contra todo mundo. Então, a gente tem hoje um país completamente fracionado, que as pessoas não conseguem nem ouvir as outras, nem respeitar as outras, já, tipo assim, já põe uma marca na pessoa e 'não, num

posso te ouvir porque você...’, pelo amor de Deus, sabe? Então, eu tenho muita dificuldade com isso, tá? Pra mim, a gente precisava caminhar no sentido oposto, no sentido de construção, sabe, no sentido da gente ter um respeito maior, sabe, pelo outro, tal, um cuidado maior. Eu num vejo dificuldade, cara, eu acho que tem uma coisa que esses governos últimos fizeram, que eu achei muito interessante, esses refugiados haitianos, boa parte deles foram colocados no Sul do país, eu acho que isso é fantástico, por quê? Porque, normalmente, a gente estranha aquele com quem você num tá acostumado. Eu tenho um filho, meu filho mais velho, ele terminou o curso aqui na UFV e conheceu uma menina, ela é alemã, e ele foi pra Alemanha, tipo, em 6 meses ele foi pra lá e é casou com ela lá, morou alguns anos e tal, e voltaram e tão aqui no Brasil, agora, já há 5 anos e tão voltando de novo por conta dessa bagunça que tá aqui, eles tão indo pra Alemanha. Esse meu filho, né, quando eu visitei ele lá, em 2010, eu fui conhecer a família dela e tal. Duas experiências interessantes que eu tive: uma foi, a família dela, na verdade, eles são de origem alemã que haviam migrado pra Rússia, lá no século XVIII, e foram resgatados em 1987, tá, voltaram pra Alemanha, paupérrimos, viveram uma miséria na Rússia, cê num tem ideia, inclusive porque como eles eram evangélicos, num país ateu, a família dela quase que foi dizimada lá, tá? Então, voltaram pra Alemanha e, quando nós fomos lá visitar, eu tava numa determinada cidade lá, Noulf não lembro, e as pessoas passavam na rua, a gente visitando, conversando, amigos deles e tal, eu passava na rua, o pessoal só faltava bater o carro. Eu tava lá no sudoeste da Alemanha que é a região mais tradicional, mais alemã, mais fechada, tá, e cê precisava ver, o povo, vamos dizer assim, me via, aquilo era uma coisa, ninguém nunca viu, a maioria nunca viu. Era uma cidade do interior, né, próxima a *Stuttgart*, mas uma cidade do interior. Quando eu fui na casa do sogro do meu filho, a família tem 11 filhos, tá, a Karen, a minha nora, é a do meio, né, então ela foi a 1ª que nasceu na Alemanha, 5 irmãos nasceram na Rússia e ela e mais 5 nasceram na Alemanha. Na casa dela tinha 2 irmãos mais novos e eu sentei lá no sofá conversando com o pessoal e os 2 irmãos dela mais novos, um de uns 11 anos, o outro de uns 13, sentaram do meu lado, os dois pegavam, um pegou numa mão, o outro pegou na outra e eles ficavam, assim, a gente conversando e eles olhando e pegaram e passavam a mão no cabelo e olhava assim e ficava e eu falando e tal, sabe aquele negócio, assim, engraçado, sabe? Eu até falo, talvez fosse a vontade de todo mundo fazer o mesmo, só que eles como crianças tinham mais liberdade. Nossa, aquela coisa, mas eu vou te dizer, eu nunca fui tão bem tratado na minha vida, nunca, sabe? O respeito que a gente teve, ah, eu e minha esposa, a gente comentava ‘cara, esse pessoal tratou a gente como gente da família, mesmo’, tá? O pai tocou uma corneta lá, vieram os 11 filhos de tudo quanto é lugar do país, passaram o fim de semana lá com a gente, sabe? Inclusive um detalhe, né, a família dela, eles são russos, moram na Alemanha, a mãe fala muito mal, tá quase 30 anos na Alemanha, mas fala muito mal alemão, tá? Nós almoçamos lá numa mesa, o filho mais velho é casado com uma judia russa, depois tem 1 filha que é casada, com, até divorciou, era casada com um mulçumano da Tunísia, depois tinha 1 outra que era casada com um cara da Croácia, depois tinha 1 outra que era casada com um cara da Romênia, depois a outra casada com o Paulo que é brasileiro, tá, nós estávamos ao redor de uma mesa com 7 línguas sendo faladas, uma coisa doida, eu fiquei impressionado com aquilo. Mas, o quê que eu tô querendo dizer, então, em relação a essa questão de a gente estranha aquilo que a gente simplesmente nunca viu, num conhece, num sabe como é, tá? Então, a minha nora, por exemplo, a mãe dela, a mãe não, a irmã chegou pra ela e falou assim ‘Karen, como é que você se sente sendo mãe de uma negra?’, porque a minha neta, né, ela num é negra de jeito nenhum, assim, na aparência, vamos dizer, pra nós ela num seria, mas pra eles, né? Então, aí até a Karen falou ‘como eu me sentiria sendo mãe de qualquer criança’, num é, tá? Mas o que eu tô falando, eu acho que essas coisas são muito mais produto do desconhecimento, da ignorância, tá, do que qualquer outra situação. O meu filho, quando ele viveu lá, ele fala, pô, cara, a família dela tinha nele realmente como um filho, os pais dela pegavam pra bater pesado mesmo, conversar, chamar e tal, sabe, mas assim como um cuidado, sabe? Então, como ele fala, ele via muito preconceito, nesse sentido, né, digamos velado, nos alemães, mas nesse sentido, muito mais por desconhecimento e o preconceito num era exclusivo com relação a ele, por exemplo, mas o

	<p>peçoal do leste europeu, peçoal de, brancos, também, na concepção da gente [...], e eles tinham muita dificuldade. Ele inclusive percebeu, uma coisa importante, ele foi pra lá primeiro pra aprender alemão e ele se dedicou a isso e ele em 6 meses, ele fez um teste que tem lá, né, que é o teste Daf que te dá acesso as universidades e eram 4 habilidades e a nota máxima era 5, ele tirou 4 em 2 e 5 em 2, tá? E isso aí, né, nego ficou doido porque eles falavam ‘cara, tem gente que tá aqui a 10, 12 anos tentando esse e não passa e você assim de 1ª conseguiu passar e dessa forma’, tá? Então, ele fala que, que ele observou o seguinte, que o idioma, realmente, é uma questão que o alemão valoriza demais, você dar conta de falar com eles em alemão, num alemão correto, você é respeitado. Agora, se você num consegue, então você é discriminado, sabe? O que eu tô querendo colocar é que eu entendo que esses mecanismos são mais complexos do que a gente normalmente tenta identificar, sabe? Então, num é necessariamente porque você é negro, infelizmente o ser humano discrimina o ser humano, tá? Então, é porque é alto, porque é baixo, porque é gordo, porque é feio, porque é bonito, porque é branco, porque é preto, porque é, entendeu? Então, são formas, homem, mulher e tal, são formas de, sei lá, a gente é muito pobre nisso, num consegue ver as pessoas além da casca, tá? Então, eu vejo dessa forma, tá?</p>
<b>E07</b>	<p>Eu acho que sim, acaba quebrando um pouco esse paradigma, né? De que o negro, né, possa ser incompetente por ser negro ou até por ser mulher, né? É muito difícil a gente ser negro e mulher, né? Ainda é muito pior. Então, acaba a pessoa vendo, eu acho que quebra um pouco o preconceito, que as pessoas tende a ver assim, não, fulano é, vamos dizer assim, ele raciocina, ele é esperto, ele é inteligente, ele tem ideias. E aí, talvez quebra as pessoas que tem esse preconceito de julgar pela cor ou pelo gênero.</p>
<b>E08</b>	<p>Sim, eu também sou coordenadora do movimento negro, né, sou da Unegro e a gente preoriza, sim, trabalhos de capacitação, formação, informação que isso é fundamental, a questão da pessoa buscar sua capacitação, sua formação. Porque nós trabalhamos numa área de ensino, de ensino, pesquisa e extensão, então não é justo que ainda nós tenhamos servidores que não sabe escrever seu nome. Então é de suma importância que todos os servidores que trabalham numa instituição de ensino, ele possa chegar a ter o seu curso superior, de mestrado e doutorado, os que queira. E os que buscam, né, é que não queria, mas que possa fazer pelo menos o seu curso técnico.</p>
<b>E09</b>	<p>É a gente trabalha pra valorizar todo mundo, entendeu? Não há uma discriminação assim: a gente vai fazer um trabalho voltado pra valorizar o negro. A gente vai fazer um trabalho nivelado, vamo valorizar todo mundo.</p>
<b>E10</b>	<p>Eu acredito que, eu acredito sim. O próprio negro, né, por ver a gente que é da raça está trabalhando aqui dentro, acho que isso contribui, sim. Acho que isso dá uma vontade de também estar trabalhando aqui dentro na universidade.</p>
<b>E11</b>	<p>Ah... Passa pra próxima... Então, num sei se o que eu tô pensando em responder, pode responder, num sei... Ah!!! Eu penso mais que é a representatividade, né? De saber que a gente conseguiu passar num concurso e de que tá aqui e de incentivar e de mostrar também, que a UFV por mais que pareça como você disse, não é só de brancos.</p>
<b>E12</b>	<p>Sim.</p>
<b>E13</b>	<p>Não, não, eu acho que não. Porque eu num tô aqui pra representar é uma raça. Eu tô aqui mesmo pra fazer o meu trabalho, né? Eu acho que não tem, não tem nenhuma relação, não.</p>
<b>E14</b>	<p>Não, eu acho que nesse caso, não. Eu sempre tentei, é eu acho que talvez eu nunca tenha tido essa preocupação. Eu acho que a minha preocupação foi sempre tentar atender classes sociais menos favorecidas. Então, eu tento trabalhar com creches públicas, organizações não governamentais, é mesmo pessoas que trabalham, né, em setores que são menos favorecidos. Então eu acho que eu tento, eu sempre tentei atuar mais na parte de atendendo públicos menos favorecidos, mas não especificamente os negros.</p>
<b>E15</b>	<p>Pra valorização do negro, é... Talvez a minha presença, porque eu sou negra. Mas assim, eu não me envolvi com nenhum trabalho específico para o negro, mas a minha presença enquanto negra aqui dentro e atuando numa situação que a gente tá muito exposto, de certa forma eu devo ter gerado alguns incômodos, né, silenciosos é claro e talvez eu tenha gerado também alguns... Alguma... Tipo de modelagem positiva, né? Porque as pessoas veem</p>

	nossa ela foi, ela batalhou e hoje ela tá lá, né? Então, talvez pra algumas pessoas eu tenha sido modelo e talvez pra algumas pessoas eu tenha sido incômodo.
<b>E16</b>	Especificamente? De... Alguma coisa especificamente? Acho que não. Não. Acho que especificamente assim, nada. Nenhuma ação particular. Acho que não.
<b>E17</b>	Sim, eu acho que o comportamento que a gente tem já, a pessoa num vê a gente só como a gente, né? Vê pela... Ah, se faz alguma coisa errada, eles já tem aquele julgamento. Então, já, a medida que procura se portar de uma maneira melhor também valoriza.
<b>E18</b>	Não, porque na verdade eu nunca fiz nada pra que isso melhorasse, né? Porque na verdade, como eu nunca, tive muito poucos alunos negros de fato, né? Então, eu acho que... Talvez o tratamento que eu dou, por ser mais igual a todos, tenha feito alguma coisa nesse sentido. Mas, daí a dizer que diretamente trouxe algum benefício, eu acho que num é claro, não.
<b>E19</b>	Eu acho que em alguns casos sim, outros, assim, 'nossa, I ■■■ é muito cricri'. Porque no tal dia que me deram... Que chegou essa FG lá pra mim, eu falei assim 'isso aqui é FG de cotas, né?' 'Não I ■■■, porque, nossa, só tinha essa, num sei o quê...' Eu falei 'gente'... E assim, eu já tô aqui há um tempo, então eu conheço muita gente. Aí eu falei 'mas eu já procurei saber, eu sou a única FG... Único chefe de serviço que tem com FG 5, sou eu agora.' Na mesma Pró-Reitoria, os outros chefes de serviço... Agora somos dois... Éramos dois com FG 5, mas antes era FG 3. E aí assim, eu acabo... E aí eu falo, mesmo. Aí outro dia falaram pra mim assim 'não, I ■■■, a gente reconhece muito o seu trabalho'. Eu falei 'pra que? Pra lerê?'. 'Não'. 'Não, ué, porque o dia que cês foram me dar uma FG, cês me deram uma FG de pedreiro'. Porque aí eu liguei na PPO, me falaram que as outras FG 5, elas estavam assim com encarregado de serviço de encanador, de eletricista. Eu falei 'ué? Como é que cês tem o discurso, cês me põem lá em cima no discurso, na hora de me dar... Aí vem com essa aqui, como assim?' Então, assim, eu sou chata, mas eu acho que é esse lugar também, porque cê tem que ficar com bandeira o tempo todo pras pessoas te respeitarem. Eu... O meu cargo é nível E, teve um momento que uma secretária de lá falou que todas as CI's que eu mandava pra chefia, isso há muito tempo atrás, a chefia sempre voltava questionando alguma coisa. Por exemplo, 'solicito a vossa senhoria folgas tais, tal dias'. 'Fulana, faz favor de checar pra ver se a I ■■■ tem crédito?' Aí disse ela que isso era, assim, era direto. Daí um dia que ela falou assim 'Ó Fulana, porque que cê só faz isso com a I ■■■, dos outros cê num manda ver se tem? É porque ela é preta?' 'Tá doida, menina, né por causa disso...' Entendeu? Mas, assim, isso é direto. Aí tem outra coisa, também, já teve uma situação, uma secretária também que me contou, que o Pró-reitor que chegou à época, ele jurava... Ela falava assim 'A Ivani é nível E.' 'Não, não, cê tem certeza?' 'Ela é nível E, professor.' 'Não, não, ela é assistente. Não!' Sabe? Aí também teve um outro episódio, quando eu cheguei aqui redistribuída, eu fui pedir filiação na ASAV, aí aquela carteirinha de sindicato, aí a minha veio assistente administrativo. Eu falei 'ah, aqui, cês erraram, cês vão ter que trocar, porque eu não sou assistente administrativo, não, eu sou isso e isso.' 'Ah! Cê... Cê importa? Tem mesmo que trocar?' Entendeu? É... Aí teve uma outra vez lá também, no serviço, que teve uma... E aí, como eu tava te falando eu cheguei em 98, num sei porque eu acabei rodando todos os setores. Assim, sempre precisava de alguém, eu acumulava mais alguma coisa, né que eu deixava de fazer o meu, não. Aí teve uma situação que um determinado setor lá que eu já havia coordenado, as duas pessoas que trabalhavam pediram folga e o chefe da Divisão de Extensão não percebeu e deu folga pras duas. Aí ficava chato voltar... Qual dos dois que... Aí ele foi e me chamou. Aí o Pró-reitor me chamou na sala dele, aí me elogiou 'Não Ivani é porque você já foi coordenadora de lá e tal, num sei o quê e aí agora, quando viu tinha dado folga pra todos, aí a gente queria ver se você podia contribuir com a gente e ficar lá nesse período'. Eu falei 'É, pois é, mas...' Aí também eu sou cínica, 'Num vô poder ajudar, sabe por que? Cês tão precisando lá é de assistente administrativo, eu num sou, então eu num vô poder ir. Agora, professor, o que o senhor precisar dentro das atribuições do meu cargo, cê pode contar comigo que eu vô.' Aí um dos colegas que era do setor, falou 'tá vendo, professor, esses técnicos num quer fazer nada, não'. 'Esses técnicos num quer fazer nada, não.' Aí eu assim também do mesmo jeito falei assim 'Ó professor', eu num chamo os outros de professor, não. 'Ó Fulano, é só isso que cê precisa de mim? Nesse ponto eu não vô poder te ajudar, porque eu num sô assistente

	<p>administrativo.’ Aí isso ganhou, todo mundo ficou falando ‘E I ■■■■, acha que ela é mais do que todo mundo. Por que ela não pode?’ Aí uma outra pessoa também falou assim ‘Engraçado, né? Então tá, vou dá folga pro contínuo.’ Aí essa era a secretária, a que achou ruim. ‘Vou dá folga pro contínuo, aí cê substituir ele também, num tem problema nenhum.’ Entendeu? Então, assim, isso é que às vezes enche o saco. Cê tem que ficar ali, ó, marcando posição o tempo todo, sabe? É tenso.</p>
<p><b>E20</b></p>	<p>Eu acho que sim, porque como eu te falei quando a gente tem visibilidade, quando você não é branco, isso faz diferença. Então, assim, se você comete um erro é uma coisa, mas se você comete um erro e você é negro, você cometeu um erro e é negro. Então, assim, e acho que nos acessos também, então eu vejo, eu participo de algumas reuniões assim e geralmente sou eu e, no máximo, uma pessoa, às vezes só tá eu mesmo, negro ou pardo, enfim, como eu falei eu ainda não consigo muito defender essa ideia, mas eu sou diferente, assim, naquele espaço, eu vejo isso claramente, assim. E as pessoas também se surpreendem quando chega numa sala pra uma determinada reunião e te veem lá, tipo assim, é muito engraçado isso de alguma forma. Mas, num sei, eu acho que o fato d’eu, eu me preocupo muito, assim. Quando a gente tem uma percepção do que significa não ser branco e quais as consequências disso, a gente começa se policiar também e isso funciona pra gays, pra mulheres, todos os grupos que são socialmente discriminados ou desfavorecidos de alguma forma, eles começam a criar estratégias pra se policiar em termo de comportamento, em termo de atitude. Então, assim, eu penso muito quando eu vou fazer alguma coisa porque eu sei que aquilo significa que se eu fizer uma coisa ruim, eu fiz uma coisa ruim e sou negro. Então, assim, negro quando não faz uma coisa errada na entrada, faz na saída, é sempre isso que algumas pessoas esperam da gente, assim. Então, a gente tá sempre querendo fazer a coisa muito bem feita e isso é exaustivo, às vezes, assim, e de alguma forma, também, a gente tem que quebrar esse ciclo também, assim. Mas, eu acho que o fato d’eu trabalhar e, assim, eu trabalho porque eu acho que eu tenho que trabalhar, mesmo, eu fiz um concurso, eu recebo todo final de mês pra isso, então tem que trabalhar e gosto de trabalhar bem, assim. É, aí num é nem uma questão racial, eu gosto de trabalhar bem e o fato de ser negro e ter visibilidade e frequentar alguns espaços de decisão, isso, talvez, ajude, sim. Eu acho que... E é bom quando cê vê, é o caso do pró-reitor, assim, é emblemático, quando ele assumiu eu falei ‘nossa, que legal’, assim cê cria uma referência em termo de então é possível que a gente atinja espaços de poder, assim. Ou quando cê tá numa chefia X ou Y, enfim, então é importante que a gente tenha isso, né? E eu me vejo um pouco no papel dele, também, quando as pessoas me veem no cargo, às vezes um aluno ia me procurar na época que eu era chefe de rádio e TV e tem um destaque ‘ah, chefe de TV, num sei o que, tal, chefe de rádio’. Aí alguém ia me procurar, aí um aluno uma vez falou assim ‘nossa, que legal, você é negão’, tipo assim, até um aluno do movimento negro, mas ele ficou surpreso porque ele conversava comigo por telefone e quando ele chegou na minha sala além d’eu ser relativamente novo, né, em termos de idade, eu ainda era um negro, tipo assim. E isso aconteceu várias vezes, várias, idade e cor, no meu caso, estavam sendo associadas, assim, ‘ah, vou falar com o chefe da rádio e da TV’, era um rapaz negro e relativamente jovem, então tipo assim, era muito... Mas, a questão da cor sempre pesou mais do que a questão da idade, então cê ser novo, acho que gera uma surpresa, mas cê ser negro gera muita surpresa. E isso é explicável, porque, igual eu te falei, cê vai chegar nos espaços, cê num vai ter pessoas que mandam que são negras, então infelizmente, acontece isso. Então, quando cê tem alguém é surpresa... Eu me sinto surpreso é quando a gente teve um pró-reitor negro, eu fiquei surpreso, eu falei ‘nó, a universidade quebrou um paradigma, mesmo, assim’, é porque não é comum, não é comum você dar visibilidade, ele, nesse caso, ele sofreu tanta pressão, que infelizmente ele não conseguiu, num sei se ele não quis ou se a universidade decidiu, enfim, por um ou por outro motivo a gente perdeu muito com a saída, por exemplo, dele da Pró-Reitoria, assim, nós que tínhamos ele como referência, assim. E é importante que a gente tenha essas referências. Eu acho que... Então, assim, só pra resumir, eu acho que o meu trabalho, de alguma maneira, contribui e eu quero que ele contribua pra que as pessoas veja ‘olha, não, o cara pode trabalhar muito bem’ ou mulher ou num tem essa, assim, né?</p>

E21	Eu acho que sim, porque acho que a própria postura da gente no trabalho é... Talvez, eu espero, né, que tenha servido de inspiração pra estudantes meus, por exemplo, né? Porque, aqui no departamento, por exemplo, eu sou a única professora negra. Eu tenho tido muitos estudantes negros ao longo da minha vida aqui, são 42 anos, né? Eu num posso afirmar, mas eu espero que eu tenha servido de exemplo pra alguns, né?
E22	Ah, eu espero que sim. Eu não sei, eu num consigo ver isso como... Mas, eu espero que sim. As estudantes... Então... Eu espero que sim. Num tenho um <i>feedback</i> , assim, pronto assim pra te falar isso, aquilo, mas eu espero que sim.
E23	Acho que sim, porque, como eu trabalho com a comunidade, eu vou muito pra escola, né? Eu converso muito, eu trabalho muito com os alunos nas escolas, alunos no ensino fundamental, do ensino médio, é então eu acho que isso é me coloca numa posição de destaque nesse sentido, de olhar assim e falar ‘nossa, uma professora negra aqui, fazendo isso’, né?. Então, eu acho que eles acabam se identificando como uma coisa, assim, de ser mais possível, né? Falar, assim, ‘nossa, eu acho que vai ser, eu posso, né, também estar lá’. Então, acho que tem essa questão da visibilidade que a posição, que por ventura, eu ocupo, acaba atingindo. Fui coordenadora, também, do curso de Licenciatura em Matemática a distância, então foi um curso que atuou em quatro polos de Minas, que era Jaboticatubas, Ipanema, Confins e... Qual que era... Bicas. Então, quatro cidades. Então, também aí, eu acho que tinha essa posição de dar visibilidade e aí, eu acho que acabava interferindo.
E24	Hum... Em certa medida, sim, né? É, recentemente, né, com os últimos 2 anos, por exemplo, eu coordeno um programa de extensão que tem todos os bolsistas como, que se autodeclararam como negros, né, pretos e pardos, sendo que a maioria destes eles se autodeclararam como pretos e isso foi uma exigência do edital construído pra seleção dos bolsistas. E a gente tem um grupo de estudos que acontece, inclusive, toda segunda-feira, que vai discutir, é como se fosse o que eu tenho chamado junto com estudantes, né, e com as estudantes de uma formação emergencial dentro das questões étnico-raciais. Então são estudantes na maioria deles, mas não todos, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, principalmente Educação do Campo e Pedagogia, onde eles não encontram nas disciplinas as temáticas étnico-raciais e aí a gente fez, então, como se fosse um curso de formação emergencial, onde a gente vai tratar conceitos básicos, né, das questões raciais.
E25	Não sei se o negro em si, eu posso dizer, talvez, pro técnico em si, porque eu me sinto valorizada aqui. Eu vejo as professoras sempre dão retorno, até mesmo brincam ‘ai, que bom que cê tá aqui, que agora as coisas tão andando, as coisas num...’. Então, pelo menos eu acredito, que eu tô fazendo o meu trabalho bem feito, que pelo menos tá sendo valorizado. O fato de eu ser negra, eu acredito que talvez, sim, possa tá contribuindo, mas eu num sei se eu posso afirmar isso, assim. Parece meio prepotente afirmar isso.
<b>12. Em sua opinião, existe algum espaço/momento de valorização do negro aqui na UFV?</b>	
E01	Olha, como eu não participo muito da política direta da UFV, eu vejo pouco espaço. Porque essa questão de incentivo, né, do próprio setor de trabalho dar essa oportunidade, eu num sinto muito, não. Acho meio difícil, num sei se é porque no setor que eu trabalho atualmente, a gente num tem essa oportunidade, mas eu creio que nos outros também num deve ser diferente, não. Cada um tem que correr atrás do seu espaço, cada um tem que correr atrás da sua perspectiva. Então acho que num...
E02	Eu acho que é bem tímido. Eu conheço outros setores que mexem com política pública e com... Aqui na instituição tem o... NEAB da UFV eu acho muito tímido e voltado muito pra cultura. Tem outros NEAB's Brasil a fora que tem o cunho bem mais informativo e político, entendeu? Eu cito da onde eu formei, da UFES, que o NEAB dá capacitação pra pessoas do município, hoje banca uma pós <i>lato sensu</i> com recorte racial. Então o NEAB da UFV, na minha opinião, tá muito tímido ainda.
E03	Bom, a gente vê, eu vejo os espaços que são promovidos, assim, as atividades pelos estudantes, pelos professores ou alguns grupos organizados aqui. Mas em questão da UFV, enquanto instituição, eu não vejo, não.
E04	Ah!!! A gente é muito restrito aqui, então eu não conheço.
E05	Não, não. É o que te falei, isso aí é a busca de cada um. Todo negro que tá ocupando algum

	<p>espaço de destaque, é porque muito negro pereceu pra ele chegar lá. É o que eu tô te falando. Aí você fala ‘não, mas o Ely Rosa hoje é o pró-reitor’, você sabe por quê que ele foi pró-reitor? Primeiro, porque a ASAV que é o sindicato, ele era... Ele tinha um trânsito muito grande no sindicato e o sindicato defendeu com o reitor eleito, que o sindicato trabalhou pra ele, que ele ficasse lá, a permanência dele é o desempenho dele. Agora, o acesso, vamos dizer assim, e se ele não tivesse formado em Direito, ele não estaria lá. Então, essa bagagem que você traz com você, é que vai te credenciar ou não. E os cargos, e os cargos são poucos, entendeu? Eu da minha turma, da minha turma de formandos aqui, entendeu? Eu não, eu não assim... Dos que ocuparam cargos, aí nós não tamo falando de FG, nós tamo falando de CD. Porque FG, eu num sei se você sabe essa diferenciação, FG são aqueles cargos cuja a retribuição do cargo vai em torno de 1000 reais, no máximo chega a 1000, e aí isso é a FG 1, a FG 9, 60 reais, 30 reais, essa mixaria aí. Essas daí são fáceis. Agora eu tô falando de CD, CD é nível de direção, aí cê tá na administração, na alta administração, entendeu? E aí, por isso que eu tô te falando, na alta administração, cê pode contar no dedo, chefe de departamento, diretor de Centro, professor, entendeu? Aí você, mesmo, né, na sua vivência em Viçosa, você sabe que não existe. E aí, daqui a pouco, na hora que o Ely saí, vai demorar uns 30 anos pra voltar outro negro lá.</p>
E06	<p>É tem alguns grupos que se reúne aqui, inclusive eu tentei participar de alguns, iniciei, né, me aproximei e tal, mas eu vejo esse pessoal muito discriminatório. Num é uma coisa de... Nós precisamos caminhar pra uma condição em que todos nós estejamos bem. É o teatro do oprimido, né, o opressor, aquele jogo opressor-oprimido, aí cara, num dá, num dá, eu num posso caminhar nessa linha, sabe? Eu quero tá junto, eu quero, sabe, eu quero abraçar, eu quero ser abraçado, eu quero ver na outra pessoa, realmente, verdadeiramente, um irmão, como eu tenho tido, graças a Deus. Tem um detalhe que eu não comentei com você, que aí você vai entender porque que eu tô falando isso, tem um amigo meu, ele chama Marcílio, esse cara, por coincidência, nós estudamos juntos a vida toda, nós estudamos juntos todo tempo, é interessante, nós entramos na escola de alfabetização, entramos juntos, depois a gente foi pra, na época, o primário, depois a gente foi pro ensino médio, tudo na mesma sala, tá? E eu vou querer só mostrar um detalhe aqui, em relação a ele, e ele é mais que um irmão pra mim, sabe o que é uma pessoa, assim, que toda vez que eu vou a Recife, ele faz questão de arrumar um jeito de encontrar comigo, tá, e a gente sai, vai pr’um restaurante e janta junto e tal e ele tem, é muito interessante isso, sabe? E eu queria que você visse a foto dele pra você entender porque que eu acho isso tão importante, sabe, é ele é um cara, um cara... Pronto, como eu tô falando, é um verdadeiro irmão, é irmão, ele é mais irmão do que meus irmãos, tá? E ele hoje é professor do Instituto Federal lá de Pernambuco e é essa figura aqui, sabe? A gente ia pro colégio junto, voltava junto, conversava o tempo todo, sempre fomos amigos, mas muito amigos, mesmo, sabe? E cara, num tem, o cara é branco, branco, branco, branco, nunca tivemos dificuldades por conta disso, cê tá entendendo? Então, eu acho, essas coisas eu valorizo. Então, quando cê fala ‘ah, ações, medidas e tal’, eu acho que a gente precisa caminhar junto, sabe? Talvez a gente precisasse recomeçar esse processo todo, porque, infelizmente... Deixa eu te dar um outro exemplo aqui, no ano passado, de uma coisa que é bem sintomática, ano passado num determinado momento tava naquele negócio aí de <i>impeachment</i> não, aquela coisa toda e tal, teve um dia que um grupo de estudantes, do curso acho que de Ciências Sociais, veio pra aqui pro prédio pra colocar uma faixa, tá, e quando a gente tava chegando, eu tava chegando eram 2 da tarde, tava chegando pra trabalhar, eu vi a faixa e tinha um rapazinho assim do lado, né, aí tinha faixa assim ‘não vai ter golpe’, vai ter golpe, coisa do tipo, aí eu passei assim e eu caí na bobagem de chegar, comentar com o rapazinho que fazia parte do grupo, eu num tinha nem identificado e tal, vinha só passando, aí eu falei ‘ah, mas num vai ter golpe, vai ter um processo aí que, se for aprovado, tal’, cara, o cara virou bicho e partiu pra cima de mim e eu num percebi, mas estavam um grupo de colegas aqui, estavam na frente e quando o cara começou a esbravejar e gritar e num sei o que e tal, de repente teve gente que pegou pedra pra jogar em mim, tá? Isso num é brincadeira, não, foi exatamente isso. E só não fizeram porque tinham muitos dos meus colegas, eles estavam aqui nessa mureta ali e aí o pessoal partiu pra cima porque eles viram que, inclusive, as pedras, que eles estavam</p>

	<p>usando pra afixar a faixa, eles pegaram pra jogar em mim. Então, cara, que isso, porque que a gente tem que ser dessa maneira, cê tá entendendo? Então, eu num posso participar disso, eu não vou participar disso, sabe? Se a gente tivesse grupos de debate, sabe, um nível, sabe, de contribuição, tá, não, acho que havemos de construir, porque a universidade, se eu falo em democrática, eu entendo que tem espaço pra todo mundo, eu não posso fazer simplesmente uma inversão. E eu te digo, olha eu posso dizer isso da minha experiência, eu num sou um inocente, eu tenho bastante em experiência em muitos lugares, em muitas situações, tá, é muito melhor, sabe, o mundo construído na base da fraternidade do que o mundo construído na base do conflito, tá, nós tamo vendo isso nos dias de hoje e isso, inclusive, nos ameaças, porque é nesse terreno que surge um Trumpp, é nesse terreno que surge um Bolsonaro, terreno da reação, tá? E aí vai-se pros extremos e tal, terreno de todo mundo, cê tá entendendo? Então, eu acho que a gente precisava baixar a bola, vamos nos acalmar, vamos entender que, ‘tá beleza’. É como eu te falei, porque que eu vejo a questão da posição do negro no Brasil hoje como uma questão de processo histórico, que eu acho que na medida em que as coisas vão sendo esclarecidas, vão sendo, e eu vou dando oportunidade efetiva pra cada um, essa coisa vai caminhando. Eu num tô dizendo que vai cessar, não, porque é como eu te falei, é do ser humano a questão da discriminação, sabe? Mas, a gente num vai ter esse tipo de dificuldade. Ah, lá no sítio onde eu trabalhava, é eu tô habituado a ser o único nos lugares, sabe? Eu fui a minha vida toda, eu era o único negro, o único negro, o único negro e tal, tal, tá? Na minha história, tem até uma situação interessante, eu vou te contar esse outro detalhe, num sei se contribui, mas eu acho que talvez contribua pra você entender o porque das minhas posições, mas eu sou casado com uma, a minha esposa, E [REDACTED], ela é filha de um médico lá de Recife que é um dos médicos mais famosos de Recife, que foi diretor do hospital lá mais de 40 anos, o maior hospital lá de Pernambuco, e ele era professor de direito, né, de medicina legal e, uma questão muito interessante, mas ele é igual papai Noel, tá, rosa, tá, cabeça branquinha, gordinho e tal e, quando eu cheguei lá na casa dele, cê imagina, tá? Quando eu a conheci lá na universidade, inclusive, ela perdeu muitas amigas por conta da aproximação comigo, o namoro da gente começou e tal. Mas, olha, eu acho interessante, porque, por exemplo, são 3 filhas, né, a única que permanece casada é ela comigo, tá, as outras o casamento acabou e tal, aquela coisa toda. Eu vejo assim, como, graças a Deus, eu acabei de vir de Recife, a minha sogra teve um câncer, retirou uma mama e tal, a gente foi lá, cara, eu vejo como a gente é tratado, como a gente é, sabe, como eles, como a gente tem o respeito da parte deles, tá? E eu acho, eu vejo muito a questão do caráter, sabe, isso vale muito mais do que... Eu não esqueço, quando eu te falei dos cunhados do meu filho lá na Alemanha, uma das coisas que eles faziam era assim, tipo assim, pra ver se a cor da pele saía, como se fosse uma tinta, sabe? E na verdade é, sabe, é só uma coberturazinha, que se tirar isso aqui, nós somos absolutamente iguais, sabe? Então, por isso que eu insisto nessa visão, eu tenho muita dificuldade de participar de algum grupo que promova a cizânia, promova a divisão, promova o ódio, sabe? A gente tá cheio disso aqui, sabe? Hoje eu num posso chegar pra uma pessoa pra conversar e divergir, eu sempre gostei de divergir, sabe, eu sou chato, eu gosto de... Eu acho que faz parte, sabe? Pra eu crescer, eu preciso que cê chegue pra mim e diga ‘olha, isso aí que cê tá falando, tá errado’, ‘num concordo, num concordo por tais e tais e tais razões’, e eu tenho que avaliar isso e chegar a uma conclusão ‘não, tá beleza’, a gente se modifica, né, no contato, com certeza, sabe? Então, eu prefiro esse caminho, o caminho do diálogo, sabe, diálogo respeitoso, do debate, mas sempre, sempre fundamentado assim: ah, eu quero o teu bem, assim como você quer o meu, tá?</p>
<b>E08</b>	<p>Olha é ultimamente, depois que foi implementado a questão das cotas e que a instituição ela está, ela através da lei, porque foi pela lei que ela tá tendo que implementar a questão das cotas no serviço público, as cotas pro vestibular, então é o negro está tendo uma valorização maior, a exemplo do que eu te falei, dessas mulheres negras, né, que assumiram o cargo de administradoras. Homens negros também, pelos últimos concursos, tão tendo essa oportunidade.</p>
<b>E09</b>	<p>Ah, não, não, eu acho que não. Na minha opinião eu acho que não é necessário, trabalhando esse nivelamento que eu disse, eu acho que não é necessário. É necessário combater a</p>

	discriminação, mas não é necessário fazer, assim, um trabalho aqui pra beneficiar o negro porque ele é, ou o pobre ou o negro ou o desfavorecido porque eles são menos favorecidos, então vamo beneficiar ele, não. Tem que fazer um trabalho nivelado pra beneficiar todo mundo, negro, independente de cor, de raça, de religião, beneficiar a todos.
<b>E11</b>	Tem uns programas, né? Mas eu não participo, aí eu não sei como é que funciona. Mas eu sei que tem uns programas, esses é... Num vou saber o nome, mas num tem uma casa lá na Vila Giannetti, eu não sei se isso se estende só pra alunos ou se é pro servidor também ou pra comunidade. Eu num lembro o nome, mas tem uma casa lá na Vila Giannetti que é um programa aqui da UFV. Então, esse projeto... Tô tentando lembrar o nome, teve até um evento um dia desse aí.
<b>E12</b>	Sim, porque a universidade apoia muito a questão, né, racial. Hoje tem o Dia da Consciência Negra e a gente vê o próprio site da universidade divulgando esse tipo de trabalho.
<b>E13</b>	Há quem trabalhe é pra essa valorização, né? Eu vejo, hoje mesmo eu olhei um estudo que eles estão fazendo aí de mapeamento, né? Como se fosse, grosseiramente falando, até estupidamente falando, um inventário do quê que a UFV tem de representatividade de raça e de classe social. Eu acho que isso é importante ter, sabe? Pra gente conhecer melhor a UFV e isso é louvável. Mas eu não conheço, especificamente, um trabalho de valorização, alguma coisa assim. Eu gostaria muito que tivesse.
<b>E14</b>	Eu tenho visto algumas ações. Agora mesmo eu tava lendo, que até me interessou, vai ter uma palestra, né, acho que amanhã ou hoje, parece que vai ter algum evento em relação ao negro. Ultimamente, eu tenho visto algumas coisas nesse sentido. Num sei se a iniciativa é da administração ou se de algum, é de algumas pessoas em particular. Então, hoje eu vejo algumas ações, mas isso é bem novo, né? Isso não era comum na minha época de estudante, quando eu ingressei na UFV, quando eu fiz mestrado. Mas hoje eu vejo alguma iniciativa nesse sentido, só que eu não sei até que ponto a administração tem influência nisso, entendeu?
<b>E15</b>	Olha... Eu sei que tem um grupo que chama NIEG. NIEG?... NEAB. Eu nunca participei das atividades, mas eu sei que esse grupo ele trabalha pra essa questão do respeito, da acessibilidade do negro. É o único grupo que eu sei. Agora vindo de chefia, vindo de cargos mais elevados, não. É... Eu me senti muito representada com o Pró-reitor de Gestão de Pessoas, que é o Ely Rosa. Me senti representada por ele ser negro e por ele ser técnico.
<b>E16</b>	Que eu saiba, não.
<b>E17</b>	Sim, no DCE eu tenho visto de vez em quando algumas atividades. Tem, tem. Deve ser apoiada e até aumentada a quantidade, mas tem.
<b>E18</b>	Não, que eu conheça, não.
<b>E19</b>	Então... Eu acho que a UFV ela tá, assim, ela tá meio perdida em tudo, assim. Eu acho, assim, né nem uma questão do negro, eu acho que é uma questão de ser minoria. As minorias não são é... As minorias tão transparentes pra UFV, então assim, nesse sentido, num tem nada. Sabe? É assim, é uma ignorância no sentido assim de não reconhecer, de num ter ação pra essas coisas ou, se tem, com pouco impacto. Então é isso que eu sinto, assim, não só em relação ao negro, mas as minorias de um modo geral. Pode até ter no discurso, mas efetivamente cê num vê.
<b>E20</b>	Hum... Cara, num sei. Talvez, assim, institucional, eu num conheço. É, eu conheço iniciativas de movimentos, óbvio, a universidade de alguma maneira, apoia, mas é não conheço nenhuma iniciativa oficial ou a gente não tem nenhum monumento exaltando. Cê num tem, cê num tem, sei lá, a universidade, de alguma maneira, abarca isso apoiando os movimentos, mas quem capitania isso são os movimentos, mesmo, sociais, assim. O... Esqueço sempre o nome dos meninos lá... O NEAB e, basicamente, o NEAB também, num sei se tem outras... E cê falou desse negócio se meu trabalho contribui, essa coisa é engraçada, assim, vô voltar na pergunta anterior, depois cê dá uma arrumada aí, porque o contrário também acontece. É, mas eu sei que isso é cruel, mas existe. Então, assim, quando uma pessoa, eu falo isso porque eu trabalhei com algumas pessoas assim, então essas pessoas reforçam esse estereótipo de que a gente é preguiçoso, de que a gente num quer

	fazer nada direito. Então, assim, isso é muito complicado, assim. Novamente, a gente tem que quebra isso também. Mas, essa coisa do que você representa é muito importante. Então, se você é chefe, você tem que ter um cuidado e, de alguma maneira, utilizar essa visibilidade que você tem pra reverter um benefício é pra outras pessoas. Então, assim, é eu espero, de alguma maneira, o fato d'eu estar ocupando um, hoje eu até tenho um pouco mais de dimensão do que significa ocupar chefia, eu nem tinha muito isso, sabe? Hoje em dia, depois de tantas pessoas martelarem isso, eu comecei a perceber como que isso é importante aqui dentro da universidade, cê pode ser chefe de qualquer coisa, mas, se cê for chefe, as pessoas começam a te enxergar e puxar seu saco e no sei o que, é um inferno. Mas, isso é bom, também, que as pessoas veem que existem pessoas negras no espaço de poder, também. É, isso é importante. Mas, em relação às iniciativas da universidade, a universidade em si, institucionalmente, eu nunca vi, não.
<b>E21</b>	Olha... É uma coisa difícil de dizer também, porque, por exemplo, eu nunca percebi discriminação, pelo menos em relação a mim, aqui dentro da universidade. Assim como eu num percebi discriminação, eu nunca me considerei privilegiada também por ser negra. Eu sempre me senti tratada aqui como uma pessoa igual a todo mundo. Então, num senti nada de diferente.
<b>E22</b>	Não conheço. Num sei. Eu acho que o NEAB foi a melhor coisa que aconteceu nos últimos anos, mas eu não consigo pensar fora, muito, do trabalho que faz o NEAB. Não sei se a gente tem outros espaços, outras coisas, eu num sei.
<b>E23</b>	Eu acho que tem começado a aparecer um pouco é, principalmente, com a questão da lei, né? 10.639 que é uma lei que é coloca como obrigatório, né, a inserir a discussão sobre as relações étnico-raciais nos cursos superiores, especialmente, nos cursos de licenciatura, né? Então, tem tido palestras sobre isso, inclusive esse semestre eu fui numas palestras que o Departamento de Ciências Sociais tava promovendo, né, de uma disciplina que eles têm lá de prática de ensino e uma delas falou sobre quilombolas, os grupos quilombolas, numa outra palestra falou sobre educação indígena, outra palestra falou sobre educação prisional. Então, foi bem interessante. E... E eu tenho também atentado pra essas discussões, sempre que aparece, eu vô e levo os alunos, né? E na Matemática, a gente tem uma disciplina, que é Colóquios de Matemática, é uma disciplina que chama MAT 100, do 1º período, e nessa disciplina tem que ter essa discussão também, das relações étnico-raciais e aí eu fui lá falar com eles sobre o tema e aí foi bem legal.
<b>E24</b>	Eu tenho observado esses espaços, muito nas redes que vão se construindo tanto entre os docentes que, né, que é o grupo com o qual eu circulo mais, e os estudantes que são redes de pequenos afetos e trocas de saberes e conhecimentos sobre a temática, né? Tenho observado esses espaços. Enquanto espaços institucionais têm acontecido, nos últimos anos, algumas iniciativas, ainda pouco isoladas, mas tem acontecido. Mas, eu acho que o espaço de valorização, ele é feito pelas próprias pessoas que trabalham com a temática, pelos próprios estudantes que trabalham com a temática e por nós que vivemos, literalmente, na pele, né, todos os dias, o que é ser negro aqui na universidade ou trabalhar com as questões, né, que eu conheço também professores e professoras brancos e brancas que trabalham com a questão e, se por um lado, né, elas não sofrem nenhum tipo de preconceito ou discriminação racial pela sua, como por exemplo, pelo seu tom de pele, eles vão sofrer pelo tipo de abordagem que resolveram estudar. Isso é muito comum, inclusive no departamento que eu leciono.
<b>E25</b>	Eu acho que tem eventos, né? Eu sou meio desligada, realmente, em relação a isso, mas de tempos em tempos, eu acho que tem. Assim, pelo menos, no sentido de conscientização, acho que novembro, se eu não me engano, sempre tem uma campanha. É, assim, eu acho que poderia ser mais. Acho que geralmente é sempre nessa época, pelo menos que eu me recordo, posso tá enganada, mas o que eu me recordo, geralmente, é novembro que já é algo que é nacional, aí a instituição tá junto com o que é feito nacionalmente. Agora, algo pontual assim, vamos supor, todo mês, eu não vejo. Se tem, eu realmente desconheço.
<b>13. Referindo-se a alguma pessoa negra que se destacou na UFV, qual o primeiro nome que vem à sua mente?</b>	

<b>E01</b>	É o primeiro que tá na atualidade, né? Que é o Ely Rosa. Conheci várias pessoas dentro da UFV que dexô o nome na história, né? Que dexô o nome marcado dentro da UFV, pessoas de cor negra. Mas, na atualidade, é ele. Mas são várias, tem professores, tem outros técnico-administrativos que sempre sobressaíram dentro da UFV pela sua, como se diz, pela sua qualificação, sua dedicação a instituição. Então, na atualidade, assim, pessoa que chegou ao cargo máximo, né, hoje que eu conheço é o Ely Rosa e teve alguns pró-reitores também e que eram de cor negra também, mas período antes d'eu entrar na universidade. Depois que eu entrei é o que mais destacou foi ele.
<b>E02</b>	De quando eu tô aqui, vem o Ely, né? Um servidor que assumiu um cargo de direção. Tem um... Como eu lido com acervo documental, tem um servidor que se destacou, que chegou a ganhar medalha de honra ao mérito... mas me foge o nome. [Complemento que deve ser o Candinho, José Valentino da Cruz, que dá nome a uma medalha da UFV]. É o Candinho, é... Medalha José Cândido. Mas é pouco divulgado, né? Eu conheço porque eu trabalho com documentos.
<b>E03</b>	Que se destacou? Mas destacou você fala assim em que sentido? Ah!! Eu vejo assim, política, ahn.. A Terezinha da ASAV, que em termo de destaque, de luta, de visibilidade, assim, eu considero ela. A questão de visibilidade, de tá consciente também dessa questão da luta do negro, mais essa parte social.
<b>E04</b>	Mas eu não conheço o pessoal... Não.
<b>E05</b>	Nelson, Nelson Marciano, falecido, melhor estudante de Agronomia do Brasil, foi... Ocupou o cargo na época que num era pró-reitor, mas hoje tem <i>status</i> de pró-reitor, excelente professor. José Maria do Departamento de Fitotecnia, entendeu? Outro que vem, assim, em mente. São os dois que eu conheci aqui. José Maria do Departamento de Fitotecnia, Zé Maria foi assessor da reitora aí na gestão passada.
<b>E06</b>	Bom, eu conheço pouco da história da UFV, né, mas eu só me lembraria, realmente, do Ely, tá?
<b>E07</b>	Ely Rosa.
<b>E08</b>	Que se destacou? É... Que eu vou te falar que tem um dos postos maiores é o pró-reitor Ely Rosa, né?
<b>E09</b>	Destacou na UFV? É pessoa que se destacou na UFV? Pode ser pessoas, qualquer pessoa que já passou pela UFV? Servidor que já passou pela UFV? O Candinho, o pai da servidora nossa [D. Maria José da Cruz], ele fez um trabalho... Ele foi o responsável pelo sopão da UFV, ele teve uma contribuição, tem uma... Tem o nome lá de uma rua com o nome dele... Ele foi uma pessoa que contribuiu muito.
<b>E10</b>	É o Candinho.
<b>E11</b>	Essas perguntas me fazem pensar que eu tenho que participar um pouco mais da vida, das coisas que acontecem na UFV, mas... Referindo-se a alguma pessoa negra que se destacou na UFV? Se destacou é? Ah, pode ser o Ely, então, que é o que chegou mais longe assim que eu conheço, que eu lembre.
<b>E12</b>	Americano, eu não sei o nome dele. Americano é uma pessoa que já faleceu, mas era um negro e que era poliglota, ele foi convidado várias vezes pra tá é ajudando em algumas conversações dentro da própria universidade quando vinha alguns estrangeiros aqui na universidade. Por isso que ele tem o apelido Americano, porque ele tinha uma facilidade muito grande com o inglês e com isso ele tinha condições de conversar bem, né, com... As vezes os americanos que vinham aqui e então ele acabou ficando esse apelido Americano.
<b>E13</b>	Olha, tem... Eu conheço duas pessoas que se destacaram e acho que vale a pena mencionar: é o professor José Maria Moreira Dias, do Departamento de Fitotecnia, que se formou aqui na UFV, ele veio de uma família muito humilde e aí eu já tô misturando raça com classe social e até por isso mesmo que eu tô citando, sabe? Porque é... Ele batalhou muito pra se formar e ingressou aqui na UFV como professor e dá uma contribuição muito grande ao Departamento de Fitotecnia, foi Pró-reitor de Ensino e é uma pessoa de um caráter muito, eu que conheci ele de perto, né, é muito gratificante ter uma pessoa como essa na UFV. E o próprio Ely Rosa, que eu mencionei, ele é, além de negro, ele representa os servidores, né? Porque também é a gente vê poucos servidores em cargos importantes, como esse que é de

	Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. E eu acho que é muito bom ter essa representatividade, ao meu ver, enquanto servidor e também representando é uma raça que eles consideram de minoria, que na verdade é a maioria do país, né? É eu acho que são esses dois exemplos importantes que eu lembre agora e que eu conheço, que eu posso falar sobre, né?
<b>E14</b>	É o Ely que hoje em dia é Pró-reitor. Eu acho que foi o mais alto cargo que eu já vi um negro, um técnico e principalmente negro é chegar. E assim, eu tive professoras negras no Departamento de Economia Doméstica, eu não sei se lá tem o maior número de negros, mas eu tive que se destacavam muito que era a professora... Neuza. Eu sempre achei que ela era uma professora, ela tinha assim, ela se destacava como professora, então ela era meio que uma exceção dentro do departamento, porque ela era a única negra, ah tinha a Naci e tinha Neuza, então eram as duas professoras, mas quem se destacava muito era a professora Neuza, então eu sempre tive ela como uma referência lá no departamento, independente da cor, ela era uma referência.
<b>E15</b>	Que se destaco? É assim... Que realmente que destaco, eu vou falar do Ely Rosa. Que ele destaco, de certa forma. Não que ele seja perfeito no trabalho dele, mas ele destaco. Porque ele foi o primeiro negro a ocupar um cargo de Pró-reitor, ele foi o primeiro negro. E técnico ele foi o segundo técnico a ocupar uma Pró-Reitoria, né? Então, ele se destaco, né?
<b>E16</b>	Hum... Interessante, hein? Tem sim, tem Seu Fogoió. Seu Fogoió é uma pessoa que eu me lembro dele trabalhando lá na Zootecnia ou Veterinária. Nossa, que a vida inteira, desde de criança, a vida inteira eu lembro daquele homem trabalhando, trabalhando. E pra mim era um... A exemplo do meu pai, sabe? Era uma pessoa, aquela pessoa dedicada. Seu Fogoió... É uma pessoa que é fácil de descobrir, porque é uma pessoa muito respeitada, uma pessoa muito querida. Ele já aposentou, morava ali na vila... Na vila ali depois da Suíno... Perto da... Depois da Avicultura, exatamente depois da Avicultura.
<b>E17</b>	O atual chefe do departamento, Taciano Oliveira da Silva foi galgando o cargo aqui, estudando, fez doutorado, depois assumiu o setor e agora tá na chefia do departamento.
<b>E18</b>	Não conheço.
<b>E19</b>	Nenhum, nenhum. Não consigo ver. E eu acho muito ruim isso também, porque toda vez que aparece um... 'óóó...'. Num era pra ser assim, né? É muito triste que ainda tem que ser assim. Tinha que ser uma coisa, né? É porque ainda é muito incomum, né? É isso.
<b>E20</b>	O nosso ex-pró-reitor e é Ely, sim.
<b>E21</b>	Uma pessoa negra? Hum... Ixi, eu acho que vô pular essa. Num tô lembrando assim, não, tá? Nossa senhora... Eu conheci muitos, agora é difícil lembrar o nome. Eu gostaria de lembrar um, mas... De lembrar o nome, né, eu lembro das pessoas, assim. Ah!!! Eu não sei se ela foi funcionária da universidade. Tem que ter sido funcionária aqui? Eu acho que ela não foi funcionária aqui, mas ela teve filhos, vários funcionários aqui. O nome dela é Geralda Paranhos... Então ela teve vários filhos, alguns já faleceram, e muitos deles foram funcionários aqui, uma foi funcionária do refeitório, serviço de alimentação, né, durante muitos anos. Teve filho dela que foi funcionário também da parte de transporte da universidade. Então, são muitos. E a figura dela sempre me marcou muito, que eu sei que o marido morreu, provavelmente cedo, que eu num conheci o marido dela, e ela criou esses filhos praticamente sozinha, era uma mulher de muita dignidade, sabe? Com aquela imagem muito, de uma postura muito digna, sabe? E eu gostava de conversar com ela, ela fazia salgado pra fora. Então, era muito bom ir na casa dela e ver a vitória dela.
<b>E22</b>	Divino, Divino Daniel Vitor. Ele era um... Ele faleceu. Ele era, primeiro um parceirão, que ele era técnico de laboratório, trabalhava no laboratório comigo. Mas ele era químico de nível médio, né? Então, ele entrou na universidade como pedreiro, era ajudante de pedreiro, foi fazendo a carreira dele, concursou depois, entrou como auxiliar de laboratório, tava sempre estudando, sempre influenciando. Foi homenageado inúmeras vezes pelos estudantes como servidor. E ele tinha um envolvimento dentro da ASAV, tinha um envolvimento dentro... Assim, ele tava sempre atrás de oportunidades, né? De envolvimento com a, até com a valorização mesmo, o irmão dele é o Garnizé da capoeira, então virava e mexia ele tava lá fazendo alguns eventos junto com o irmão dele, tudo que é uma contribuição até pra cultura, né? Que é negra e tal. Eu gostava muito... Pra mim é ele

	que vem na cabeça. Tem o próprio Ely Rosa que eu acho que não tem nenhum que chegou tão alto, não me lembro. Até porque, como eu falei, né, geralmente são professores que ocupam esse cargos. Ele não é professor, é técnico de nível superior, eu acho, mas mesmo assim ele é uma pessoa que se destaca. Mas, pra mim, o Divino era tope, a história dele, né, de como ele chegou, até onde ele chegou até vir a falecer.
E23	Na UFV? Tem uma professora, também que não tá aqui, mas que é... Foi pra Salvador. Do Departamento de Matemática, também. O nome dela é Simone... Simone Morais, acho que é isso, mesmo. E ela, pra mim, é, assim, se pensar em destaque de pessoa negra, ela vem na minha cabeça, assim. Porque ela é uma pessoa muito atuante no curso, ela trabalhou mais de 10 anos aqui em Viçosa e tinha uma inserção nessa questão do negro, também, bem forte e ela pegou uma fase que ainda não tinha lei, né, sobre isso. A questão de cotas ainda, também, não existia. E, então, ela tava aqui nesse, ela também passou por esse processo, antes e pós lei. Então, assim, e uma pessoa que se envolvia com essas discussões e, inclusive, ela também foi sujeito de uma pesquisa que envolvia o negro na UFV, os professores. E foi... Acho que ela, pra mim, é uma referência nesse sentido.
E24	O nome que vem a mente é uma pessoa que, né, muito mais relacionada à minha trajetória do que a trajetória da universidade, porque eu não me lembro da universidade destacar, por exemplo, na capa do seu jornal ou no site, alguma presença negra de destaque para a instituição. Mas na minha vida acadêmica, eu tive um professor chamado Jairo Vieira, Jairo Paixão Vieira, ele num trabalha aqui mais na universidade, mas ele foi a única referência negra que eu tive durante a minha formação e foi um divisor de águas na minha vida. Era um professor de filosofia, da instituição, do Departamento de Educação Física. Um professor, que eu me lembro, que teve sérios conflitos pessoais no departamento, a ponto de chegar quase a pedir exoneração e aí, eu já não me lembro na época, né, eu era estudante, então eu olhava pra essa relação de um outro modo. Mas, eu sei que ele saiu da universidade, né? Foi um momento que eu lembro de muita dor pra ele e pra todo nós que, né, gostávamos das aulas deles, num me lembro por quê. Hoje, a leitura que eu faço, é que, com certeza, ele sofreu muito preconceito racial aqui, por isso que ele não aguentou ficar aqui, na universidade.
E25	Aí é questão de proximidade, mesmo, eu falaria o técnico chama Zé Luís da Química, porque ele é uma pessoa sempre muito atenciosa, eu precisei muito da ajuda dele em relação a, muito é exagero, as vezes que eu precisei da ajuda dele, que ele é técnico de laboratório também, então pra utilizar os equipamentos, ele sempre foi muito cordial, sempre me, tudo que eu precisava, assim, de boa vontade. Até pouco tempo atrás, eu aqui já como técnica, isso eu falando como estudante, eu agora como técnica, eu precisei de algumas dicas, então eu fui atrás dele e já me ajudou. Então, assim, é uma pessoa que eu admiro muito.
<b>14. Qual a sua opinião sobre a forma com as questões/temática racial é discutida no âmbito da Universidade Federal de Viçosa?</b>	
E01	É como eu disse a pouco, como eu não participo muito desse trabalho que é feito, eu sei que existe grupos dentro da UFV que se preocupa com isso, que trabalha, mas como eu não faço parte desse grupo, aí eu num posso dizer claramente o quê que tá acontecendo na atualidade. O pouco que eu sei, que existe um movimento de estudantes, parece que o Departamento de Educação tem um trabalho muito interessante sobre isso. Mas ainda, assim, como eu num trabalho, num tenho muita informação, num posso falar claramente.
E02	É aquilo que eu falei, pelo fato de achar que o NEAB é um pouco tímido, né, eu acho que as ações são tímidas. E os departamentos que deveriam estar um pouco mais envolvidos com isso, também ficam um pouco aquém. Tem o fato também da cidade ser universitária. É difícil um movimento social resistir a 2, 3 meses de férias, sendo que tem um viés mais combativo do que o viés de movimentos de cultura, entendeu? Então ainda eu acho que está aquém e tem modelos mais interessantes, por exemplo, a comissão que vai avaliar o recorte do vestibular e o recorte do concurso público, não tem nessas comissões gente da sociedade civil, Brasil a fora todo mundo tem e geralmente é do movimento negro. Então, tá muito aquém ainda, tá muito aquém.

<b>E03</b>	Olha, eu acho assim, velado. Aqui não existe nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo... nada, só as pessoas que passam é que sabem que existe, mas não se é comentado. Comenta-se em questão de coisas positivas, ah eu vou promover isso, eu tô promovendo aquilo, temos isso, coisas assim... Mas não a questão de o dia a dia, o cotidiano, como que as pessoas são afetadas, como que é a vida dessa pessoa no ambiente, isso eu não vejo.
<b>E04</b>	Hum... nada, nada assim. Eu acho que não tem essa discussão, né? Porque é o que te falei, né? Tem a negação do preconceito, é melhor ignorar. A pessoa ignora. Pra quê tocar no assunto?
<b>E05</b>	Eu gostaria de saber onde que ela é discutida na UFV, primeiro. Não é discutida. Não tem programa nenhum. Qual que é o programa... O único programa que existe é a cota racial. Quê que é discutido na UFV em termos raciais? Qual grupo que cê conhece que tá discutindo de uma forma ampla? Eu num tô falando de grupinho. Ah, aí nós juntamos nosso grupinho aqui e nós vamos discutir. Mas eu falo em termos de política, de política dentro da UFV. Qual que é a política racial que existe dentro da UFV? Você que tá participando da pesquisa, você sabe? Não existe. Eu não conheço. Não existe. Eu tô na universidade. Eu tô na universidade, eu faço parte da UFVCredí, eu sou ativamente em interação... Estou ativamente em interação com o sindicato da UFV, eu não vejo essa política. Num sei aonde que ela tá, eu tô procurando.
<b>E06</b>	É sabe, eu tenho muita crítica porque é, pra mim, o tal do processo histórico, né, digamos, inclusive muita gente fala 'ah, você é de direita, por causa das suas opiniões', num tem nada a ver, eu num sou nem de direita nem de esquerda, isso pra mim vale pouca coisa, sabe, só que eu quero ter o direito de dizer que eu não concordo com algumas coisas, pra mim isso é importante. Então, eu vejo que, infelizmente, se pratica um tipo de esquerdismo no Brasil, porque na Europa, a gente tem a social democracia que é uma coisa mais equilibrada e a gente viu que ela conseguiu levar progresso pra todo mundo, tá? Aqui no Brasil, a gente pratica um tipo de esquerdismo sem mexer com a questão da desonestidade, pra mim é pior ainda, tá, mas um esquerdismo burro, por quê? Porque a gente só pensa em destruir, a gente só pensa, a gente num pensa em... É a tal desconstrução, eu sou crítico, mesmo, eu já tive embates, pegas, mesmo, gosto muito da questão de lidar com a teoria crítica, sabe, e eu falo 'me apresenta um resultado positivo da teoria crítica', porque é fácil você chegar e desconstruir, desmontar e tal e tal e tal, mas tá 'e aí, qual a tua contribuição', entende? Então, eu entendo que a gente precisa caminhar no sentido de sermos positivos, eu num posso ficar só apontando erros, é muito fácil. Todo sistema, econômico, político, social, qualquer que seja, todo ele, vai ter furo, a gente nunca vai encontrar um sistema que atenda todos os interesses, mas eu acho que é possível você avançar na medida em que você se coloca de uma outra maneira, sabe? Então, como é que é a tua pergunta, só pra... Exato, então, pra mim, a questão racial não, não... Vou te dar um exemplo, eu já me aproximei dessas, esses grupos que às vezes tão fazendo alguma, não só performance, mas alguma discussão, algum debate, cê pode observar, não há espaço pra você colocar uma opinião diferente, se você tentar colocar uma opinião diferente, você é massacrado. Então, pra mim, isso é o oposto do que eu tô criticando, se eu tô dizendo que tá errado aqui, eu tô indo pro outro lado com o mesmo erro, talvez até pior, tá? Então, eu acho que, infelizmente, na universidade a gente não tem espaço pro debate, mesmo. Ah, só pra te dar um exemplo, uma coisa que eu admiro muito dos americanos, num sei se cê já viu, mas é muito frequente nos Estados Unidos, debates dentro das universidades, tá? Hoje tá ficando mais difícil porque hoje grupos de esquerda tão invadindo qualquer espaço, sabe, pra poder impedir que as pessoas falem, sabe? É cara, isso pra mim, num é outra coisa senão o medo porque o medo é que faz com que eu nem queira ouvir, fora isso num tem problema. O cara discorda de mim 'pô, beleza, vamos ouvir', tá? Então, eu acho que a gente precisava ter um espaço aqui dentro da universidade, aliás porque universidade é o espaço da pluralidade, da verdadeira pluralidade, num é? Então, num é espaço pra 'não, agora nós somos todos de esquerda' e hoje se impõe isso, né? Então, não há espaço pra, por exemplo, eu fiz o curso aqui na UFV, sabe qual era o maior preconceito que eu via na minha turma, por exemplo, era o fato de que eu era professor de uma escola particular, primeiro, depois que eu possuía uma escola. Educação num é mercadoria, aí o pessoal ficava repetindo Gingows, Mottes,

	<p>sabe, sem nem refletir. Porque claro, eu entendo, eu percebo claramente que se o estado preenchesse esse espaço de forma correta, cê pode ter certeza, por uma lei de mercado, ninguém ia pra uma escola particular, sabe? Mas se estado não, num consegue atender, então isso acontece. Mas eu via a dificuldade com que as pessoas, infelizmente, e aí eu dou um toque pra você: você tem que ter a experiência da realidade pra você desenvolver o trabalho acadêmico e às vezes a gente via, eu tinha uma professora que eu gosto dela demais, né, mas ela era a pessoa que fez graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado e num sei o que e tal, e ficava lá dando lições de como é que você lidava com conflito em sala de aulas, eu falava ‘cara, mas quando é que cê viu um conflito em sala de aula, cê nunca viu’, cê entende? Então, na verdade, o que a gente vê muito aqui, é um grupo de pessoas que tão teorizando sentados em cima de 200 livros e dando opinião sobre tudo e querendo determinar que as coisas caminhem em uma determinada direção, mas eles num tem noção da realidade, tá? Então, pra mim, infelizmente, e eu gostaria muito, até digo, é uma das razões de eu ter desejado participar da pesquisa foi porque eu gostaria demais que a gente tivesse um espaço assim, sabe, um espaço verdadeiramente plural. Cê pode ter certeza, eu ia querer participar, mesmo, tá, porque eu vejo, é aquilo que eu falei, a gente precisa contribuir, sabe, a gente precisa de alguma maneira... Num é nada, não, eu tô com 59 anos, eu acho que alguma experiência eu tenho que eu poderia, sei lá, apontar alguma coisa distintiva do que se tem visto, tá? Mas eu também queria dizer pra você, eu tô muito feliz de ter essa oportunidade, tá, acho isso muito bom, muito bacana, mesmo, tá?</p>
<b>E07</b>	<p>Olha eu participei do Colégio Universitário, do Consu, e eu participei bem numa época que tava discutindo aquela exigência do governo pra implementar as cotas, né, pro vestibular. E aí foi uma briga muito dura que o governo estabeleceu um prazo aí, uma meta de parcelada até atingir os 50%, que eu acho que hoje já é. E assim, me surpreendeu muito a rejeição do Conselho Universitário pra instalar as cotas pra negros e pra escola pública. E aí eu até discuti lá, eu falei é a universidade pública não pode ter medo de aluno de escola pública, não pode ter medo do negro, ela é feita pra isso, pra população, né? Ela é feita pra atender as minorias, pra tentar fazer, democratizar mais as relações, né? Então aquele momento assim, foi bem duro, mais o momento político conseguiu superar e conseguimos aprovar, mas aquele momento a gente vi falas assim que enojava, né? Hoje em dia a gente ainda vê, mas eu acho que discussão aqui dentro da universidade tá bem forte, o movimento, a discussão do movimento negro também é. Então qualquer coisinhas que, qualquer coisa que venha a caracterizar como preconceito, como racismo, a discussão tá sendo bem ampla na universidade, então acaba inibindo, né? Que eles chamam os movimentos raciais, né, de negros de chatos, né? ‘Ah! Aquele pessoal é muito chato.’ Mas é uma, é um movimento que tá trazendo uma certa... Tá intimidando os racistas que tem por aí, de certa forma.</p>
<b>E08</b>	<p>Ela precisa de ser discutida com mais clareza, né? Os movimentos é trazerem mais informações, principalmente, com relação, por exemplo, a cotas é pra pessoa ingressar no vestibular, precisa de ser tratado, de ter um esclarecimento muito maior é nos cursinhos pré-vestibular, nas escolas. Nós precisamos fazer um trabalho de esclarecimento porque não basta a pessoa, ah não eu vou lá e coloco lá que eu sou preto ou que eu sou pardo, não é por aí. As coisas não funcionam porque as vezes a pessoa ela não é preta, nem é parda, mas por questão, ah não, eu vou lá e coloco, e vou lá e porque eu tenho um amigo negro e... Não é isso. As cotas, as ações afirmativas, elas não são para isso. A pessoa tem que entender, ela realmente, ela tem os traços? Ela é negra? Mesmo se ela for parda, ela carrega esses traços, ela sofre aquela discriminação que um negro sofre? Entendeu? Porque a maioria não sabe o que a gente realmente passa. Hoje em dia tem muita gente fala ah eu não sou racista, mas o racista é velado, ele tá aí presente a todo minuto. Eles olha pra você e não te vê como uma pessoa, como um profissional, olha como um empregado qualquer, entendeu? Não respeita o conhecimento que você tem, isso é direto, isso é direto, isso é em vários setores, você observa isso, dentro da comunicação, isso é em vários setores.</p>
<b>E09</b>	<p>Hum... Não, não. Eu acho que há pouca discussão. Há discussão se houver a discriminação, aí provoca uma discussão e... Aí provoca uma discussão. Mas, de um modo geral, não, eu acho que não é necessário uma discussão.</p>
<b>E10</b>	<p>Aqui dentro da universidade, eu acho que, eu na verdade não tenho conhecimento dessa</p>

	discussão aqui, cê entendeu? Mesmo a nível de servidores, nível de estudantes e a, se depender da instituição, então, das pessoas que estão nos cargos de reitoria e tal, acho que isso não, isso nem é lembrado aqui dentro da universidade.
<b>E11</b>	Ainda não existe. Então, pensando nas cotas, o número de servidor negro tá um pouco, tá maior, ou pelas suas pesquisas não? Cê que tá pesquisando assim né, dessa classe nova, nova assim de 2010 pra cá, 2011, né, que entrou muita gente ou desses cargos mais antigos? É mais eu acho que num tem, num é discutido, não tem temática, num tem nada voltado pro negro, não.
<b>E12</b>	Eu vejo de forma positiva e eu acho que muito bem divulgado. O que precisa ser feito é os negros também se sentirem é convocados pra tá nesse momento, né? Porque aí seria tão bom se num precisasse disso, mas infelizmente a gente sabe que hoje ainda precisa disso, né? Se a gente não lutar por isso, de ter essa igualdade social, que cor num valoriza ou desvaloriza ninguém, mas se não tiver realmente um momento desse pra a sociedade acordar e lembrar que hoje existem vários negros na sociedade que representam bem a sociedade e até de forma assim muito positiva e saber que nós, negros, né, no início a gente num tinha valor nem pra dar uma opinião. E a gente percebe hoje que com esses movimentos, né, a tendência é mostrar realmente que o negro é um ser humano como qualquer um, independente da cor que no momento ele se apresenta pra sociedade.
<b>E13</b>	Olha... Eu acho que, se existe, a gente precisa divulgar isso mais, tá? Porque realmente eu não conheço. Eu acho que a gente podia debater isso com mais propriedade, envolver estudos como o seu, né? Pra que a gente possa se encaixar bem no espaço e se reconhecer como representante, como eu não me reconheço como representante, né? É eu acho que devia levar isso pros setores e não esperar que os setores se mobilizem, por exemplo, trazer isso ao conhecimento de cada um que trabalha nos departamentos e não somente divulgar na página, ah que vai ter grupo de discussão sobre isso e tal. Eu acho que é importante, não só a questão racial, mas também questões religiosas, é... Tem muita gente que num gosta de tocar nos assuntos, né, mas são assuntos que a gente precisa tocar, principalmente pra que as coisas comecem a avançar, né? Porque é triste quando a gente vê que a desigualdade que existe no país ela vem afetando pessoas, indivíduos, né? Porque o negro, ele não precisa... A raça negra ela não precisa de defesa, ninguém precisa defender a raça negra, mas a gente precisa defender os indivíduos porque os indivíduos que sofrem, né, é os indivíduos que tão ali no dia a dia ouvindo ofensas, tendo que digerir aquilo tudo e continuar trabalhando, né? Eu acho que a gente precisa discutir pra defender esses indivíduos.
<b>E14</b>	Eu acho que precisa de melhorar. Eu acho deve, que é muito insuficiente. A gente não ouve muito sobre isso. Eu acho que tem que ter debates mais fortes. Mas eu acho assim que a gente não precisaria tá discutindo isso, né? Porque eu acho que pra mim não tem diferença se é branco, se é negro, se é pardo, se é índio. A questão é eu acho que falta políticas pra poder valorizar todas as classes, todos os grupos raciais, todos os grupos, né, sexuais, sei lá como é que fala, de gênero. Eu acho que o problema é isso, eu acho que é ter essa diferença, esse preconceito que tá o problema, em relação a tudo e o pobre, o negro ter mais acesso a uma educação de qualidade, a saúde. Acho que o problema do Brasil é essa diferença é social que existe, acho que passa muito por isso. Além do que é claro que a gente sabe que até hoje existe preconceito em relação a várias... A várias coisas, etnias, a gênero, em relação a... É gênero que fala? Porque eu tô falando assim porque é gay, porque é transgênero, por que..., entendeu? Classe social, ao cargo que ocupa. Então eu acho que esse tipo de preconceito que não deveria existir, né? E infelizmente a gente ainda tem que ficar lidando com essas coisas. Então, eu acho que a gente precisa, realmente, discutir mais como a gente amenizar isso, mas eu acho que isso esbarra numa questão política, social, acho que tem muita coisa que a gente tem que é mudar pra gente chegar realmente numa situação ideal, né? É assim que eu penso.
<b>E15</b>	Eu acho que pode melhorar, porque existe uma tendência a naturalizar e a pensar 'não, a gente não tem problema com o negro'. Só que num é verdade, porque quando você pensa assim os acessos são poucos, né? A cargos mais elevados, ainda são poucos, né? E, na verdade, são poucos negros que tem... Que chegam já com cargos mais elevados, são poucos negros que chegam ao cargo de professor, talvez, né? Eu acho que precisa ser mais

	discutido.
<b>E16</b>	Precisa melhorar. Eu num... Sinceramente eu não vejo. Eu não sei se é porque o Coluni é um setor muito... Muito é diferente dentro do <i>campus</i> . Ele num faz parte, o Coluni não faz parte duma estrutura é departamental, não tá vinculado a diretorias de Centro. É muito, porque trabalha com educação básica, é um público muito diferenciado. Eu vejo que aqui, embora, né, a gente tenha acesso aos boletins <i>online</i> da UFV... Eu acho que isso é muito pouco.
<b>E17</b>	Precisa melhorar e muito. Ah, precisa. E ter também a participação do negro, né, porque também num basta só a instituição chamar e a pessoa não comparecer. Então, acho que num é só da instituição, o próprio negro, né, seja pardo, todo mundo tem que participar.
<b>E18</b>	Não conheço nenhum debate sobre isso.
<b>E19</b>	Eu acho que se são, são superficiais. E sempre nessa negativa, não que num, sabe? De que num tem. De que não! E esse discurso do mérito, porque assim, pra mim, se tiver mérito é até bom. Todas as coisas que eu disputei por mérito, eu passei. Num tem problema nenhum.
<b>E20</b>	É o que eu tô te falando, acho que institucionalmente, eu nem acho que seja debatida, assim. Talvez agora, me parece, eu conheço bem a universidade, mas enfim tem muita coisa aqui que eu não sei, mas me parece que tem agora, em função da questão das cotas raciais, existe um movimento da universidade, aí é institucional, né, a universidade criou um grupo pra, justamente, resguardar essa utilização das cotas pelos cotistas efetivamente, assim. Então, eu acho que hoje, o que eu percebo hoje, em termos de discussão racial na universidade, na verdade é até pra ela ter uma salvaguarda em termo se ela for questionada se ela tá cuidando dessas políticas afirmativas. Então, assim, me parece que existe uma comissão, hoje, que tem avaliado se as pessoas que entram na universidade e dizem que é negras, se elas realmente atendem a esses critérios, assim, que eu também não conheço muito bem, mas eu sei que essa comissão foi formada justamente pra, aí tem a contribuição do NEAB, tem, enfim, tem outras instâncias da universidade também. Aí é uma comissão institucionalizada, aí, basicamente, eu enxergo que essas questões raciais têm aparecido, institucionalmente, através dessa comissão, pra assegurar que a universidade não vai infringir a lei. Mas, assim, outras iniciativas pra além disso, num conheço muito, não.
<b>E21</b>	É, eu acho que, no âmbito da universidade, o que eu tenho visto de discussão, é nesse Núcleo, NEAB, que existe aqui. Foi o único espaço onde eu vi a questão racial ser discutida aqui, dentro da universidade. A nível, assim, de órgãos da universidade, eu nunca vi, não, ser discutido, não.
<b>E22</b>	Ela é debatida? Essa é minha opinião. Ah!!! Acho que eu, como eu disse, eu falo demais, né? Não, num tenho. Eu fico feliz desse tipo de pesquisa, desse tipo de trabalho, quis participar desde o começo, me propus até a participar dessa entrevista por conta disso. Porque eu acho que a gente é muito carente desse tipo de informação, de levantamento de dado. É a gente tem num mundinho que é um pouquinho complicado ainda e a gente tem muito trabalho pra fazer. Então qualquer sementinha, qualquer trilha nesse caminho, eu acho que a gente tem que seguir, mesmo, tem que correr atrás. Eu num sinto, eu pessoalmente, que eu faça tanto quanto eu poderia fazer, eu não me sinto assim. Mas, eu valorizo e apoio e vou procurar apoiar sempre as pessoas que tão ali tentando fazer, assim. E vou continuar fazendo o que eu faço, né?
<b>E23</b>	Não é, né? Eu acho que não, pelo menos... O problema é que eu, assim, eu fiquei afastada 4 anos pro doutorado, no período de 2013, março de 2013 a abril, mais ou menos, de 2017. Então, é um período grande, né? Assim, recente, que eu num sei o que aconteceu sobre isso, que foi quando eu acho que essas questões começaram a aparecer mais. Quando eu saí pro doutorado, tava... A lei, a lei foi 2003, né? Mas, mesmo assim, a coisa aqui no Brasil demora um pouco e tal. Em 2004 saiu umas diretrizes, aí as reformulações pedagógicas foram 2006, 2007, né? 2010, a gente fez uma reformulação e aí eu saí em 2013. Então, eu num cheguei a ver o impacto muito grande dessa lei, assim, em termos institucional, né? É tô voltando agora, tô aqui desde março. Abril, maio, junho, três meses e, nesses três meses, eu num vi nada relacionado a esse tipo de discussão. Inclusive, eu vejo, assim, o que eu vejo é preocupação com relação ao sistema de cotas, né? Então, eu vejo que eles ficam

	<p>preocupados pra que não tenha fraude de ‘ah, porque tem pessoas brancas entrando pelas cotas dos negros’. E isso eu acho que realmente tem que ter uma preocupação muito grande, né, é, mas eu vejo mais preocupação do que a lei como solução, entendeu? Então, invés de ah tá feliz porque tem a lei, as cotas, eles ficam preocupados pra assim ‘nossa, vamo nos resguardar pra que não tenha fraude nesse sistema’ e num sei o que. Então, eu fico meio, assim, preocupada. Acho que isso, também, é um pouco do resquício desse preconceito que tá muito incutido, assim. Então, as pessoas têm e não sabem que tem e aí elas falam sem querer e aí vai falando, né? Então, assim, aí fica na matrícula... É então, uma questão que eu vejo, uma discussão que eu presenciei foi, por exemplo, de aqui na UFV a declaração de raça é, pra entrar no sistema de cotas é feita no ato da matrícula, né? Então, a pessoa fala pra outra e aí, e isso, é uma forma pra não ter esse tipo de fraude, pra falar assim ‘ah, então...’, se quem tá fazendo a inscrição percebe assim ‘ah’, fala ‘não, você não é’, acha que não é negro, né, e aí você vai ter um processo pra analisar se vai entrar, mesmo, no sistema de cotas ou não. Então, é nesse sentido pra evitar a fraude, né? A fraude pra que outras pessoas não entrem no sistema. E aí eu fiquei refletindo sobre isso, né? Tipo... Quem que vai falar se você é negro ou não? É alguém que tá te vendo? Precisa te ver pra falar se você é negro ou não? Então, eu até fiquei... Na hora, eu até, quase que eu levantei a mão e falei ‘cês acham que eu sou negra?’, ‘eu tô preta ou não?’, entendeu? Porque eu acho que... Minha pele não é tão escura, é mais clara um pouco, mas meu cabelo é crespo, minha família é negra, eu tenho primos negros, né? Então, assim, minha irmã, minha irmã é bem mais... Eu sou a mais clarinha da minha casa, então minhas irmãs são mais negras. Então, quem vai falar se eu sou negra? Se eu chegar pra uma pessoa pra fazer uma matrícula e a pessoa falar que eu não sou negra, quem tem essa autoridade pra falar? Se você é ou não, né? Então, eu fiquei pensando nisso, mas...</p>
<p><b>E24</b></p>	<p>Ainda com muito... Uma forma muito artilosa, né? Não se fala do tema, tem medo de falar sobre o tema. Ainda, também, muito difusa, muito dispersa, algumas iniciativas pontuais e aí a gente encontra uma barreira que eu ainda num sei que barreira é essa, né? Mas, de fortalecer esses diálogos. Mas, e aí eu queria repetir, que não são iniciativas que partem da universidade, né? Elas partem de uma pressão, seja do movimento estudantil, seja pelos próprios professores que trabalham com a temática. Então, acho que a universidade tá bem aquém do que ela deveria estar, né, dentro da temática étnico-racial. Precisava de tá mais visível o que a universidade pensa sobre as questões étnico-raciais, visível no seu plano institucional, né, a própria exigência, acompanhamento, né, das ações afirmativas dentro da universidade, da permanência dos estudantes negros, da continuação, né, da vida universitária desses estudantes, na pós-graduação e também na questão das fraudes nas cotas. Então, acho que faltava dar visibilidade a isso, né? A universidade precisa de falar sobre isso, precisa de promover esse debate.</p>
<p><b>E25</b></p>	<p>Então, aí volta a outra questão, né? Eu acho que precisava de mais, de mais debates. Num sei qual a melhor forma de fazer, porque eu acho que, também, se você faz só um debate, mas num divulga e... Aconteceu, eu falo porque eu já vi isso, eu sempre leio as notícias da UFV, mas eu só leio, tipo assim, eu leio ‘ah, teve isso’, ok, mas eu acho que as vezes fica muito fechado, sabe? Teve um debate, geralmente, na biblioteca, aí beleza, aí teve aquele debate ali, mas quê que foi debatido? Qual o retorno disso? Acho que só debater, pra mim é falar, falar e não dar em lugar nenhum. Então, eu acho que, talvez, falta alguma coisa prática. Eu sou bem dessa área, tipo assim, eu preciso ver o resultado daquilo. Então, cê debateu e daí? Quê que foi feito? ‘Ah, tá, ah realmente precisa de espaço, realmente num é tão valorizado, mas e aí? A gente vai continuar assim, quê que vai ter de... O que eu me sinto falta é isso, e aí? Quê que vai ser feito? Num sei, né, de repente seu trabalho pode vir a colaborar em algo, sei lá, pra pelo menos refletir. Aí, se as pessoas, pelo menos, parem pra refletir, acho que já é um ganho muito grande. Principalmente, quem tá na área e não é negro, não sabe o que é. Acho que as pessoas não entendem, acho que não entendem. Acho que é isso, assim, que as vezes você tem que mostrar, mesmo, que você é competente pra pessoa te valorizar. Então, num sei, num sei quê que pode ser feito, mas se, pelo menos, refletirem, sei lá, passarem um dia pra ver como é, sabe, ver como é o tratamento... Eu até não posso reclamar, nunca tive problema nenhum, sabe? É assim, minha família, também,</p>

nunca passei dificuldade, sempre fui numa classe média, pai sempre incentivou a gente a estudar, então assim, nunca tive problema. Não posso falar que eu precisaria, mas é meu pai passou. Então, assim, eu tenho isso de vindo do meu pai, assim, meu pai passou muito apertado, meu pai passou muita dificuldade. Se hoje a gente conseguiu, eu e meus irmãos estaremos um pouquinho melhor, mas tem todo um contexto atrás disso e eu acho que, quem não vivencia isso, não tem noção do que é. Então, eu acho que talvez refletir em relação a isso, num sei... Num sei como eu poderia contribuir mais, mas eu acho que, sei lá, talvez, num sei, um retorno. Eu acho que é isso, eu sinto falta do retorno desses debates.
---

## APÊNDICE L – Dados registrados no SisPPG

\* Deixaram de fazer parte do quadro de docentes da UFV.

PROJETOS DE PESQUISAS REGISTRADOS NO SISPPG					
Título	Data Início	Data Término	Deptos envolvidos	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
Mobilidade social e questão racial: um estudo comparativo entre os estados da Bahia e Minas Gerais	05/03/1998	06/03/1999	DEE	Vera Lúcia Travençolo Muniz*	Sem foto
Os dançadores do rosário ganham novos trajes: estudo sobre as relações do congado de Brás Pires/MG com a igreja católica e com os "amigos da congada"	01/03/2004	28/02/2005	DER DER DED	Maria Izabel V. Botelho Sheila Maria Doula Maria de Fátima Lopes	Branca Branca Branca
Desigualdade de renda e pobreza entre gêneros e raças em Minas Gerais e os objetivos de desenvolvimento do milênio	01/03/2005	30/10/2007	DEE DEE DBG	Rosa Maria Oliveira Fontes* Geraldo Edmundo S. Júnior* Luiz Sérgio Saraiva*	Sem foto Sem foto Sem foto
O negro no esporte universitário: o caso da Liga Universitária Viçosense	01/08/2005	31/07/2006	DES	José Jairo Vieira*	Preta
Vivência de uma cultura - o congo na comunidade e no currículo escolar	01/09/2005	29/04/2006	DPE	Maria das Graças Soares Floresta	Branca
Território e moradia: a construção da identidade negra no Buieié	01/08/2006	31/07/2007	DED DER	Neide Maria de A. Pinto Ana Louise de C. Fiúza	Branca Branca
Identidade e territorialidade: comunidade negra rural de Ponte Nova/MG	01/11/2006	31/03/2007	DED DED COL	Márcia Pinheiro Ludwig* Patricia F. Gouveia da Silva* Marilda Aparecida Ionta*	Sem foto Branca Sem foto
Análise e mapeamento do perfil sócio-étnico-cultural dos alunos do Ensino Médio da cidade de Viçosa	15/01/2007	15/01/2008	DAH DAH	Eduardo José Pereira* Edson Soares Fialho	Sem foto Preta
Chamas do candeeiro: gênero, espaço e tempo na memória do congado	01/03/2007	28/02/2008	DPE	Marisa Barletto* (LÍDER)	Branca

<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Deptos envolvidos</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
Território e cultura: a construção de identidades negras em uma comunidade rural da Zona da Mata Mineira	01/08/2007	30/04/2010	DED DER	Neide Maria de A. Pinto Ana Louise de C. Fiúza	Branca Branca
Quilombos: entre o processo de reconhecimento e a construção cultural da "comunidade negra rural" de Santo Antônio dos Pinheiros Altos, Piranga/MG	03/03/2008	31/03/2009	DER DER	Sheila Maria Doula Ana Louise de C. Fiúza	Branca Branca
De capitão a capitã: a inserção da mulher em espaços tradicionalmente masculinos no Congado	06/05/2008	31/03/2009	DED DPE	Maria de Fátima Lopes Marisa Barletto*	Branca Branca
Entre a colher e a enxada: interfaces entre a alimentação e a cultura dos quilombolas de Piranga/MG	20/05/2008	28/02/2009	DER DER DER	Sheila Maria Doula Ana Louise de C. Fiúza Marcelo Miná Dias	Branca Branca Parda
Desafios e possibilidades na implementação da legislação antirracista: um estudo de caso sobre práticas educativas	28/02/2009	28/02/2011	DPE DPE DPE	Rita Márcia A. Vaz de Mello Rita de Cássia de A. Braúna Willer Araújo Barbosa	Branca Branca Branca
Entre a igualdade e a solidariedade: cotas raciais uma solução ao problema da exclusão social?	01/08/2009	31/07/2010	DPD	Alexandre Pimenta Batista Pereira*	Sem foto
Práticas culturais e representações visuais nas congadas de Viçosa (MG)	19/10/2009	19/10/2010	DHI	Maria da Conceição Francisca Pires*	Sem foto
O homem representado: a humanidade de ameríndios e africanos em relatos de missionários (1584-1696)	01/11/2009	31/10/2010	DHI	Ângelo Adriano Faria de Assis	Branca
Paisagem e memória: reconstruindo a geo-história do município de Teixeira-MG	01/03/2010	31/12/2013	DGE	Edson Soares Fialho	Preta
O Teatro Experimental do Negro (TEN) e a construção da identidade negra, nas décadas de 1940 e 1950	03/03/2010	03/02/2011	DHI	Maria da Conceição Francisca Pires*	Sem foto
Tradições, rituais e cerimônias além do Saara: conhecer para ensinar e incluir	01/04/2010	31/10/2010	DHI	Francisco Carlos Cardoso Cosentino*	Sem foto

<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Deptos envolvidos</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
Conhecimento tradicional e uso do solo na comunidade quilombola Malhada Grande - Catuti - MG	08/08/2010	08/12/2012	DPS DPS DPS	Raphael B. Alves Fernandes Carlos Ernesto Gonçalves R. Schaefer Ivo Jucksch*	Branca Branca Branca
Etnobotânica e soberania alimentar no Norte de Minas Gerais: resgate de plantas alimentícias tradicionais entre geraizeiros, caatingueiros, vazanteiros e quilombolas	01/09/2010	30/09/2012	DPS DER	Carlos Ernesto Gonçalves R. Schaefer France Maria G. Coelho*	Branca Branca
Histórico e Identidade entre comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais	01/11/2010	29/02/2012	DER DPS	France Maria G. Coelho* Carlos Ernesto Gonçalves R. Schaefer	Branca Branca
A possibilidade de integração da mulher negra na sociedade brasileira via a formação agrotécnica	01/12/2010	01/12/2012	DER DER DED	Ana Louise de C. Fiúza Sheila Maria Doula Neide Maria de A. Pinto	Branca Branca Branca
A aparição das mulheres negras, das mulheres politizadas e das relações afetivas plurais no rural urbanizado	01/02/2011	01/02/2012	DER DED	Ana Louise de C. Fiúza Neide Maria de A. Pinto	Branca Branca
Vozes da resistência: tradição, inovação e participação de jovens no congado de Estrela do Indaiá/MG	28/02/2011	01/02/2012	DER	Sheila Maria Doula	Branca
Juventude rural quilombola: identificação reconhecimento e políticas públicas	01/03/2011	28/02/2012	DER	Sheila Maria Doula	Branca
Passageiro de si mesmo: subjetividade, representação e poder em Desonra de J.M. Coetzee	05/03/2011	02/10/2012	DLA	Gracia Regina Gonçalves	Branca
Memória social e patrimônio cultural imaterial: tradição afrodescendente como conhecimento praticável na atualização de um presente em mudanças na Zona da Mata Mineira	01/03/2012	28/02/2014	DCS DCS	Marcelo Jose Oliveira Diogo Tourino de Sousa	Sem foto Branca

<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Deptos envolvidos</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
Entre a fé e o espetáculo: tradições, memórias, experiências e rituais nas festividades do congado no município de Rio Paranaíba	01/03/2013	28/02/2014	IHP	João Alfredo Costa de Campos Melo Junior	Sem foto
(In) segurança alimentar e nutricional e conflito territorial: um estudo comparativo nas comunidades quilombolas Angelim I e São Jorge, no Sapê do Norte-ES	03/06/2013	02/06/2014	DCS DER	Douglas Mansur da Silva Nora Beatriz Presno Amodeo*	Branca Branca
A territorialidade do negro na Universidade Federal de Viçosa	01/10/2013	06/06/2014	DGE DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
Estratificação ambiental participativa, relação solo-ambiente e sustentabilidade dos agroecossistemas no quilombo Córrego Santa Cruz, Ouro Verde de Minas - MG	01/03/2014	28/02/2019	DPS DPS DPS	Raphael B. Alves Fernandes Carlos Ernesto Gonçalves R. Schaefer Irene Maria Cardoso	Branca Branca Branca
Prospecção etnofarmacológica de plantas medicinais utilizadas pela população quilombola do Distrito de Rolim de Moura do Guaporé, Rondônia	01/11/2014	01/12/2016	DFT	Vicente Wagner Dias Casali*	Branca
Panorama da educação nas ex-colônias portuguesas na África em contexto de recuperação socioeconômica desde suas independências políticas	08/05/2015	31/03/2021	DAD DAD DPE DAD	Rodrigo Gava Afonso Augusto Teixeira de Freitas de Carvalho Lima Rita Márcia A. Vaz de Mello Edson Arlindo Silva*	Branca Branca Branca Branca
A transmissão intergeracional e a dança: um recurso presente no congado de São Miguel do Anta-MG	09/07/2015	29/02/2016	DED	Lilian Perdigão Caixeta Reis	Sem foto
O negro e a corte nos relatos de viagem de Maria Graham no Brasil	01/08/2015	31/07/2016	DHI	Ângelo Adriano Faria de Assis	Branca

<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Deptos envolvidos</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
Os processos do processo: apropriações e significações do direito pela comunidade quilombola de Córrego do Meio, Paula Cândido/MG	17/08/2015	30/06/2016	DER DCM	Douglas Mansur da Silva Rennan Lanna Martins Mafra	Branca Branca
A Política de cotas no IF Sudeste MG: análise do acesso e da permanência	01/10/2015	30/04/2017	DPE	Edgar Pereira Coelho	Branca
O impacto da implementação do SISU e da Lei 12.711 na assistência estudantil da Universidade Federal de Viçosa	01/10/2015	30/07/2016	DAD	Telma Regina da Costa Guimarães Barbosa	Sem foto

## APÊNDICE M – Dados registrados no RAEX

\* Deixaram de fazer parte do quadro de docentes da UFV;

\*\* Atuou como professor(a) visitante na instituição;

\*\*\* Atuou como professor(a) substituto(a) na UFV;

§ Técnico de nível superior da UFV;

§§ Técnico de nível fundamental ou médio da UFV.

PROJETOS DE PESQUISAS REGISTRADOS NO RAEX						
Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-136/1994	III Batizado e Troca de Cordéis do Grupo Capoeira - UFV	02/07/1994	03/07/1994	DES	---	---
CUR-159/1996	Curso de Capoeira	26/07/1996	28/07/1996	DES	Jose Olympio de Almeida*	Sem foto
EVE-322/1997	VIII Jornada Cultural da Capoeira e Dança Afro de Viçosa	03/10/1997	05/10/1997	DAC DES	José Ricardo Gonçalves dos Santos <sup>§</sup>	Sem foto
EVE-173/1998	IX Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro	25/09/1998	27/09/1998	PEC	Jose Ricardo Gonçalves dos Santos <sup>§</sup>	Sem foto
EVE-435/1998	Semana Cultural Africana/ Integração África Brasil -Exposição de Arte Africana	03/12/1998	11/12/1998	DAC Secretaria da Cultura Departamento da Cultura	Jose Ricardo Gonçalves dos Santos <sup>§</sup>	Sem foto
EVE-358/1999	X Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro.	24/09/1999	26/09/1999	---	Marilene de Melo Vieira	Sem foto
CUR-656/1999	Curso de Capoeira Angola	25/09/1999	27/09/1999	Capoeira Alternativa	Maristela Lima*	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-373/1999	IV Batizado da Capoeira Alternativa.	26/11/1999	28/11/1999	DAC	Maristela Lima*	Branca
EVE-160/2001	Encontro Mineiro de Capoeira	12/05/2001	13/05/2001	PEC	Luzia Maria dos Santos* <sup>§</sup>	Sem foto
EVE-375/2001	12ª Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro	21/09/2001	23/09/2001	DAC ACGZ	Luis Carlos Vitor <sup>§§</sup> Luzia Maria dos Santos* <sup>§</sup>	Preta Sem foto
EVE-122/2002	Encontro Regional de Capoeira	05/04/2002	07/04/2002	SEL	Jose Alberto Pinto*	Sem foto
EVE-213/2002	II Encontro Mineiro de Capoeira Batizado e Troca de Cordas de Viçosa	25/05/2002	26/05/2002	PEC	Luis Carlos Vitor - Garnizé <sup>§§</sup> Luzia Maria dos Santos* <sup>§</sup>	Preta Sem foto
EVE-400/2002	13ª Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro	28/09/2002	29/09/2002	DAC	Lúcia Maria de Carvalho Zamperlini* <sup>§</sup>	Sem foto
EVE-341/2003	XIV Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro	26/09/2003	28/09/2003	DAC	Luzia Maria dos Santos* <sup>§</sup> Maria Geralda Pires Medeiros* <sup>§§</sup>	Sem foto Sem foto
CUR-106/2004	Oficina de Dança Afro	08/10/2003	09/10/2003	DAH	---	---
EVE-448/2003	VI Batizado e Troca de Cordéis do Grupo de Capoeira Alternativa-UFV	17/10/2003	19/10/2003	PCD	Jose Alberto Pinto* Luiz Claudio Costa* Teresinha M <sup>a</sup> M. Orlando <sup>§§</sup>	Sem foto Branca Sem foto
PRJ-191/2012	Gengibre	02/02/2004	15/12/2013	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino Kátia de Lourdes Fraga Willer Marajo Barbosa	Parda Branca Branca
PRJ-052/2004	Cultura Afro-brasileira: mudança de contexto	01/04/2004	31/12/2004	DAH	Jaqueline Cardoso Zeferino Jose Jairo Vieira*	Parda Preta
EVE-186/2004	Oficina de capoeira	16/06/2004	16/06/2004	PCD	Evandro Ferreira Passos*	Preta
EVE-338/2004	XV Jornada Cultural de Capoeira e Dança Afro	25/09/2004	26/09/2004	DAC	Cosme Damião Luciano Baião Vieira* Luis Carlos Vitor <sup>§§</sup>	Branca Sem foto Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-487/2004	VII Batizado e Troca de Cordéis - Grupo de Capoeira "Alternativa" - UFV	26/11/2004	27/11/2004	PCD	Jose Alberto Pinto*	Sem foto
EVE-166/2005	A Cultura Afro na Literatura Brasileira	04/12/2004	04/12/2004	DLA	Gracia Regina Gonçalves Joelma Santana Siqueira	Branca Branca
PRJ-048/2005	Cultura Afro-brasileira: Mudança de Contexto	01/03/2005	30/12/2005	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-626/2005	Apresentação de Dança Afro-brasileira	31/03/2005	31/03/2005	DAH	Flavia Brassarola Borsani Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-627/2005	Dança Afro-brasileira Infantil	15/05/2005	15/05/2005	DAH CCH	---	---
EVE-186/2005	III Encontro Mineiro de Capoeira	28/05/2005	29/05/2005	PEC	Rodrigo Gava	Branca
EVE-304/2005	Capoeira alternativa	11/06/2005	12/06/2005	PCD Serviço de Esporte e Lazer A.A.A. - LUVÉ	Mario Alino Barduni Borges	Branca
EVE-394/2005	XVI Jornada de Capoeira e Dança Afro-Brasileira	22/09/2005	24/09/2005	DAC ACGZ	Marilda Aparecida Ionta* Rodrigo Gava Luis Carlos Vitor <sup>§§</sup>	Sem foto Branca Preta
EVE-628/2005	Dança Afro-brasileira e Capoeira	29/10/2005	29/10/2005	DAH CCH	---	---
PRJ-113/2006	Projeto Afro Ginga	23/01/2006	02/03/2007	DES	Leonice Aparecida Doimo*	Sem foto
PRJ-084/2006	Prática Educacional inclusiva: construção da identidade do Negro na escola.	22/02/2006	30/03/2008	DAH	Edson Soares Fialho Eduardo Jose Pereira Maia* Paulo de Marco Junior*	Preta Sem foto Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
PRJ-044/2006	Entre sombras e gestos: a reconstrução da identidade Afro-brasileira no Grupo Ganga Zumba, Ponte Nova? MG.	01/03/2006	30/03/2008	DAH	Evanize Kelli Siviero Romarco	Branca
PRJ-050/2006	"O teatro e a música no contexto afro-brasileiro"	06/03/2006	30/12/2006	DAH	Laura Pronsato	Sem foto
EVE-641/2005	Visita à Comunidade Buieié	29/06/2006	29/06/2006	DAH CCH	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-302/2006	O Congado em Foco: discutindo o processo de produção do vídeo-documentário/"Gengibre"/ (Turma 1) - 77ª Semana do Fazendeiro	18/07/2006	18/07/2006	PEC	João Marcos de Araujo	Branca
EVE-303/2006	O Congado em Foco: discutindo o processo de produção do vídeo-documentário/"Gengibre"/ (Turma 2) - 77ª Semana do Fazendeiro	19/07/2006	19/07/2006	PEC	João Marcos de Araujo	Branca
EVE-561/2006	O Ensino de História e Cultura Afro-brasileira	18/08/2006	18/08/2006	DAH E. E. Effie Rofls	Ângelo Adriano F. de Assis Jonas Marçal de Queiroz	Branca Branca
PRJ-105/2006	Projeto Jazz Interação	18/08/2006	15/12/2006	DAH	Maristela Lima*	Branca
EVE-512/2006	Seminário - Etnia e Educação	28/08/2006	28/08/2006	CCH DPE	Dileno Dustan L. de Souza Eduardo Jose Pereira Maia* Maria das Graças S. Floresta Teresinha Ferreira de Jesus <sup>§§</sup>	Branca Sem foto Branca Preta
EVE-642/2005	Aulão de Maculelê	26/09/2006	26/09/2006	DAH CCH	---	---

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-071/2007	VIII Batizado e Troca de Cordéis - Encontro Interestadual de Capoeira	08/02/2007	11/02/2007	PCD Serviço de Esporte e lazer A.A.A.- LUVE Capoeira Alternativa	Mario Alino Barduni Borges	Branca
PRJ-110/2007	Identidades Festejadas no Congado: cultura e memória afrodescendentes frentes às práticas pedagógicas das escolas públicas	01/03/2007	30/12/2017	DEX Ludoteca NUPP DPE	Esther Giacomini Silva Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Maria Aparecida D. Lopes <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira Natalia Rigueira Fernandes Silvana Claudia dos Santos	Branca Parda Branca Sem foto Branca Branca
PRJ-053/2007	História da África: cultura, tradição e ancestralidade no Ensino de História através da lei 10.639.	10/04/2007	09/02/2008	DPE	Denilson Santos de Azevedo	Branca
PRJ-045/2007	Ginga Moleca: Capoeira Angola como meio de valorização cultural e inclusão social	12/04/2007	28/02/2008	DAH	Ângelo Adriano Faria de Assis Eduardo Jose Pereira Maia*	Branca Sem foto
AAE-545/2009	Introdução à História e Antropologia das Sociedades negro-africanas antes do Tratado de Berlim (ouvinte)	10/09/2007	14/09/2007	DPE	Marisa Barletto	Branca
CUR-280/1997	Introdução à História e Antropologia das sociedades negro-africanas antes do Tratado de Berlim	10/09/2007	14/09/2007	DAH Curso de História	Ângelo Adriano Faria de Assis	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-399/2007	África de Ontem, África de Hoje	10/09/2007	14/09/2007	DAC PEC DHI	Ana Maria Dietrich* Sheila Maria Doula	Branca Branca
PRJ-112/2007	Gerando renda e resgatando a cultura: A sustentabilidade econômica através do trabalho coletivo	27/09/2007	20/12/2009	DER ITCP – UFV DED Grupo Etnia - DAH	Cristiane Natalício de Souza Eduardo Jose Pereira Maia* Nora Beatriz Presno Amodeo Tereza Angélica Bartolomeu Terezinha de Castro Fontes*	Branca Sem foto Branca Branca Sem foto
EVE-410/2007	XVIII Jornada de Capoeira e Manifestação da Cultura Afro-brasileira e da comemoração de 25 anos de resistência da Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi	29/09/2007	29/09/2007	DES DAC	Carlos Augusto Costa Cabral José Ricardo Gonçalves dos Santos <sup>§</sup> Luis Carlos Vitor <sup>§§</sup>	Branca Sem foto  Preta
EVE-620/2007	Curso Prático de Capoeira: Desafios e possibilidades, limites e motivação.	01/12/2007	01/12/2007	PCD Serviço de Esporte e lazer Capoeira Alternativa	Mario Alino Barduni Borges	Branca
PRJ-074/2008	Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Moringa da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afro-brasileira	07/03/2008	26/02/2010	DAH Cursos de Comunicação Social e Dança CCH	Kátia de Lourdes Fraga	Branca
CUR-117/2008	O Jogo na RODA DA CULTURA: Grupo Capoeira Alternativa	17/03/2008	30/06/2008	DAH	Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-246/2008	Identidade, Cultura e Memória Afrodescendente: 120 anos de Congado em Airões.	13/05/2008	13/05/2008	DPE NUPP Ludoteca	Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira	Parda Sem foto
EVE-347/2008	África no Tempo Presente	10/06/2008	10/06/2008	DAH	Ana Maria Dietrich*	Branca
EVE-346/2008	Capoeira - IV Batizado e Troca de Cordéis	14/06/2008	14/06/2008	PEC	Luciano Sergio Valle de Ulhoa Cintra* <sup>§</sup>	Sem foto
CUR-262/2008	Educação, Cultura e Arte II - etnografias do Congado	09/08/2008	21/12/2008	DPE NUPP Ludoteca	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
CUR-295/2008	Literaturas Africanas	27/10/2008	31/10/2008	DLA	Gerson Luiz Roani Luciana Beatriz B. Ávila*	Branca Branca
EVE-861/2008	Imagens do Congado: cultura e memória afrodescendente em Airões	13/12/2008	13/12/2008	DEX NUPP DPE Ludoteca	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
CUR-070/2009	Grupo de Capoeira Alternativa	02/03/2009	11/12/2009	PCD	Prospero Brum Paoli Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Sem foto
CUR-400/2009	Percussão e Cultura Afro-Brasileira	08/03/2009	13/12/2009	DPE O Bloco	Jaqueline Cardoso Zeferino Milton Ramon P. de Oliveira	Parda Sem foto
EVE-302/2009	Cultura e Memória Afrodescendente: 121 anos de Congado em Airões	13/05/2009	13/05/2009	DPE NUPP Ludoteca	Esther Giacomini Silva Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira	Branca Parda Sem foto
EVE-223/2009	X Batizado e Troca de Cordéis do Grupo Capoeira Alternativa.	11/06/2009	13/06/2009	PCD	Prospero Brum Paoli	Branca

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
AAE-702/2009	I Fórum de Promoção da Igualdade Racial de Viçosa (apresentação musical - percussão, voz)	10/10/2009	10/10/2009	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
PRG-001/2011	Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira da Zona da Mata Norte: Cultura Negra e Memória Social	01/11/2009	31/12/2012	DGE	Edson Soares Fialho Janete Regina de Oliveira	Preta Preta
PRJ-188/2010	O “Ciclo do Rosário”: memórias e saberes do congado na Zona da Mata Mineira	01/11/2009	31/12/2011	DPE NUPP	Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira	Parda Sem foto
PRJ-189/2010	Como contas de um rosário: memória e transmissão de saberes do congado	01/11/2009	30/12/2013	DPE NUPP	Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Maria da Conceição Francisca Pires* Milton Ramon P. de Oliveira	Parda Sem foto Sem foto
EVE-725/2009	XX Jornada de Capoeira e Manifestação da Cultura Afro-Brasileira	14/11/2009	22/11/2009	DAC PEC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup> Luis Carlos Vitor <sup>§§</sup>	Sem foto Preta
EVE-803/2009	XII Batizado de Capoeira e troca de Cordões Cordão de Ouro	05/12/2009	05/12/2009	DAC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup>	Sem foto
PRJ-052/2010	Reconhecer Grafias e Tecer Leituras Sobre o Mundo: africanidades no universo escolar de Teixeiras-MG	01/03/2010	31/12/2010	DGE	Edson Soares Fialho Eduardo Jose Pereira Maia* Janete Regina de Oliveira	Preta Sem foto Preta
PRJ-112/2010	Grupo Capoeira Alternativa: Difundindo e Ressignificando a Capoeira como prática de integração social e valorização cultural	01/03/2010	31/12/2010	DCS DAH DLZ	Daniela Alves de Alves Evanize Kelli S. Romarco Prospero Brum Paoli Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Branca Branca Sem foto
PRJ-114/2010	Capoeira Angola: história, arte e música para a valorização cultural e inclusão social	01/03/2010	01/03/2011	DHI	Ângelo Adriano F. de Assis Rodrigo Gava	Branca Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-338/2010	Dança afro-brasileira no Campus	09/03/2010	09/03/2010	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-144/2010	Coeducar Mostra a África	22/03/2010	08/04/2010	PEC	Sandra Maria Taranto Galhardo*	Branca
EVE-340/2010	Intercâmbio Cultural - Discutindo Afrodescendência	27/03/2010	27/03/2010	DES DAH	Ângelo Adriano F. de Assis Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Parda
EVE-245/2010	Vivências Culturais. Congado de Airões, Grupo de Cultura Popular "O Bloco" e Programa de Extensão Cultural e Transmissão de Saberes	10/04/2010	11/04/2010	DPE	Carlos Vasconcelos Farias Esther Giacomini Silva Luciane Isabel R. Martins§ Milton Ramon P. de Oliveira	Sem foto Branca Parda Sem foto
EVE-132/2010	Exposição de Fotografias- África	03/05/2010	28/05/2010	PEC	Dilia Gomide Franco	Sem foto
EVE-062/2010	120 anos de Congado de Airões/MG	13/05/2010	13/05/2010	DPE NUPP Ludoteca	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-264/2010	122 anos de tradição afrodescendente: o congado em Airões	13/05/2010	13/05/2010	DPE NUPP Transmissão de Saberes O Bloco	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-870/2010	122 Anos de Tradições Afrodescendentes: o congado de Airões	13/05/2010	13/05/2010	DPE NUPP Transmissão de Saberes O Bloco	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-422/2010	Encontro de Capoeira Angola: Oficinas, Fundamentos, Vivências	11/06/2010	13/06/2010	DHI DES	Ângelo Adriano F. de Assis Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Parda

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-437/2010	Festa Junina do LDI/LDH 2010: "Arraial no quilombo"	24/06/2010	24/06/2010	DED LDH LDI	Adriane Fontes Braga <sup>§</sup> Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Márcia Onísia da Silva	Branca Parda Branca
EVE-317/2010	I Seminário de Educação das Relações Étnico- Raciais A História da África e dos Afro-Brasileiros Vai à Escola (?)	09/08/2010	10/08/2010	CCH DPE	Neli Gonçalves de Souza***	Sem foto
AAE-1262/2010	Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos Participação, com apresentação de comunicação, em Simpósio Temático intitulado "A Vida em Diásporas?".	23/08/2010	26/08/2010	DCS	Marcelo José Oliveira	Sem foto
AAE-792/2010	Fazendo o gênero9: Diásporas, diversidades, deslocamentos	23/08/2010	26/08/2010	DAH	Solange Pimentel Caldeira*	Parda
EVE-674/2010	Memórias e Identidade dos Congados: os utensílios	18/09/2010	18/09/2010	DPE NUPP	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-631/2010	XXI Jornada de Capoeira e Manifestação da Cultura Afro	24/09/2010	26/09/2010	DAC PEC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup>	Sem foto
CUR-448/2010	As marcas da diáspora africana: Uma análise comparativa entre a Zona da Mata Mineira e no Vale do Rio Paraíba do Sul	04/10/2010	08/10/2010	DGE	Edson Soares Fialho Janete Regina de Oliveira	Preta Preta
CUR-497/2010	As marcas afrodescendentes na paisagem do Vale do Rio Paraíba do Sul	04/10/2010	07/10/2010	DGE	Janete Regina de Oliveira	Preta
EVE-922/2010	I Batizado Infantil de Capoeira	13/11/2010	13/11/2010	PCD DLZ	Prospero Brum Paoli Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Sem foto
EVE-921/2010	Semana da Consciência Negra	16/11/2010	20/11/2010	DAC PEC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup>	Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-852/2010	XIII Batizado e Troca de Cordões Capoeira Cordão de Ouro	19/11/2010	21/11/2010	DAC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup>	Sem foto
PRJ-052/2011	O Bloco: vida universitária como ação cultural e vivências no ritmo do Maracatu	01/01/2011	28/02/2012	DER	Evanize Kelli S. Romarco France Maria G. Coelho* Marcelo Leles R. de Oliveira	Branca Branca Branca
PRJ-019/2012	Arte, Cultura e lazer: Capoeira Alternativa Relevando o Saber e contribuindo para a Educação no COLUNI	01/02/2011	15/12/2011	COLUNI	Alba Pedreira Vieira Eunice B. Bohnenberger Evanize Kelli S. Romarco Luciano Esteves Peluzio Mario Alino Barduni Borges Prospero Brum Paoli	Branca Branca Branca Branca Branca Branca
PRJ-111/2011	Casa da Paz Fazendo Cultura	01/02/2011	31/12/2011	DPE	Willer Araujo Barbosa	Branca
PRJ-079/2011	“Grupo Capoeira Alternativa: Difundindo e Ressignificando a Capoeira como prática de integração social e valorização cultural”	09/02/2011	09/02/2012	DAH	Alba Pedreira Vieira Evanize Kelli S. Romarco Fátima Wachowicz Prospero Brum Paoli	Branca Branca Sem foto Branca
PRJ-038/2011	Reconhecer Grafias e Tecer Leituras Sobre o Mundo: os elementos afrodescendentes no cotidiano escolar	01/03/2011	30/12/2013	DGE	Edson Soares Fialho Eduardo Jose Pereira Maia* Janete Regina de Oliveira Jaqueline Cardoso Zeferino Marcelo Jose Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Sem foto Preta Parda Sem foto Preta
EVE-112/2011	Indumentárias do Congado - oficina de capacetes e saias	13/03/2011	13/03/2011	DPE	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-211/2011	Africanidades e Educação	28/03/2011	02/05/2011	DHI	---	---

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
CUR-241/2011	África e Brasil: descobrindo os laços pelo lúdico	12/04/2011	29/04/2011	DPE	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
CUR-282/2011	A análise de conteúdo como método de análise de dados em educação e a lei de educação étnico-racial 10.639	24/05/2011	24/05/2011	DGE	Camila Zucon Ramos de Siqueira***	Sem foto
EVE-571/2011	Família, Escravidão e Cor: A relevância de Minas Gerais para estudos da diáspora africana	05/08/2011	05/08/2011	DHI	Fabio Faria Mendes Jonas Marçal de Queiroz	Branca Branca
EVE-572/2011	Mulheres de Origem Africana e Estratégias Sucessórias nas Minas Oitocentistas	05/08/2011	05/08/2011	DHI	Fabio Adriano Hering Fabio Faria Mendes Luiz Lima Vailati Maria de Fátima Lopes Rubens Leonardo Panegassi	Branca Branca Branca Branca Branca
AAE-590/2011	XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (apresentação de trabalhos)	07/08/2011	10/08/2011	DCS	Daniela Alves de Alves	Branca
EVE-787/2011	A Lei 10639/03	26/08/2011	26/08/2011	DGE	Janete Regina de Oliveira	Preta
AAE-757/2011	Participação no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: “Diversidades e (Des)Igualdades”	07/09/2011	10/09/2011	DED	Maria das Dores Saraiva de Loreto	Branca
EVE-738/2011	Indumentárias do Congado	10/09/2011	10/09/2011	DPE	June Ferreira Maia* Milton Ramon P. de Oliveira	Sem foto Sem foto
EVE-854/2011	As cores do congado	15/10/2011	16/10/2011	DPE	Carlos Vasconcelos Farias Milton Ramon P. de Oliveira	Sem foto Sem foto
CUR-573/2011	Inclusão Espacial na Perspectiva da Lei 10.639-03	24/10/2011	25/10/2011	DGE	Janete Regina de Oliveira	Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-792/2011	Inclusão Espacial na Perspectiva da lei 10639	24/10/2011	25/10/2011	DGE	Edson Soares Fialho Janete Regina de Oliveira	Preta Preta
CUR-582/2011	Grupo Capoeira Alternativa - Resignificando as Manifestações Populares Brasileiras: Cacuriá	28/10/2011	28/10/2011	DAH	Fátima Wachowicz Michelle Ap. Gabrielli*** Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Branca Sem foto
PRJ-210/2013	Casa da Paz Fazendo Cultura Ano II	31/10/2011	30/11/2012	DPE	Maria do Carmo C. Teixeira	Sem foto
EVE-847/2011	“África no Brasil”: de que África falamos?	21/11/2011	24/11/2011	DHI	Ângelo Adriano F. de Assis Fabio Adriano Hering Fabio Faria Mendes Patrícia Vargas L. de Araujo	Branca Branca Branca Branca
PRJ-041/2012	Capoeira: expressão e arte na cultura brasileira	01/02/2012	31/12/2013	UFV - Florestal	Afonso Timão Simplício Osvaldo Costa Moreira	Branca Branca
PRJ-049/2012	O Bloco: Vivências e experiências no ritmo do Maracatu como ação cultural na comunidade universitária	01/02/2012	30/12/2012	DER	Marcelo Leles Romarco de Oliveira	Branca
PRJ-063/2012	Grafias Negras na Zona da Mata Mineira	01/02/2012	31/12/2013	DGE	Edson Soares Fialho Eduardo Jose Pereira Maia* Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Sem foto Preta Preta
PRJ-135/2012	Memória Social e Patrimônio Cultural	01/02/2012	01/02/2013	DCS	Edson Soares Fialho Marcelo Jose Oliveira	Preta Sem foto
PRJ-201/2012	Cosmovisão africana na lei 10639/2003: por uma educação afrocentrada	01/02/2012	14/12/2013	DES	Cezar Luiz de Mari Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Parda

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
PRJ-255/2012	Recuperação da Cultura Ameríndiaafricana da Zona da Mata mineira	01/02/2012	31/12/2012	DPE	Felipe Nogueira Bello Simas Irene Maria Cardoso Willer Araujo Barbosa	Sem foto Branca Branca
PRJ-266/2012	Formação sociocultural da identidade brasileira: a contribuição africana	01/02/2012	31/12/2012	DAH	Michelle Ap. Gabrielli*** Rosana Aparecida Pimenta	Branca Branca
PRJ-079/2012	Capoeira Angola para a valorização cultural e inclusão social na comunidade do ?Rebenta Rabixo?, Viçosa, MG	14/02/2012	14/02/2013	DGE	Andre Luiz Lopes de Faria Ângelo Adriano Faria de Assis	Branca Branca
PRJ-006/2014	Formação sociocultural da identidade brasileira: a contribuição africana	03/03/2012	03/03/2015	DPE	Laura Pronsato Maria do Carmo C. Teixeira Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Sem foto
PRJ-225/2011	A Capoeira na Educação Infantil: Experiências de Cultura e Arte por meio do lúdico.	05/03/2012	30/11/2012	DED	Adriane Fontes Braga§ Luciane Isabel R. Martins§	Branca Parda
CUR-598/2012	"O Atlântico Negro- referências afro-brasileiras na sociedade brasileira"	16/03/2012	16/03/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-215/2012	Filme: Mestre Bimba a Capoeira Iluminada	20/03/2012	21/03/2012	UFV - Florestal	Osvaldo Costa Moreira Patrícia Claudia da Costa	Branca Branca
CUR-245/2012	A capoeira na educação infantil: experiências de cultura e arte com crianças de 4 a 6 anos	02/04/2012	14/12/2012	DED	Adriane Fontes Braga§ Luciane Isabel R. Martins§ Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Parda Sem foto
CUR-008/2013	Grupos Étnicos Africanos no Brasil Colonial e contribuições para a cultura brasileira	03/05/2012	03/05/2012	CCH	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-511/2014	I Encontro de Capoeira Angola na Universidade Federal de Viçosa	04/05/2012	06/05/2012	PEC	Maria do Carmo Couto Teixeira	Sem foto
CUR-020/2013	Cultura e Cozinha Brasileira: a influência africana	10/05/2012	10/05/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-417/2012	Áfricas no Brasil: infância, lúdico e escolas	25/05/2012	30/11/2012	DPE	Carlos Vasconcelos Farias Milton Ramon P. de Oliveira	Sem foto Sem foto
CUR-021/2013	Confecção de Mapas Temáticos espacialidade dos alimentos de origem indígena e afro-brasileiro no município de Viçosa-MG	31/05/2012	31/05/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
CUR-045/2013	Avaliação das atividades realizadas pelos projetos PIBEX Grafias Negras na Zona da Mata Mineira e PROEXT Reconhecer Grafias e Tecer Leituras sobre o mundo na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima	28/06/2012	28/06/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
AAE-281/2014	Apresentação dos trabalhos no 2nd ISA - Forum of Sociology Social Justice & Democratization: "Joven negro y las posibilidades de integración de la formación agrotécnica"; "Afiliação sindical de la mujer rural: factor de empoderamento?"	01/08/2012	04/08/2012	DED	Neide Maria de Almeida Pinto	Branca
CUR-030/2013	Conhecimentos Técnicos Africanos: Grupos étnicos africanos e sua espacialização pelo Brasil	23/08/2012	23/08/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-568/2012	Oficina de Maracatu Nação Porto Rico	31/08/2012	02/09/2012	DER	Marcelo Leles R. de Oliveira	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-796/2012	XIII Batizado e Troca de Cordéis Grupo Capoeira Alternativa	26/09/2012	29/09/2012	DAH	Jaqueline Cardoso Zeferino Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Parda Sem foto
CUR-034/2013	Ritmos Afro-brasileiros	27/09/2012	27/09/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-626/2012	Oficina de Maracatu no Batizado e troca de cordéis da Capoeira Alternativa	28/09/2012	30/09/2012	DER	Marcelo Leles Romarco de Oliveira	Branca
CUR-046/2013	Trabalho de Campo: Paisagem, cultura e resistência negra em Viçosa-MG	25/10/2012	25/10/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
CUR-047/2013	Trabalho de Campo: Paisagem, cultura e resistência negra em Viçosa-MG	26/10/2012	26/10/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
CUR-035/2013	Paisagem e modos de resistência negra no Brasil	08/11/2012	08/11/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-049/2013	I Semana Acadêmica do Curso de Licenciatura em História (EAD) - Um Negro Novo Olhar.	20/11/2012	24/11/2012	DHI	Jonas Marçal de Queiroz	Branca
CUR-048/2013	Avaliação Final das atividades desenvolvidas pelos projetos PROEXT Reconhecer Grafias e PIBEX Grafias Negras na Zona da Mata Mineira na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima	22/11/2012	22/11/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-043/2013	I Seminário do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) de Viçosa	30/11/2012	01/12/2012	DES	Cezar Luiz de Mari Daniela Leandro Rezende Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Branca Parda
CUR-692/2014	Mostra de trabalhos dos alunos da E.M. Nossa Senhora de Fátima sobre Cultura Afro-brasileira e Indígena.	06/12/2012	07/12/2012	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
PRJ-027/2013	Experiências estudantis com cultura popular e musicalização percursionista: o Maracatu do Bloco continua.	01/02/2013	31/01/2014	DER	Ciro Jose Tabet Fabrício Vassalli Zanelli France Maria G. Coelho*	Sem foto Branca Branca
PRJ-258/2013	Recuperação da Cultura Ameríndiafricana na Zona da Mata mineira- Agrofloresta Étnica (Fase 2)	01/02/2013	31/12/2013	DPE	Felipe Nogueira Bello Simas Irene Maria Cardoso Willer Araujo Barbosa	Sem foto Branca Branca
PRJ-260/2013	A Capoeira na Educação Infantil: Experiências de Cultura e Arte por meio do lúdico	01/02/2013	31/12/2014	PCD DLZ	Prospero Brum Paoli Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Sem foto
PRJ-172/2013	Resistência e Subversão das culturas afro-brasileiras na cidade de Viçosa-MG: uma proposta de intervenção e integração cultural junto às escolas e grupos afro-brasileiro	01/03/2013	29/12/2013	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-303/2013	Apresentação interativa de Ginástica Artística e Danças Afro-brasileiras	18/03/2013	18/03/2013	DAH	Alba Pedreira Vieira Ângela Cristina Oliveira Stringheta Claudia Eliza P. de Oliveira Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup> Jaqueline Cardoso Zeferino Leiza Maria Granzinolli <sup>§</sup> Sylvia Eloiza Priore Sylvia do Carmo Castro Franceschini	Branca Branca  Parda Sem foto  Parda Branca Branca Branca
EVE-522/2013	Roda de "Capoeira: expressão e arte na cultura brasileira"	13/05/2013	13/05/2013	UFV - Florestal	Oswaldo Costa Moreira	Branca
EVE-521/2013	Cine "Capoeira: Expressão e arte na cultura brasileira"	15/05/2013	17/05/2013	UFV - Florestal	Oswaldo Costa Moreira	Branca
EVE-650/2013	Debatendo Ações Afirmativas e Cotas na UFV	15/05/2013	15/05/2013	DES	Adélcio de Sousa Cruz Arnaldo Felix de Jesus <sup>*§§</sup> Jaqueline Cardoso Zeferino	Preta Preta Parda
EVE-559/2013	IV Oficina de Maracatu	18/05/2013	23/05/2013	DER	France Maria G. Coelho*	Branca
CUR-297/2013	Grafias Negras da na Zona da Mata Mineira	21/05/2013	21/05/2013	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
CUR-279/2013	Danças e Ritmos Afro-brasileiros	06/06/2013	08/06/2013	UFV - Florestal	Afonso Timão Simplício Guilherme de A. Pussieldi Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Branca Parda
CUR-381/2013	Curso de Capacitação em Capoeira	26/06/2013	29/06/2013	PCD DLZ	Prospero Brum Paoli Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-808/2013	Minicurso Capoeira	30/06/2013	30/06/2013	PCD DLZ	Prospero Brum Paoli	Branca
CUR-587/2013	A capoeira no contexto escolar.	03/07/2013	31/07/2013	DES	Carlos Augusto Costa Cabral Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Sem foto
EVE-612/2013	Brincando entre fitas e tambores: a Ludoteca e o Congado	19/07/2013	26/07/2013	DPE	Esther Giacomini Silva Luciane Isabel R. Martins <sup>§</sup> Maria Aparecida D. Lopes <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira	Branca Parda Branca Sem foto
CUR-311/2013	Ecos de África Geografia, História, Literatura e Direitos Humanos	01/08/2013	01/12/2013	DGE	Andre Luiz Lopes de Faria Ângelo Adriano F. de Assis	Branca Branca
EVE-621/2013	Ritmos africanos - Estudantes da Comunidade Africana da UFV	19/08/2013	19/08/2013	PCD	Silvia Eloiza Priore	Branca
EVE-891/2013	Ciências Sociais em Debate: educação temática no estágio - educação indígena; quilombola; do campo; para jovens e adultos e em instituições de privação de liberdade.	26/08/2013	30/08/2013	DCS	Marcelo Jose Oliveira Rogéria da Silva Martins	Sem foto Branca
EVE-1352/2013	Construção de Identidades Discursivas Gênero, Raça/Etnia, Sexualidade	09/09/2013	12/09/2013	COLUNI	Anita Maria Ferreira da Silva Renata Rena Rodrigues	Branca Branca
EVE-744/2014	A Literatura Africana da Contemporaneidade: A voz de Coetzee	01/10/2013	01/10/2013	DLA	Gracia Regina Gonçalves	Branca
CUR-075/2014	Oficinas discutindo os Saberes e Sabores da Culinária Afro - Brasileira e a Religiosidade de Matriz Africana	14/10/2013	14/10/2013	CCH	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-1083/2013	Grupo de Capoeira Alternativa e convidados	14/10/2013	14/10/2013	PCD	Silvia Eloiza Priore	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
CUR-512/2013	Diáspora Africana e suas Manifestações na Paisagem e As marcas da musicalidade Negra na Paisagem	18/11/2013	18/11/2013	CCH	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-012/2014	África: Cores, Formas e Raízes	20/11/2013	20/12/2013	PEC	Aline Pereira David <sup>§§</sup> Gumercindo Souza Lima Michele Micheleti de Mello <sup>§</sup>	Sem foto Branca Branca
EVE-1258/2013	Roda de Capoeira em comemoração ao Dia da Consciência Negra	20/11/2013	20/11/2013	UFV - Florestal	Oswaldo Costa Moreira	Branca
EVE-1094/2013	Ritmos Africanos	25/11/2013	25/11/2013	PCD	Silvia Eloiza Priore	Branca
EVE-1267/2013	I Mostra Jazz com Jazz de Poéticas Negras	25/11/2013	26/11/2013	DPE	Jaqueline Cardoso Zeferino Willer Araujo Barbosa	Parda Branca
EVE-1226/2013	Grafias negras	28/11/2013	28/11/2013	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
AAE-128/2015	Palestra Africanidades e Educação em MG (ouvinte)	05/12/2013	05/12/2013	DPE	Denilson Santos de Azevedo	Branca
EVE-1224/2013	Africanidades e Educação em Minas Gerais	05/12/2013	05/12/2013	DPE	Milton Ramon P. de Oliveira	Sem foto
EVE-1453/2013	IV Colóquio Interdisciplinar Paisagem e Etnicidade: Afrobrasilidade e Educação	10/12/2013	10/12/2013	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-1450/2013	IV Colóquio Transdisciplinar: Afrobrasilidade e Educação	11/12/2013	11/12/2013	DGE	Edson Soares Fialho Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
PRJ-325/2014	Grupo Capoeira Alternativa: Difundindo e Ressignificando a Capoeira como prática de integração social e valorização cultural	01/01/2014	30/12/2017	PCD	Laura Pronsato Maria do Carmo C. Teixeira Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Branca Branca Sem foto
EVE-071/2014	Exposição e Vivência de práticas corporais (Capoeira e Jiu-Jitsu)	01/02/2014	01/02/2014	DES	Anderson da Cunha Baia	Parda
PRJ-054/2014	Maracatu e cultura popular: o protagonismo estudantil na educação musical e na gestão dos trabalhos do Bloco.	01/02/2014	31/12/2014	DER	Ciro Jose Tabet France Maria Gontijo Coelho*	Sem foto Branca
PRJ-112/2014	Afro Ginga: cultura, inclusão e educação para as relações étnico-raciais	01/02/2014	30/11/2017	DES	Carlos Augusto Costa Cabral Jaqueline Cardoso Zeferino	Branca Parda
PRJ-178/2015	Identidade e territorialidade na cultura popular: o Maracatu e suas espacialidades na comunidade universitária.	01/02/2014	31/12/2014	CCH	Marilda Teles Maracci	Branca
PRJ-347/2014	Arte, Cultura e Lazer: Relevando o saber popular e contribuindo para a educação no Campo.	01/02/2014	01/02/2017	DPE	Laura Pronsato Maria do Carmo C. Teixeira Mario Alino Barduni Borges Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Branca Branca Branca Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
PRG-002/2015	Capoeira Alternativa: Difundindo e ressignificando as manifestações populares como prática de integração social e valorização cultural	01/03/2014	01/03/2016	DPE	Laura Pronsato Maria do Carmo C. Teixeira Mario Alino Barduni Borges Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Branca Branca Branca Sem foto
PRJ-288/2014	Educação para diversidade e resistência Étnico Racial.	01/03/2014	01/02/2015	DGE	Janete Regina de Oliveira Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta Preta
EVE-1281/2015	Diagnóstico Rápido Participativo da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo	19/03/2014	19/03/2014	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-155/2014	Quinta Cultural "Estação UFRV" apresentação do grupo Capoeira de Angola	20/03/2014	20/03/2014	PEC	Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup> Gumerindo Souza Lima	Sem foto Branca
EVE-1707/2014	I Mostra de Extensão, Ensino e Pesquisa: (re)construindo histórias, estabelecendo conexões.	02/04/2014	04/04/2014	DLA	Adélcio de Sousa Cruz	Preta
EVE-233/2014	História da África e Educação Étnico-Racial: conceitos e questões	08/04/2014	08/04/2014	DHI	Priscila Ribeiro Dorella	Branca
EVE-1284/2015	Reunião de acompanhamento da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo	14/04/2014	14/04/2014	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-262/2014	Capoeira alternativa	28/04/2014	28/04/2014	PCD	Silvia Eloiza Priore	Branca
EVE-291/2014	O Bloco - Grupo de Maracatu	05/05/2014	05/05/2014	PCD	Silvia Eloiza Priore	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-241/2015	Cultura, inclusão e educação para as relações étnico-raciais	16/05/2014	16/05/2014	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-1285/2015	Reunião de acompanhamento da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo - Ponte Nova MG	17/05/2014	17/05/2014	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-638/2014	126 anos de Congado:brincando nos canteiros da memória.	18/05/2014	18/05/2014	DPE	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-718/2014	Oficina de Maracatu com o Mestre Walter de França, Nação Estrela Brilhante de Recife.	31/05/2014	31/05/2014	DER	France Maria Gontijo Coelho*	Branca
EVE-1084/2014	Intervenção cultural: Grupo Capoeira Alternativa	03/06/2014	03/06/2014	PCD	Luna Gripp S. Alves*** Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto
EVE-1219/2014	Intervenção e reflexão: a geografia da África em uma temática cultural	11/06/2014	11/06/2014	DGE	Marilda Teles Maracci	Branca
EVE-875/2014	Brincar é descobrir o mundo: a Ludoteca e a infância no Congado de Airões	08/07/2014	10/07/2014	DPE	Milton Ramon Pires de Oliveira	Sem foto
EVE-1008/2015	Sensibilização sobre cultura afro - brasileira	09/07/2014	09/07/2014	CCH	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-246/2015	Dança afro-brasileira: agroecologia em movimento	26/07/2014	29/07/2014	DES	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
PRJ-102/2015	A Lei 10.639/2003 e a temática afrodescendente na Universidade Federal de Viçosa	01/08/2014	31/07/2015	DHI	Vanessa Lana	Branca

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-1083/2014	Capoeira Alternativa: Valorizando a cultura popular	19/08/2014	19/08/2014	PCD	Laura Pronsato Luna Gripp S. Alves*** Maria do Carmo C. Teixeira Mario Alino Barduni Borges Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Sem foto Branca Branca Branca Sem foto
CUR-350/2015	Diáspora África - Brasil	20/08/2014	20/08/2014	CCH	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-1476/2014	Um aprendizado sobre a capoeira: iniciando um trabalho com as crianças da sala 3.	15/09/2014	15/09/2014	DED	Claudia Soares M. da Silva§ Kamilla Botelho de Oliveira§ Lilia Leandra de Ávila*§ Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos§	Branca Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca
EVE-1416/2014	II Mostra de Cultura Afro-brasileira	17/09/2014	27/09/2014	DPE	Laura Pronsato Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Branca Branca Sem foto
EVE-394/2015	Oficina de Danças Brasileiras: O Jongo	17/09/2014	17/09/2014	DPE	Laura Pronsato Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto
EVE-395/2015	O Maculelê e o Samba de Roda: elementos históricos e performáticos	19/09/2014	19/09/2014	DPE	Laura Pronsato Tommy Flávio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-198/2015	Projeto Segunda Opção apresenta Capoeira Alternativa - Infantil, Maculelê, Samba de Roda - PIBEX/UFV	22/09/2014	22/09/2014	PCD	Heliane Aparecida Barros de Oliveira <sup>§§</sup> Sílvia Eloiza Priore	Branca Branca
EVE-1030/2015	A influência africana na musicalidade brasileira	24/09/2014	24/09/2014	CCH	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-1676/2014	Perolas negras	09/10/2014	09/10/2014	DGE	Edson Soares Fialho	Preta
EVE-1031/2015	A culinária de influência africana	29/10/2014	29/10/2014	CCH	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-239/2015	Projeto Segunda Opção apresenta Banda do Congo - Congado de Airões	17/11/2014	17/11/2014	PCD	Heliane Aparecida Barros de Oliveira <sup>§§</sup> Sílvia Eloiza Priore	Branca Branca
EVE-072/2016	Exposição N'Golo Capoeira	19/11/2014	23/12/2014	PEC	Célia Maria de A. Rocha <sup>§§</sup> Clovis Andrade Neves Douglas Lopes de Souza Michele Micheleti de Mello <sup>§</sup> Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Branca Sem foto Branca Sem foto
EVE-1032/2015	Religiosidade de matriz africana	19/11/2014	19/11/2014	CCH	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-1505/2014	Show Consciência Negra - Banda Samba Acústico	22/11/2014	22/11/2014	PEC	David Edson E. Cardoso <sup>§§</sup> Geraldo Leandro da Silva Filho <sup>§§</sup> Sebastião de F. Marta <sup>§§</sup> Vanda do Carmo Lucas dos Santos <sup>§§</sup>	Sem foto Sem foto Sem foto Preta

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
PRJ-171/2015	Maracatu e cultura popular: o protagonismo estudantil na educação musical e na gestão dos trabalhos do Bloco.	01/01/2015	30/11/2015	CCH	Edgar Pereira Coelho	Branca
PRJ-089/2015	Educação e lazer na roda da cultura: relevando o saber popular e contribuindo para a educação no COLUNI.	01/02/2015	01/02/2016	DPE	Laura Pronsato Maria do Carmo C. Teixeira Mario Alino Barduni Borges Prospero Brum Paoli Silvia Eloiza Priore Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto Sem foto Branca Branca Branca Sem foto
PRJ-179/2015	Medicina preventiva e educação continuada: o diagnóstico direcionado às doenças étnicas da população afrodescendente	01/02/2015	31/12/2015	DEM	Ângela Aparecida Barra Karina Ferreira Soares	Branca Branca
PRJ-183/2015	As múltiplas territorialidades na cultura popular: Maracatus e Cultura Popular na construção dos saberes	01/02/2015	30/12/2015	CCH	Marilda Teles Maracci	Branca
PRJ-187/2015	Oficinas de Maracatu: batuque, história e negritude	01/02/2015	31/12/2015	DGE	Leonardo Civalde	Branca
PRJ-074/2015	Dança como expressão cultural: valorização da identidade negra no Morro do Rebenta-Rabicho, Viçosa, MG	02/03/2015	12/12/2016	DAH	Laura Pronsato	Sem foto
CUR-174/2015	Curso de extensão: samba de gafieira e forró	03/03/2015	02/07/2015	DAH	Andrea Bergallo Snizek Vinicius Monteiro Lopes**	Sem foto Preta
EVE-267/2015	IV Vivência Educativa de Capoeira Angola em Viçosa	05/03/2015	08/03/2015	DPE	Maria do Carmo Couto Teixeira	Sem foto

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-1260/2015	Reunião de Acompanhamento com a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo e Ganga Zumba	12/03/2015	12/03/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-469/2016	Inauguração da sede administrativa do Programa de Extensão Capoeira Alternativa	30/03/2015	30/03/2015	PCD DLZ	Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Sem foto
EVE-1252/2015	Reunião de Acompanhamento com a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo e Ganga Zumba	14/04/2015	14/04/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
AAE-162/2015	A Lei 10.639/2003 e a temática afrodescendente na Universidade Federal de Viçosa (apresentação de trabalho)	18/04/2015	21/04/2015	DHI	Vanessa Lana	Branca
EVE-1822/2015	Sensibilização sobre a contribuição africana para a cultura brasileira	01/05/2015	01/05/2015	DGE	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-220/2015	Projeto Segunda Opção apresenta Congado de Airões	18/05/2015	18/05/2015	PCD	Heliane Aparecida Barros de Oliveira <sup>§§</sup> Silvia Eloiza Priore	Branca Branca
EVE-1245/2015	Reunião de Acompanhamento com a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo e Ganga Zumba	19/05/2015	19/05/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-836/2015	"Arte e Antropologia: múltiplos olhares para a presença do negro"	20/05/2015	20/05/2015	COLUNI	Adélcio de Sousa Cruz Anita Maria Ferreira da Silva Danielle R. de Moraes	Preta Branca Branca
EVE-837/2015	Oficinas de Maracatu	20/05/2015	06/06/2015	COLUNI	Danielle R. de Moraes	Branca
EVE-668/2015	Ludoteca comemora os 127 anos do Congado de Airões	24/05/2015	24/05/2015	DPE	Maria Aparecida D. Lopes <sup>§</sup> Milton Ramon P. de Oliveira	Branca Sem foto

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-1071/2015	África contemporânea: Suas potencialidades e avanços tecnológicos, sociais e econômicos	25/05/2015	25/05/2015	CCH	Maria das Graças Soares Floresta	Branca
EVE-1239/2015	I Sessão Fotográfica da Cultura Afro	29/05/2015	29/05/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-1135/2015	A presença do Negro no Jornalismo e Poesia Modernos	12/06/2015	12/06/2015	COLUNI	Adélcio de Sousa Cruz Anita Maria Ferreira da Silva Danielle R. de Moraes	Preta Branca Branca
EVE-1870/2015	Crianças das salas 4 e 5 do LDI em uma roda de capoeira nas quatro pilastras	15/06/2015	15/06/2015	DED	Cintia Maria de Souza <sup>§§</sup> Claudia Soares M. da Silva <sup>§</sup> Kamilla Botelho de Oliveira <sup>§</sup> Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos <sup>§</sup>	Parda Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca
EVE-224/2015	Capoeira Alternativa - Infantil, Maculelê, samba de Roda - PIBEX/UFV	15/06/2015	15/06/2015	PCD	Heliane Aparecida Barros de Oliveira <sup>§§</sup> Sílvia Eloiza Priore	Branca Branca
EVE-929/2015	Ciências Sociais em Debate 10 - Terras, Territórios e Territorialidades Quilombolas na Zona da Mata Mineira	22/06/2015	22/06/2015	DCS	Diogo Tourino de Sousa Douglas Mansur da Silva	Branca Branca
EVE-941/2015	Reunião de articulação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB)	22/06/2015	22/06/2015	DER	Adélcio de Sousa Cruz France Maria G. Coelho* Ivonete da Silva Lopes	Preta Branca Preta
EVE-1228/2015	II Sessão Fotográfica da Cultura Afro	25/06/2015	25/06/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca

Nº Registro	Título	Data Início	Data Término	Órgão promotor	Docentes envolvidos	Heteroclassificação Racial
EVE-1226/2015	Reunião de Acompanhamento com a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo e Ganga Zumba	29/06/2015	29/06/2015	PEC	Bianca Aparecida Lima Costa	Branca
EVE-1825/2015	Musicalidade de Influência Negra	09/09/2015	09/09/2015	DGE	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-107/2016	Grupo de Estudos sobre Comunidades Quilombolas - AJUP UFV	07/10/2015	07/10/2015	DPD	Débora Fernandes Pessoa Madeira	Sem foto
EVE-1824/2015	Culinária de Influência Africana	07/10/2015	07/10/2015	DGE	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-1718/2015	Debate Relações Étnico-raciais na Contemporaneidade	16/10/2015	16/10/2015	UFV - Rio Paranaíba	Gilson Luiz R. Souza* Tiago Mendes de Oliveira <sup>§§</sup>	Branca Branca
EVE-1823/2015	Religiões de Matriz Africana: Apresentação da Umbanda e Candomblé	11/11/2015	11/11/2015	DGE	Maria Isabel de Jesus Chrysostomo	Preta
EVE-1877/2015	Uma viagem pela cultura dos escravos: crianças da sala 3 do LDI fazem uma visita à Fazenda Solar Bhering.	16/11/2015	16/11/2015	DED	Cintia Maria de Souza <sup>§§</sup> Claudia Soares M. da Silva <sup>§</sup> Kamilla Botelho de Oliveira <sup>§</sup> Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos <sup>§</sup>	Parda Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca
EVE-296/2016	Semana da Consciência Negra de Viçosa	16/11/2015	20/11/2015	CCH	Marilda Teles Maracci	Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-1878/2015	Roda de capoeira: sala 4 e 5 do LDI em uma troca de conhecimento sobre a capoeira	17/11/2015	17/11/2015	DED	Cintia Maria de Souza <sup>§§</sup> Claudia Soares M. da Silva <sup>§</sup> Kamilla Botelho de Oliveira <sup>§</sup> Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos <sup>§</sup>	Parda Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca
EVE-082/2016	Sobre Consciência Negra: reflexões e Desafios	18/11/2015	18/11/2015	COLUNI	Anita Maria Ferreira da Silva Danielle R. de Moraes Mariana Lenir M. de Jesus*** Tommy Flavio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	Branca Branca Sem foto  Sem foto
EVE-148/2017	Politizando a estética e a poética negra	20/11/2015	20/11/2015	DPE	Jaqueline Cardoso Zeferino	Parda
EVE-1879/2015	Ensaio para o batizado da capoeira: crianças da sala 4 e 5 do LDI em uma roda de capoeira	20/11/2015	20/11/2015	DED	Cintia Maria de Souza <sup>§§</sup> Claudia Soares M. da Silva <sup>§</sup> Kamilla Botelho de Oliveira <sup>§</sup> Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos <sup>§</sup>	Parda Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca

<b>Nº Registro</b>	<b>Título</b>	<b>Data Início</b>	<b>Data Término</b>	<b>Órgão promotor</b>	<b>Docentes envolvidos</b>	<b>Heteroclassificação Racial</b>
EVE-1880/2015	Mundo da capoeira: crianças da sala 4 e 5 do LDI recebem sua primeira corda	21/11/2015	21/11/2015	DED	Cintia Maria de Souza <sup>§§</sup> Claudia Soares M. da Silva <sup>§</sup> Kamilla Botelho de Oliveira <sup>§</sup> Márcia Onisia da Silva Maria de Lourdes M. Barreto Naise Valeria G. Neves Nayara Macedo de L. Jardim Vanilda de Paiva Bastos <sup>§</sup>	Parda Branca Branca Branca Branca Preta Branca Branca

## APÊNDICE N – Relação de departamentos/setores da UFV de lotação dos servidores ativos e autodeclarados


Departamento/Setor de Lotação	Raça/Cor						Percentual de Declarados	Percentual de Negros
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Total de declarados	Total de não declarados		
Auditoria Interna (AIN)	1	1	0	0	2	3	40,0	20,0
Biblioteca Central (BBT)	11	4	9	0	24	30	44,4	24,1
Centro de Ciências Biológicas e de Saúde (CCB)	5	1	2	0	8	14	36,4	13,6
Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa (CTV)	1	2	1	0	4	10	28,6	21,4
Colégio de Aplicação COLUNI (COL)	9	1	0	0	10	36	21,7	2,2
Coordenadoria de Comunicação Social (CCS)	2	2	0	0	4	18	18,2	9,1
Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD)	5	1	1	0	7	7	50,0	14,3
Departamento de Administração (DAD)	4	0	0	0	4	27	12,9	0,0
Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU)	4	0	1	0	5	26	16,1	3,2
Departamento de Artes e Humanidades (DAH)	3	1	0	0	4	11	26,7	6,7
Departamento de Biologia Animal (DBA)	2	0	1	0	3	25	10,7	3,6
Departamento de Biologia Geral (DBG)	9	0	2	0	11	43	20,4	3,7
Departamento de Biologia Vegetal (DBV)	4	0	1	0	5	36	12,2	2,4
Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular (DBB)	6	2	1	0	9	23	28,1	9,4
Departamento de Ciências Sociais (DCS)	1	0	0	0	1	14	6,7	0,0
Departamento de Comunicação Social (DCM)	3	1	0	0	4	9	30,8	7,7
Departamento de Direito (DPD)	3	0	1	0	4	22	15,4	3,8
Departamento de Economia (DEE)	2	0	0	0	2	19	9,5	0,0
Departamento de Economia Doméstica (DED)	7	2	2	0	11	32	25,6	9,3
Departamento de Economia Rural (DER)	6	2	1	0	9	32	22,0	7,3
Departamento de Educação (DPE)	14	1	5	1	21	32	39,6	11,3
Departamento de Educação Física (DES)	5	0	3	0	8	24	25,0	9,4
Departamento de Engenharia Agrícola (DEA)	7	0	2	0	9	47	16,1	3,6

Departamento/Setor de Lotação	Raça/Cor						Percentual de Declarados	Percentual de Negros
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Total de declarados	Total de não declarados		
Departamento de Engenharia Civil (DEC)	6	2	3	0	11	35	23,9	10,9
Departamento de Engenharia Elétrica (DEL)	3	0	1	0	4	13	23,5	5,9
Departamento de Engenharia Florestal (DEF)	11	0	6	1	18	44	29,0	9,7
Departamento de Engenharia Produção e Mecânica (DEP)	7	0	0	0	7	21	25,0	0,0
Departamento de Entomologia (DDE)	3	0	0	0	3	22	12,0	0,0
Departamento de Estatística (DET)	1	0	0	0	1	13	7,1	0,0
Departamento de Física (DPF)	4	0	2	0	6	36	14,3	4,8
Departamento de Fitopatologia (DFP)	4	0	4	0	8	35	18,6	9,3
Departamento de Fitotecnia (DFT)	17	2	4	0	23	113	16,9	4,4
Departamento de Geografia (DGE)	2	1	0	0	3	10	23,1	7,7
Departamento de História (DHI)	2	0	0	0	2	11	15,4	0,0
Departamento de Informática (DPI)	4	0	0	0	4	17	19,0	0,0
Departamento de Letras (DLA)	4	1	2	0	7	37	15,9	6,8
Departamento de Matemática (DMA)	5	0	1	0	6	32	15,8	2,6
Departamento de Medicina e Enfermagem (DEM)	37	1	5	0	43	83	34,1	4,8
Departamento de Microbiologia (DMB)	3	0	0	0	3	22	12,0	0,0
Departamento de Nutrição e Saúde (DNS)	9	0	3	0	12	34	26,1	6,5
Departamento de Química (DEQ)	9	3	0	0	12	54	18,2	4,5
Departamento de Solos (DPS)	7	1	4	0	12	32	27,3	11,4
Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA)	5	1	0	0	6	44	12,0	2,0
Departamento de Veterinária (DVT)	9	0	4	0	13	51	20,3	6,3
Departamento de Zootecnia (DZO)	16	1	1	0	18	91	16,5	1,8
Diretoria Financeira (DFN)	2	0	0	0	2	14	12,5	0,0
Diretoria de Manutenção (DIM)	4	1	2	0	7	25	21,9	9,4
Diretoria de Material (DMT)	4	1	3	0	8	30	21,1	10,5
Diretoria de Projetos e Obras (DPO)	3	2	0	1	6	55	9,8	3,3
Diretoria de Registro Escolar (RES)	3	0	1	0	4	18	18,2	4,5

Departamento/Setor de Lotação	Raça/Cor					Total de não declarados	Percentual de Declarados	Percentual de Negros
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Total de declarados			
Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRI)	0	0	1	0	1	3	25,0	25,0
Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI)	27	1	5	0	33	42	44,0	8,0
Divisão de Alimentação (DAL)	0	0	1	0	1	53	1,9	1,9
Divisão de Conservação de Edificações (DCO)	2	4	4	0	10	59	14,5	11,6
Divisão de Extensão da PEC (DEX)	2	0	0	0	2	3	40,0	0,0
Divisão de Gráfica Universitária (DGU)	3	0	1	0	4	19	17,4	4,3
Divisão de Manutenção de Equipamentos (DME)	0	1	0	0	1	15	6,3	6,3
Divisão de Manutenção do Campus (DMC)	5	0	2	0	7	27	20,6	5,9
Divisão de Parques e Jardins (DPJ)	1	0	0	0	1	4	20,0	0,0
Divisão de Proteção Patrimonial e Comunitária (DPP)	2	0	1	0	3	41	6,8	2,3
Divisão de Saúde (DSA)	6	0	4	0	10	27	27,0	10,8
Divisão Psicossocial (DVP)	0	1	0	0	1	6	14,3	14,3
Editora UFV (EDT)	3	1	0	0	4	12	25,0	6,3
Escritório de Representação de BH (EBH)	0	0	1	0	1	3	25,0	25,0
Instituto de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária (IBA/BIOAGRO)	1	0	0	0	1	4	20,0	0,0
Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável (IPPDS)	1	0	0	0	1	0	100,0	0,0
Pró-Reitoria de Administração (PAD)	12	2	6	0	20	16	55,6	22,2
Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD)	3	1	0	0	4	11	26,7	6,7
Pró-Reitoria de Ensino (PRE)	2	2	5	0	9	22	29,0	22,6
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC)	7	0	0	0	7	22	24,1	0,0
Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP)	15	1	2	0	18	38	32,1	5,4
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG)	1	0	1	0	2	14	12,5	6,3
Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento (PPO)	1	0	0	0	1	6	14,3	0,0
Reitoria (RTR)	3	0	0	0	3	8	27,3	0,0
	<b>395</b>	<b>52</b>	<b>113</b>	<b>3</b>	<b>563</b>	<b>1987</b>		

## ANEXOS

### ANEXO A - Autorização da PGP/UFV

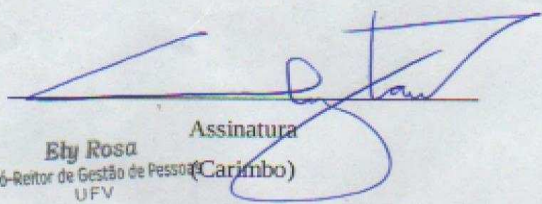
 **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS**

*Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-900 - Telefone: (31) 3899-2400 - (31) 3899-2860 - E-mail: pgs@ufv.br*

AUTORIZAÇÃO

Eu, **Ely Rosa**, na qualidade de responsável pela **Pró-reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal de Viçosa**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora **Edimara Maria Ferreira**, e declaro, que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para a referida pesquisa.

Viçosa, 07 de Julho de 2016.

  
Assinatura  
**Ely Rosa**  
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas (Carimbo)  
UFV

## ANEXO B - Autorização do RES/UFV



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
DIRETORIA DE REGISTRO ESCOLAR

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 3899-2801 - (31) 3899-1241 - E-mail: dre@ufv.br

### AUTORIZAÇÃO

Eu, **Edson Martinho Ramos**, na qualidade de responsável pela **Diretoria de Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora **Edimara Maria Ferreira**, e declaro, que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para a referida pesquisa.

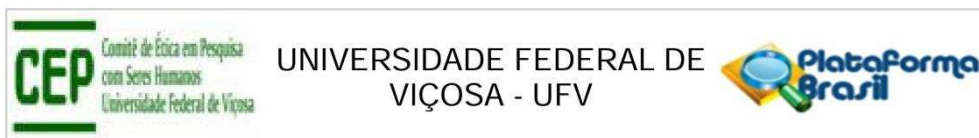
Viçosa, 07 de JULHO de 2016.

Assinatura

(Carimbo)

*Edson Martinho Ramos*  
Diretor de Registro Escolar

## ANEXO C - Pareceres Consubstanciados do CEP/UFV



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015

**Pesquisador:** Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 57657916.3.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de Geografia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.694.360

#### Apresentação do Projeto:

Os investigadores objetivam mapear a trajetória da população afrodescendente na Universidade Federal de Viçosa, compreendendo, inclusive, seus espaços de inclusão/exclusão segundo sua maior ou menor participação em determinadas esferas decisórias. Delimitam como janela temporal o período 1980-2015. Utilizar-se-ão de diversas fontes de dados; desde dados secundários oriundos do Censo Demográfico 2010, passando por pesquisas documentais em: Registro Escolar, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Jornal da UFV, Arquivo Central, Sindicato dos Docentes da UFV e informativos da ASAV. Por fim, a captação de dados será complementada através de questionários e entrevistas aplicados entre 40 docentes e funcionários da instituição. Os autores esperam poder elucidar a relação, vis-a-vis, das políticas afirmativas no possível incremento da participação da população afrodescendente na UFV. Um fruto imediato da pesquisa, como apontado por seus formuladores, é o incentivo à construção de um espaço da memória voltado a enaltecer a relevância dos feitos e contribuições da população negra da escola.

#### Objetivo da Pesquisa:

Esclarecer a participação da população negra na construção da Universidade Federal de Viçosa, presumindo que, mais atualmente, ela tenha se intensificado dado as

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 1.694.360

implicações de diversas políticas afirmativas – como o estabelecimento de cotas raciais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Sem problemas éticos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Sem problemas éticos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Conforme Resolução CNS 466/2012.

**Recomendações:**

Podem retirar a introdução do questionário já que os participantes terão acesso ao TCLE.

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site [www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br)). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 6ª reunião de 2016, realizada no dia 04 de agosto de 2016.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_743391.pdf	12/08/2016 14:40:31		Aceito
Outros	Roteiro_dos_questionarios_modificado.pdf	12/08/2016 14:39:18	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevistas_modificado.pdf	12/08/2016 14:35:36	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 1.694.360

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado.pdf	12/08/2016 14:34:45	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Folha_de_Rosto_modificada.pdf	12/08/2016 14:33:57	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	12/08/2016 14:31:45	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_RES.pdf	07/07/2016 17:44:14	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_PGP.pdf	07/07/2016 17:43:34	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	05/07/2016 08:40:59	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiros_de_entrevistas.pdf	24/06/2016 08:31:26	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiros_dos_questionarios.pdf	24/06/2016 08:30:49	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/06/2016 08:27:57	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	24/06/2016 08:21:04	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VICOSA, 25 de Agosto de 2016

Assinado por:

**HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF**  
(Coordenador)

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Representação do negro na Universidade Federal de Viçosa: caminhos percorridos de 1980 a 2015

**Pesquisador:** Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 57657916.3.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de Geografia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.014.490

#### Apresentação do Projeto:

Os investigadores objetivam mapear a trajetória da população afrodescendente na Universidade Federal de Viçosa, compreendendo, inclusive, seus espaços de inclusão/exclusão segundo sua maior ou menor participação em determinadas esferas decisórias. Delimitam como janela temporal o período 1980-2015. Utilizar-se-ão de diversas fontes de dados; desde dados secundários oriundos do Censo Demográfico 2010, passando por pesquisas documentais em: Registro Escolar, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Jornal da UFV, Arquivo Central, Sindicato dos Docentes da UFV e informativos da ASAV. Por fim, a captação de dados será complementada através de questionários e entrevistas aplicados entre 40 docentes e funcionários da instituição. Os autores esperam poder elucidar a relação, vis-a-vis, das políticas afirmativas no possível incremento da participação da população afrodescendente na UFV. Um fruto imediato da pesquisa, como apontado por seus formuladores, é o incentivo à construção de um espaço da memória voltado a enaltecer a relevância dos feitos e contribuições da população negra da escola.

Trata-se de uma emenda ao projeto original, já que a instituição não dispõe de dados sobre raça de seus funcionários. Desse modo, os pesquisadores aplicarão um questionário entre os participantes de modo a levantar este quesito.

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.014.490

**Objetivo da Pesquisa:**

Como dito anteriormente, esclarecer a participação da população negra na construção da Universidade Federal de Viçosa, presumindo que, mais atualmente, ela tenha se intensificado dado as implicações de diversas políticas afirmativas – como o estabelecimento de cotas raciais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os autores demonstram zelo ao mencionar no formulário on-line que a temática é delicada, polêmica e controversa, havendo possibilidade de constrangimento e desconforto – além de danos emocionais –, uma vez que a questão do preconceito racial voltará constantemente à baila.

Os mesmos riscos são retomados no TCLE e ali os autores apontam maneiras de mitiga-los, colocando-se à disposição dos participantes de forma a orientá-los quando necessário.

A pesquisa poderá evidenciar efeitos positivos entre políticas afirmativas e incremento de participação e engajamento de determinados grupos. Ademais, como reiterado pelos autores, espera-se que ela incentive a construção de um espaço da memória das contribuições dadas pela população negra à UFV.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Do ponto de vista ético, a presente pesquisa pode apresentar diversas consequências colaterais aos participantes, posto que em seu cerne está constantemente presente a questão do preconceito racial. Como embasa-se em entrevistas realizadas entre professores e técnicos administrativos da UFV, segundo critérios de raça, poderá, daí, emergir diversos conflitos atinentes à assimetria de poderes entre os cargos, atribuições e funções administrativas e gerenciais. Contudo, os autores da pesquisa demonstram-se cuidadosos e preocupados quanto às adversidades mencionadas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentam:

- a) folha de rosto: em conformidade;
- b) termos de autorização: em conformidade;
- c) projeto de pesquisa: em conformidade;
- d) roteiros das entrevistas e questionários: em conformidade;
- f) TCLE: em conformidade.

**Recomendações:**

Sem quaisquer recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem quaisquer pendências.

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 2.014.490

Recomenda-se a aprovação pelo CEP-UFV.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site [www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br)). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_883817_E1.pdf	17/03/2017 16:34:10		Aceito
Outros	Questionario_Censo_Racial_Emenda.pdf	17/03/2017 15:41:27	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_dos_questionarios_modificado.pdf	12/08/2016 14:39:18	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevistas_modificado.pdf	12/08/2016 14:35:36	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado.pdf	12/08/2016 14:34:45	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Folha_de_Rosto_modificada.pdf	12/08/2016 14:33:57	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	12/08/2016 14:31:45	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_RES.pdf	07/07/2016 17:44:14	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_PGP.pdf	07/07/2016 17:43:34	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	05/07/2016 08:40:59	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiros_de_entrevistas.pdf	24/06/2016 08:31:26	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 2.014.490

Outros	Roteiros_dos_questionarios.pdf	24/06/2016 08:30:49	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/06/2016 08:27:57	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	24/06/2016 08:21:04	EDIMARA MARIA FERREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VICOSA, 12 de Abril de 2017

Assinado por:

**Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier**  
(Coordenador)

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-900  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

## ANEXO D - Autorização da DEV/UFV



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA  
DIVISÃO DE EVENTOS

*Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-000 - Telefone: (31) 3899-3214 - Fax: (31) 3899-3212 - E-mail: dev@ufv.br*

Ofício-Circular nº 14/2017/DEV

Viçosa, 20 de Junho de 2017.

Senhora Coordenadora:

A Comissão de Pró-Reitores, na reunião do dia 05/06/2017, APROVOU a arte do banner referente ao Evento: "Campanha de Autodeclaração Racial", que deverá ser instalado na estrutura de Banner Vertical (4,0m x 2,5m), localizada no Granado das Quatro Pilastras da UFV, próximo à represa, no período de 07 a 13/08/2017.

De acordo com as normas da Divisão de Eventos, a colocação do banner só poderá ser efetuada com acompanhamento do segurança das Quatro Pilastras (3899-3405); o mesmo se aplica para sua retirada. O banner retirado deverá ser entregue ao mesmo segurança, caso não haja nenhuma determinação ao contrário.

Em caso de cancelamento da reserva, gentileza comunicar à Divisão de Eventos, com antecedência, pelo e-mail: [dev@ufv.br](mailto:dev@ufv.br).

Atenciosamente,

  
José Jotta

Chefe da Divisão de Eventos

C/C:  
Sr. Paulo César Guarino  
Chefe da Divisão de Vigilância da UFV

À Senhora:  
Edimara Maria Ferreira  
Assistente em Administração/ Departamento de Nutrição  
Coordenadora do Evento  
(31)3899-3146

## ANEXO E - Autorização da FRATEVI

2017-6-27

Imprimir

---

**Assunto:** Divulgação - tv e rádio

---

**De:** Felipe Menicucci (felipe\_lm@hotmail.com)

---

**Para:** edimara.ferreira@ufv.br;

---

**Fecha:** Martes 27 de junio de 2017 14:57

---

Olá Edimara, boa tarde.

Conforme conversamos por telefone, confirmo a veiculação nos canais da Fratevi do material institucional sobre a Campanha de Autodeclaração Racial da UFV. Aguardamos o envio do material para início das exibições.

Abraços,

Felipe Lopes Menicucci

Prof. substituto do Departamento de Comunicação Social | UFV

Diretor de programação e transmissão | TV Viçosa e Rádio Universitária 100,7 FM

031 3899-4502 | 032 9 8703-3037

**ANEXO F – Arte para o banner do Censo Racial para o site UFV**

**CAMPANHA DE  
AUTODECLARAÇÃO  
RACIAL**

**Participe do Censo Racial da UFV**

A autotclassificação racial dos servidores ativos da UFV irá permitir conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas.

**1º de junho a 31 de agosto de 2017**

## ANEXO G – Arte para o Cartaz do Censo Racial da UFV

# CAMPANHA DE AUTODECLARAÇÃO RACIAL

Participe do Censo Racial da UFV

A autoclassificação racial dos servidores ativos da UFV irá permitir conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas.

1º de junho a 31 de agosto de 2017

Acesse: [www.ufv.br](http://www.ufv.br)

### REALIZAÇÃO

Edimara Maria Ferreira  
Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania  
(DHI/UFV)  
[edimara.ferreira@ufv.br](mailto:edimara.ferreira@ufv.br) | (31) 3899-3146

Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Orientadora  
(DGE/UFV)  
[isachrysostomo@ufv.br](mailto:isachrysostomo@ufv.br) | (31) 3899-4059

### APOIO

**UFV**  
Universidade Federal de Viçosa

**PGP**  
PRÓ-REITORIA DE  
GESTÃO DE PESSOAS



**DGE**  
DEPARTAMENTO  
DE GEOGRAFIA

**DCI**  
DIRETORIA DE  
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

## ANEXO H – Arte para o folder do Censo Racial da UFV



## O que é o Censo Racial da UFV?

É um instrumento institucional que tem por objetivo a coleta dos dados da autotranscrição racial dos servidores ativos da UFV, a fim de conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas.

A realização deste Censo possui a seguinte fundamentação jurídica:

- Lei n.º 12.288, 20 de julho de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial e determina, entre outras medidas, a criação de instrumentos para fiscalização da eficácia social das ações previstas nesta Lei e seu monitoramento constante.

- Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012, que determinou a inclusão e preenchimento obrigatório do campo "cor ou raça" nos registros, cadastros, banco de dados e/ou formulários pessoais da Administração Pública Federal.

## Qual é a importância de declarar sua cor/raça?

A partir do ano de 2013, o quesito cor/raça se tornou um campo obrigatório nos registros administrativos e bases de dados do governo federal.

Essa medida foi divulgada por meio do Aviso Circular Conjunto n.º 01, de 28 de dezembro de 2012, cujo objetivo foi auxiliar os órgãos públicos no monitoramento e avaliação das medidas de promoção da igualdade racial previstas na Lei n.º 12.288/2010, a qual instituiu o Estatuto da Igualdade Racial.

Em contrapartida, em 09 de junho de 2014, foi promulgada a Lei n.º 12.990/2014 que instituiu a reserva, aos negros, de 20% das vagas oferecidas em cargos e empregos públicos no âmbito da Administração Pública direta e indireta do Poder Executivo Federal.

Por outro lado, a grande maioria das instituições federais implementaram a lei de cotas, na ocupação de seus cargos, sem a realização de qualquer estudo para determinar o perfil racial de seus servidores.

Neste sentido, estamos propondo um trabalho conjunto de levantamento que irá contribuir substancialmente para a instituição, alinhando-a a outras instituições de ensino superior que já vêm desenvolvendo diversas ações no sentido de cumprirem as exigências da legislação federal.

## Quando será realizado?

O Censo será realizado entre os dias 1º de junho e 31 de agosto de 2017.

## Como participar?

Acesse o formulário disponível no link <<https://www2.dti.ufv.br/criterium/cens racial>> e responda à pergunta sobre sua classificação racial.

Para os servidores que não puderem responder o formulário online, estagiários, previamente identificados, visitarão os departamentos/setores e coletarão sua resposta, através de um pequeno questionário, o qual deverá ser assinado ao final.

## Realização

Edimara Maria Ferreira  
Mestranda em Patrimônio Cultural,  
Paisagens e Cidadania (DHI/UFV)

Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Orientadora (DGE/UFV)

# CAMPANHA DE AUTODECLARAÇÃO RACIAL

## Participe do Censo Racial da UFV

A autoclassificação racial dos servidores ativos da UFV irá permitir conhecer o perfil étnico-racial da instituição e subsidiar a avaliação das políticas afirmativas.

**1º de junho a 31 de agosto de 2017**

**Acesse: [www.ufv.br](http://www.ufv.br)**

### REALIZAÇÃO

Edimara Maria Ferreira  
Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania  
(DHI/UFV)  
[edimara.ferreira@ufv.br](mailto:edimara.ferreira@ufv.br) | (31) 3899-3146

Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Orientadora  
(DGE/UFV)  
[isachrysostomo@ufv.br](mailto:isachrysostomo@ufv.br) | (31) 3899-4059

### APOIO



## ANEXO J – Roteiro para o vídeo de sensibilização do Censo Racial da UFV

<b>VH UFV</b> <b>CENSO RACIAL UFV - JUN 2017</b> <b>PRÉ-ROTEIRO</b>	
IMAGENS	ÁUDIO
<p>EDIÇÃO DE IMAGENS CLIQUE</p> <p>Arte gráfica ou imagens</p> <p>Imagens UFV</p>	<p>&gt;&gt; SONORAS DIFERENTES PESSOAS - AUTODECLARAÇÃO DA COR</p> <p><b>OFF 1 (LOCUTOR):</b> No Brasil, são cinco categorias raciais: branco, pardo, preto, amarelo e indígena. Desde 2013, o quesito cor ou raça é um campo obrigatório nos registros administrativos e bases de dados do governo federal. Afinal, esta informação pode auxiliar os órgãos públicos no monitoramento e avaliação das ações de promoção da igualdade racial previstas em lei.</p> <p><b>SONORA ESPECIALISTA 1 - explicar sobre a importância da autodeclaração:</b> É importante que todos os servidores da instituição se autodeclarem, primeiro porque este é o método oficial adotado previsto nas legislações e normativas vigentes e, segundo, porque possibilita que a UFV conheça o retrato racial de seus servidores, para, a partir, daí contribuir também para a construção de instrumentos institucionais para combater qualquer ação de racismo e reduzir as desigualdades, que por ventura, possam existir dentro da própria UFV.</p> <p><b>OFF 2 (LOCUTOR):</b> A UFV realiza o primeiro Censo Racial dos seus servidores ativos. O perfil étnico-racial da instituição irá auxiliar na avaliação das políticas afirmativas de ocupação dos cargos na universidade.</p> <p><b>SONORA ESPECIALISTA 2 - explicar sobre a diferença para pretos e pardos:</b> A grande dificuldade na hora da autodeclaração diz respeito às categorias utilizadas. A maioria das pessoas se autodeclara como parda por falta de conhecimento. Então, é importante esclarecer essas diferenciações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A categoria preta é constituída por descendentes de africanos/afro-brasileiros, tendo como traço mais</li> </ul>

	<p>característico a tonalidade de pele;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A categoria parda é constituída por descendentes de indivíduos de cor/etnias diferentes, que apesar de não apresentarem a tonalidade de pele, possui as demais características de seus descendentes, formato de nariz e de boca, tipo de cabelo.</li><li>- A categoria amarela é utilizada para descendentes de asiáticos/orientais;</li><li>- A categoria indígena é formada por descendentes de índios, desde que certificados pela FUNAI.</li><li>- E, por conseguinte, os que não apresentam as características das categorias acima, constituem a categoria branca.</li></ul> <p><b>OFF 3 (LOCUTOR):</b> Para participar do Censo, o servidor deve acessar o <i>link</i> disponível no site da UFV e responder a pergunta sobre sua classificação racial. Além disso, alguns estagiários visitarão os departamentos e setores para coleta dos dados.</p> <p>Clipe - sobe som...</p>
--	--